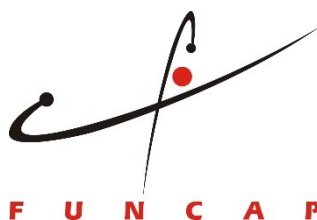




**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA**

**DÉBORA LEITE DE OLIVEIRA**

**LEITURA DE FAKE NEWS EM SALA DE AULA: TECENDO INFERÊNCIAS A  
PARTIR DAS PISTAS (CON)TEXTUAIS, DISCUTINDO OS EFEITOS DE SENTIDO  
E ASSUMINDO POSICIONAMENTOS**



**FORTALEZA – CEARÁ**

2021

DÉBORA LEITE DE OLIVEIRA

LEITURA DE FAKE NEWS EM SALA DE AULA: TECENDO INFERÊNCIAS A PARTIR  
DAS PISTAS (CON)TEXTUAIS, DISCUTINDO OS EFEITOS DE SENTIDO E  
ASSUMINDO POSICIONAMENTOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helenice Araújo Costa.

FORTALEZA – CEARÁ

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Oliveira, Débora Leite de .

Leitura de fake news em sala de aula: tecendo inferências a partir das pistas (con)textuais, discutindo os efeitos de sentido e assumindo posicionamentos [recurso eletrônico] / Débora Leite de Oliveira. - 2021

Um arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 221 folhas.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2021.

Área de concentração: Linguagem e Interação.  
Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria Helenice Araújo Costa..

1. Texto . 2. Fake News. 3. Leitura. 4. Complexidade. I. Título.

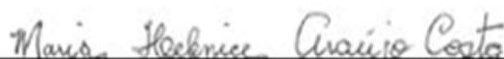
DÉBORA LEITE DE OLIVEIRA

LEITURA DE FAKE NEWS EM SALA DE AULA: TECENDO INFERÊNCIAS A PARTIR  
DAS PISTAS (CON)TEXTUAIS, DISCUTINDO OS EFEITOS DE SENTIDO E  
ASSUMINDO POSICIONAMENTOS

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de mestre em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 26 de fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helenice Araújo Costa (Orientadora)

Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof. Dr. Paulo Roberto Hojalves Segundo

Universidade de São Paulo - USP - UECE



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rozania Maria Alves de Moraes

Universidade Estadual do Ceará - UECE

Dedico este trabalho a todos os meus colegas de profissão, que subitamente embarcaram nessa inconstante maré do ensino remoto. Não poderia também deixar de dedicar esta pesquisa a todos os cientistas que trabalharam na busca de vacinas para a COVID-19, às pessoas que se cuidaram, que tiveram empatia pelo outro durante a pandemia, e que respeitaram e acreditaram no poder da ciência.

## AGRADECIMENTOS

Durante pouco mais de dois anos de minha jornada acadêmica no mestrado, tive oportunidade de conhecer e contar com o apoio de pessoas que marcaram a minha vida de maneira inesquecível. Foi uma experiência ímpar, por isso, listo aqui alguns nomes como uma espécie de tatuagem acadêmica, para que sejam lembrados como parte dessa produção e desse período de minha vida:

Agradeço

Ao meu saudoso pai, Francisco Humberto, que mora em mim há 10 anos. Sou muito grata por cada ato de incentivo e de amor. As lembranças de quando me levava à escola e esperava na pracinha pela minha chegada da faculdade, passavam por minha memória a cada madrugada em que regressava de Fortaleza. Tudo isso me deu e dá forças para seguir em busca da realização dos meus sonhos, com toda certeza, ele estaria muito orgulhoso de mim.

À minha mãe, Joana Dar’c, por ter me apresentado ao mundo das letras, ensinado, pacientemente, as tarefinhas de casa; pelo incentivo, pelas orações, pelo apoio e pela torcida de sempre.

À minha avó, Francisca Luiza (vovó moreninha), minha inspiração e referência de força e de amor.

Às minhas primas Isis, Isabelly, Luyanne e Rogerlândia por abrirem as portas de seus lares para me acolher durante essa caminhada, serei sempre grata.

Ao meu amado Wagner Layb, sou grata pela paciência, pelo companheirismo e pela parceria durante todo esse tempo.

À minha querida professora e orientadora Helenice Araújo Costa, pela dedicação, pela orientação paciente e cuidadosa, pelas contribuições sempre tão serenas e impactantes que me ajudaram a superar as minhas limitações acadêmicas e a ver o mundo de maneira mais solidária. Foi uma das surpresas mais lindas que o destino me deu e um privilégio ter conhecido e convivido com uma pessoa tão maravilhosa.

Aos professores que fizeram parte das bancas de qualificação e de defesa do mestrado Claudiana Alencar, Poliane Lima, Paulo Segundo e Rozania Moraes. Grata pelo zelo, paciência e dedicação para com a nossa pesquisa.

Ao meu grande amigo e historiador Assis Severo, inspiração profissional para mim. Grata pelas discussões teóricas e pelas sugestões de leitura acerca dos fatos históricos citados nesta pesquisa.

À minha turma do PosLA, pessoas incríveis que o destino me permitiu conhecer, em especial aos meus colegas Vaz Pinto Có, Alberto Ponciano, Aline Sousa, Iara Sousa, Lara Holanda, Vanessa Vanda, Raquece Mota, Rosekeila Costa, Nágila Oliveira, Édina Ié, Fernanda Nascimento, Renata Chaves e ao querido Emerson Cristian.

Aos integrantes do grupo GEENTE, em especial, Hylo Leal, Andrezza Queiroz, Aurilene Leal, Rochele Kilvia, Luiz Eleildo, Camila Santos e Ana Landim, grandes parceiros na minha caminhada.

Às minhas queridas amigas Michele Gal e Ana Maria Azevedo, presentes que o mestrado me deu, sem o apoio de vocês, com certeza a caminhada seria mais árdua.

À Ilmara Ribeiro, Plácido Bezerra e Denise Campos, sou muito grata a Deus pela amizade de vocês e pelas contribuições durante essa etapa de minha vida.

Aos meus queridos professores do PosLA, pela seriedade no trabalho e por todo aprendizado compartilhado no decorrer desses dois anos.

Aos funcionários do Centro de Humanidades, em especial a “tia Maria”, pessoa muito querida, que sempre me acolheu com muito carinho.

À Universidade Estadual do Ceará (UECE) e ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada (PosLA), por todo aprendizado e pela oportunidade de cursar o Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada. Foi um sonho realizado e possível graças à transparência e à seriedade do processo seletivo.

Ao núcleo gestor, aos pais e aos alunos da escola aurorense, onde foi realizada a pesquisa, pelo apoio, pela compreensão e pela credibilidade.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela concessão da bolsa.

À Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) pelo afastamento temporário concedido.

“As convicções são inimigas mais perigosas da verdade do que as mentiras.”

(Friedrich Nietzsche)



## RESUMO

Nesta pesquisa abordamos o evento textual na investigação do fenômeno das chamadas *fake news*. Imersos no paradigma da complexidade, temos como objetivo investigar de que maneira a construção de sentidos realizada conjuntamente com estudantes de ensino médio de uma escola pública estadual pode favorecer o reconhecimento ou a descoberta de pistas (con)textuais que evidenciam falsas informações em publicações compartilhadas em redes sociais. Pesquisamos, por meio de oficinas de leitura, realizadas de maneira remota – em conformidade com as medidas de isolamento social adotadas em virtude da pandemia de COVID-19 – como os estudantes constroem e reconstroem sentidos a partir das pistas (con)textuais presentes e emergentes nessas postagens. A pesquisa conta com o aporte teórico baseado na concepção de texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997; MARCUSCHI, 2007; 2008); na construção de uma aprendizagem situada (COSTA, 2010); na leitura complexa (PELLANDA, 2005; MORIN, 2015; FRANCO, 2011; COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016); nos processos biológicos e cognitivos de aprendizagem (MATURANA; VARELA, 1995) e na perspectiva sociocognitiva da linguagem (SALOMÃO, 1999). Para observação da emergência dos indicadores, adotamos a pesquisa-ação como metodologia e contamos com 22 participantes, matriculados no ensino médio de uma escola de Ensino Médio de Tempo Integral localizada em Aurora-Ce. Os indicadores analisados aqui emergiram ao longo de 10 oficinas, com duração média de 2h cada, realizadas entre os meses de maio e junho de 2020, por meio do aplicativo de reuniões *Hangout Meet*. Para a geração de indicadores, utilizamos, além de duas atividades elaboradas e respondidas pela plataforma *Google* Formulários: a Atividade de Familiarização, respondida no segundo dia de oficina e a Atividade Conclusiva, respondida no encerramento do minicurso, o Diário de Bordo, preenchido logo após cada encontro, na plataforma *Google Classroom*, e as gravações dos encontros, registradas por meio da plataforma *Hangout Meet*. Para a análise, selecionamos uma amostra das respostas das atividades, das interações registradas nas gravações dos encontros e as autonarrativas no Diário de Bordo. Os resultados apontaram que foi possível construir conjuntamente sentidos e viver o evento textual a partir da interação entre o pesquisador e o grupo de estudantes, de modo a ser perceptível suas mudanças de concepção e postura em relação às *fake news*.

**Palavras-chave:** Texto. *Fake News*. Leitura. Complexidade.

## ABSTRACT

In this research we approach the textual event in the investigation of the phenomenon of the so-called fake news. Immersed in the paradigm of complexity, our aim is to investigate how the construction of meanings, carried out jointly with high school students from a state public school, can favor the recognition or the discovery of (con)textual clues that reveal false information in publications shared in social networks. We researched, by means of reading workshops carried out remotely - in accordance with the social isolation measures adopted due to COVID-19 pandemic - how students construct and reconstruct meanings from the present and emerging (con)textual clues on those posts. This study relies on the theoretical contributions based on the concept of text as a communicative event (BEAUGRANDE, 1997; MARCUSCHI, 2007; 2008); on the construction of situated learning (COSTA, 2010); on complex reading (PELLANDA, 2005; MORIN, 2015; FRANCO, 2011; COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016); on biological and cognitive learning processes (MATURANA; VARELA, 1995) and on the sociocognitive perspective of language (SALOMÃO, 1999). To observe the emergence of the indicators, we adopted action research as methodology and we counted on 22 participants enrolled in a full time high school located in the city of Aurora-CE. The indicators analyzed in the present research emerged throughout 10 workshops, with an average duration of 2 hours each, held between May and June 2020, through Hangout Meet app. For the generation of indicators, we used two activities developed and answered via Google Forms platform: the Familiarization Activity, answered on the second day of the workshop, and the Conclusive Activity, answered at the end of the mini-course; in addition to the Logbook, filled in shortly after each meeting, on the Google Classroom platform; as well as the recordings of the meetings, registered through the Hangout Meet platform. For the analysis, we selected a sample of the responses of the activities, of the interactions registered in the recordings of the meetings and the self-narratives in the Logbook. The results pointed that it was possible to jointly construct meanings and live the textual event based on the interaction between the researcher and the group of students, in order to be able to perceive their changes in conception and posture in relation to fake news.

**Keywords:** Text. Fake News. Reading. Complexity.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 –</b>	<b>Fluxo de informação multidimensional em um sistema de leitura ...</b>	<b>44</b>
<b>Figura 2 –</b>	<b>Quadro Geral de Inferências .....</b>	<b>63</b>
<b>Figura 3 –</b>	<b>Cartaz de divulgação do minicurso (parte 1) .....</b>	<b>75</b>
<b>Figura 4 –</b>	<b>Cartaz de divulgação do minicurso (parte 2) .....</b>	<b>75</b>
<b>Figura 5 –</b>	<b>Página da sala de aula virtual do <i>Google Classroom</i> .....</b>	<b>81</b>
<b>Figura 6 –</b>	<b>Página do Diário de bordo <i>on-line</i>, elaborado no <i>Google Classroom</i> .....</b>	<b>81</b>
<b>Figura 7 –</b>	<b>Plataforma de Reuniões e <i>chat</i> do aplicativo <i>Hangout Meet</i> .....</b>	<b>90</b>
<b>Figura 8 –</b>	<b>Texto discutido na oficina 1.....</b>	<b>91</b>
<b>Figura 9 –</b>	<b>Slide da oficina 3.....</b>	<b>107</b>
<b>Figura 10 –</b>	<b>Manchete 1 .....</b>	<b>110</b>
<b>Figura 11 –</b>	<b>Manchete 2 .....</b>	<b>110</b>
<b>Figura 12 –</b>	<b>Capa da Revista Istoé .....</b>	<b>111</b>
<b>Figura 13 –</b>	<b>Cartaz de divulgação, oficina 4.....</b>	<b>114</b>
<b>Figura 14 –</b>	<b>Texto dos slides discutidos na oficina .....</b>	<b>115</b>
<b>Figura 15 –</b>	<b>Textos dos slides discutidos na oficina .....</b>	<b>116</b>
<b>Figura 16 –</b>	<b>Slides da oficina.....</b>	<b>120</b>
<b>Figura 17 –</b>	<b>Slides da oficina .....</b>	<b>121</b>
<b>Figura 18 –</b>	<b>Slides da oficina .....</b>	<b>125</b>
<b>Figura 19 –</b>	<b>Slide da oficina .....</b>	<b>125</b>
<b>Figura 20 –</b>	<b>Slide 11.....</b>	<b>127</b>
<b>Figura 21 –</b>	<b>Slide 32 .....</b>	<b>128</b>
<b>Figura 22 –</b>	<b>Slide 33 .....</b>	<b>130</b>
<b>Figura 23 –</b>	<b>Slide 34.....</b>	<b>131</b>
<b>Figura 24 –</b>	<b>Registro dos estudantes sobre a opinião dos colegas .....</b>	<b>132</b>
<b>Figura 25 –</b>	<b>Cartaz de divulgação, oficina 7 .....</b>	<b>134</b>
<b>Figura 26 –</b>	<b>Textos dos slides discutidos na oficina .....</b>	<b>136</b>
<b>Figura 27 –</b>	<b>Textos dos slides discutidos na oficina .....</b>	<b>137</b>
<b>Figura 28 –</b>	<b>Cartaz de divulgação, oficina 8.....</b>	<b>139</b>
<b>Figura 29 –</b>	<b>Textos dos slides discutidos na oficina .....</b>	<b>140</b>
<b>Figura 30 –</b>	<b>Textos dos slides discutidos na oficina .....</b>	<b>141</b>

<b>Figura 31 – Cartaz de divulgação, oficina 9.....</b>	<b>142</b>
<b>Figura 32 – Texto dos slides discutidos na oficina.....</b>	<b>143</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1 – Principais processos referenciais .....</b>	<b>65</b>
<b>Quadro 2 – Cronograma do minicurso.....</b>	<b>76</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 –</b>	<b>Percentual de possíveis compartilhamentos da publicação da questão 8.....</b>	<b>99</b>
<b>Gráfico 2 –</b>	<b>Percentual de possíveis compartilhamentos da publicação da questão 9.....</b>	<b>102</b>
<b>Gráfico 3 –</b>	<b>Percentual de participantes que alegam saber ou não identificar <i>fake news</i>.....</b>	<b>104</b>
<b>Gráfico 4 –</b>	<b>Percentual de participantes que alegam ter compartilhado <i>fake news</i>.....</b>	<b>104</b>
<b>Gráfico 5 –</b>	<b>Percentual de possíveis compartilhamentos da publicação da questão 5 a .....</b>	<b>150</b>
<b>Gráfico 6 –</b>	<b>Percentual de possíveis compartilhamentos da publicação da questão 5 b .....</b>	<b>153</b>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>24</b>
<b>2.1</b>	<b>“Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32): as <i>fake news</i> e seus emaranhados processos de manipulação.....</b>	<b>24</b>
<b>2.2</b>	<b>Fotografias do caos: a complexidade, a vida e o sistema educacional.....</b>	<b>37</b>
<b>2.3</b>	<b>A construção do percurso textual ecológico.....</b>	<b>42</b>
<b>2.4</b>	<b>O ensino remoto no contexto de pandemia.....</b>	<b>46</b>
<b>2.5</b>	<b>Uma breve retrospectiva da Linguística Textual e suas contribuições para a aprendizagem mediada pela leitura.....</b>	<b>53</b>
<b>2.6</b>	<b>Intencionalidade e projeto de dizer em <i>fake news</i>.....</b>	<b>57</b>
<b>2.7</b>	<b>As pistas (con)textuais nos processos de referenciação, inferenciação e categorização.....</b>	<b>62</b>
<b>3</b>	<b>PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>68</b>
<b>3.1</b>	<b>Tipo e natureza da pesquisa.....</b>	<b>69</b>
<b>3.2</b>	<b>Contexto da pesquisa e participantes.....</b>	<b>70</b>
<b>3.3</b>	<b>Procedimentos.....</b>	<b>72</b>
3.3.1	Atividade de Familiarização .....	74
3.3.2	Oficinas de Leitura.....	74
3.3.3	Atividades Conclusivas .....	79
3.3.4	Diário de Bordo.....	79
<b>3.4</b>	<b>Instrumentos.....</b>	<b>81</b>
<b>3.5</b>	<b>Crterios de análise.....</b>	<b>83</b>
<b>3.6</b>	<b>Organização geral da análise.....</b>	<b>85</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS INDICADORES.....</b>	<b>87</b>
<b>4.1</b>	<b>Minicurso – Os Textos e a Vida: uma abordagem interdisciplinar do conhecimento.....</b>	<b>88</b>
4.1.1	Etapa I.....	89
4.1.1.1	<i>Etapa I – Oficina 1</i> .....	89
4.1.1.2	<i>Etapa I – Oficina 2</i> .....	94
4.1.1.3	<i>Etapa I - Oficina 2 – Atividade de Familiarização</i> .....	95

4.1.2	Etapa II.....	106
4.1.2.1	<i>Etapa II – Oficina 3.....</i>	107
4.1.2.2	<i>Etapa II – Oficina 4.....</i>	113
4.1.2.3	<i>Etapa II – Oficina 5.....</i>	118
4.1.2.4	<i>Etapa II – Oficina 6.....</i>	123
4.1.2.5	<i>Etapa II – Oficina 7.....</i>	133
4.1.2.6	<i>Etapa II – Oficina 8.....</i>	138
4.1.2.7	<i>Etapa II – Oficina 9.....</i>	142
4.1.3	Etapa III.....	144
4.1.3.1	<i>Etapa III- Oficina 10.....</i>	145
4.1.3.2	<i>Etapa III- Atividades Conclusivas.....</i>	145
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	157
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	160
	<b>APÊNDICE A – TERMO DE ANUÊNCIA.....</b>	173
	<b>APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE PAIS).....</b>	174
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO A ESTUDANTES (PARTICIPANTES MENORES DE 18 ANOS).....</b>	176
	<b>APÊNDICE D – DIÁRIO DE BORDO ON-LINE.....</b>	178
	<b>APÊNDICE E – ATIVIDADE DE FAMILIARIZAÇÃO.....</b>	179
	<b>APÊNDICE F – ATIVIDADES CONCLUSIVAS.....</b>	185
	<b>ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....</b>	190
	<b>ANEXO B – PROJETO SUBMETIDO À FEBRACE.....</b>	193
	<b>ANEXO C – PARECER DOS PRÉ-AVALIADORES DA FEBRACE.....</b>	220
	<b>ANEXO D – CARTA CONVITE - PARTICIPAÇÃO NA FEBRACE 2021...</b>	221



## 1 INTRODUÇÃO

Em 2019, qualificamos a nossa pesquisa com o sentimento de inconformismo em torno da problemática das *fake news* e das possíveis mudanças de curso da democracia devido aos altos níveis de manipulação lançados nas redes sociais de comunicação em massa. No ano que se segue, encontramos-nos em um cenário atipicamente delicado: o mundo é assolado pela pandemia da COVID-19<sup>1</sup>. Passamos por dificuldades de adaptação na pesquisa, em razão de paralizações (extremamente necessárias) no campo de estudo e da necessidade de isolamento social como medida preventiva para combater a disseminação do novo coronavírus. Com isso, a maior parte do planejamento para a realização presencial da investigação teve de ser alterada para o ambiente virtual, o que, naturalmente, acarretou mudanças de ordem organizacional em nosso percurso metodológico.

Esta pesquisa ocorreu em meio ao pânico causado pela pandemia de covid e suas consequências quanto aos diferentes aspectos da vida: o risco da contaminação, a superlotação do sistema de saúde, a dor do distanciamento familiar e coletivo, a mudança brusca de planos e rotinas, o declínio econômico, as desigualdades sociais duramente sentidas e egoísmos aflorados. Além de todas essas questões, passamos pela perda de pessoas próximas, parentes e amigos queridos, pelo contágio de familiares pelo vírus e pelo medo, que por vezes nos espreitava, de sermos acometidos pela doença, o que interferiu diretamente em nosso bem-estar.

No cenário político em profunda crise, alguns governantes subestimam a ameaça invisível e oficializam discursos brandos e irresponsáveis<sup>2</sup> a um povo culturalmente acostumado a só acreditar no que vê, o que acabou levando o Brasil ao lamentável pódio mundial de vítimas do coronavírus, segundo a Organização Mundial da Saúde – OMS<sup>3</sup>. Enquanto tudo isso acontece, a democracia é atacada violentamente por conteúdos falsos e discursos de ódio, ao passo que investigações – pressionadas pela Comissão Parlamentar Mista de Inquérito – CPMI das *fake news* – buscam os responsáveis por tantos transtornos causados por esses conteúdos. Este é o contexto em que as *fake news* ganham cada vez mais espaço e espalham mais angústia entre a população.

---

<sup>1</sup> A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (COVID-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional – o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia.

<sup>2</sup> Bolsonaro refere-se à pandemia de Covid-19 como “gripezinha” em discurso oficial. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-24318910>. Acesso em: 10 dez. 2020.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://covid19.who.int/table>. Acesso em: 10 dez. 2020.

Passamos por uma onda de “*infodemia*”<sup>4</sup> em que publicações são lançadas arbitrariamente anunciando desde a suspensão de aposentadorias e benefícios sociais até a propaganda de tratamentos ineficazes e perigosos, colocando em risco a saúde da população. Vemos na prática o poder de salvação da ciência e a necessidade de defendermos o tão massacrado Sistema Único de Saúde (SUS), as Universidades Públicas e seus pesquisadores, que foram tão atacados por publicações falsas, durante os últimos anos, por parte de uma parcela significativa da população.

Para detalharmos melhor nossas considerações acerca do tema, faz-se importante falarmos sobre o termo *fake news*, o termo atual para nomear as mentiras, já que a circulação de notícias falsas sempre existiu. Para o *Cambridge Dictionary*, o conceito *fake news* indica “histórias falsas que parecem ser notícias, disseminadas na internet ou usando outras mídias, geralmente criadas para influenciar opiniões políticas ou como piadas” (tradução nossa)<sup>5</sup>. A expressão popularizou-se mundialmente em 2016, nas eleições norte-americanas, em que concorriam ao pleito a candidata democrata Hillary Clinton e o republicano Donald Trump. A campanha do candidato republicano foi permeada de episódios de compartilhamento de tais conteúdos, ações que atingiram também a campanha eleitoral brasileira de 2018 e de muitos outros países do Ocidente.

Pesquisas estão sendo realizadas pelo mundo inteiro e revelam grande apreensão nesse campo, uma vez que seus resultados são preocupantes, tanto para o Brasil como para o exterior. No cenário internacional, destaca-se o trabalho realizado por cientistas do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) e Wellesley College, nos Estados Unidos, e publicado em março de 2018 pela Revista *Science*, intitulado *The spread of true and false news online* (A disseminação de notícias verdadeiras e falsas on-line), no qual fica constatado que publicações falsas têm 70% mais chances de serem *retweetadas* do que informações verdadeiras.

Outro estudo também publicado na Revista *Science* em março de 2018, *The science of fake news Addressing fake news requires a multidisciplinary effort* (A ciência das notícias falsas: o tratamento de notícias falsas exige um esforço multidisciplinar), destaca a propagação “politicamente orientada” das publicações. Tal reflexão mostra que um determinado projeto de

---

<sup>4</sup> Do inglês *infodemic*, de *info[rmation]*, informação + *[epi]demic*, epidemia. Esse termo faz menção ao excesso de informação sobre determinado tema, por vezes incorreta e produzida por fontes não verificadas ou pouco fiáveis, que se propaga rapidamente. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/infodemia>. Acesso em: 12 set. 2020.

<sup>5</sup> *Fake news: false stories that appear to be news, spread on the internet or using other media, usually created to influence political views or as a joke.*

dizer pode servir ao interesse de alguém ou de um grupo específico, o que põe em evidência a noção de intencionalidade.

Já o estudo realizado pelo instituto *Ipsos*, intitulado *Fake news, filter bubbles, post-truth and trust* (Notícias falsas, bolhas de filtro, pós-verdade e confiança), mostra que 62% dos brasileiros entrevistados admitiram já ter acreditado em alguma notícia falsa. O estudo aponta ainda o Brasil como o país que mais dá credibilidade a *fake news* no mundo. A partir dessa pesquisa, percebemos que fica evidente a atenção que precisa ser dada, por parte de pesquisadores, ao comportamento dos brasileiros nas redes sociais, pois houve um crescimento no número de usuários e há um visível despreparo ético e reflexivo em relação à atuação nesses ambientes digitais.

Algumas pesquisas compartilham das mesmas inquietações referentes à disseminação de falsas informações em rede. Algumas delas focam na análise de elementos textuais desse tipo de publicação e outras no processo de construção de sentidos realizado em sala de aula a partir de informações falsas. Nesse contexto, destacam-se dissertações como a de Barros (2018), “Notícias vs. notícias falsas: a perspectiva da Linguística Cognitiva”, realizada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Em sua pesquisa, Barros categoriza, por meio de uma minuciosa análise de *corpus*, pistas que proporcionam o reconhecimento de elementos que sugerem a não veracidade de notícias. Outra importante dissertação, produzida sob esse viés, realizada pela Universidade de Coimbra, é a de Moura (2018), intitulada “Da mentira que se quer verdade: *fake news*, uma velha chaga em novos tempos”. O estudo trata de questões como *clickbait*, informação e desinformação e faz uma leitura minuciosa das repercussões em rede acerca do assassinato da vereadora carioca Marielle Franco.

Trabalhos relacionados às *fake news* sendo vivenciadas em sala de aula à luz de teorias linguísticas ainda não se encontram em grande número. Embora haja produções cujas experiências se assemelhem à nossa proposta, elas não compartilham do mesmo referencial teórico. Podemos citar como relevante para nosso objeto de estudo o artigo de Queiroz (2018), publicado nos Anais do 16º Congresso Internacional de Tecnologia na Educação, intitulado “Fake news: só mente a verdade, um relato de experiência na EJA do SESC Santo Amaro”, que objetivou estudar a problemática em questão e seus efeitos a partir dos estudos dos gêneros discursivos de Bakhtin (2010), estimulando a leitura crítica entre os envolvidos.

Nosso trabalho é mais um braço das pesquisas realizadas pelo GEENTE<sup>6</sup>, orientadas pela Prof. Dra. Maria Helenice Araújo Costa, cuja atuação tem sido embasada em

---

<sup>6</sup> Grupo Estudos e Ensino de Texto (GEENTE). Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8780729677840959>. Acesso em: 10 dez. 2020.

uma perspectiva ecológica de texto<sup>7</sup>, vivida de maneira interativa, dinâmica e construída conjuntamente. Alguns trabalhos do grupo foram realizados em sala de aula e inspiraram as nossas reflexões e estudos, como o de Monteiro (2014), que trata da referenciação como fenômeno potencializador do ensino da leitura, a partir de uma experiência no Centro Educacional de Jovens e Adultos (CEJA), em Fortaleza; Rodrigues (2015), que discorreu sobre a construção referencial em textos de um jornal escolar; Pereira (2017), que discutiu os caminhos cognitivos que alguns estudantes percorreram a partir da análise de questões do ENEM; Veloso (2018), que abordou a recategorização para a compreensão do ponto de vista na leitura de estudantes de ensino médio a partir da obra *Capitães de Areia* de Jorge Amado; e Félix (2019), que também realizou oficinas em sala de aula, focando na leitura e construção de sentidos em enunciados de problemas matemáticos. Outras produções, que inspiraram nossa pesquisa estão disponíveis em Costa, Queiroz e Alves (2020), uma coletânea que reúne parte da produção do grupo realizada nos últimos anos.

Com essas pesquisas, percebemos a importância de construir um olhar ecológico por meio da leitura textualmente vivida no meio escolar, na tentativa de transformar os conhecimentos em ações. Buscamos, assim, construir uma compreensão capaz de estimular uma consciência reflexiva de que compartilhar arbitrariamente quaisquer informações é um ato de irresponsabilidade social com graves consequências. Esse fenômeno da propagação de publicações falsas está cada vez mais presente nas sociedades, ocorrendo em contextos eleitorais, políticos, religiosos, econômicos, científicos e sociais. Em meio a essa conjuntura, está a escola, o seu compromisso em agir diante dessa problemática e a importância de educar para a pesquisa, principalmente visando uma tomada de consciência e possibilitando inquietações e reflexões sobre tantas injustiças sociais potencializadas por esses processos manipuladores.

Alguns indicadores, mesmo que não representem um retrato fiel da realidade, apontam as limitações que os estudantes do ensino médio apresentam quando o assunto é construção de sentidos na leitura, o que justifica a importância de viver os processos de textualização em sala de aula. O Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA)<sup>8</sup>, coordenado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que

---

<sup>7</sup> Chamamos aqui de perspectiva ecológica de texto o entendimento de que o evento comunicativo abrange questões interdisciplinares e a discussão de visões sociais e políticas que instiguem posturas que considerem o outro, a coletividade e a responsabilidade ambiental.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf). Acesso em: 15 out. 2020.

no Brasil está sob a responsabilidade do INEP, publicou, em 2019, o resultado da análise referente a 2018, o qual mostra o desempenho pouco satisfatório dos jovens brasileiros. Esses estudantes ficaram entre a 55<sup>o</sup> e 59<sup>o</sup> posição do ranking, no quesito leitura, em uma prova aplicada em 79 países. Metade – 50% dos estudantes do Brasil – atingiram o nível 2 de proficiência leitora (em uma escala que vai de 1 a 6). Segundo os critérios da avaliação, para o nível 2, espera-se que os estudantes saibam identificar a ideia geral de um texto de tamanho moderado, encontrem informações explícitas e reflitam sobre a sua forma e conteúdo. Apenas 2% dos estudantes brasileiros atingiram o nível 5 e 6 de proficiência em leitura. Nesses níveis, espera-se que os estudantes sejam capazes de compreender textos longos e diferenciar fato de opinião.

A pesquisa mostra que os principais pontos fracos, dentro dos critérios relacionados à leitura dos estudantes, são: lidar com textos em situação pública (textos e documentos oficiais, notas públicas e notícias) e com elementos que demandem interpretações mais detalhadas. Além disso, o estudo aponta que, embora os discentes dominem o código linguístico, não constroem sentido satisfatoriamente.

Outro estudo, coordenado pela ONG Ação Educativa e pelo Instituto Paulo Montenegro, em parceria com o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF, 2018), realizada pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - IBOPE Inteligência, mostrou que 13% dos estudantes que cursam ou que finalizaram o ensino médio são analfabetos funcionais. Para o INAF, o conceito de alfabetismo está ligado à capacidade de compreender e utilizar a informação escrita e refletir sobre ela, integrando as informações textuais aos conhecimentos e às visões de mundo. Corroborando essas estatísticas, observamos também os dados nacionais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, no ENEM 2019<sup>9</sup>, que apontam para uma proficiência média de 520,9 pontos (mostrando uma queda em relação a 2018 – 526,9) dos estudantes de escolas públicas e privadas, nas provas de linguagens e códigos.

Quando dirigimos a atenção para os dados específicos do Ceará, percebemos que o estado avançou em 2019. Segundo o Centro de Apoio à Educação a Distância - CAed, os resultados do Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará- SPAECE, em 2018, apontavam para uma proficiência média em língua portuguesa de 271,6, enquadrando o estado no padrão de desempenho crítico; já em 2019<sup>10</sup>, o número subiu para 278,6, resultado

---

<sup>9</sup> Disponível em:

[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2019/apresentacao\\_resultados\\_enem\\_2019.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/apresentacao_resultados_enem_2019.pdf). Acesso em: 12 out. 2020.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://www.spaece.caedufjf.net/resultados/>. Acesso em: 12 out 2020.

que desloca o estado para o padrão de desempenho intermediário em termos de leitura e seus descritores. Mesmo entendendo que nesta pesquisa analisamos a leitura sob outra perspectiva, essas informações, embora nos apontem alguma melhora, reforçam o fato de que a compreensão e a construção de sentidos ainda são pontos que deixam a desejar em termos de leitura. E se há problemas de compreensão e interpretação, isso levará, conseqüentemente, a um comportamento *on-line* suscetível à manipulação.

Outros dados importantes nos ajudam a delinear melhor o problema. Segundo o censo do IBGE 2017-2018, na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD<sup>11</sup>, 79,1% da população brasileira tem acesso à internet, em geral através do celular. O público jovem, em idade escolar, é apontado com o percentual de 84,9% para meninas e 87,7% para meninos de 14 a 17 anos. Esse grupo compõe parte de um público em potencial que dá continuidade ao compartilhamento de informações inverídicas ou é vulnerável à influência dessas publicações.

Diante das estatísticas, percebemos que o número de adolescentes inseridos no meio digital, com dificuldades em construir sentidos na leitura é crescente. Os que acessam a rede se veem diante de uma infinidade de informações. Quando não preparados, enquanto leitores, podem dar credibilidade a conteúdos manipuladores. Por isso, é necessário preparar esse grupo para reconhecer uma notícia falsa, compartilhar informações com responsabilidade, pesquisar as fontes e conscientizar outras pessoas a fazerem o mesmo. Em virtude disso, a promoção de uma educação situada e comprometida socialmente torna-se um grande desafio para a escola.

O fenômeno pesquisado neste estudo envolve a coexistência da linguagem, corpo/mente e mundo nos textos e a maneira como as ações e os agentes presentes no fluir complexo da linguagem impactam o curso dos fatos e a conjuntura social. Temos como objetivo principal investigar o processo de (re)construção de sentidos na leitura de textos, realizada sociocognitivamente com estudantes de ensino médio de uma escola pública de Aurora-CE, lançando um olhar para as pistas (con)textuais percebidas/descobertas em *fake news* no emergir das discussões. Nossa investigação orienta-se pelos seguintes questionamentos: a) Como os estudantes constroem sentido a partir da identificação/descoberta das pistas (con)textuais que evidenciam características comuns em *fake news*? b) Como o ensino situado produz efeitos na construção de sentidos em práticas pedagógicas que possam potencializar a consideração das pistas (con)textuais em *fake news*? e c) Como os estudantes ressignificam *fake news* a partir de uma abordagem complexa de leitura construída conjuntamente?

---

<sup>11</sup>Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 12 out. 2020.

Para a geração e o registro da emergência dos indicadores, optamos por uma metodologia participante, crítico-colaborativa, a pesquisa-ação, que se deu por meio da realização de dez oficinas de leitura, ocorridas via plataforma digital (*Hangout Meet*), de maneira remota, síncrona e emergencial – em consequência do isolamento social demandado pela pandemia do coronavírus. Durante os encontros on-line, as expectativas, sentimentos, percepções e vivências dos participantes que afloraram ao longo das leituras, foram ouvidas e registradas nas gravações desses eventos, nas atividades (respondidas no *Google* Formulários) e nas autonarrativas registradas no Diário de bordo (disponibilizado no *Google Classroom*).

Em meio a todas essas questões, julgamos que a pesquisa é importante, principalmente por demandar posturas educacionais comprometidas com a realização de práticas sociais e discursivas responsáveis e responsivas à vida (BAKHTIN, 2010), mediante as possíveis consequências de compartilhamento de *fake news* no campo midiático que podem afetar negativamente a vida social dos indivíduos. Nesse sentido, a partir das discussões realizadas na esfera escolar sobre o tema, em relação ao reconhecimento dessas publicações, foi possível estimular atitudes críticas e reflexivas dos participantes, possibilitando, assim, a ampliação de posturas conscientes em relação ao compartilhamento de *fake news* para além do horizonte escolar.

Para dar prosseguimento e embasamento ao nosso objeto de estudo, recorreremos as esferas teóricas da Linguística Textual (LT) e da Linguística Aplicada (LA). Pautando-nos no compromisso com problemas sociais e no engajamento com sujeitos que vivem (n) a linguagem em suas relações, esta pesquisa buscou conhecimentos e posturas multi/pluri/interdisciplinares (CELANI, 1998). Entendemos que esses perfis de ciências emancipadoras e as descobertas alcançadas ao longo do tempo em suas áreas de investigação, sobretudo educacional, crítica, institucional e reflexiva, proporcionam aparatos teóricos que nos permitiram “aprender, desaprender e reaprender” (TOFFLER, 2005, p. 491) a agir diante das demandas modernas e seus conflitos, pois, como orienta Moita Lopes (2006, p. 10), “novos tempos exigem novas formas de teorizar”.

No que se refere à organização estrutural desta pesquisa, além desta primeira seção introdutória, em que fizemos reflexões acerca do fenômeno estudado, do estado da arte, dos objetivos, das questões de pesquisa e da metodologia, temos mais quatro seções principais, além dos apêndices e anexos.

Na segunda seção, tratamos sobre o nosso referencial teórico, que está dividido em quatro subseções: na primeira, dedicamo-nos às *fake news* e suas tessituras teóricas; na segunda, delineamos reflexões sobre os caminhos do ensino remoto no Brasil desde o início do

isolamento social; na terceira subseção, discutimos sobre a Epistemologia da Complexidade, com base em autores como Capra (1996), Pellanda (2005) e Morin (2015), e suas relações com os processos de aprendizagem à luz da Biologia do Conhecer (MATURANA; VARELA, 1995) e da cognição situada (COSTA, 2010); e, na última subseção, trazemos as reflexões sobre o evento textual (BEAUGRANDE, 1997), os processos de textualização – referenciação, inferenciação e categorização (MARCUSCHI, 2007; 2008) – e suas construções sociocognitivas (SALOMÃO, 1999).

Nossa terceira seção, é dedicada à metodologia do estudo, em que detalhamos o tipo e contexto de pesquisa, o perfil dos participantes, os procedimentos realizados ao longo das oficinas, os instrumentos usados para o registro da emergência dos indicadores (dados) e as modalidades de interação (categorias de análise). Após essa seção, temos a quarta seção, na qual dispomos a análise dos indicadores selecionados para a investigação, delimitados a partir dos seguintes registros: 1) Atividades de Familiarização (elaboradas no *Google* Formulários); 2) Gravações das Oficinas; 3) Autonarrativas no Diário de Bordo; e 4) Atividades conclusivas.

A análise tem como foco os critérios relacionados aos processos de textualização que acontecem simultaneamente: a referenciação, a inferenciação e a (re)categorização, tendo em vista a) A compreensão inicial (antes das discussões) dos estudantes em relação aos textos, a partir da análise dos processos de textualização, como foco na referenciação, em *fake news*; b) A aprendizagem situada e seus efeitos na construção de sentidos por meio das inferenciações realizadas durante os processos sociocognitivos na leitura conjunta; e c) As recategorizações/ressignificações provenientes das perturbações do ambiente, incidindo no modo como os estudantes passaram a reconhecer as *fake news* e suas possíveis intencionalidades.

Na quinta seção, trazemos nossas considerações finais, retomando as questões de pesquisa e tecendo conclusões acerca da investigação. Finalizamos este estudo com as referências das obras citadas, seguidas dos apêndices, em que trazemos as atividades didáticas (de Familiarização e Conclusivas) na íntegra, e dos anexos, em que estão disponíveis os documentos e termos que autorizam a realização de nossa pesquisa, como o parecer do Comitê de Ética e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.



## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este estudo está imerso em uma visão complexa (CAPRA, 1996; PELLANDA, 2005; MORIN, 2015) e ecológica de mundo e de ciência. Trazemos uma abordagem teórica relacionada ao campo da Linguística Textual, sob a perspectiva da vivência do evento comunicativo em sala de aula, embasando-nos em autores como Marcuschi (2007; 2008) e Beaugrande (1997). Abordamos, dentro do processo de leitura, a aprendizagem como cognição situada, conforme Costa (2010) e Costa, Monteiro e Alves (2016), levando em consideração os processos biológicos e cognitivos a partir de Maturana e Varela (1995) e a sociocognição em Salomão (1999).

Para falarmos sobre pistas (con)textuais e a construção de sentidos na leitura de *fake news*, é importante refletirmos sobre as atuais concepções de texto e suas interfaces na aprendizagem.

Assim, para uma melhor compreensão de nosso percurso teórico, remontamos à história da LT e seus avanços até os dias de hoje. A trajetória dessa ciência ajuda-nos a compreender por quais passagens o ensino de leitura caminhou e que resquícios ainda permanecem do passado, mesmo com todos os avanços nesse campo. É principalmente relevante compreender que, na perspectiva performativa do texto como evento, a leitura pode ser considerada um processo de textualização. E, ainda, com Marcuschi, considerar as noções de referenciação, inferenciação e categorização como atividades integrantes da construção de sentido e do evento textual e, portanto, como processos inerentes à leitura.

Para dar sustentabilidade a esta pesquisa, aliando teoria à prática em sala de aula no contexto da problemática da leitura de *fake news*, esboçamos nesta seção reflexões a partir de três grandes questões que julgamos contribuir para o entendimento do estudo: a primeira, voltada para o falseamento de informações; a segunda, para o ensino remoto; e a terceira, para o trabalho com o texto e a leitura complexa.

### 2.1 “Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará” (João 8:32): as *fake news* e seus emaranhados processos de manipulação

O escritor Sir Arthur Conan Doyle certamente estrearía uma empolgante narrativa em tempos de pós-verdade, se vivo estivesse, uma vez que as *fake news* demandam um trabalho investigativo minucioso e perspicaz. Em seu livro, “Um Estudo em Vermelho”, publicado em

1887, o protagonista Sherlock Holmes e o seu fiel parceiro, o detetive Watson, em busca de pistas para uma investigação, analisam diferentes jornais – *The Daily Telegraph*, *Daily News* e *Standard* – para chegar à versão mais aproximada do crime que estavam investigando embora cada jornal apontasse para uma direção diferente. Essa narrativa não se diferencia muito das versões dos fatos lançadas hoje, com o agravante de que a sociedade atual não possui tantos aparatos investigativos em seu favor, nem o olhar perspicaz de Sherlock Holmes. Por isso, seguimos como Dom Quixote, lutando contra os moinhos de vento, ao passo que tomamos consciência das engenhosas engrenagens das mazelas sociais trazidas pelas *fake news*.

A problemática da disseminação de informações falsas não é uma novidade para a humanidade. A mentira sempre foi um artifício utilizado para convencer, manipular contextos sociais, beneficiar uma pessoa ou grupo e recriar realidades com alguma finalidade específica. Podemos encontrar episódios históricos protagonizados pelos falsos discursos desde a era Clássica, na Grécia Antiga, quando Sócrates combatia a retórica descomprometida com a realidade dos sofistas, passando pelo marketing nazista com Joseph Goebbels – que se utilizava desse recurso como arma para consolidar o totalitarismo – até as eleições de Trump nos EUA, em 2016, e as eleições de 2018 no Brasil.

Antares (2018), na matéria intitulada “A longa história das notícias falsas”, publicada na versão eletrônica do jornal *El País*<sup>12</sup> relata fatos que marcaram a nossa história e foram inicialmente acirrados por *fake news*, mesmo antes da ascensão das redes sociais, como: a guerra de Cuba (1898) e o Jornalismo Amarelo dos Hearst *versus* Pulitzer e a manipulação dos jornais; a guerra do Vietnã (1955-1975), que teve como gatilho a possível presença de embarcações torpedeiras norte-vietnamitas no golfo de Tonkin, que nunca foi de fato confirmada; e a invasão do Iraque de 2003, ocasionada pela possível existência de armas de destruição em massa de Saddam Hussein, desmentida depois.

O historiador francês Marc Bloch (um dos fundadores da escola dos *Annales*, judeu, assassinado pelos nazistas em 1944), em seu ensaio, publicado em 1921, intitulado *Réflexions d’Un Historien Sur les Fausses Nouvelles de la Guerre*, (“Reflexões de um historiador sobre a notícias falsas da guerra”), destacou-se com o seu detalhamento histórico em relação às publicações falsas, e alertava para o caráter perigoso dessas publicações:

---

<sup>12</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298\\_389944.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html). Acesso em 6 out. 2020.

O erro não se propaga, não se amplifica, não vive a não ser sob uma condição: encontrar na sociedade na qual ele se espalha um caldo de cultura favorável. Nela, inconscientemente, os homens experimentam seus preconceitos, seus ódios, seus temores, todas as suas emoções fortes. Somente os estados d'alma coletivos tem o poder de transformar uma má percepção em um boato (BLOCH, 1921 *apud* JOANILHO, 2014, p. 1-2).

Essa situação se potencializa ainda mais, quando o público consumidor dos conteúdos falseados busca uma autoafirmação de padrões caucasianos, de dogmas religiosos, de orientação heterossexual, de pertencimento ao meio social privilegiado, no qual as pessoas são caracterizadas como “cidadãos de bem”, nuclearmente “normais”, que se encaixam em um dos lados dos binarismos sociais. A disseminação de tais inverdades, a nosso ver, fomenta as violações de direitos humanos, civis e políticos; a degradação do meio ambiente, as intolerâncias religiosas, culturais e étnico-raciais e as violências verbais, físicas e sociais, causando o impulsionamento de discursos de ódio nas redes sociais que se materializam em agressões e mortes reais.

Movido pelo capitalismo, esse mercado de dados e informações sobre os usuários das redes acaba sendo muito útil para a retroalimentação dos algoritmos e seus comandos direcionados a partir das informações coletadas. É o que mostra o documentário da Netflix, que estreou no Brasil em setembro de 2020, trazendo inquietações e revelações sobre esse grande mercado digital. A produção intitulada de *'The Social Dilemma'* (O Dilema das redes), sob direção de Jeff Orlowski, descreve todo o processo de manipulação, revelado a partir de entrevistas com especialistas em tecnologia e profissionais que contribuíram para a construção das plataformas digitais mais famosas do mundo. A produção alerta para o “impacto devastador” desses recursos na democracia e na humanidade, pois, segundo eles, as redes manipulam o cérebro do usuário para mantê-los o maior tempo possível conectados a elas.

O *Facebook* se manifestou em nota publicada no site da empresa de Mark Zuckerberg. No documento, *What 'The Social Dilemma' Gets Wrong*<sup>13</sup>, a empresa elenca sete pontos a serem refutados no documentário, alegando dentre outras questões, que o *Facebook* “constrói os seus produtos para oferecerem valor e não para serem aditivos”<sup>14</sup> (FACEBOOK COMPANY, 2020, p.1) e que realiza mudanças para evitar esses problemas, como, por exemplo, em 2018, quando alteraram a prioridade da classificação do *Feed*<sup>15</sup> de notícias, o que teria levado a redução de 50 milhões de horas no tempo gasto nessa rede social.

<sup>13</sup> Disponível em: <https://about.fb.com/wp-content/uploads/2020/10/What-The-Social-Dilemma-Gets-Wrong.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

<sup>14</sup> “*Facebook builds its products to create value, not to be addictive*”.

<sup>15</sup> *Feed* é um fluxo de conteúdo que é exibido em blocos de aparência semelhante que se repetem um após o outro. Disponível em: <https://support.google.com/adsense/answer/9189559?hl=pt-BR>. Acesso em: 20. out. 2020.

O fato é que a influência e o tempo gasto nas redes é crescente. Santaella (2019) destaca em seus escritos:

As redes operam de acordo com a lógica dos caça-cliques (*clickbaits*) em que o conteúdo *online* é valorizado pelo volume de tráfego de um *post* ou de um site. Assim, pouco importa se a mensagem é falsa ou mentirosa, sua onipresença acaba por causar impacto, pois basta uma olhadela para ser capturado por sua insistência. (SANTAELLA, 2019, p. 33).

Essa “insistência” e “onipresença” mencionadas pela autora permite-nos enxergar a conseqüente fragilidade e os automatismos realizados pelos usuários diante de uma rede tão desconhecida e inteligente. No Brasil, vimos alguns avanços, como a Lei nº 17.207, de 30 de abril de 2020<sup>16</sup>, que estabelece multa para quem divulgar *fake news* sobre epidemias, endemias e pandemias no estado do Ceará, mas ainda não temos mecanismos legais suficientes para combater essa problemática. Podemos citar como exemplo o Código Penal Brasileiro<sup>17</sup>, criado ainda na época do Estado Novo, em 1940, que prevê criminalmente a injúria, calúnia e difamação; o Código Eleitoral, (Lei n. 4.737/65<sup>18</sup>), que trata da divulgação de informações inverídicas, instituído na década de 1960, período anterior ao surgimento da Internet; a Lei de Segurança Nacional, (Lei n. 7170, de 1980<sup>19</sup>), que estabelece punições por difundir boatos que causem pânico; o artigo 297 da Lei das Eleições, nº 9.504/97<sup>20</sup>, que criminaliza as práticas de impedimento do livre exercício das votações, bem como a divulgação de pesquisas eleitorais forjadas. Em 2014, O Marco Civil da Internet<sup>21</sup>, como é chamada a Lei nº 12.965/14, sancionada por Dilma Rousseff, entrou em vigor por iniciativa do Poder Executivo e do Congresso Nacional. Com essa Lei, passou-se a estabelecer princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil.

No Marco Civil da Internet, está prevista a proteção da privacidade e dos dados pessoais, a inviolabilidade e o sigilo do andamento das comunicações (privadas armazenadas), salvo por ordem judicial. A Lei prevê também que os provedores dos serviços de Internet não

<sup>16</sup>Disponível em: <https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/trabalho-administracao-e-servico-publico/item/6995-lei-n-17-207-de-30-04-20-d-o-20-05-20>. Acesso em 20 out. 2020.

<sup>17</sup> Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo\\_penal\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf). Acesso em 20 out. 2020.

<sup>18</sup>Disponível em: [http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/1819/1983\\_munoz\\_codigo\\_eleitoral\\_justica\\_eleitoral.pdf?sequence=1](http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/1819/1983_munoz_codigo_eleitoral_justica_eleitoral.pdf?sequence=1). Acesso em 20 out. 2020.

<sup>19</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17170.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17170.htm). Acesso em: 20 out. 2020.

<sup>20</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19504.htm). Acesso em 20 out. 2020.

<sup>21</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm). Acesso em 20 out. 2020.

podem privilegiar determinados fluxos de dados de informações em detrimento de outros, para que haja uma neutralidade. Porém, na prática, há cenários divergentes.

Algumas operadoras de celular, por exemplo, oferecem planos de Internet móvel com acesso a redes sociais como *WhatsApp* e *Facebook* “gratuitamente” e ilimitados. Isso torna essas redes mais vulneráveis à disseminação de *fake news*, uma vez que as pessoas recebem as informações por essas plataformas, mas não conseguem ler a notícia inteira ou mesmo checar informações, pois serão cobradas por isso. Essa prática, conhecida como *zero rated*<sup>22</sup>, ao mesmo tempo que possibilita acesso ilimitado a pessoas de baixa renda a essas redes específicas, limita suas navegações.

Um estudo realizado pelo *Reuters Institute for the Study of Journalism (RISJ)*, com mais de 80 mil pessoas em 40 países, em janeiro e fevereiro de 2020, com o objetivo de saber mais sobre a relação entre redes sociais e *fake news*, revelou no *Digital News Report 2020* (Relatório de Notícias Digitais)<sup>23</sup>, que, no Brasil, o *WhatsApp* seria o principal meio de transmissão de *fake news* (35%), enquanto o *Facebook* ficou em segundo (24%). Segundo dados da ANATEL<sup>24</sup>, em agosto de 2020, 52,4% dos usuários de telefonia móvel no país utilizam os serviços pré-pagos, os quais, em sua maioria, limitam as fontes de buscas e checagens de informações, configurando mais um dos fatores que podem influenciar na disseminação de publicações falsas.

Dessa maneira, as grandes empresas como *Google* e *Facebook* (*WhatsApp* e *Instagram*) operam esses sistemas de redes ao mesmo tempo que se isentam, na maior parte das vezes, da responsabilidade pelo controle das *fake news*, a qual deixam a cargo de seus usuários, que na prática são alvos fáceis de todo esse sofisticado sistema manipulador. Alguns grupos virtuais chegaram inclusive a imputarem ações criminais, atingindo até mesmo as mais altas cortes de justiça do país, como os ataques sofridos pelo Supremo Tribunal Federal.<sup>25</sup>

Em 2019, foi instaurada a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPMI) das *Fake News*<sup>26</sup> (suspensa desde 20/03/2020), tendo como relatora a deputada Lídice da Mata

---

<sup>22</sup> *Cambridge Dictionary - zero-rated: relating to goods and services on which no sales tax is paid when they are bought.* (relativos a bens e serviços sobre os quais nenhum imposto sobre vendas é pago no momento da compra - tradução nossa). Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/zero-rated>. Acesso em: 20 out. 2020.

<sup>23</sup> Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR\\_2020\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf). p. 20. Acesso em 20 out. 2020.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/paineis/aceessos>. Acesso em 20 out. 2020.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=445860&ori=1>. Acesso em 20 out. 2020.

<sup>26</sup> Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?5&codcol=2292>. Acesso em 20 out. 2020.

(PSB<sup>27</sup>-BA) e presidida pelo senador Angelo Coronel (PSD<sup>28</sup>-BA). A CPMI, que tramita no Congresso, foi organizada para investigar os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público, por meio da utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018, além da prática de *cyberbullying* e de aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio.

Em 2020, o Congresso Nacional também debateu sobre o Projeto de Lei 2.630/2020<sup>29</sup>, de autoria do senador Alessandro Vieira (CIDADANIA-SE), que institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. O projeto gerou polêmica, pois, ao mesmo tempo que propunha normas relativas à transparência e segurança nas redes sociais (como banir contas administradas por robôs ou com comportamentos suspeitos, por exemplo), também poderia gerar cerceamento à liberdade de expressão.

Por meio da atuação do poder público, os provedores seriam responsabilizados pelo combate à desinformação, havendo sanções em caso de plataformas que descumprissem a lei. Segundo os relatores, o projeto demandava discussões e consulta pública, mas seria uma tentativa de combater esse grave problema social, sobretudo em um ano eleitoral e atingido por uma pandemia. Depois de muitos adiamentos, o projeto foi levado à consulta pública e teve 353.205 votos à favor e 424.819 votos contra.

Também em 2020, o Supremo Tribunal Federal decide pela legalidade e a constitucionalidade da instauração do denominado "inquérito das *fake news*" (Inquérito 4.871)<sup>30</sup>. Os ministros, por dez votos a um, decidiram dar continuidade às investigações contra os odiosos ataques cibernéticos, sobretudo contra os ministros do Supremo Tribunal Federal.

Após esse percurso pelas legislações, cabe também mencionar nessa discussão uma série de reportagens investigativas intitulada "Memórias de mercenários"<sup>31</sup>, lançada pelo Correio Braziliense, em 2018, escrita pelo jornalista Leonardo Cavalcanti. O trabalho mostrou o processo de produção das *fake news* a partir de relatos dos próprios autores. Três desses entrevistados revelaram anonimamente como funciona os bastidores de uma campanha eleitoral, expondo, portanto, a fragilidade da democracia diante da sofisticação dos que produzem publicações falsas e as dificuldades do Estado em combatê-las. A série, dividida em sete capítulos, ganhou o VII Prêmio República de Valorização do Ministério Público Federal

---

<sup>27</sup> Partido Socialista Brasileiro.

<sup>28</sup> Partido Social Democrático.

<sup>29</sup> Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em 10 jan. 2021.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=445764&ori=1>. Acesso em 20 out. 2020.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://especiais.correiobraziliense.net.br/fakenews/index2.html>. Acesso em 25 out. 2020.

em 2019<sup>32</sup>, promovido pela Associação Nacional dos Procuradores da República (ANPR) na categoria Jornalismo Impresso. As reportagens nos mostram, além da fragilidade dos sistemas jurídicos, investigativos e punitivos, o fato de que os profissionais desse mercado utilizam servidores específicos e a *deep web* (partes da Internet que não podem ser encontradas usando mecanismos de pesquisa comuns - tradução nossa)<sup>33</sup>, históricos sem rastros, dentre outros recursos, o que inviabiliza a chegada aos verdadeiros responsáveis.

Os entrevistados apontam que o problema não é somente a *fake news* em si, mas o impulsionamento de conteúdo em larga escala. Os relatos chamam a atenção para a importância do ato de conceder permissões em aplicativos de celulares e outras plataformas, uma vez que, para esse meio, os usuários são produtos, dados, vendidos em um mercado, onde as suas ações são a mercadoria.

As reportagens exibidas na série levam a uma noção de como esses setores são orquestrados: os “exércitos” de *fake news* começam a ser montados meses antes de uma eleição, por exemplo. Os perfis passam por um longo processo de preparação, para parecerem reais, como a adição de amigos, a curtida de páginas e simulação de atos comuns realizados por qualquer usuário de rede social. Assim, de maneira contratual, inicia-se o trabalho de manipulação pelos falsos perfis, que na prática podem ser de pessoas ou robôs que se passam por usuários, cujas características são criadas em sofisticados programas de computador, como podemos ver no relato a seguir:

Com alto conhecimento de tecnologia e marketing político, esses homens são contratados por políticos a partir de estruturas secretas, distantes dos comitês oficiais de campanha. Com uma equipe de no máximo 20 pessoas, formadas por ex-jornalistas especializados em investigações, técnicos em informática, atores, dubladores – capazes de imitar 30 vozes de políticos e celebridades – e até policiais militares. As tarefas vão desde embaralhar IPs, disseminar conteúdos a partir de perfis falsos, criar grupos sociais, impulsionar as redes com cartões de créditos sem identificação e enviar as *fake news* por e-mail ou *WhatsApp*. (CORREIO BRAZILIENSE, 2018, n. 19964).

Alguns episódios ganharam as manchetes dos jornais mais famosos do mundo, como o americano *The New York Times*<sup>34</sup> e o britânico *The Guardian*<sup>35</sup>, revelando o

<sup>32</sup> Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/vii-premio-republica-de-valorizacao-do-mpf-divulgavencedores-da-edicao-2019>. Acesso em 25 out. 2020.

<sup>33</sup> *Deep web: parts of the internet that cannot be found using ordinary search engines*. (Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/deep-web>. Acesso em 25 out. 2020).

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/04/04/us/politics/cambridge-analytica-scandal-fallout.html>. Acesso em: 25 out de 2020.

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>. Acesso em: 25 out. 2020.

envolvimento da *Cambridge Analytica*<sup>36</sup>, empresa de consultoria de marketing político, em um esquema de utilização dos dados de usuários do *Facebook* para fins eleitorais. A organização teria sido contratada para atuar na campanha do então candidato Donald Trump, nos EUA, em 2016, e no plebiscito da saída do Reino Unido da União Europeia – o *Brexit*. A *Cambridge Analytica* foi acusada de vender dados de usuários, coletados por meio de jogos psicográficos aparentemente divertidos e inofensivos no *Facebook*. Desse modo, os indivíduos em rede eram agrupados por algoritmos de acordo com o seus perfis de interesses, então, falsas publicações eram direcionadas para esses grupos, manipulados para fins eleitorais, fomentando, assim, a divulgação dessas *fake news* em larga escala.

A série de reportagens “Memórias de Mercenários” e o Documentário “O Dilema das redes”, citados anteriormente, trazem alertas para o público e ampliam os conhecimentos e reflexões em relação ao assunto. Os autores chamam a atenção para pequenas atitudes e seus efeitos. Comportamentos comuns como compartilhar ações rotineiras, lembranças, expressar desejos, engajar-se em páginas e publicações, montar avatares com fotos pessoais, aderir a jogos de personalidade e percepção e realizar pesquisas deixam registros desde o tempo gasto na visualização de cada conteúdo até a formação de um valioso banco de dados que serve ao mercado capitalista.

É comum os donos dos perfis, na busca por entretenimento, revelarem dados pessoais e sigilosos e concederem permissões (sem ler as letras miúdas ou em outras línguas) para um mundo desconhecido. Essas informações são convertidas em poderosas ferramentas para fortalecer a manipulação dos que pouco sabem, ignoram ou não refletem sobre os perigosos mecanismos das redes. Essas informações coletadas geram direcionamentos ou recomendações, como páginas para seguir, publicações para curtir, produtos para comprar, até mesmo podendo induzir a escolha de um governante.

O mercado das *fake news* atende a públicos específicos que vão desde empresas, partidos políticos até grupos religiosos, que serão beneficiados por elas ao atraírem seguidores ou reforçarem os pensamentos de seus adeptos. Essa indução ao comportamento em rede impede a formação de um espaço para o diálogo ou para entender as razões de quem pensa diferente, gerando assim uma bipolarização de opiniões e demonização do pensamento oposto. O trabalho dos algoritmos nas redes sociais levam a fenômenos como “viés da confirmação” e

---

<sup>36</sup> Cambridge Analytica (UK) foi uma empresa privada, fundada em 2013, como uma subsidiária do *SCL Group* (empresa criada em 1990 com foco em mineração e tratamento de dados) e com falência aberta em 2018, após os acontecimentos envolvendo seu nome. A organização combinava mineração e análise de dados com comunicação estratégica para o processo eleitoral. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge\\_Analytica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge_Analytica). Acesso em: 25 out. de 2020.



“câmaras de eco” (JAMIESON; CAPPELLA, 2009) ou “filtro-bolhas” (PARISER, 2012), uma vez que os usuários das redes ecoam o que acreditam, em suas postagens e atraem, por meio de direcionamentos selecionados pelos algoritmos, outras publicações que confirmem seu ponto de vista.

O conceito de viés da confirmação, termo cunhado pelo psicólogo inglês Peter Wason, em 1960, e estudado na psicologia até hoje, é muito coerente com a descrição do comportamento social em rede atualmente. Consiste em ações de engajamentos, compartilhamentos e expressão de ideias baseadas em conteúdos que reforçam o que o usuário já acredita, levando-o a ignorar informações contrárias às suas crenças pessoais e de seu grupo. Isso significa que, para satisfazer suas convicções, as pessoas que estão por trás dos perfis selecionam inconscientemente ou conscientemente as informações que mais lhes convêm.

É chamado de filtro-bolha ou câmara de eco, a formação de agrupamentos de usuários que acabam retroalimentando os algoritmos de modo a simular uma “realidade desejada”. No *Facebook*, por exemplo, o algoritmo *Edge Ranking* registra os comportamentos dos usuários e seleciona conteúdos que para eles podem ser mais interessantes e consequentemente gerar mais engajamentos, como curtidas, comentários e compartilhamentos. Para Esparta e Menezes (2016, p. 1), as bolhas são muito perigosas, pois “polos binários, muitas vezes, não abrem espaço ao meio termo”. Esses conceitos nos fornecem peças desse grande quebra-cabeça complexo – interligado recursivamente a multisistemas – que levam à disseminação de *fake news*. Os efeitos dos compartilhamentos de publicações falsas podem ser potencialmente prejudiciais a populações inteiras, ainda mais quando o mundo passa por situações de vulnerabilidade epidemiológica.

Desde o início do surto do vírus COVID-19 e a declaração da pandemia, o secretário-geral e outros líderes da Organização das Nações Unidas - ONU e suas instituições têm chamado cada vez mais a atenção para o desafio da “infodemia” – um aumento exponencial no volume de informações associadas a um tema, que podem se multiplicar em pouco tempo devido a um evento específico. Por isso, em junho de 2020, as nações firmaram um acordo, o *Global call to Fight Infodemic*<sup>37</sup>, que contou com a adesão de 132 países de todo o mundo, incluindo Israel, Índia, Japão, EUA, Reino Unido, Alemanha, França e Itália, entre muitos outros países democráticos, com o compromisso de combater a disseminação das *fake news*. O governo brasileiro, assim como os governos da China, Cuba, Coreia do Norte e Rússia não aderiu ao documento, alegando que o acordo não atendia aos interesses nacionais. Na América

---

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.mfa.gov.lv/en/news/latest-news/66117-cross-regional-statement-on-infodemic-in-the-context-of-covid-19>. Acesso em: 27 out. 2020.

do Sul, apenas o Brasil ficou de fora. Isso mostra o preocupante cenário em relação ao combate a essa mazela em nosso país.

Outro preocupante fato é a fácil disponibilidade de aplicativos gratuitos, como o *Idle Fake News Inc.* – Simulador de Notícias Falsas, *Fake Chat Maker – WhatsMock Prank chat*, *Fake News*, (ZaraclaJ), *Fake News* (David Hade), *Fake News simulador*, *Fake Tube Comment Maker*, dentre outros aplicativos prontos para *download*, os quais são disponibilizados sem restrições e que demonstram um expressivo número de usuários, uma vez que estes baixam essas ferramentas em seus dispositivos através da loja de apps *Playstore* (aplicativo oficial do *Google* que oferece acesso aos aplicativos do sistema Android). Esses instrumentos dão características similares a notícias, contam com muitos recursos e trazem grandes possibilidades de ludibriar pessoas.

Nesse contexto de falseamento, surgem no Brasil e no mundo as agências de checagem, as famosas *fact-checking*. O objetivo dessas agências é de apurar minuciosamente falas, informações e dados. Segundo Palacios (2019), Ralph Pulitzer, em 1913, foi o primeiro a criar, dentro de seu jornal *The World*, de Nova Iorque, um serviço de checagens. Em 1991, o jornalista Brooks Jackson fundou, então, a primeira agência de checagem de propaganda eleitoral, a “*Ad Police*”, com a tarefa de checar a veracidade dos anúncios de TV dos candidatos à presidência dos EUA, na época, Bill Clinton e George Bush. Após o sucesso, ele funda, em 2003, o primeiro site independente de checagem de fatos, o *FactCheck.org*. e, a partir desse momento, muitas outras são fundadas pelo mundo, chegando em outubro de 2020 a 298 projetos<sup>38</sup> em 83 países, segundo o *Duke Reporters’ Lab* (DRL), centro de pesquisa em jornalismo na *Sanford School of Public Policy* da Universidade de Duke - EUA.

No Brasil, em termos de afiliação, o DRL aponta o total de 10 sites, 3 são independentes e 7 são filiados a 4 empresas de comunicação: Verificação de fatos da AFP (Brasil), Agência Lupa, Aos Fatos, Boatos, Comprova, É Isso Mesmo, E-farsas, Estadão Verifica, Relatórios Hoax do Portal EBC e UOL Confere. Alguns projetos de checagem são internos e de financiamentos próprios como o Fato ou Fake do G1<sup>39</sup>, ligado a mais oito veículos de comunicação das organizações Globo: G1, O Globo, Extra, Época, Valor, CBN, GloboNews e TV Globo. Essas agências ajudam no combate e dão opções para os usuários que têm a possibilidade e o hábito de checarem as publicações, dentro de um ecossistema da informação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017).

<sup>38</sup> Disponível em: <https://reporterslab.org/fact-checking/>. Acesso em: 27 out. 2020.

<sup>39</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/07/30/g1-lanca-fato-ou-fake-novo-servico-de-checagem-deconteudos-suspeitos.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2020.

Mesmo com as agências, é importante ressaltarmos as camadas que envolvem o falseamento de informações. Conforme Wadle e Derakhshan (2017), essa confusão informacional é classificada em três tipos:

- *Misinformation*: informação inverídica, mas que não há intenção de enganar. Pode ser alguém que compartilhou uma notícia fabricada acreditando em sua veracidade;
- *Disinformation*: informação inverídica com intenção de enganar. Fake News se encaixa aqui, mas o conceito é mais abrangente, pois não existe a necessidade de espelhar o formato jornalístico da notícia;
- *Mal-information*: quando a informação é verídica, mas há a intenção de prejudicar alguém. Um exemplo é a divulgação de informações privadas quando não há interesse público. (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 23).

A *International Fact-Checking Network* (IFCN) é uma unidade do *Poynter Institute*, instituição dedicada a reunir verificadores de fatos em todo o mundo. Em 2016, foi lançado um código de princípios, o *Fact-Checking Network's code of principles*<sup>40</sup> criado com o intuito de normatizar essas agências. Cada agência cria a sua metodologia de checagem, dentro dos seguintes compromissos: 1) Comprometimento com a não partidarização e justiça; 2) Comprometimento com a transparência de fontes; 3) Comprometimento com a transparência de financiamento da agência e da organização; 4) Comprometimento com a transparência da metodologia; e 5) Comprometimento com correções abertas e honestas.

As agências que participam da Rede Internacional de *Fact-Checking* seguem esses cinco princípios básicos e ganham o selo o IFCN. No Brasil, a Agência Lupa, Truco e Aos Fatos são os grupos de checadores que possuem o selo IFCN. Utilizamos a seguir, o exemplo da Agência Lupa, por ser a primeira agência especialista em checagem no Brasil e possuir o selo.

A Agência Lupa<sup>41</sup> classifica a informação, o dado ou um número como:

- Falso* – completamente mentiroso;
  - Contraditório* – a mesma fonte já forneceu uma informação contraditória a essa;
  - Verdadeira* – completamente correta;
  - Ainda é cedo para dizer* – pode vir a ser verdade, mas ainda não é;
  - Exagerado* – a informação foi “inflada” pela pessoa, apesar de estar “no caminho certo”;
  - Insustentável* – não existem dados públicos que a comprovem;
  - Verdadeiro, mas* – apesar de verdadeira, a informação precisa de complemento e contexto;
  - De olho* – significa que a agência ficará monitorando o assunto ou a pessoa.
- (AGÊNCIA LUPA, 2015, s.p).

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.ifncodeofprinciples.poynter.org/complaints-policy>. Acesso em: 28 out. 2020.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/de-onde-vem-o-fact-checking/>. Acesso em: 28 out. 2020.

Essa classificação é importante, pois ajuda o leitor mais atento ou mais comprometido socialmente a navegar em meio a tantas informações duvidosas e ter consciência da filtragem do que está lendo. Porém, para que se cheguem a recorrer a esses instrumentos, é necessário que os indivíduos sejam estimulados a desenvolverem um pensamento crítico e libertador, que deveria começar pela escola. Por isso, trazemos Paulo Freire a essa discussão, o célebre estudioso, que fora injuriado pelos que nem o conheceram, tampouco sua obra, em um movimento de repetição de discursos falseados, distorcendo sua pedagogia e desqualificando seu legado. Essas ofensas vieram, possivelmente movidas por fanatismos, no pacote do falacioso “kit gay”<sup>42</sup>, do ensino de uma possível ideologia de gênero<sup>43</sup> liderada pelos “comunistas” e das incitações de movimentos como o Escola sem Partido<sup>44</sup>. Para Freire (1967):

Na atualidade brasileira, não vinha sendo dos radicais a supremacia, mas dos sectários, sobretudo de direita. E isto é o que nos fazia temer pelos destinos democráticos do país. Pela humanização do homem brasileiro, ameaçado pelos fanatismos, que separam os homens, embrutecem e geram ódios. Fanatismos que se nutriam no alto teor de irracionalidade que brotava do aprofundamento das contradições e que afetavam igualmente o sentido de esperança que envolvia a fase do trânsito (FREIRE, 1967, p. 51).

Mesmo o estudioso não vivendo em um contexto de ascensão das redes sociais, já propunha um debate acerca do combate às mazelas da manipulação. O autor enxergava a necessidade e lutava para desenvolver no país um trabalho voltado para a construção de uma educação libertadora. Perseguido em vida pela Ditadura, volta a ser alvo de discursos de ódio depois de morto por pessoas que desconhecem suas obras. “É tão imoral ter nossa voz silenciada, nosso ‘corpo interditado’ quanto imoral o uso da voz para falsear a verdade, para mentir, enganar, deformar” (FREIRE, 1997, p. 60).

Em pleno 2021, estamos diante de uma rede informacional, que, ao mesmo tempo que disponibiliza inúmeras opções de navegação, mantém os oprimidos agindo, muitas vezes, em defesa de seus opressores. A escola exerce o seu papel social todas as vezes que contribui com a instigação de questionamentos que alertam para tramas que dão uma falsa sensação de liberdade em meio a um emaranhado de recursos altamente manipuladores. Não basta conhecer os itens morfológicos, lexicais e semânticos, mas trazê-los para o evento textual, de maneira

<sup>42</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2020.

<sup>43</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/deputado-critica-ideologia-de-genero-1.1841253>. Acesso em: 12 dez. 2020.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>. Acesso em: 17 dez. 2020.

indissociável a discussões voltadas para questões sociais. A Base Nacional Comum Curricular – BNCC – prevê o desenvolvimento de um olhar social consciente em ambientes digitais, para que os estudantes brasileiros sejam capazes de:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (BRASIL, 2018, p. 9).

Em suma, diante desse contexto complexo de relações sociais, entendemos que associado a um processo educacional libertador, a justiça brasileira e os responsáveis pelas redes sociais, precisam criar mecanismos e camadas de proteção, acionando serviços de inteligência mais fortalecidos. Porém, enquanto não se avança nesse sentido, é necessário preparar criticamente a sociedade, a começar pelos estudantes, para lidar com conteúdos falsos e ter a capacidade de desconstruí-los argumentativamente.

É necessária também uma “descolonização das mentes”, como diz Amílcar Cabral (1924-1973), revolucionário que liderou o processo de independência de Guiné Bissau (1974) e de Cabo Verde (1975). Há muitas estruturas arquitetadas para a manutenção do obscurantismo informacional, inclusive em nosso sistema educacional, que por vezes tende a reproduzir conhecimentos e não promover uma educação crítica e libertadora, gerando uma crise educacional ou um projeto, como relata Darcy Ribeiro ao dizer que “A crise da educação do Brasil, não é uma crise, é um projeto”.

Por isso, discutir os textos de maneira não fragmentada permite-nos entrar em assuntos relevantes para o contexto social e estimular os estudantes a questionarem mais e discutirem sobre a configuração e o funcionamento de sistemas como o de saúde, educacional, político, jurídico, administrativo e penal, para citarmos como exemplos, e suas interligações. Torna-se muito difícil discutir satisfatoriamente questões sociais tão complexas com visões de texto fragmentadas e conceituações simplistas, contudo, vivendo o evento textual, é possível estimular uma educação voltada para a emancipação e conseqüentemente estimular ações que combatam a disseminação de *fake news* progressivamente.

Feito este trajeto pela nossa problemática motivadora da pesquisa, na tentativa de tocar alguns pontos que a contornam, passamos a relacioná-la aos nossos estudos do referencial teórico, o que nos ajudará a tecer as teias de uma pequena parte desse todo complexo. Vale ressaltar que os tópicos elencados nesta seção foram levados a discussão ao longo das oficinas.

Trilhamos um caminho que propiciou, partindo dos estudos do Grupo de Estudos e Ensino do Texto - GEENTE, a vivência dos eventos textuais em sala de aula, como foco nos processos de textualização à luz da epistemologia da complexidade conduzindo a discussões, reflexões e ações em torno das *fake news*.

## 2.2 Fotografias do caos: a complexidade, a vida e o sistema educacional

Esta seção é dedicada aos estudos sobre a Epistemologia da complexidade, à visão científica pensada a partir dela, ao sistema educacional e a como essas relações se convergem para a um novo olhar sobre a vida. Para começarmos nossas reflexões, cabe ressaltar que esta pesquisa está situada em um emaranhado de relações humanas, sociais e ecológicas. Como humanos, carregamos conosco conflitos existenciais, incertezas, inseguranças, afetos, relações com os outros e com o mundo, por meio do nosso modo de enxergá-lo. Por isso, as metodologias clássicas não são suficientes para abarcar os fenômenos “fotografados” neste estudo por questões acadêmicas e vividos de maneira imensurável.

O pensamento complexo surge em reação às ideias mecanicistas, que concebiam o funcionamento dos sistemas humanos, naturais e universais de maneira análoga ao das máquinas, regidas por leis exatas. Cientistas como o filósofo René Descartes (1596-1650), cujo sobrenome originou o termo ‘cartesiano’, o físico Galileu Galilei (1564-1642) e o astrônomo Isaac Newton (1643- 1727) representam esse tipo concepção clássica de ciência. Segundo essa compreensão, “a natureza funcionava de acordo com leis mecânicas, e tudo no mundo material podia ser explicado em função do arranjo e do movimento de suas partes” (CAPRA; LUISI, 2014, p. 49). Tornou-se necessário, ao longo do tempo, pensar o mundo a partir de uma visão de ciência que considere a amplitude das relações e seus entrelaçamentos e que acima de tudo não busque verdades, mas entenda as incertezas como parte constitutiva dos fenômenos, assumindo sua (co)existência.

No século XVIII, com a Revolução Industrial, o desenvolvimento de máquinas impulsionou estudos no campo da Termodinâmica e da Cibernética. O princípio da *entropia*<sup>45</sup> dos sistemas termodinâmicos trouxe para a comunidade científica, características como a desordem, a degradação e a irreversibilidade nesse fenômeno físico. Essa descoberta começou a abalar o pensamento linear, organizado e exato que vigorava até então. Assim, reconheciam-

---

<sup>45</sup> A entropia seria a passagem de uma situação de maior ordem para uma situação mais desordenada, uma ‘tendência ao caos’. Tal interpretação alçou a entropia a um status (não necessariamente desejado) de ferramenta capaz de explicar até mesmo fenômenos das ciências sociais (CAVALCANTI *et al.*, 2018, p. 2).

se os limites dos conceitos newtonianos, cujas leis, consideradas universais, já não davam conta dos eventos de maneira única e precisa.

Em meados do século XX, o mundo caminhava da aceitação dos fatos como frutos da vontade divina para o desprendimento das certezas. Descobertas como a do elétron, por Thomson, a formulação dos modelos atômicos de Rutherford Bohr<sup>46</sup>, os estudos da mecânica quântica a partir do princípio da incerteza de Werner Heisenberg (1901-1976)<sup>47</sup> e os avanços na física quântica, com Max Planck (1858-1947)<sup>48</sup> refletem algumas importantes transformações do pensamento científico, que se inquietava com discussões acerca do seu papel e seus métodos em busca da verdade.

A natureza já não podia ser explicada apenas por leis, nem cabia em equações matemáticas exatas e princípios deterministas. Todas as ciências e seus estudos não poderiam ser vistos separadamente. Esse pensamento é reforçado pelo que Capra (1996) discute, baseado nas ideias de Mandelbrot (1998), sobre a complexa teoria dos fractais<sup>49</sup> e a continuidade (infinita) dos fenômenos naturais, ou seja, haveria uma organização móvel, dentro do caos. Esse entendimento pode sinalizar que há um equilíbrio dinâmico dentro dos sistemas complexos.

Mais tarde, para suprir insuficiências do princípio da entropia, a escola de Bruxelas contribuiu, por meio de Ilya Prigogine, com a formulação da teoria das estruturas dissipativas, desordem organizadora, flutuações, recursividade, etc. (PRIGOGINE, 2004), rendendo ao estudioso o Prêmio Nobel de Química em 1977. Prigogine contribuiu também com o

---

<sup>46</sup>De acordo com Fogaça (2020), a evolução do modelo atômico contou com a contribuição de quatro cientistas principais: o químico inglês John Dalton (1766-1844), para quem o átomo seria a menor partícula da natureza, esférico, maciço e indivisível; o físico inglês Joseph John Thomson (1856-1940), que modificou o modelo indivisível de Dalton a partir da descoberta de partículas menores, os elétrons, os quais são munidos de cargas elétricas; o físico neozelandês Ernest Rutherford (1871-1937), para quem o átomo seria composto por um núcleo de carga elétrica positiva, equilibrado por elétrons (partículas negativas), que ficavam girando ao redor do núcleo, numa região periférica denominada eletrosfera; e finalmente o físico dinamarquês Niels Bohr (1885-1962), que complementa o modelo anterior, acrescentando a propriedade contraditória de que o elétron tem um caráter dual, ora onda, ora partícula. Esses pensadores contribuíram significativamente não só para o desenvolvimento da mecânica e física quânticas, como também para os estudos da complexidade. Disponível em: <https://www.manualdaquimica.com/quimica-geral/evolucao-dos-modelos-atomicos.htm>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>47</sup>Segundo Silva (2014), o princípio de incerteza, formulado por Werner Heisenberg por volta de 1927, expressa um limite de medição na observação para sistemas quânticos. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh7/SH/trabalhos%20orais%20completos/O-PRINCIPIO-DE-INCERTEZA-DE-WERNER-HEISENBERG.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>48</sup>Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1858-nascia-max-planck-pai-da-f%C3%ADsica-qu%C3%A2ntica/a-3284316>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>49</sup>Esboçamos aqui a tentativa de exemplificar a teoria complexa dos fractais de Mandelbrot (1998). O estudioso pesquisou (utilizando-se de recursos computacionais) sobre fenômenos organizacionais, que se repetem, dentro de estruturas caóticas, ou seja, conjuntos cujas formas carregam auto-similaridades infinitas, da esfera macro para micro e vice-versa. O pesquisador exemplificou, dentre outros fenômenos naturais, essas estruturas em ramificações dos galhos de árvores, nuvens e flocos de neve.

reconhecimento de elementos e características complexas aos sistemas abertos e reflexões filosóficas acerca do tempo, da ordem, da desordem e da instabilidade do caos.

Segundo Pellanda e Boettcher (2017), autores como Espinosa (1632-1677) e Nietzsche (1884-1900) já discorriam sobre o pensamento complexo em suas épocas. Espinosa faz oposição à fragmentação do mundo, com seu conceito de que o universo é formado por uma substância única; para ele, conhecer é estar conectado e afetar-se (ESPINOSA, 1982 *apud* DELEUZE, 2002). Nietzsche, com suas profundas reflexões filosóficas, metaforiza a complexidade como uma grande correnteza e nos desperta para formas de reconexão com as nossas essências, bem como os estímulos que nos afetam e nos mantêm em constantes mudanças.

Nós próprios nada somos senão aquilo que sentimos dessa correnteza a cada instante. Até mesmo aqui, se quisermos entrar no rio de nosso ser aparentemente mais próprio e mais pessoal, vale a proposição de Heráclito – não se entra duas vezes no mesmo rio (NIETZSCHE, 1983, p.138-139).

Por isso, esses autores são referências quando remetemos à busca das essências humanas, do sentir, perceber o mundo e transformar-se/autoconstruir-se dentro da complexidade dos fenômenos e todas as relações sistêmicas emergentes. Associados a essas questões filosóficas, os estudos de Norbert Wiener e von Foester no campo da cibernética introduziram os conceitos de auto-organização, *input*, *output*, *feedback* e de recursividade, que começam a romper com a lógica linear de causa-efeito, dando espaço para um raciocínio circular, tanto em máquinas como em estudos dos fenômenos universais e da cognição humana. Para Capra (1996): “De fato, a origem da ciência contemporânea da cognição, que oferece uma concepção científica unificada do cérebro e da mente, pode ser rastreada diretamente até os anos pioneiros da cibernética” (CAPRA, 1996, p. 57).

A partir de então, trabalhos dos biólogos Humberto Maturana (1928) e Francisco Varela (1946-2001) lançaram o conceito de *autopoiesis*, o que significou um grande avanço para os estudos sobre a vida, a cognição e a sociedade, visto que essa Biologia Complexa considera o conhecer como parte do fenômeno biológico do viver.

O sociólogo francês Edgar Morin também realizou grandes contribuições e é um dos grandes pioneiros desse pensamento para as áreas das ciências humanas, sociais e educacionais. Em sua obra “A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento” (MORIN, 2003), o autor elenca sete princípios complementares e interdependentes que compõem a tessitura dos sistemas complexos. Essas diretivas são importantes para situarmos nossa pesquisa dentro dessa epistemologia. A primeira delas trata do **princípio sistêmico ou**



**organizacional** em que o conhecimento das partes está ligado ao conhecimento do todo. O segundo princípio é o **hologramático**, que evidencia o fato de que não só a parte está no todo, mas o todo também está em cada parte.

O terceiro princípio, elencado por Morin (2003), mostra que os sistemas complexos funcionam como circuitos **retroativos**, como nos sistemas auto-reguladores estudados por Norbert Wiener. Esse fato nos permite compreender que as causas agem sobre os efeitos e vice-versa em movimentos homeostáticos e de *feed backs*, de modo circular, a ponto de, depois de algum tempo, não sabermos identificar qual é causa, qual é efeito. Complementar a esse princípio, temos o **recursivo**, ou seja, os elementos de um sistema também originam aquilo que os produz; isso significa que temos uma constante retroalimentação e recursão nesses circuitos.

O quinto princípio trata da **autonomia/dependência (auto-organização/auto-ecoorganização)**, nele, os sistemas se recriam em trocas com o ambiente e se auto-organizam/autoproduzem constantemente, fazendo emergir propriedades novas a partir dos estímulos externos que recebe. Já no princípio **dialógico** temos, no sistema, a associação de noções contraditórias, coexistência de opostos, paradoxos simultaneamente antagônicos e complementares. O último princípio da **reintrodução do conhecimento em todo conhecimento** significa dizer que o sujeito tem um papel ativo no desenvolvimento do conhecimento, por exemplo, não é um simples produto da acumulação de informações, mas de suas interações.

Esses princípios podem ser vistos em fenômenos que analisaremos posteriormente, sobretudo envolvendo pessoas, suas relações e pensamentos em rede, dentro do sistema educacional. Como vimos, não há uma lógica linear nos sistemas complexos, o que é reforçado por Demo (2002) ao discorrer sobre a importância de se desprender das linearidades predominantes na maneira de se pensar, tendo em vista que a realidade é flexível. O autor traz essa visão à educação e desperta para a necessidade da promoção de ações cognitivamente estimulantes ao pensamento e à pesquisa, o que é imprescindível ao desenvolvimento da autonomia dos educandos ao longo dos processos de aprendizagem. Demo (2002) discute que:

“Saber pensar” não é somente ver a lógica das coisas, exarar raciocínios formais corretos, mas principalmente surpreender lógicas onde aparentemente não haveria, pensar flexivelmente para dar conta de realidade flexível, decifrar o que é ambíguo e contraditório, ordenar a importância de elementos embaralhados numa situação, encontrar similaridades ou diferenças onde parece não haver, reconstruir o conhecimento anterior e formular perspectivas inovadoras (DEMO, 2002, p. 44).

Vale ressaltar que o próprio ser humano, na sua esfera biológica, já é por si só complexo e, quando em contato com o ambiente, outros seres humanos e suas relações em

grupo, justifica-se a necessidade de uma análise a partir dessa epistemologia, em especial. Quando realizamos a pesquisa em sala de aula, entendemos que há uma grande diversidade de realidades, condições sociais, perspectivas cognitivas e vivências envolvidas, portanto, as relações complexas permeiam todos os momentos do estudo.

Na Linguística Aplicada, o artigo de Larsen-Freeman (1997), intitulado '*Chaos/Complexity Science and Second Language Acquisition*' na revista *Applied Linguistics*, abriu caminhos para a entrada dessas teorias nesse campo científico. Muitos outros estudiosos brasileiros como Paiva (2006) e Leffa (2006) também conduzem estudos dentro da LA, no campo do ensino e da aprendizagem de línguas. Para a realização desta investigação, trazemos perspectivas como a de Krenak (2019), que aborda a visão complexa voltada para as essências ecológicas de que a humanidade se distanciou em virtude das influências, sobretudo, capitalistas. O autor faz reflexões provocativas, que conectam a todo momento a vida humana com a natureza, resgatando o sentimento de unidade, preocupação e cuidado com tudo que também faz parte de nós e e tudo de que nós fazemos parte, sem fragmentações. Durante as oficinas, procuramos trazer textos que remetiam a essas perspectivas e estimulavam pensamentos inspirados nas palavras do autor.

Como a linguagem abrange o nosso pensar e agir social e intersubjetivo no mundo, a epistemologia complexa permite-nos lançar um olhar mais sensível e consciente para a construção de sentidos na leitura da *fake news* em sala de aula, por envolver pessoas que estão a todo momento textualizando, compartilhando informações entre si e por meio de outros sistemas, como os das redes sociais (também complexas). Uma vez que os sistemas de inteligência artificial ganham cada dia algoritmos mais sofisticados e precisos (com capacidades, em alguns aspectos, superiores às habilidades humanas) e conseguem ser bem-sucedidos, em muitos casos, ao influenciar comportamentos humanos em ambientes virtuais, tivemos o desafio de propiciar momentos de discussão para a formação crítica dos indivíduos e (re)agir a esses contextos manipuláveis.

Com o avanço dos estudos da complexidade nos diversos campos da pesquisa, como nas ciências biológicas, humanas, sociais, informacionais e linguísticas, somos conduzidos a uma visão transdisciplinar dos fenômenos, em oposição aos reducionismos que a ciência, por vezes, demonstrou ao longo de sua tradição, por meio da aplicação de leis e teorias fechadas, exatas, ordenadas e lógicas. Pensar, nessa perspectiva, objetiva justamente não chegar a conclusões fechadas, muito menos conceber explicações dentro desse paradigma, mas dar continuidade aos diálogos que possibilitarão mais avanços nos campos do saber.

### 2.3 A construção do percurso textual ecológico

Como seres humanos, somos formados estruturalmente de células, compostas por átomos, que, ao mesmo tempo que estão em nós, se encontram em todas as partes do universo explorado. Logo, seria inconcebível uma visão que dissociasse os seres humanos da natureza e do cosmos. Maturana e Varela (1995), a partir da ótica de que viver é conhecer, inauguram estudos muito importantes que contribuíram diretamente com a área da cognição. A Biologia do conhecer<sup>50</sup> e seus conceitos de *autopoiesis*<sup>51</sup> (autoprodução), *acoplamentos estruturais*<sup>52</sup> e *perturbações*<sup>53</sup> revelam modos de viver e conceber a realidade a partir das essências da existência humana e sua comunhão com a natureza, a sociedade e o universo.

O conhecer, para os autores, é fruto de uma série de fatores, internos (acoplamentos estruturais) e externos (perturbações) em constante atividade. As transformações provenientes das perturbações do ambiente estão a todo momento acontecendo com os seres vivos, em especial os humanos, de forma tanto física como emocional, o que gera constantes aprendizados, desde a esfera celular, passando pelas relações sistêmicas do seu próprio organismo, chegando às suas relações naturais e sociais, tecendo, assim, percursos ecológicos.

Como integrantes do grupo GEENTE, sabemos que os trabalhos produzidos pelos seus membros partem dos estudos da referenciação. Entendemos esse processo como uma atividade dinâmica de (re)fabricação de objetos de discurso, sempre na tentativa de estabilizá-los, de modo a assegurar o sentido que pretendemos, ou, como coloca Marcuschi (2007), produzir enquadramentos. Essa ideia faz-nos chegar à concepção de que a linguagem não é meramente representacionista, não reflete o mundo, mas o refrata (e o constrói). Como a linguagem é construída por nós, seres humanos, pensantes, falantes, vimos como necessário o estudo de teorias cognitivas.

A ideia de cognição que mais satisfaz nossas necessidades teóricas é a Biologia do Conhecer, que considera o ser humano em sua esfera biológica e seus fenômenos naturais em meio a um ambiente que o afeta a todo o momento, provocando sua contínua (re)construção.

---

<sup>50</sup> Teoria da autopoiese, ou Biologia do Conhecer, é o nome dado ao conjunto das idéias do neurobiólogo chileno, Humberto Maturana.

<sup>51</sup> “É uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação da fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de sua existência. Enquanto uma reflexão sobre o conhecer, sobre o conhecimento, é uma epistemologia. Enquanto uma reflexão sobre nossa experiência com os outros na linguagem, é também uma reflexão sobre as relações humanas em geral, e sobre a linguagem e a cognição em particular.” (MATURANA, 2001, p. 13).

<sup>52</sup> Maturana e Varela cunharam o termo acoplamento estrutural. Para eles, o acoplamento estrutural é o próprio mecanismo que subjaz à evolução e à aprendizagem (MATURANA; VARELA, 1980).

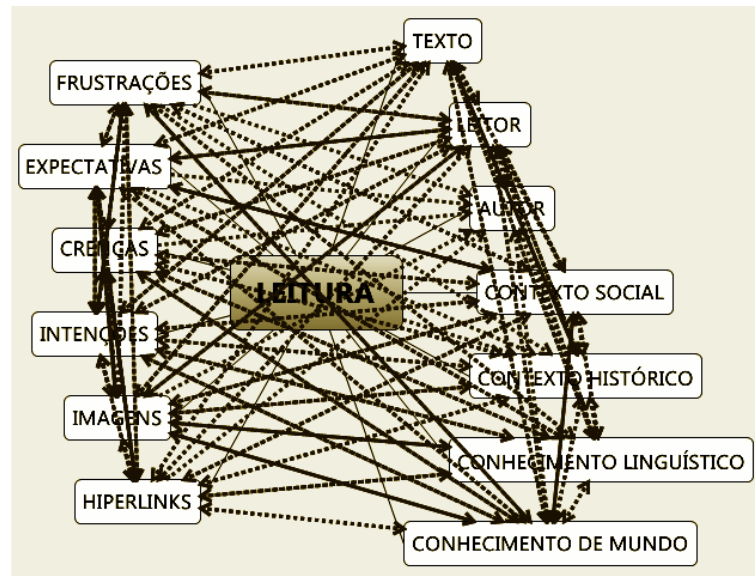
<sup>53</sup> Perturbações: todas as interações que desencadeiam mudanças de estado (MATURANA; VARELA, 1995).

Maturana e Varela (1995) trazem essa visão da linguagem como coordenações de ações que operam recursivamente na nossa forma de viver (já que somos seres que vivemos na linguagem) por meio dos nossos acoplamentos estruturais/sociais.

Nessas relações internas, biológicas, fechadas, encontra-se o homem, também envolto em relações sociais que o constituem desde os primeiros contatos com outros seres humanos, o que nos faz pensar em linguagem inserida também em um entorno social e cultural, chamado por Salomão (1999) de sociocognitivo. Todas essas relações são indissociáveis dentro da linguagem; sendo assim, apoiamo-nos na hipótese sociocognitiva, por esta não tratar a compreensão da língua como ação puramente cognitiva ou somente um fato social, construído e reconstruído continuamente e infinitamente pelos seus falantes na esfera individual e coletiva ao mesmo tempo.

Logo, se por meio do processo sociocognitivo estamos recursivamente nos acoplando mutuamente e estabilizando nosso discurso, então o texto é “lido” a partir de uma abordagem complexa (FRANCO, 2011) e entendido como um processo cognitivo complexo (PELLANDA, 2005; MORIN, 2015; CAPRA, 1996), cuja não linearidade (DEMO, 2002) é característica constitutiva. Os caminhos seguidos pelos leitores são imprevisíveis ao ter contato com o mesmo texto, porque eles são únicos e a interação que se dará a partir disso também será única, ainda que eles cheguem a conclusões parecidas, estas nunca serão definitivamente as mesmas (PEREIRA, 2017). Franco (2011) ilustra imagetivamente a complexidade na leitura da seguinte maneira:

**Figura 1 – Fluxo de informação multidimensional em um sistema de leitura**



Fonte: Franco (2011, p. 42).

Vemos na imagem o emaranhado de relações, realizado por cada leitor e percebemos, assim, que não há uma visão unificada para o texto. Enquanto pesquisadores do campo da Linguística Textual, estudamos fenômenos sociocognitivos e complexos ocorrendo todo o tempo dentro dos processos de textualização. Por isso, não vemos o texto como um mero artefato linguístico onde ideias estão “inscrites” para serem decodificadas. A materialidade do texto é apenas uma parte do evento comunicativo que se inaugura a cada nova leitura que se faz. Conforme metaforiza Koch (2013), tomando a analogia de Beaugrande (1997), a parte visível de um texto escrito seria a ponta de inúmeras relações que o constituem.

É, aliás, dos estudos de Beaugrande (1997) que trazemos o conceito basilar de nossa pesquisa, o de texto como um evento comunicativo, do qual fazem parte ações linguísticas, cognitivas e sociais. As ações linguísticas permeiam todo o nosso viver na linguagem, o texto integra parte de nós, da nossa visão de mundo, das nossas experiências vividas e compartilhadas ao longo da vida com os outros, das leituras que fizemos, dos lugares por que passamos, das nossas crenças, bem como das informações de que temos ou não conhecimento. Ao texto, por meio dos processos de textualização, trazemos e identificamos traços de nossa cultura em um fluir unificado entre materialidade, contextos, mente, corpo, emoções e diversos outros aspectos do viver na interação que se interligam no multisistema que constitui o texto. Nas palavras de Beaugrande (1997), o texto só é texto quando está em processo.

Comungando com o pensamento beaugrandiano, Marcuschi (2007) descreve, também de maneira complexa, como ocorrem os processos de textualização a partir de três

atividades que não se separam: a referenciação, a inferenciação e (re)categorização. Conforme explica o autor, a imagem de mundo que fazemos é fruto de uma ação cognitiva e intersubjetiva que lançamos sobre ele, estamos imersos em uma infinidade de sensações em um processo sociocognitivo contínuo de (re)construções e não de uma representação da realidade.

Recorremos também a abordagem de Hanks (2008) para tratar sobre o contexto, pois leva em consideração elementos que emergem e que são incorporados ao texto no decurso do evento textual. A esfera da emergência ocorreria no desenrolar de cada prática discursiva, complexa, através da interação entre os falantes; já a incorporação ocorreria por meio da realização de enquadres de acordo com as diversas situações discursivas. Esses mecanismos são indissociáveis e ativados de forma situada, logo o contexto é movediço, dinâmico. Assim os limites entre texto e contexto são provisórios e em constante construção ao longo dos processos de textualização. Para Costa, Monteiro e Alves (2016):

Assumir essa noção de texto como fenômeno provisório, dependente das circunstâncias de uso é admitir seu não aprisionamento aos limites da materialidade perceptual; é conceber a incompletude natural do artefato não como uma falha, mas como uma abertura de possibilidades a se concretizarem de forma contingente, no processo sociocognitivo de construção de sentidos. É entender que esse fenômeno, como bem explica Hanks (2008), efetiva-se de forma complexa, integrando e mesclando circunstancialmente, via “emergência” e/ou “incorporação”, aspectos contextuais mais ligados à situação imediata, mais centrados na materialidade, e aspectos de cunho predominantemente sócio-histórico, os quais, embora aparentemente se distanciem do enquadre imediato, são “chamados” a contribuir. É esse funcionamento movente e complexo do texto que dá conta do entremear de múltiplos dizeres que compõem o sentido. (COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016, p.10-11, grifo dos autores).

Costa, Monteiro e Alves (2016) e Costa (2010) aliam os estudos teóricos citados a trabalhos voltados para a prática em sala de aula, tendo em vista que nossa pesquisa foi realizada no ambiente escolar, com estudantes de ensino médio, mesmo que de maneira remota. Os autores nos levam a discussões mais profundas acerca de possibilidades de relacionar contribuições teóricas significativas para a compreensão dos fenômenos complexos e sociocognitivos na promoção da construção de sentidos em textos e no ensino de língua materna em situações reais de uso.

Na perspectiva da sala de aula, considerando que esses sistemas humanos – estruturalmente fechados e abertos a trocas de energia com o meio – sejam expostos aos estímulos externos ou perturbações, podemos dizer que eles, sofrem desestabilizações, levando o sistema cognitivo a constantes atualizações. Essas reconstruções cognitivas humanas geram aprendizados contínuos, sobretudo quanto expostos a situações que os fazem pensar, ou seja, métodos não instrucionistas. Aprendemos, porque somos capazes de realizar esses

acoplamentos estruturais. Aprender não é seguir instruções, é imergir, é adentrar de fato em outros sistemas e reagir cognitivamente a partir das inquietações provenientes do contato com esses ambientes. Por isso, os instrucionismos lineares e simplistas não impactam a aprendizagem com tanta intensidade.

Trazendo esses conceitos para o contexto da pesquisa, esclarecemos que não buscamos somente caminhos teóricos para as questões observadas, mas o estudo de fenômenos complexos dentro de uma série de possibilidades imprevisíveis, até porque estamos na linguagem, vivemos nela e temos uma visão limitada enquanto observadores e seres humanos. Afetamos e somos afetados pelo ambiente no decorrer da experiência proporcionada pelo estudo.

Baseados na Biologia do Conhecer, podemos entender que as nossas ações, como professores e participantes do processo educativo, fazem mais sentido quando promovem perturbações (externas) desencadeadoras de movimentos de auto-organização dos sistemas cognitivos (acoplamentos), não sendo suficientes ações instrutivas na emergência da aprendizagem. Esse contexto teórico que seguimos a seguir pretende situar-nos melhor nos emaranhados caminhos da complexidade, preparando-nos para as possibilidades de emergências no campo educacional, suas imprevisibilidades, não linearidades e interconexões.

## **2.4 O ensino remoto no contexto de pandemia**

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2020) declarou, em 11 de março de 2020, a disseminação da COVID-19 como pandemia. Para contê-la, recomendou três ações principais: isolamento e tratamento dos casos identificados, testagem massiva da população e distanciamento social. Conseqüentemente, as aulas presenciais foram suspensas em todo o Brasil e nos demais países em que contágio progredia. A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) monitora diariamente a situação do funcionamento das instituições de ensino em escala global durante a pandemia. O mapa de monitoramento mundial do fechamento das escolas devido à COVID-19<sup>54</sup> apontou que, em 1 de abril, por exemplo, mais de um bilhão de estudantes (1.475.923.522) foram afetados, em 172 países, representando um percentual de 84,3% dessa população.

No Brasil, 35% (19,5 milhões) dos estudantes tiveram as aulas suspensas devido à pandemia de Covid-19, 58% (32,4 milhões) passaram a ter aulas remotas, enquanto,

---

<sup>54</sup> Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 18 out. 2020.

na rede pública, 26% dos alunos matriculados em escolas que oferecem aulas *on-line* não têm acesso à Internet. Estes são alguns dos dados de uma pesquisa sobre a educação na pandemia, realizada pelo Instituto DataSenado<sup>55</sup> e apresentada pelo senador Flávio Arns (Rede-PR), vice-presidente da Comissão de Educação, em 12 de agosto de 2020.

Em virtude da Pandemia de COVID-19, o Ministério da Educação - MEC publicou periodicamente, desde o dia 17 de março, portarias para regulamentar as atividades, mesmo dentro dos diferentes cenários escolares. Buscando manter o funcionamento da Educação Básica e Superior no Brasil, essas diretrizes acompanham a evolução do cenário epidemiológico em cada mês. Os estados e municípios, por meio dessas orientações, elaboraram planos estratégicos, com o intuito de minimizar cada vez mais os prejuízos educacionais desse período de incertezas.

A primeira **Portaria, de nº 343, de 17 de março de 2020**<sup>56</sup>, dispunha sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durasse a situação de pandemia do Novo Coronavírus. Essa orientação estava prevista para vigorar por até trinta dias, prorrogáveis, a depender dos direcionamentos do Ministério da Saúde e dos órgãos de saúde estaduais, municipais e distrital. O documento estabelecia como responsabilidade das instituições a definição de disciplinas que poderiam ser substituídas, a disponibilização de ferramentas aos estudantes que permitissem o acompanhamento dos conteúdos ofertados, bem como a realização de avaliações. Em seguida, foram publicadas duas alterações no documento inicial, a **Portaria nº 345, de 19 de março de 2020**<sup>57</sup>, retirando uma possível limitação para realização de aulas a distância e a **nº 395, de 15 de abril de 2020**<sup>58</sup>, prorrogando por mais 30 dias o seu período de vigência. Na sequência, foram publicadas a **Portaria nº 473, de 12 de maio de 2020**<sup>59</sup>, que prorrogou por mais 30 dias, o período de substituição das atividades escolares presenciais, e a **Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020**<sup>60</sup>, que estende até 31 de dezembro a vigência para a autorização da continuidade das atividades remotas.

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso em 18 out. 2020.

<sup>56</sup> Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>57</sup> Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=19/03/2020&jornal=603&pagina=1>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-395-de-15-de-abril-de-2020-252725131>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>59</sup> Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=13/05/2020&jornal=515&pagina=55>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em: 11 out. 2020.



O Conselho Nacional de Educação lançou documentos<sup>61</sup> que norteiam a manutenção do funcionamento das atividades escolares remotamente, são eles: **Parecer CNE/CP nº 5/2020, aprovado em 28 de abril de 2020**<sup>62</sup>, que trata da reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da Pandemia da Covid-19; o **Parecer CNE/CP nº 11/2020, aprovado em 07 de julho de 2020**<sup>63</sup>, que traz orientações educacionais para a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da pandemia; e o **Parecer CEE nº 205/2020, aprovado em 22 de julho de 2020**<sup>64</sup>, que orienta as instituições de ensino que ofertam Educação Básica, Educação Profissional Técnica de Nível Médio e Educação Superior, do estado do Ceará, a darem continuidade às atividades letivas por meio remoto até 31 de dezembro de 2020. Em 6 de outubro de 2020, é aprovado o **Parecer CNE/CP nº 15/2020**, que estabelece normas educacionais excepcionais a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020<sup>65</sup>.

Na esfera estadual, em **28 de abril de 2020, o Conselho Estadual de Educação do Ceará** lança, em parceria com o MEC, um documento norteador<sup>66</sup>, cuja elaboração contou com a participação do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed), a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), o Fórum dos Conselhos Estaduais e a União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação (UNCME). O material traz orientações e sugestões para todas as etapas de ensino, da educação infantil à superior e tem como objetivo guiar estados, municípios e escolas sobre as práticas que devem ser adotadas durante a pandemia, bem como a reorganização dos calendários (adequando-se à realidade de cada sistema e instituição de ensino), além de propor normas nacionais gerais.

De março a junho de 2020, as escolas cearenses elaboraram, de acordo com cada realidade, o **Plano de Atividades Domiciliares (PAD)**, com a supervisão e o apoio das Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação (CREDEs) e da Superintendência

<sup>61</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>62</sup> Disponível em: <https://cee.go.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Confira-o-Parecer-do-Conselho-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>63</sup> Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=148391-pcp011-20&category\\_slug=julho-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=148391-pcp011-20&category_slug=julho-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>64</sup> Disponível em: <https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2020/03/Parecer-n%C2%BA-0205.2020-Sistema-de-Ensino-do-Estado-do-Cear%C3%A1-REVISADO-23.07.2020.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>65</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/portaria/DLG6-2020.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm). Acesso em: 11 out. 2020.

<sup>66</sup> Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>. Acesso em: 11 out. 2020.

das Escolas Estaduais de Fortaleza (SEFOR). Em 21 de julho de 2020, foram publicadas as **Diretrizes operacionais para organização do trabalho escolar durante o segundo semestre e das atividades letivas no ano de 2020**<sup>67</sup>.

Posteriormente, foram lançados o **Guia de possibilidades de organização pedagógica no período remoto/híbrido**<sup>68</sup> e o **Plano de Retomada das Atividades presenciais** (em construção)<sup>69</sup>. O Guia traz sugestões de estratégias pedagógicas por perfis de acesso de estudantes, como, por exemplo, estudantes com acesso à internet e com interação síncrona; com acesso à internet e com interação assíncrona; com acesso à internet e com interação apenas por aplicativos de mensagens instantâneas; sem acesso à internet, mas que acompanham por meio de atividades impressas; sem acesso à internet e não acompanhados pela escola no momento. De acordo com esses perfis, são orientadas ações para o alcance a esses estudantes, com a finalidade de promover a continuidade de suas atividades escolares.

Se pensarmos na aprendizagem considerada formal, podemos mencionar a necessidade de elementos como suas paredes estruturais, a disposição das cadeiras, as suas dinâmicas e rotinas, horários cronometricamente definidos, livros e materiais didáticos, planos, chamadas, provas e aulas, tudo linear e meterialmente definido. Dentro desse novo momento demandado pela pandemia, muitos desses elementos são deixados de lado e substituídos emergencialmente pelos aparatos tecnológicos, porém uma relação essencial e complexa não muda, a existente entre o professor e os estudantes.

Assim, a situação epidemiológica demandou a necessidade da educação remota, que pode ser descrita como práticas pedagógicas mediadas por plataformas digitais síncronas e/ou assíncronas. Essa modalidade popularizou e democratizou serviços de grandes empresas, como o *Teams*, da *Microsoft*, o *Google Classroom*, *Zoom* e, o mais popular, o *Google Meet* (produto do *Google* que mais cresceu em 2020). O crescimento da modalidade de Educação a Distância no Brasil ocorreu desde os anos 2000 (BRASIL, 1996), vinte anos depois, o ensino remoto apresentou-se como uma alternativa temporária para o cenário de pandemia. Para Behar

---

<sup>67</sup> Disponível em: [https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/08/diretrizes\\_continuidade\\_ensino\\_remoto.pdf](https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/08/diretrizes_continuidade_ensino_remoto.pdf). Acesso em: 28 out. 2020.

<sup>68</sup> Disponível em: [https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/09/guia\\_possibilidades.pdf](https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/09/guia_possibilidades.pdf). Acesso em: 28 out. 2020.

<sup>69</sup> Disponível em: [http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2020/07/20200078-Plano-de-Retomada-das-Atividades-Presenciais-SEDUC-CE\\_2020.pdf](http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2020/07/20200078-Plano-de-Retomada-das-Atividades-Presenciais-SEDUC-CE_2020.pdf). Acesso em: 28 out. 2020.

(2020, s.p), o caráter excepcional desse contexto, que demanda isolamento social, pode caracterizar esse tipo de dinâmica como Ensino Remoto Emergencial (ERE):

O ensino é considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. É emergencial porque do dia para noite o planejamento pedagógico para o ano letivo de 2020 teve que ser engavetado (BEHAR, 2020, s.p).

Apesar de não termos um planejamento teórico e metodológico prévio, as adaptações para a modalidade remota de ensino, até então nova para nós, tiveram que ser realizadas. Nos meses de maio a junho de 2020, período em que realizamos nossa pesquisa, compartilhamos das inseguranças de boa parte dos professores brasileiros, sobretudo no trato com aparatos tecnológicos que utilizamos para realizar as oficinas e registrar as emergências em nossa sala de aula virtual. Tivemos a preocupação especial de que os encontros não se limitassem à perspectiva instrumental e utilitarista das tecnologias e fossem permeadas de interações, questionamentos, reflexões, compartilhamento de descobertas entre os envolvidos e da sensação de imersão no processo. Nossos maiores desafios foram, sem dúvida, as maneiras de instigar a participação dos estudantes, possibilitar um diálogo agradável, confortável e afetivo entre os que estavam por trás das câmeras e propiciar o emergir das construções de sentido. Essas perspectivas, ao mesmo tempo que são desafiadoras, são necessárias para o favorecimento da aprendizagem. Desse modo, tanto a pesquisadora quando os estudantes, (re)aprenderam a partir das demandas externas, um novo jeito de olhar para o processo educativo.

Presenciamos, ao longo da pesquisa, problemas, em escala menor, que se passam por todo o Brasil. A exclusão social e educacional se mostrou cada vez mais evidente nesse momento, pois um grupo economicamente privilegiado de discentes, com computadores e acesso à Internet, puderam participar das aulas remotas, enquanto boa parte, com situação socioeconômica desfavorável, ficou de fora. Infelizmente, os Estados e municípios não conseguiram, em curto prazo, oferecer uma infraestrutura de segurança para o retorno das aulas presenciais, nem aparatos tecnológicos e acesso à rede aos estudantes que necessitam do ensino remoto. Segundo informações da Pnad-Covid do IBGE, divulgada pela *GloboNews* em 10 de setembro de 2020<sup>70</sup>, 5,7 milhões de estudantes – dentre os quais 4,3 milhões são negros, pardos e indígenas – ficaram sem atividade escolar em casa durante a pandemia. Os dados fazem parte de um levantamento

---

<sup>70</sup>Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/09/10/numero-de-estudantes-negros-pardos-e-indigenas-sem-atividade-escolar-durante-a-pandemia-e-quase-3-vezes-maior-que-de-brancos.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2020.

feito pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) e pela Rede de Pesquisa Solidária e mostram os impactos da COVID-19, sobretudo sendo potencializados pelas desigualdades sociais.

Essa reflexão complexa acerca de um problema sanitário interligado ao social levou Richard Horton, editor-chefe da revista científica *The Lancet*, a publicar um editorial intitulado *Offline: COVID-19 is not a pandemic*<sup>71</sup>, alegando que não estamos em uma pandemia, mas em uma *sindemia*. O termo não é novo, fora cunhado pelo médico e antropólogo americano Merrill Singer, na década de 1990, e traduz muito bem a situação em que vivemos em 2020. Para Horton (2020):

A agregação dessas doenças em um contexto de disparidade social e econômica exacerba os efeitos adversos de cada doença separada. COVID-19 não é uma pandemia. É uma sindemia. A natureza sindêmica da ameaça que enfrentamos significa que uma abordagem mais diferenciada é necessária se quisermos proteger a saúde de nossas comunidades (HORTON, 2020. p. 874, tradução nossa).

O autor completa sua ideia, mostrando a necessidade de um olhar interconectado entre políticas públicas que abranjam vários setores sociais, como o educacional, empregatício, habitacional, alimentício e ambiental, uma vez que não basta discutir e agir diante da doença considerando-a de maneira isolada, dentro do setor da saúde, pois seria uma visão bastante limitada acerca de um problema social tão amplo e complexo.

Outro preocupante problema está relacionado às limitações que muitos professores ainda apresentam com o uso das tecnologias (quando a elas têm acesso), uma vez que as possibilidades oferecidas para a realização do ensino remoto demandam o manuseio de aplicativos de reuniões, como o *Hangout Meet*, *Zoom* e similares, além de plataformas de atividades, como, por exemplo, o *Google Formulários* e o *Google Classroom*. As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – TDICs sempre foram aliadas dos educadores, mas muitos profissionais que não as utilizavam regularmente conseguiam realizar seu trabalho, porém, o quadro mudou e não se trata mais de uma opção, mas de uma necessidade de agora em diante.

Essas atribuições extras acabaram gerando uma sobrecarga de trabalho para alguns professores, demandando competência digital. Ferrari (2002) aborda essa competência como:

o conjunto de conhecimentos, aptidões, atitudes (incluindo, portanto, capacidades, estratégias, valores e consciência) que são necessários quando se utilizam as TIC e os meios digitais para realizar tarefas; resolver problemas; comunicar; gerir a informação; colaborar; criar e partilhar conteúdos; e construir conhecimentos de forma eficaz, eficiente, apropriada, crítica, criativa, autônoma, flexível, ética,

---

<sup>71</sup>Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32000-6/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32000-6/fulltext). Acesso em: out. 2020.

reflexiva para o trabalho, divertida, participativa, que envolve aprendizagem, socialização, consumo e capacitação (FERRARI, 2012, p. 3, tradução e adaptação nossa)<sup>72</sup>.

Diante de todas essas demandas e adaptações para os envolvidos no processo educacional, pensar em um bom aproveitamento acerca do que se aprende e se constrói de conhecimentos, nesse período, torna-se um desafio. De um lado, temos estudantes sem acesso aos recursos tecnológicos, do outro, vemos um comprometimento significativo no aproveitamento dos que assistem às aulas *on-line*. Além disso, o ensino a distância pode dificultar o acesso às impressões dos estudantes, a seus comportamentos durante as aulas e a seus desempenhos ao longo do processo, visto que muitos deles optam por desligarem câmeras e microfones, não participarem ativamente das aulas e até mesmo deixarem os aparelhos ligados e desviarem a atenção para outras atividades dentro de seu ambiente domiciliar. Os participantes também se sentem sobrecarregados, ao passarem horas seguidas de aulas remotas, o que as tornam cansativas para os estudantes. Alves (2020) faz uma reflexão sobre como esse processo está acontecendo:

o processo que deveria ser prazeroso e rico, torna-se estressante, desgastante e frustrante para os sujeitos do processo de ensinar e aprender. [...] E como engajá-los? Uma certeza nós temos, não é passando e corrigindo tarefas, usando uma plataforma como o *Google Meet*, por exemplo, que vamos motivar os nossos estudantes neste momento de confusão e incerteza. As atividades devem desafiar os alunos para que possam criar, se autorizar, participar e interagir com seus professores e pares, pensando e discutindo o momento que estão vivendo, escutando-os (ALVES, 2020, p. 360).

No último trimestre de 2020, os encaminhamentos para o retorno das atividades presenciais estão em andamento. Até o mês de outubro de 2020, um Plano de Retomada está sendo discutido pelo Comitê Consultivo Estadual, representado por 16 órgãos e entidades, considerando os dados epidemiológicos em cada município, além de questões logísticas, como o transporte escolar, a situação das escolas em proporcionar o distanciamento físico e as possibilidades de oferecer aos estudantes as condições de higiene necessárias. As escolas, seguindo as orientações nacionais e estaduais, também elaboram documentos consultivos aos

---

<sup>72</sup> No original: “*Digital Competence is the set of knowledge, skills, attitudes (thus including abilities, strategies, values and awareness) that are required when using ICT and digital media to perform tasks; solve problems; communicate; manage information; collaborate; create and share content; and build knowledge effectively, efficiently, appropriately, critically, creatively, autonomously, flexibly, ethically, reflectively for work, leisure, participation, learning, socialising, consuming, and empowerment*”.

país e se preparam para a retomada das atividades, porém ainda sem datas previstas, como é o caso da escola onde realizamos nossa pesquisa.

Algumas preocupações rodeiam esse cenário de incertezas, segundo o Parecer do Conselho Nacional de Educação, publicado no mês de abril de 2020, a suspensão das atividades escolares presenciais por um longo tempo pode ocasionar consequências, como: a dificuldade para reposição de forma presencial das aulas suspensas ao final do período de isolamento social; o comprometimento do calendário escolar de 2021 e, eventualmente, de 2022; os retrocessos no processo educacional e na aprendizagem dos estudantes impossibilitados de ter acesso às atividades educacionais regulares; os danos estruturais e sociais para estudantes e famílias de baixa renda; os problemas familiares, como *stress* e o aumento dos casos de violência doméstica; além do abandono e aumento da evasão escolar.

É nesse cenário que “pousa” a nossa pesquisa, na tentativa de resistir às intempéries externas, forçar o sistema, por meio de construções conjuntas que despertam para o processo de criticidade leitora com estudantes e procuram promover um diálogo esperançoso em meio a uma turma de ensino médio que está há meses enfrentando mudanças bruscas em suas rotinas educacionais. Como nosso estudo está teoricamente embasado no campo da Linguística Textual e se dá por meio de atividades de leitura, faremos, a seguir, um percurso por essa ciência do texto e seus impactos na aprendizagem.

## **2.5 Uma breve retrospectiva da Linguística Textual e suas contribuições para a aprendizagem mediada pela leitura**

Para falarmos sobre pistas (con)textuais e a construção de sentidos na leitura de *fake news*, é importante compreendermos sobre as abordagens contemporâneas da Linguística Textual dentro das concepções de texto e suas interfaces para o ensino. É necessário também remontarmos para a sua história e seus avanços até os dias de hoje. A trajetória da Linguística Textual ajuda-nos a compreender por quais passagens o ensino caminhou e que resquícios ainda permanecem, mesmo com todos os avanços dessa ciência.

Os estudos em Linguística Textual têm início na Alemanha, na década de 1960, como resultado de uma necessidade de maiores investigações de base teórico-metodológicas para o fenômeno textual, que se restringiam às análises superficiais da sua materialidade. Koch (2013) faz uma retrospectiva das primeiras reflexões sobre conceitos textuais, partindo de Cosériu (1955), que iniciou as pesquisas nessa ciência que começa a ganhar definições mais específicas com Weinrich (1966; 1967), dando partida a discussões voltadas para a teoria da

frase ou análise transfrástica, passando pelas tentativas de formular uma gramática textual, como a postulada por Petófi (1974), e pelas contribuições de van Dijk (1972), chegando até às atuais teorias do texto.

A autora detalha que o principal avanço que mais se aproximou do pensamento atual da LT tem início com a inserção da perspectiva semântica com as quatro macrorregras de coerência textual<sup>73</sup> em Charolles (1978) e posteriormente a inserção de mais uma metarregra, a de macroestrutura, de Charolles (1979), pensada por van Dijk. Em seguida, com a virada pragmática<sup>74</sup>, insere-se a cognição e o conceito da intencionalidade pragmática em Isenberg (1975), denominada de “macroato de fala”, nos estudos de van Dijk (1982). Esse momento teórico conduz à virada cognitivista, agregando seus estudos aos de Beaugrande & Dressler (1981), até as teorias atuais da LT em que se destacam os estudos sociocognitivos-interacionistas com Salomão (1999), Marcuschi (2007; 2008) e Koch (2013).

O texto já foi definido de diversas maneiras até chegarmos à conceituação mais recente e aceita dentro da comunidade científica. Koch (2013) também discorre sobre os conceitos de texto ao longo dos estudos da LT, que inicialmente era visto como: “frase complexa ou signo linguístico primário” (HARTMANN, 1968); “cadeia de prominalizações ininterruptas” (HARWEG, 1968); “sequência coerente de enunciados” (ISENBERG, 1971); “cadeia de pressuposições” (BELLERT, 1970). (KOCH, 2013, p. 3).

Além dessas definições, a autora segue elencando a evolução dos conceitos, como: “componente verbalmente enunciado de um ato de comunicação pertinente a um jogo de atuação comunicativa” (SCHMIDT, 1978, p. 70); macroato de fala ou ato de fala complexo (VAN DIJK, 1980); até conceitos mais recentes como o de processo que mobiliza operações e processos cognitivos (BEAUGRANDE; DRESSLER, 1981) e lugar de interação entre atores sociais e de construção interacional de sentido (KOCH, 2013).

As teorias textuais foram acompanhando o processo de ensino de língua ao longo do tempo e, a partir delas, podemos associar posturas e concepções de leitura e ensino para cada momento. O texto sendo visto a partir de um olhar estruturalista transfrástico, como produto

---

<sup>73</sup> “1) repetição – para que um texto possa ser considerado coerente, ele deve conter, em seu desenvolvimento linear, elementos de recorrência estrita; 2) progressão – para ser coerente, deve haver no texto uma contribuição semântica permanentemente renovada, pelo contínuo acréscimo de novos conteúdos; 3) não contradição – para que um texto seja coerente, é preciso que, no seu desenvolvimento, não se introduza nenhum elemento semântico que contradiga um conteúdo posto ou pressuposto por uma ocorrência anterior, ou dedutível dela por inferência; 4) relação – um texto será coerente se todos os seus enunciados – e os fatos que denotam no mundo nele representado – estiverem, de alguma forma, relacionados entre si”. (CHAROLLES, 1978 *apud* KOCH, 2013, p. 10).

<sup>74</sup> “os textos deixam de ser vistos como produtos acabados, que devem ser analisados sintática ou semanticamente, passando a ser considerados elementos constitutivos de uma atividade complexa, como instrumento de realização de intenções comunicativas e sociais do falante” (HEINEMANN, 1992 *apud* KOCH, 2013, p. 14).

pronto e acabado, denota um sentido único baseado na leitura decodificadora, ou seja, preocupada com o reconhecimento imediato dos sinais linguísticos. Nessa concepção, temos a produção textual pensada de maneira a colocar o pensamento em forma de linguagem e seguir as regras impostas pela gramática tradicional. A unidade básica de análise nesse contexto é a palavra e conseqüentemente como principais atividades de ensino, a classificação de palavras e a análise lógica.

Já o texto sendo visto como um modelo a ser seguido leva também à interpretação de um sentido único, a uma leitura superficial, voltada para o reconhecimento do código de comunicação e elementos do texto. Logo, a produção textual acaba por seguir os modelos já existentes, baseados nas tipologias textuais: narração, descrição, dissertação e na unidade básica de análise, a frase. Assim, há fortes tendências a um ensino baseado nas ações de seguir os modelos preestabelecidos; preencher lacunas; repetir e treinar, centrado, portanto, nas estruturas da língua.

Na concepção sociocognitiva e mais moderna de texto, ele é visto como o próprio lugar da interação, com sentido polissêmico, explorado na profundidade de sua materialidade, uma vez que, sob esse viés, recorremos a processos inferenciais e tomamos a leitura como compreensão, ou seja, a relação que o texto estabelece com os diversos contextos que o cercam, co-produzindo sentidos. Dessa forma, a produção textual é conduzida com o propósito de interagir com os demais sujeitos, a partir de reais necessidades, com finalidade, interlocutores e gênero discursivo definidos, apresentando como sua unidade básica de análise o próprio texto. Seguindo essa perspectiva, as atividades de aprendizagem são baseadas na leitura; produção de textos (fundamentadas nos gêneros discursivos); análise linguística; oralidade; e reflexão social.

Costa (2010) aproxima as teorias dialógicas bakhtinianas da cognição situada e tece discussões acerca da aprendizagem como um processo que pode ser potencializado por meio da condução de práticas pedagógicas capazes de instigar o desenvolvimento de competências e habilidades leitoras cada vez mais próximas à realidade. Para autora, a visão de linguagem que conduz a esse pensamento é um desafio ao tradicional conceito de ensino, que ainda carrega fortes ligações instrucionistas. Quando falamos em processos de aprendizagem, essas visões de linguagem e texto convergem para uma aprendizagem situada. Para Costa (2010):

Ao invés de impor o ensino antecipado de um “pacote” de regras, o trabalho pedagógico com a língua, para seguir uma orientação mais compatível com essa concepção de linguagem, deve promover atividades sociais autênticas, durante as quais os gêneros poderão fluir mais naturalmente. Como consequência, os alunos serão impulsionados a usá-los de modo adequado, o que resultará em um maior envolvimento com a tarefa e em uma aprendizagem mais efetiva (COSTA, 2010, p. 164).



Nessa perspectiva, vemos a leitura e a aprendizagem a partir da visão complexa de texto, que permite progressos para seus leitores, uma vez que o ensino tradicional, baseado estritamente na análise de elementos transfrásticos, já não cabe na amplitude complexa demandada pelo avanço do mundo moderno. Para Marcuschi (2012, p. 16), esse modelo de ensino baseado apenas na análise gramatical “dispõe, porém, de um dogma de fé: o texto é uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase. E uma certeza: a gramática de frase não dá conta do texto”. A perspectiva de “texto como evento comunicativo” em Beaugrande (1997) o trata como um artefato concebido por uma multissérie de elementos intrincados de forma dinâmica, emergente e situada. Para o autor, trata-se de um evento, para o qual “convergem elementos de natureza linguística, cognitiva e social” (BEAUGRANDE, 1997 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 72), além de contar com contexto emergente e situado, é artefato que abarca conhecimentos, motivações sobre a língua e motivações de mundo. Para Marcuschi (2008):

[...] o trabalho com a língua portuguesa, na perspectiva de uma LT, teria de se ocupar com algo a mais do que o ensino e aprendizagem de regras ou normas de boa formação de sequências linguísticas. Trata-se de um estudo em que se privilegia a variada produção e suas contextualizações na vida diária (MARCUSCHI, 2008, p. 76).

Em se tratando de leitura, o trabalho se filia ao conceito de “fenômeno que compreende inúmeras possibilidades de interações e indeterminações” (FRANCO, 2011, p. 41), “um sistema aberto [cujos] elementos se transformam ao longo do tempo” (FRANCO, 2011, p. 20). Dessa forma, a língua é vista como um Sistema Adaptativo Complexo (SAC), dentro de uma perspectiva epistemológica complexa e ecológica. Assim, a complexidade do sistema de leitura é justificada pela existência de múltiplos agentes [...] que se inter-relacionam durante o ato de ler (FRANCO, 2011, p. 41).

Por isso, tendo em vista que “um texto não seria algo objetivo e prévio, mas ele se constitui em cada leitor durante o processo de leitura” (PELLANDA, 2005, p. 55), na próxima subseção, discorreremos sobre as intencionalidades que permeiam esse evento, uma vez que os textos trazem propósitos comunicativos, mesmo não havendo garantias para alcançá-los. Discutir esse pensamento nos propicia a continuidade de construção de um caminho de pistas para investigar o fenômeno das *fake news* nos processos de textualização.

## 2.6 Intencionalidade e projeto de dizer em *fake news*

Durante muito tempo, a atenção da Linguística Textual estava voltada para a separação conceitual do que era texto e do que não era. Em Beaugrande e Dressler (1981), os autores apresentavam critérios para a classificação de textos, por meio de fatores de textualidade. Com o avanço dos estudos, essa discussão foi superada dando lugar a ideia de textualização, voltando-se para o texto de forma mais dinâmica e processual. Em Beaugrande (1997), os autores apresentam esses fatores como princípios de textualização, cuja funcionalidade está associada a contextualizações primordiais para a construção de sentidos, são eles: situacionalidade, informatividade, intertextualidade, intencionalidade e aceitabilidade, de natureza social e pragmática, orientados pelas linhas de coesão textual e coerência, de natureza linguística.

Cada princípio carrega em si um arcabouço de análises na esfera material e imaterial do texto. Para o autor, esses conceitos científicos devem ser amplos o suficiente para cobrir todos os tipos de textos, sem deixar de lado diferenças relevantes. Devem também ser capazes de atingir nossos próprios objetivos cognitivos e sociais, além de nos ajudar a fazer múltiplas conexões, dentro de um texto e entre um texto e os contextos, além de contribuir com o conjunto de escolhas lexicais, as quais envolvem crenças, e determinar quais conexões são relevantes, para Beaugrande (1997):

52. Esses sete "princípios de textualidade - coesão, coerência, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade - demonstram como todo texto é ricamente "conectado ao seu conhecimento de mundo e da sociedade" [...] eles designam os principais modos de conexão e não (como alguns estudos sumariam) as características linguísticas dos artefatos de texto nem a fronteira entre "textos" versus "não textos" (ef. II. 106ff, 110). Os princípios se aplicam sempre que um artefato é textualizado, mesmo que alguém julgue os resultados como 'incoerentes', 'não intencionais', 'inaceitáveis' e assim por diante. Tais julgamentos indicam que o texto não é apropriado (adequado para a ocasião); mas ainda é um texto. Geralmente, distúrbios ou irregularidades são descontados ou, na pior das hipóteses, interpretados como sinais de espontaneidade, estresse, sobrecarga, ignorância etc., e não como perda ou negação da textualidade (BEAUGRANDE, 1997, p. 15, tradução nossa).<sup>75</sup>

<sup>75</sup> No original: "52. These seven 'principles of textuality- cohesion, coherence, acceptability, informativity, situationality, and intertextuality- demonstrate how richly every text is 'connected to your knowledge of world and society, even a telephone directory. Since the appearance of the Introduction to Text Linguistics in 1981, which used these principles as its framework, we need to emphasize that they designate the major modes of connectedness and not (as some studies as-sumed) the linguistic features of text-artifacts nor the borderline between 'texts versus 'non-texts' (ef. II. 106ff, 110). The principles apply wherever an artifact is textualized, even if someone judges the results 'incoherent', 'unintentional', 'unacceptable', and so on. Such judgements indicate that the text is not appropriate (suitable to the occasion), 9oal) (1.21); but it is still a text. Usually, disturbances or irregularities are discounted or at worst construed as signals of spontaneity, stress, overload, ignorance, and so on and not as a loss or a denial of textuality".

Para detalhar esses princípios, começamos pela coesão, relacionada aos elementos que ligam as partes do texto, ou seja, ao domínio linguístico de conectores, adequados para cumprir os seus propósitos comunicativos, pistas para se chegar ao sentido esperado. A coesão pode ser categorizada por fatores, como: referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical<sup>76</sup>. Essa classificação foi dada por Halliday e Hasan (1976) e revista por Vilela e Koch (2001). Para Marcuschi (2005), “A rigor, pode-se dizer que o segredo da coesão textual está precisamente na habilidade demonstrada em fazer essa ‘costura’ ou tessitura das sequências tipológicas como uma armação de base, ou seja, uma malha infraestrutural do texto.” (MARCUSCHI, 2005, p. 27).

Para Beaugrande e Dressler (1981), a coerência resulta de processos cognitivos entre os usuários e os textos. Para Koch e Travaglia (1995), o estabelecimento da coerência depende dos elementos linguísticos; do conhecimento de mundo; e dos fatores pragmáticos. Os elementos linguísticos ou o co-texto nos dão pistas para ativação de conhecimentos prévios armazenados na memória e permitem que sejam feitas inferências necessárias para a construção da coerência.

Os conhecimentos de mundo que medeiam a produção de sentidos estão armazenados nas memórias semântica e episódica em forma de estruturas cognitivas, modelos mentais ou cenários. Esses modelos são caracterizados como “estruturas complexas de conhecimentos que representam as experiências que vivenciamos em sociedade e servem de base aos processos conceituais” (KOCH, 2013, p. 23), os quais são: frames, scripts, esquemas e planos<sup>77</sup>. A coerência consiste em um princípio de interpretabilidade do texto que vai além da sua materialidade, envolvendo a cognição, a interação e os fatores de ordem linguística. “É algo que se articula pela interação, num processo de construção mútua, pelas relações estabelecidas

---

<sup>76</sup> “Referência, quando um elemento do texto remete a outro, necessário a sua interpretação; pode ser pessoal, demonstrativa ou comparativa; Substituição, quando um elemento do texto é colocado no lugar de outro, para evitar repetição; pode ser nominal, verbal ou frasal; Elipse, quando um elemento do texto é substituído por zero e, assim, como a classificação anterior, pode ser nominal, verbal ou frasal; Conjunção, quando se estabelecem relações semânticas entre elementos ou orações do texto; pode ser aditiva, adversativa, causal, temporal ou continuativa; Coesão lexical, quando um elemento lexical substitui um outro elemento lexical do texto, numa relação ou de “repetição” ou de contigüidade semântica; por isso pode ser por reiteração ou por colocação” (VILELA; KOCH, 2001, p. 474).

<sup>77</sup> “Os **frames**, segundo Beaugrande e Dressler (1981), ‘são modelos globais que contém o conhecimento do senso comum sobre um conceito central (natal, batizado, casamento, júri)’; [...] Os **scripts**, segundo Beaugrande (1980), são ‘planos estabilizados, utilizados ou invocados com muita frequência para especificar os papéis dos participantes e as ações esperadas’. Os **esquemas** diferem dos frames porque ‘são modelos cujos elementos são ordenados numa progressão’ (um exemplo são as super estruturas ou esquemas textuais). [...] **Planos** são ‘modelos globais de acontecimentos e estados que conduzem a uma meta pretendida, além de terem todos os elementos numa ordem previsível, levam a um fim planejado’ (Ex: um texto de instruções para montagem de um aparelho)”. (SANTOS, 2018, p. 51).

e percebidas pelos falantes" (AQUINO, 1991, p. 85). Para Antunes (2009), a coerência diz respeito a:

Construir um texto, capaz de funcionar sociocomunicativamente num contexto específico, uma operação de natureza também lexical e gramatical. Quer dizer, não se pode escolher aleatoriamente as palavras nem arrumá-las de qualquer jeito; nem tampouco optar por qualquer sequência de frases (ANTUNES, 2009, p. 93).

Marcuschi (1983, p. 52) afirma que “a coerência tem muita importância na compreensão de textos porque, ao contrário da coesão, é um processo mais global, mais profundo e também responsável pela formação de sentidos”. Para Koch (1987, p. 5), a coerência é um processo de construção de sentidos e “um texto não é coerente ou incoerente enquanto texto, mas é coerente para alguém em uma situação específica”.

Já a intencionalidade inclui o que os autores de texto pretendem dizer, alcançar, de acordo com Florêncio *et al.* (2009):

não há, pois, discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz, a partir de um lugar social, de uma perspectiva ideológica e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo que representa os lugares sociais que ocupa. (FLORÊNCIO *et al.*, 2009, p. 25-26).

Beaugrande (1997) define os demais da seguinte maneira: a aceitabilidade inclui o que os receptores de texto se comprometem a fazer ao aceitar, entender, considerar, reagir a algo como texto, que pode ser desacreditado ou negado, mas aceito como texto; a situacionalidade ocorre quando há a conexão do evento textual à situação em que ele ocorre; a intertextualidade conecta a ocasião atual de produção ou recebimento do texto à experiência anterior com outros textos; e, por último, a informatividade revela o grau em que o conhecimento que o texto torna acessível se ajusta ao seu conhecimento anterior.

Entendemos que, no processo de textualização, não há uma separação entre texto e contexto, uma vez que essas duas instâncias são indissociáveis. Na proposta de Hanks (2008), fica clara essa ligação a partir de duas dimensões: a emergência e a incorporação. Podemos entender o campo da emergência ligado a aspectos linguísticos e/ou de outras naturezas semióticas, os quais surgem no curso da interação e que, recursivamente, vão se reconstruindo na incorporação de aspectos contextuais que ocorrem a partir de enquadres sócio-históricos que os interactantes projetam durante a construção de sentidos.

Em se tratando de reconhecer informações falsas, faz-se necessária a discussão acerca desses princípios de textualização, apontados por Beaugrande (1997), principalmente o

princípio da aceitabilidade, que parte de quem lê, e o da intencionalidade, que parte de quem publica, além das escolhas lexicais e expressões referenciais que conduzem a categorizações/conclusões mais conscientes. O desenvolvimento dessas habilidades, aliado ao debate de ideias (na esfera contextual) contribui para a preparação de cidadãos capazes de reconhecerem, discernirem e não passarem adiante discursos manipuladores perigosos. As publicações falsas podem estar a serviço de ideologias como as dos que detêm o poder, do capitalismo ou de grupos políticos ou religiosos. O projeto de dizer, então, influencia diretamente a vida cotidiana de forma a prejudicar a autonomia dos cidadãos.

Conforme vimos, Beaugrande (1997) considera a intencionalidade como um princípio de textualização voltado para o que os produtores de texto pretendem dizer e alcançar. Quando o assunto em questão é *fake news*, é importante entendermos em que se baseiam e se orquestram as questões contextuais que incidem diretamente na materialidade do texto.

Na esfera da intencionalidade e aceitabilidade, é possível ligarmos esses conceitos a dois grupos ativos nesse processo: o grupo que produz as notícias falsas (grupo I) à intencionalidade, e o público que recebe essas notícias e as compartilha (grupo II) à aceitabilidade. No campo de nossas pressuposições, é possível pensarmos que o primeiro grupo é consciente de que o conteúdo é falso e o elabora, mesmo sem grandes cuidados, com intenções, muitas vezes, maliciosas e prejudiciais, visando atingir outro público com um objetivo específico. Esse grupo pode trabalhar a serviço de empresas, partidos e várias instituições, mas também pode realizá-lo a pedido de grandes corporações ou iniciativas individuais, já que qualquer pessoa pode produzir uma *fake news*, mesmo com conhecimentos midiáticos e computacionais elementares.

O outro grupo é composto por pessoas que repassam a mensagem, aceitam seu conteúdo, com as mais variadas intenções, inclusive ilusoriamente benéficas. Essas pessoas acabam compartilhando as publicações produzidas pelo grupo I. Nele, ainda existem pessoas, com certo grau de esclarecimento, que compartilham essas publicações, com objetivos que corroboram aqueles que as produzem. Inseridos nesse pensamento, ainda há uma parcela de indivíduos que segue compartilhando informações a fim de dar credibilidade à fonte que compartilhou, sem se preocupar em ir ao texto original e checar, seja por comodismo seja por confiança demasiada na fonte.

Esse falseamento de informações atinge, desde muito tempo, o campo científico, conforme foi debatido ao longo das oficinas. Japiassu (2000) tece uma discussão, resgatando princípios de ordem filosófica profunda acerca do ceticismo relativista, os conceitos de verdade científica e seus critérios de validação metodológica ao longo dos anos. Assim, a ciência, para

o autor, é *autônoma* por seu método e *objetiva* por seus resultados, fornecendo-nos uma construção da realidade a partir de verdades aproximadas, provisórias e sempre revisáveis. Os estudos científicos, com seus métodos e constatações, são sempre mais sólidos que uma opinião, que um desejo ou uma convicção. Por isso, merecem credibilidade, pois são verdadeiros, tendo em vista que “[...] a atitude científica se apresenta como antidogmática e sempre disposta a reconhecer seus erros”. (JAPIASSU, 2000, p. 16-17).

O autor menciona também a experiência de Albert Einstein ao estudar e criar sua teoria da relatividade, tirando de pauta algumas das crenças ceticistas relativistas, mostrando como a ciência trata seus objetos de estudo:

A teoria da relatividade, por exemplo, não descobriu que a verdade depende do ponto de vista do observador. Pelo contrário, descobriu que as leis da física são elaboradas de tal maneira que valem para todos os observadores, qualquer que seja seu movimento ou sua posição. Sua significação fundamental: os valores considerados como os mais elevados na ciência são independentes do ponto de vista. (JAPIASSU, 2020, p. 121).

Maturana (2001) reforça a ideia quando afirma:

a) que o método científico, seja pela verificação, pela confirmação, ou pela negação da falseabilidade, revela, ou pelo menos conota, uma realidade objetiva que existe independentemente do que os observadores fazem ou desejam, ainda que não possa ser totalmente conhecida; b) que a validade das explicações e afirmações científicas se baseia em sua conexão com tal realidade objetiva (MATURANA, 2001, p. 125).

Para o autor, a ciência está em um processo de constantes construções, em uma busca incessante pela verdade, independentemente de dogmas, moralismos, crenças religiosas ou paixões políticas, podendo ser explicado em seu contexto validativo (métodos) para explicar os fatos. Essas visões teóricas guiarão nossos debates nas oficinas e posteriormente em nossa análise.

Partindo desse raciocínio, trazemos na próxima seção, discussões sobre os processos de construção de sentidos, que estão a todo momento acontecendo na linguagem e (re)construindo realidades a partir das interações dos falantes. Em consonância com nossos objetivos de pesquisa, priorizamos categorias que nos guiarão na compreensão dos processos que permitem o reconhecimento de pistas contextuais e conduzem a construção de referentes em meio às constantes inferenciações co-construídas e nas categorizações/recategorizações em fatos ou inverdades.

## 2.7 As pistas (con)textuais nos processos de referenciação, inferenciação e categorização

Com a virada pragmática, protagonizada por van Dijk e a inserção de modelos cognitivos no processamento textual, aspectos que vão além da sua materialidade, passaram a ser considerados. Nesse contexto, para Bentes (2006, p. 251), “o âmbito da investigação se estende do texto ao contexto, esse último é entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos”. É importante ressaltar que a análise cognitiva clássica considerava apenas os processos intra-mentais; ao chegarmos à perspectiva sociocognitivista, a visão social e de construção conjunta passa a ser considerada.

Tomando como base o conceito beaugrandiano de que o texto é um evento, temos, na materialidade e fora dela, inúmeras pistas para a construção do sentido, como: o projeto de dizer e as intencionalidades do autor; as vivências, a cultura e a comunidade de fala dos leitores e seus diferentes processamentos cognitivos; o tempo e o espaço em que ocorre a materialidade textual; bem como as abordagens as quais a linguagem e leitura são submetidas – se decodificadora, frasal ou complexa, multifacetada, com diversas possibilidades de construções significativas articuladas a partir da perspectiva sociocognitivista. Em nossa pesquisa, comungamos das premissas reflexivas de Koch (1999):

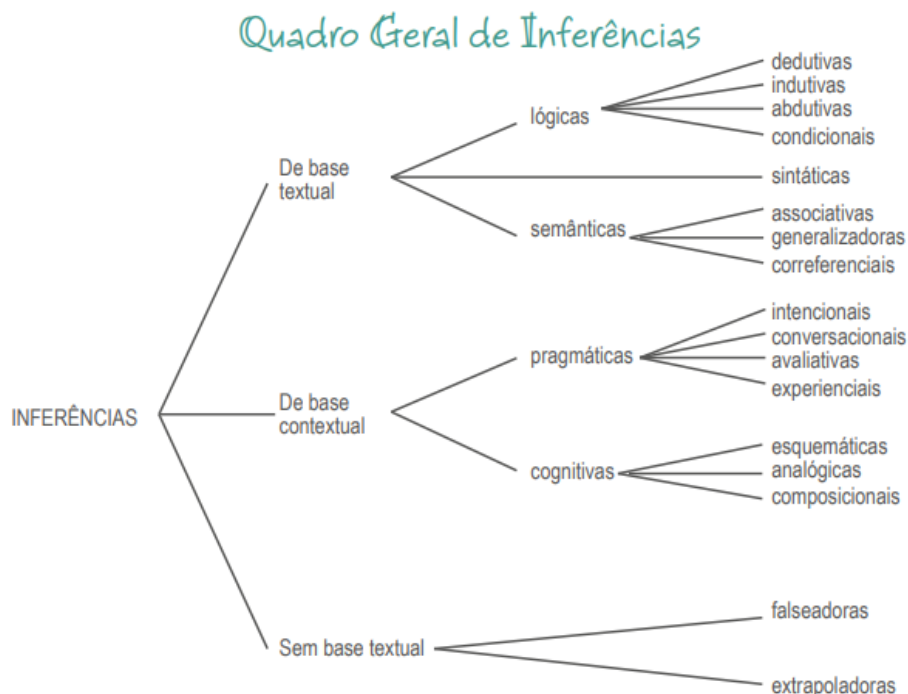
Constitui o fundamento desta reflexão uma concepção sócio-interacional de linguagem, vista, pois, como lugar de “inter-ação” entre sujeitos sociais, isto é, de sujeitos ativos, empenhados em uma atividade sociocomunicativa. Esta atividade compreende, da parte do produtor do texto, um “projeto de dizer”; e, da parte do interpretador (leitor/ ouvinte), uma participação ativa na construção do sentido, através da mobilização do contexto (em sentido amplo), a partir das pistas e sinalizações que o texto lhe oferece. (KOCH, 1999, p. 16).

Os elementos que vão além da materialidade textual ajudam-nos a tecer o sentido geral do texto, contribuindo para a construção de sentidos. O contexto leva-nos a entender os pontos não explícitos, mas que fazem parte de um propósito comunicativo mais amplo. No contexto, podemos encontrar, dentre inúmeras questões, informações norteadoras, como: a autoria, o perfil de escrita e o projeto de dizer ao qual tal perfil se filia para defender suas ideias; a época em que o texto foi produzido e que fatores temporais influenciam na sua materialidade; o local onde o texto foi produzido e publicado e as características carregadas pela cultura local na tessitura textual; o propósito comunicativo da produção; o público alvo e com que objetivos (revelados, possíveis de encontrar ou não) a escrita foi pensada, bem como os graus de formalidade e as escolhas lexicais presentes no texto. Todos esses elementos servem de pistas para uma análise mais detalhada do processo textual.

Em nossas abordagens teóricas, distanciamos-nos dos conceitos de linguagem apenas como representação do pensamento e da realidade. Os falantes estão a todo momento e de várias maneiras diferentes recriando realidades por meio de suas interações. Marcuschi (2007) discorre sobre a relação entre cognição, linguagem e produção de sentidos focando nas interligações entre as três atividades – referenciação, inferenciação e categorização, que são realizadas a todo momento para construir a compreensão sobre o mundo.

Como o texto é formado por elementos explícitos (predominantemente na materialidade) e implícitos (no contexto), por esse motivo, faz-se importante o uso de estratégias inferenciais<sup>78</sup> que contribuam para a sua compreensão e de seus elementos internos e externos. Marcuschi (2011) mostra também a importância das inferências e propõe uma classificação a partir da sua origem:

**Figura 2 – Quadro Geral de Inferências**



Fonte: Marcuschi (2011, p. 96).

<sup>78</sup> “Inferência é o resultado de uma estratégia cognitiva cujo produto final é a obtenção de uma informação que não está totalmente explícita no texto. [...] Inferir não é mais do que fazer emergir informação adicional a partir daquela que é disponibilizada ao leitor através do texto base. Portanto, inferir é suplementar informação não verbalizada no texto. Embora haja uma variedade de definições, é importante observar que todas elas se referem a duas características básicas das inferências que são: 1. O acréscimo de informação ao texto 2. A conexão de partes do texto com o objectivo de preencher lacunas de sentido”. (SANTOS, 2008, p. 65).



Esses processos inferenciais (em especial, os de base textual e contextual, presentes em nossas análises) são muito importantes em nossa pesquisa, uma vez que estamos lidando com publicações a serem investigadas a partir do modo como os participantes realizam inferências e assim categorizam as informações em fato ou *fake news*. Vale ressaltar que os processos aqui elencados nesta seção (atividades de referenciação, inferenciação e categorização) não se desassociam, mas detalhamos aqui separadamente por questões didáticas.

Os processos referenciais merecem destaque na nossa perspectiva de investigação. Logo, é importante sermos norteados por um conceito reflexivo e coerente de referência que comungue com o projeto de estudo em questão. Por isso, recorreremos a Costa (2007), que trata o processo a partir de uma revisão de estudiosos da área e traz uma visão condizente com as teorias textuais elencadas neste estudo:

as concepções tradicionais de linguagem, – simbólica e referencialista, segundo a terminologia de Rodrigues (1996) – com sua boa dose de objetivismo, levam sempre a uma noção estática de referência. [...] Já quando vemos a linguagem a partir da perspectiva pragmático-discursiva – ou interlocutiva, de acordo com a classificação de Rodrigues (1996) – consideramos que ela se constrói nas atividades sociais, isto é, na “relação de troca de discursos entre homens situados no espaço específico da interlocução” (RODRIGUES, 1996, p. 15). (COSTA, 2007, p. 63).

Precisamos dizer que essa discussão desenvolvida por Costa (2007) tem como base estudos seminais da referenciação, como os de Mondada e Dubois, (2003); Marcuschi(1983); e Koch *et al.* (2005); e estão em consenso com trabalhos como os de Koch e Elias (2010); Koch (2014); Cavalcante (2011; 2012; 2013); e Cavalcante *et al.* (2014).

No tocante à atuação dos processos referenciais na construção da coerência textual, há, segundo Koch (2013), Marcuschi (2005) e Cavalcante (2011; 2012), quatro possibilidades, que são: (1) construção (ativação) ou introdução referencial, (2) reconstrução (reativação) ou anáforas, (3) dêixis e (4) desfocalização<sup>79</sup>. Por outro lado, Marcuschi (2000) afirma que a referência é construída por meio de processos de inferência, os quais ficam sinalizados por uma série de fenômenos:

---

<sup>79</sup> “**Construção (ativação) ou introdução referencial:** quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto. [...] **Reconstrução (retomada) ou anáforas:** ocorre quando um objeto já presente no texto é reintroduzido na memória operacional por meio de uma forma referencial, de modo que o objeto de discurso permaneça em foco. [...] **Dêixis:** tanto nos processos de introdução referencial/ativação, quanto nos processos anafóricos/reativação, Cavalcante (2014), observa que pode ocorrer a dêixis. Tal estratégia discursiva é normalmente classificada e descrita a partir da menção de elementos dêiticos (eu, você, aqui, ali, ontem, etc.), que mudam de referente em função da perspectiva que o falante toma no ato da enunciação (CAVALCANTE, 2011). [...] **Desfocalização ou destivação:** ocorre quando um novo objeto de discurso é introduzido e este passa a ocupar a posição focal.” (SIPPERT *et al.*, 2016, p. 05-06).

- a. elipses (não importa o fenómeno elidido)
- b. sequências anafóricas (incluídas aqui as pronominais e nominais)
- c. dêixis (dêiticos dos mais variados tipos, em especial de tempo e espaço)
- d. hponímia/hiperonímia (em especial nos casos de seqüenciação tópica)
- e. relações sinonímicas (especialmente as pragmaticamente fundadas)
- f. relações antonímicas (como forma de retomada e continuidade textual)
- g. nominalizações rotuladoras (em especial as que assumem força ilocutória)
- h. associações (as denominadas anáforas associativas)
- i. analogias (relações de carácter mais tipicamente cultural e não lógico)
- j. metaforizações (como um processo de criação de universos referenciais)
- k. cadeias causais (sobretudo quando os elos não estão enunciados)
- l. cadeias conectivas (muitas vezes etimemicamente realizadas)
- m. usos metafóricos e metonímicos, entre outros (MARCUSCHI, 2000, p. 28).

Esses fenómenos apontam para a visão de linguagem como uma negociação, uma vez que são necessários conhecimentos específicos para inferir, sobretudo provenientes de experiências e momentos de interação colaborativa. Para deixar mais clara a perspectiva de estudiosos da área acerca dos principais processos referenciais, Sippert *et al.* (2016, p. 6), no Quadro 1 a seguir, fazem uma compilação:

**Quadro 1 – Principais processos referenciais**

<b>Construção (ativação) ou Introdução referencial</b>	Koch (2004; 2014); Cavalcante (2011; 2012)	Apresentação de novo referente sem contexto prévio		
<b>Reconstrução (reativação) Anáfora</b>	Koch (2004; 2014); Cavalcante (2011; 2012)	Retomada de um referente	Direta	Manutenção do referente
			Indireta	Referente novo ancorado no co-texto ou no contexto
			Encapsuladora	Resumo de uma porção textual com possíveis acréscimos contextuais
<b>Dêixis</b>	Cavalcante (2011; 2012)	Expressões referenciais que só podem ser plenamente entendidas se o interlocutor souber algumas “coordenadas” do enunciador		
<b>Desfocalização</b>	Koch (2004; 2014); Cavalcante (2011; 2012)	Novo objeto-de-discurso, que passa a ocupar a posição focal, enquanto que o objeto retirado de foco permanece em estado de ativação parcial  (standby).		

Fonte: Sippert *et al.* (2016, p. 6).

Marcuschi (2000) também discute o processo de categorização que pretende, segundo ele, algo impossível, que é mapear cognitivamente as estruturas do real. Conforme argumenta, quando se entende a linguagem de maneira dinâmica e construída na interação, é possível ver que as categorizações também são construtos sociais de grande plasticidade, logo, também se trata de uma atividade interativa. Para Marcuschi (2007, p. 89), “não existem categorias naturais, porque não existe um mundo naturalmente categorizado”, o que nos remete ao fato de que a construção dos sentidos se dá a partir dos processos sociocognitivos, das articulações inferenciais de maneira implícita ou explícita que configuram modos de ordenar nossas experiências através de imagens social e linguisticamente criadas.

Entender esses processos ajuda-nos a apurar o olhar, contribuindo com uma melhor compreensão acerca das pistas, que podem emergir nos textos e nos sugerir caminhos mais gerais na construção de sentidos. No entanto, vale lembrar que neste trabalho realizamos uma análise de como os processos de textualização (referenciação, inferenciação e (re)categorização) emergiram ao longo da pesquisa. Por essa razão, não nos deteremos a mapeamentos pormenorizados, como os apresentados nas ilustrações anteriores, durante o percurso de análise das oficinas.

Tomando por base esse referencial teórico, nossa pesquisa analisa, em cada etapa, como os participantes resgatam ou recriam suas referências a partir dos seus entornos culturais, históricos, das suas experiências e também a partir das discussões realizadas pelo grupo durante as oficinas. Ao mesmo tempo em que acompanhamos como os participantes realizam inferenciações – em processos que aqui fragmentamos por questões organizacionais e analíticas – observamos, também, como (re)categorizam seus conhecimentos acerca das temáticas abordadas e desenvolvem estratégias para reconhecer as pistas (con)textuais em torno das *fake news*.

Cabe ressaltar aqui que, mesmo com o fato de estarmos lidando com *fake news* e notícias, não pretendemos conceituar a verdade por meio estritamente linguístico, já que a própria verdade também é uma construção sociocognitiva, e estamos imersos em uma concepção não representacionista da língua. A partir do que nos explicita Marcuschi (2007), é inviável pensarmos na possibilidade de existir um mundo além de nós, de ordem extralinguística, já que nosso pensamento é organizado linguisticamente. Mas dizer que organizamos nosso pensamento pela linguagem não é o mesmo que dizer que essa organização representa a realidade e que, assim, pode assumir o lugar desta. Por não ser representação, a linguagem só se efetiva no fluir dos acontecimentos, nos enquadramentos que se criam a partir da interação

entre sujeitos situados. Enveredando por essa inquietação em nossas leituras, chegamos a Marcuschi (2000):

O tema já foi abordado com acuidade por Donald Davidson [1974b] ao analisar a relação entre “esquemas conceituais” e “conteúdos” considerando a mediação da linguagem (como sistema de tradução) sem fornecer garantia para verdades objetivas, fugindo tanto do relativismo lingüístico como da invariância do significado. Postula que o conhecimento é uma prática social e histórica e não uma apropriação de “dados” ou “fatos” da natureza. (MARCUSCHI 2000, p.1).

Davidson aborda a referência, sendo construída dentro da linguagem e não fora dela sob uma relação causal, racional e validada por uma comunidade de fala por meio de evidências. “seria natural pensar que a evidência a seu favor consistia em instâncias de interpretação particulares reconhecidas como verdadeiras” (DAVIDSON, 2001, p.128). Essas ‘evidências reconhecidas como verdadeiras’ por Davidson são conferidas em nossas atividades e demais materiais de pesquisa nos referentes construídos, validados e categorizados por uma comunidade científica por meio de estudos realizados até o momento; agências de checagem, que investigaram os contextos das informações discutidas; além de informações, ainda que escritas de maneiras diferentes, confirmadas em mais de um veículo jornalístico de informação, seja de circulação nacional ou internacional.

Logo, entendemos que somos constantemente coautores na produção de sentidos, uma vez que vivemos na linguagem e agimos no mundo através dela, não simplesmente representamos o que vemos ou pensamos, algo impossível diante da complexidade do mundo e dos fenômenos da linguagem.

A seguir, apresentaremos os nossos percursos metodológicos que possibilitaram uma melhor geração dos nossos indicadores de pesquisa.

### 3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Os percursos metodológicos que apresentamos a seguir foram alterados pelo fluir da complexidade dos fenômenos, o que nos levou a caminhos desconhecidos. Fatores externos agiram diretamente no planejamento e nas ações de nossa pesquisa. Idealizávamos estudos no campo institucional escolar, que, em virtude da Pandemia da COVID-19, sofreram grandes alterações.

A pesquisa seria realizada em sala de aula, mas não foi possível, pois, em conformidade com as diretrizes da Organização Mundial da Saúde - OMS, o Governo do Estado do Ceará, por meio do Conselho Estadual de Educação (CEE), lançou o Decreto nº 33.510<sup>80</sup>, de 16 de março de 2020, tendo em vista o plano de contingência e adoção de medidas para reduzir os riscos de contágio e disseminação do coronavírus (COVID-19). Assim, estudantes e professores da rede pública de ensino do Estado do Ceará deixaram suas salas para ficar em isolamento social, preservando assim suas vidas de parte das mazelas trazidas pelo vírus. Isso fez com que o planejamento fosse redirecionado e, com isso, vimos a necessidade de adaptar as oficinas para o ambiente virtual. Começamos, assim, nossa caminhada de investigações em campo.

Nesta pesquisa, buscamos delinear uma metodologia que fosse mais coerente com a visão de ciência inserida na Epistemologia da Complexidade, uma vez que estamos discutindo fenômenos sociais, envolvendo pessoas, suas emoções e particularidades, na busca por relacionar pesquisa, educação e emancipação (DEMO, 1995). Desse modo, optamos por métodos que “não ignoram, não ocultam e/ou não diluem o que é subjetivo, afetivo, livre e criador” (MORIN, 2003, p. 15).

Para isso, esta seção será direcionada a organização formal do nosso estudo. Trataremos sobre o contexto, os participantes, os instrumentos, os procedimentos e os critérios e organização das análises. Apresentaremos também aqui nosso trajeto, as pedras do caminho e as adaptações que nos ajudaram a amadurecer enquanto pesquisadores e nos ensinaram e contribuíram na construção do caminho ao longo do caminhar.

---

<sup>80</sup> Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/wp-content/uploads/2020/04/DECRETO-N%C2%BA33.510-de-16-de-mar%C3%A7o-de-2020.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2020.

### 3.1 Tipo e natureza da pesquisa

Nossa pesquisa foi desenvolvida sob o olhar inter e indisciplinar da Linguística Aplicada, considerando aspectos da complexidade, não previsíveis e tendo como objetivo principal a análise da fluidez dos fenômenos de maneira irrestrita, pois “nenhuma abordagem isolada pode dar conta da complexidade, muito menos de estilo disciplinar” (DEMO, 2002, p. 133). Nessa perspectiva, reconhecemos em nosso estudo a abordagem qualitativa, pois, como afirma Demo (2005, p. 152), “a pesquisa qualitativa faz jus à complexidade da realidade”, uma vez que os indicadores foram gerados de forma processual, na realização de atividades, diálogos on-line e oficinas. Nossa ideia é reforçada pelo pensamento de Triviños (1987) quando afirma que:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Nesse sentido, classificamos nossa pesquisa, em sua natureza, assim como Pimenta (2005), como pesquisa-ação crítico colaborativa, pois o pesquisador se insere no campo de estudo, no nosso caso, em sala de aula (*on-line*), com o intuito de estimular um pensamento crítico dos docentes participantes e estabelecer um diálogo constante, a fim de proporcionar uma relação de troca e construção de conhecimentos entre os envolvidos no processo. Conforme Pimenta (2005):

A análise dos dados das pesquisas no campo teórico e nos contextos político institucionais permitiu que a pesquisa-ação colaborativa adquirisse o adjetivo de crítica, conforme investe na formação de qualidade de seus docentes, com vistas a possibilitar a transformação das práticas institucionais no sentido de que cumpram seu papel de democratização social e política da sociedade (GRAMSCI, 1968; HABERMAS, 1983; KINCHELOE, 1997 *apud* PIMENTA, 2005, p. 523).

Mesmo sabendo que a pesquisa-ação apresenta em sua essência o caráter intervencionista, voltado para a solução de problemas, essa investigação não tem a pretensão de resolver um problema no campo de pesquisa e, mesmo que tivesse, seria impossível diante da complexidade do fenômeno estudado. Pretendemos, com esse tipo de investigação, inquietar, afetar e inevitavelmente sermos afetados pelos participantes, bem como construir uma reflexão mais ecológica na vivência textual, incidindo na problemática da disseminação das *fake news*.

Optamos por essa abordagem, pois “pela pesquisa-ação é possível estudar dinamicamente os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação”. (THIOLLENT, 1994, p. 19).

Nesse contexto, temos, como campo de investigação, a sala de aula e um professor, tornando-se também pesquisador, que afeta e é afetado ao longo de todo o processo. Desse modo, com base em Souza (2007), o contexto é propício para essa natureza:

[...] talvez a grande tendência da pesquisa em sala de aula de línguas hoje esteja relacionada ao chamado movimento do professor-pesquisador em que o professor deixa seu papel de cliente/consumidor de pesquisa, realizada por pesquisadores externos, para assumir o papel de pesquisador envolvido com a investigação crítica de sua própria prática. [...]. Essa tendência é o que também se chama de pesquisa-ação, que pode ser entendida de duas maneiras: a) como uma maneira privilegiada de gerar conhecimento sobre a sala de aula, devido à percepção interna do processo que o professor tem; e b) como uma forma de avanço educacional, já que envolve o professor na reflexão crítica do seu trabalho (MOITA LOPES, 1996 *apud* SOUZA, 2007, p. 43).

A partir dessas reflexões metodológicas, foi possível conduzir com mais coerência as práticas pedagógicas e as emergências dos fenômenos relacionados à construção e troca de conhecimentos por meio da abordagem sociocognitivista da língua. Nesse sentido, através dos movimentos recursivos e *feedbacks* relatados nas autonarrativas dos participantes, foi possível realizar uma reflexão sobre o processo educacional e visualizar melhor os fenômenos investigados.

### 3.2 Contexto da pesquisa e participantes

A pesquisa proposta lança um olhar comprometido socialmente em busca de colaborar com o ambiente em que o trabalho será realizado, respeitando os participantes, seguindo os princípios éticos e discutindo melhorias para os envolvidos no processo.

Este estudo foi autorizado mediante apreciação de projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos – CEP<sup>81</sup> da Universidade Estadual do Ceará – UECE, em parecer de nº 3.904.725 (Anexo A), em conformidade aos padrões (Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos – Resoluções 466/2012 e 510/2017), seguindo o processo com toda documentação necessária exigida.

---

<sup>81</sup> Disponível em: [http://www.uece.br/cep/index.php?option=com\\_content&view=frontpage&Itemid=20](http://www.uece.br/cep/index.php?option=com_content&view=frontpage&Itemid=20). Acesso em: dez. 2019.

Nossa pesquisa foi realizada com estudantes dos três anos do ensino médio e da Educação de Jovens e Adultos - EJA devidamente matriculados em uma escola estadual pública de ensino médio em tempo integral, localizada no município de Aurora-CE, a 466,4 km da capital Fortaleza. A cidade<sup>82</sup> tem em média 24.610 habitantes, segundo o IBGE (2020), e conta com duas escolas públicas estaduais e 17 escolas públicas municipais. O município apresenta grande extensão territorial de zonas rurais. A economia é baseada nos recursos advindos da agricultura, do comércio e da prestação de serviços nos âmbitos público e privados.

A escolha do campo se deu pelo fato de a proposta metodológica das EEMTIs, implementadas segundo a Lei nº 16.287 de 20.07.2017<sup>83</sup> ser favorável às proposições de trabalho da pesquisa em questão. Esse modelo de instituição educacional, recentemente implantado, possui, segundo seus documentos norteadores (Plano de Gestão EEMTI – Ceará, Plano de Participação da Comunidade nas Escolas, Plano Diagnóstico e Nivelamento de Alunos, Projeto Político Pedagógico, Proposta de organização curricular, Catálogo de atividades eletivas – em construção – e a Proposta de organização curricular em escolas de Tempo Integral), disponíveis para consulta no site da SEDUC<sup>84</sup>, importantes dimensões sociais consideradas dentro da prática educativa.

O projeto concebe a escola como uma Comunidade de Aprendizagem sob o método pedagógico da Aprendizagem Cooperativa e o Protagonismo Estudantil, além de dimensões pedagógicas voltadas para a pesquisa como princípio pedagógico, o trabalho como princípio educativo, tendo como focos a desmassificação do ensino e a inserção de itinerários formativos diversificados, a partir da dinâmica de disciplinas eletivas<sup>85</sup>. Assim, podemos reconhecer, na proposta metodológica da pesquisa-ação, uma plausível alternativa para contribuir significativamente com nossa análise no campo selecionado.

Em decorrência da pandemia e da impossibilidade de contato presencial com a turma, utilizamo-nos da tecnologia em todos os momentos da pesquisa. Foram ofertados o total de 10 encontros de em média 2 h/a cada (100 minutos por encontro), a adesão foi de livre escolha dos estudantes. A participação foi submetida a assinatura/adesão ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A) e/ou ao Termo de Assentimento (Apêndice

---

<sup>82</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/aurora/panorama>. Acesso em 10 jan. 2021.

<sup>83</sup> Disponível em: <https://bela.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/educacao/item/5883-lei-n-16-287-de-20-07-17-d-o-21-07-17>. Acesso em: dez. 2019.

<sup>84</sup> Disponível em: <https://www.seduc.ce.gov.br/escolas-de-ensino-medio-em-tempo-integral-eemti/>. Acesso em: dez. 2019.

<sup>85</sup> Cada aluno tem cinco tempos eletivos por semana que visam diversificar o currículo e oportunizar a construção do itinerário formativo de acordo com seus interesses e projeto de vida no decorrer do ensino médio, sendo ofertadas 45 horas/aulas semanais e nove tempos diários com disciplinas da base comum, diversificada e opcional.



B), que, por questões relacionadas ao isolamento, foram coletadas, seguindo todas as orientações sanitárias, nas residências de cada participante.

A proposta lançada e realizada oferecia um minicurso, com 20h aula para 15 participantes, porém, diante dos fatos e da necessidade de adaptações, o número de participantes previstos inicialmente sofreu alterações. Os critérios de escolha para a participação nas oficinas não foram os mais ideais, pois sabemos que infelizmente o ambiente virtual acaba sendo excludente, uma vez que muitos estudantes da escola não têm acesso à *Internet*. Grande parte dos alunos da instituição em que a pesquisa foi realizada são moradores da zona rural, não possuem celular e, quando têm, não há acesso à rede, o que dificultou a participação de muitos, assim sendo, não tinham como acessar o aplicativo sugerido para a transmissão das oficinas.

### 3.3 Procedimentos

Em virtude das intervenções sanitárias de isolamento e a mudança para a modalidade remota de toda a rede pública estadual cearense, a realização da pesquisa, só foi possível dessa maneira. Por isso, todos os estudantes que nos procuraram, acabaram sendo acolhidos a participarem do minicurso, contabilizando um total inicial de 22 participantes. Todos estavam reunidos em um grupo de *WhatsApp*, para trocas de informações e discussões.

Por se tratar de uma pesquisa realizada totalmente em ambiente virtual, considerando a visão complexa de ciência e suas variáveis instáveis e não lineares, optamos por recorrer aos mais diversos recursos para a geração dos indicadores nesse meio. Destacamos também que muitos dos aparatos tecnológicos utilizados na pesquisa eram novos ou até então pouco usados pela pesquisadora. Isso mostra que, assim como muitos professores tiveram dificuldade nesse momento de transição para o ensino remoto, em nossa pesquisa, não foi diferente.

As emergências dos nossos indicadores foram registradas por meio das oficinas, que fizeram parte do minicurso intitulado “Os Textos e a vida: uma abordagem interdisciplinar do conhecimento”. Os dez encontros, com duração média de 2h cada, aconteceram ao longo dos meses de maio e junho, nas terças e quintas, pela plataforma e pelo aplicativo de reuniões *Hangout Meet*.

Podemos dividir nossa pesquisa, a nível de organização, em três momentos principais, mas não cronologicamente separados: (a) A Atividade de Familiarização, (b) as oficinas de discussão dos textos e (c) as atividades conclusivas. Cada etapa conduz a um

caminho de descobertas, discussões e aprendizados que objetiva estimular o desenvolvimento da visão de texto entre os participantes. As oficinas ministradas, por meio do aplicativo *Hangout Meet*, foram gravadas, pelo aplicativo ADV Gravador, através de um celular, pois o e-mail, utilizado pela pesquisadora, ainda não estava autorizado a realizar gravações via *Hangout Meet*.

No primeiro dia de pesquisa, utilizamos os dois aplicativos, um para transmitir (*Hangout Meet*) e outro para gravar (ADV gravador), porém, após o encontro, percebemos que o áudio não fora captado, assim, descobrimos a impossibilidade de captação de áudio pelos dois aplicativos ao mesmo tempo. Nesse sentido, os áudios do primeiro dia de oficina não foram registrados, apenas as imagens, bem como as mensagens no *chat*, mostradas na tela. Após esse momento de descoberta e de frustração pela perda de parte dos indicadores, nos encontros seguintes, recorreremos a gravação de voz por meio de outro celular. Essa ocasião nos fez viver e entender melhor as dificuldades passadas por professores e pesquisadores nesse momento de transição, emergencial, como a falta de preparo prévio acerca do uso da tecnologia e a aprendizagem do uso de recursos virtuais ocorrendo durante a experiência.

Passado o primeiro encontro de exposição geral da proposta do minicurso e da apresentação de cada um dos participantes, realizamos, no segundo dia, uma Atividade de Familiarização, com textos de gêneros diversificados, para que compreendêssemos como os estudantes construíam sentido nos textos, sobretudo a partir da descoberta/identificação das pistas (con)textuais que evidenciavam características comuns em *fake news*.

Do terceiro ao nono encontro, direcionamos as nossas discussões para a construção de um caminho que propiciasse a emergência de sentidos no evento textual entre os participantes, pesquisador e debatentes convidados. Assim, por meio desses encontros, pudemos compreender melhor como o ensino situado produz efeitos na construção de sentidos em práticas pedagógicas que possam potencializar a consideração das pistas (con)textuais em textos, sobretudo em *fake news*. No último encontro, realizamos uma Atividade Conclusiva para entender como os estudantes ressignificaram o sentidos em *fake news* a partir de uma experiência de leitura construída conjuntamente ao longo da pesquisa.

Após cada dia de reunião, pedíamos um *feed back* a cada participante, por meio do Diário de Bordo *on-line* (no *Google Classroom*) e de suas autonarrativas, isto é, pedíamos que eles dissessem como se sentiram, o que aprenderam, qual era a importância do que tinha sido abordado nos encontros, que relação conseguiam estabelecer entre o que foi visto nas oficinas e as diversas situações vividas por eles no dia a dia, quais eram as impressões que tiveram sobre algum conteúdo, assunto ou tema abordado durante os encontros e que sugestões fariam para os próximos dias.

Associado de maneira paralela a esses procedimentos, tínhamos o grupo de *WhatsApp* para realização de informes, compartilhamento de *links* e demais informações que se fizessem relevantes. Além disso, alguns participantes enviaram mensagens no privado (pv) para a pesquisadora, com o intuito de tirar dúvidas e fazer comentários extras acerca da pesquisa.

### 3.3.1 Atividades de Familiarização

No segundo dia de encontro, realizamos uma Atividade de Familiarização (disponível na íntegra no Apêndice E) com as devidas fontes das imagens) para analisarmos os conhecimentos prévios dos estudantes acerca dos temas e textos propostos. A partir das questões da atividade, procuramos construir um caminho lógico ao longo das questões iniciando com uma música de Raul Seixas, “O dia em que a terra parou”, que conduzia a uma reflexão sobre o isolamento social ocasionado pela pandemia e as notícias falsas que estiveram em evidência nesse período. É importante ressaltar que a atividade foi elaborada no *Google* Formulários, com *link* disponibilizado para os estudantes no *WhatsApp* da turma dos participantes. A partir dessa atividade, foi possível observarmos como os discentes constroem sentido de uma maneira geral e identificam pistas (con)textuais que evidenciam características comuns em *fake news*.

Após pouco mais de 1h de resolução, discutimos as principais impressões que eles tiveram do exercício, as dificuldades que eles enfrentaram e os aspectos que acharam mais interessantes. Como pesquisadora, fiquei bastante ansiosa para ler as respostas dos participantes e, a partir de então, aperfeiçoar o planejamento, que, mesmo tendo consciência que só se (re)configuraria no fluir da complexidade, ganharia novos rumos a partir das respostas e das impressões de cada um.

### 3.3.2 Oficinas de Leitura

Inicialmente, elaboramos um post explicativo (Figura 3) para que fosse compartilhado pelo diretor da escola, nos grupos de *WhatsApp* das turmas. Assim, lançamos a possibilidade de ampliação do repertório cultural e de melhoria das habilidades de compreensão de texto dos participantes a partir dos encontros. No post cartaz (Figura 4), elaborado pela pesquisadora e apreciado pela orientadora, grupo de pesquisa e diretor da escola,


disponibilizamos o contato da professora proponente, caso houvesse interesse em participar do minicurso. Em seguida, os discentes interessados começaram a entrar em contato por meio do WhatsApp disponibilizado.

**Figura 3 – Cartaz de divulgação do minicurso (parte 1)**



Fonte: Elaborado pela autora.



**Figura 4 – Cartaz de divulgação do minicurso (parte 2)**

*Por que fazer o minicurso?* 

- ✓ Você está preocupado com o ENEM e seus estudos neste ano, mas não aguenta mais cobranças de atividades?
- ✓ Precisa entender melhor sobre informações atuais de maneira segura e com profissionais qualificados?
- ✓ Precisa melhorar as habilidades em interpretação de textos?
- ✓ Precisa enriquecer seu repertório cultural?
- ✓ Tem acesso à internet e disponibilidade para assistir o minicurso on-line pelo aplicativo *HANGOUT MEET*?
- ✓ Quer dar a sua contribuição social através de seus conhecimentos construídos?

**Acho que podemos te ajudar! Inscreva-se já!**  
**Vagas limitadas!**

Aulas todas as terças e quintas, das 15h às 17h, do dia 19/05 ao dia 18/06.

 Contato- Profa. Débora Leite (85) 33333-3333 

Fonte: Elaborado pela autora.

As oficinas ocorreram no período de 19 de maio até 18 de junho, nas terças e quintas, começando às 15h e terminando por volta das 17h. Nesse período, o uso do aplicativo *Hangout Meet* ainda era novo para os estudantes, uma vez que a escola ainda não havia disponibilizado meios alternativos para que as aulas acontecessem virtualmente. Dessa forma, tivemos que explicar minuciosamente para os participantes, por meio do *WhatsApp*, como funcionava essa ferramenta.

Esboçamos a seguir o cronograma das atividades e objetivos para cada encontro do minicurso:

**Quadro 2 - Cronograma do Minicurso**

(continua)

<b>Oficina</b>	<b>Data</b>	<b>Planejamento</b>	<b>Objetivos:</b>
Oficina 1	19/05	Apresentação do curso, termos, familiarização com os participantes e detalhamento da metodologia.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar o minicurso, os instrumentais da pesquisa;</li> <li>- Conhecer os participantes e ouvi-los sobre como estão no período de isolamento;</li> <li>- Exemplificar a dinâmica das oficinas ao discutir conjuntamente sentidos em dois textos.</li> </ul>
Oficina 2	21/05	Atividade de Familiarização.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Analisar os conhecimentos prévios dos estudantes acerca dos temas e textos propostos.</li> <li>- Observar como os discentes constroem sentido, nas questões da atividade, e identificam pistas (con)textuais que evidenciam características comuns em <i>fake news</i>.</li> </ul>
Oficina 3	26/05	Concepções texto, leitura, pesquisa e exemplos.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir a perspectiva de texto como evento comunicativo e seus inúmeros elementos e processos envolvidos (linguísticos, cognitivos e sociais) e em constante reconstrução pelos leitores.</li> <li>- Mostrar a leitura como processo dinâmico, dialógico e complexo (com influências relacionadas a crenças religiosas, vivências, posicionamentos políticos, emoções, aspectos físicos e biológicos, por exemplo) e a maneira que é possível construir mais sentidos com a participação de todos (sociocognitivamente).</li> <li>- Realizar discussões que levem a possibilidades de compreensão acerca das interligações complexas presentes na leitura que podem levar grandes grupos de pessoas a serem manipulados textualmente, darem</li> </ul>

(continuação)

			credibilidade ou compartilhareм falsas publicações.
Oficina 4	28/05	Debate: A histórica Manipulação discursiva. Prof. Me. Assis Severo. Professor de história da rede pública estadual do Ceará.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir questões relacionadas às manipulações discursivas, focando nos atos de intencionalidade movidos pelo poder e pelas ideologias historicamente pregadas como socialmente normativas.</li> <li>- Alertar os participantes para as tramas sociais provenientes da linguagem na formação de categorias (certo e errado, por exemplo) criadas ou sustentadas pelos que detêm o poder, na tentativa de manutenção de um <i>status quo</i> por meio do encaixe da sociedade nesses agrupamentos, que carregam consigo modos de pensar e de agir, logo, mostram-se fortes motivações para o compartilhamento de publicações que reforcem o que eles acreditam, independentemente da veracidade da informação.</li> <li>- Discutir elementos nos textos, trazidos pelo convidado, que carreguem características manipuladoras, ideologicamente normativas, naturalizadas e excludentes.</li> </ul>
Oficina 5	02/06	Manipulação Textual: como não cair nessa?	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir as respostas das Atividades de Familiarização e as motivações dos participantes para as opções de respostas;</li> <li>- Discorrer sobre os percursos históricos das <i>fake news</i>, seus impactos na democracia, os perigos dos jogos aparentemente inocentes nas redes sociais que levam a exposição de dados sigilosos e as consequências do compartilhamento de informações falsas.</li> <li>- Apresentar os dados estatísticos referentes à manipulação e às principais <i>fake news</i> que marcaram as eleições de 2016 nos EUA e de 2018 no Brasil.</li> <li>- Alertar para a importância de questionar e se posicionar criticamente diante dos textos.</li> </ul>
Oficina 6	04/06	Oficina ministrada pelos estudantes: Investigação das pistas (con)textuais em <i>fake news</i> .	-Conduzir os participantes a desvendarem/descobrirem as pistas (con)textuais ao elaborarem (em duplas) ou pesquisarem publicações para serem discutidas com os colegas no jogo do Fato ou Fake.

(conclusão)

Oficina 7	09/06	Debate: <i>As fake news</i> e o negacionismo científico. Prof. Dr. Alexandre Costa, físico, ambientalista e professor universitário.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Discutir sobre o Negacionismo Científico e suas consequências ao longo da história movidas pelo capitalismo e sua expansão.</li> <li>- Refutar falsas publicações a partir de estudos e dados científicos.</li> </ul>
Oficina 8	11/06	Debate: <i>Fake news</i> e saúde em tempos de pandemia. Convidado: Romério Alves, enfermeiro e acadêmico de medicina da UFPE.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar e discutir sobre os contextos sanitários e científicos ao longo da história. - Tratar sobre as pandemias que assolaram a humanidade, passando pelos primeiros casos de COVID-19 no mundo até chegar ao nosso país.</li> <li>- Compartilhar informações mais recentes acerca da pandemia e das descobertas sobre o vírus, passando pela situação do sistema de saúde brasileiro, pelas medidas de prevenção e pela forma como a ciência está atuando na busca pela vacina (detalhamento de suas etapas).</li> <li>- Refutar falsas publicações a partir de estudos e dados científicos.</li> </ul>
Oficina 9	16/06	Debate: <i>Fake news</i> e imprensa: Os desafios do cotidiano. Convidada: Jornalista Monike Feitosa.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentar e discutir a metodologia de trabalho dos jornalistas, desde a checagem das informações iniciais, passando pelo cuidado em balancear as diferentes versões do fato a partir de uma exposição imparcial dos vários ângulos das narrativas até a edição final da notícia.</li> <li>- Chamar a atenção para o fato de pesquisar informações em agências de <i>Fact-check</i> e questionar o que é lido.</li> <li>- Refutar falsas publicações a partir de estudos e dados científicos.</li> </ul>
Oficina 10	18/06	Atividades Conclusivas.	-Averiguar se/como os estudantes ressignificam <i>fake news</i> a partir de uma experiência e leitura construída conjuntamente.

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.3.3 Atividades Conclusivas

No nosso último dia de encontro, realizamos uma atividade, intitulada Atividade Conclusiva (na íntegra no Apêndice F), para analisarmos se/como ocorreram as recategorizações acerca do olhar dos estudantes em relação aos textos, após a experiência de leitura construída conjuntamente. Perguntamos também o que acharam das oficinas e da experiência no ambiente virtual remoto. A atividade foi elaborada no *Google* Formulários, com *link* disponibilizado para os participantes no *WhatsApp* da turma dos participantes. Após pouco mais de 1h de resolução, discutimos as principais impressões que eles tiveram do exercício e as dificuldades que encontraram para resolvê-lo.

### 3.3.4 Diário de Bordo

Chamamos de diário de bordo, um ambiente virtual, na plataforma *Google Classroom*, que criamos para captar as autonarrativas dos participantes. Nesta investigação, lançamos mão dessas autonarrativas, recurso utilizado pela metodologia cartográfica, mas que contribuiu significativamente para a pesquisa em questão, por meio dos registros realizados pelos estudantes acerca de seus próprios percursos cognitivos. Essa prática, segundo (PELLANDA, 2020, p. 453), mostra a “evidência de que o falar, emocionar e conhecer são tecidos juntos”. Como estamos pesquisando dentro de uma epistemologia complexa e nos baseando teoricamente a partir do olhar da Biologia do Conhecer, esse recurso metodológico torna-se coerente com nossos pensamentos, sobretudo porque nos permite compreender os graus de envolvimento dos estudantes no evento textual a partir de suas próprias palavras.

Por meio das autonarrativas escritas no diário de bordo, foi possível acompanhar, ao final de cada encontro, os conhecimentos que os estudantes foram construindo a cada oficina. Pellanda (2020) relata, em seus escritos, as experiências, em sala de aula, com nove alunos da disciplina Epistemologia da Complexidade, de um Programa de Pós-Graduação em Letras:

Nessa prática, os alunos(as) são solicitados(as), como parte do processo didático, a escrever, após cada turno de aula, as suas autonarrativas a partir das emoções que os(as) afectaram com as atividades desenvolvidas naquele dia. Ao final, são dez partes de uma narrativa em uma disciplina de 12 encontros. Eles(as) entregam as narrativas no 11º encontro, para que tenhamos uma semana para ler os textos, sistematizá-los a partir de alguns marcadores teóricos, e devolver, em um PowerPoint, para uma discussão no grupo, propiciando uma dinâmica baseada na metacognição; em outras palavras, por meio de um olhar sobre o caminho percorrido, de modo a potencializar o processo cognitivo/subjetivo (PELLANDA, 2020, p. 466).



Tomando como base essa experiência, construímos essa parte importante de nosso percurso metodológico. Orientamos os estudantes a escreverem livremente sobre o que acharam de cada dia de oficina, o que aprenderam, que sentimentos e lembranças cada oficina despertava, como nossos encontros estavam afetando suas vidas, além de pedirmos sugestões para os próximos momentos. A plataforma foi disponibilizada no *Google Classroom*, sendo lançada toda semana uma nova atividade referente ao dia de encontro (Diário de bordo - encontro I; Diário de bordo - encontro II; Diário de bordo - encontro III e assim por diante).

Essa forma de registrar as emergências foi pensada com a finalidade de termos mais um meio para compreender melhor as emoções, pensamentos, aprendizados, ressignificações e demais comentários que os participantes não conseguiram fazer, por algum motivo, no decorrer das oficinas. Alguns estudantes escreveram, mesmo quando não participavam dos encontros, justificando suas ausências e explicando os motivos. Salientamos que essa ferramenta tem sido utilizada em pesquisas de anos anteriores do grupo GEENTE (de forma física) e, mesmo passando por adaptações para o ambiente virtual, mostrou-se uma excelente forma de captarmos as emergências durante do período do minicurso. Trabalhos como o de Monteiro (2014), Pereira (2017) e Félix (2019) inspiraram nossa pesquisa a também lançar mão desse recurso para as análises.

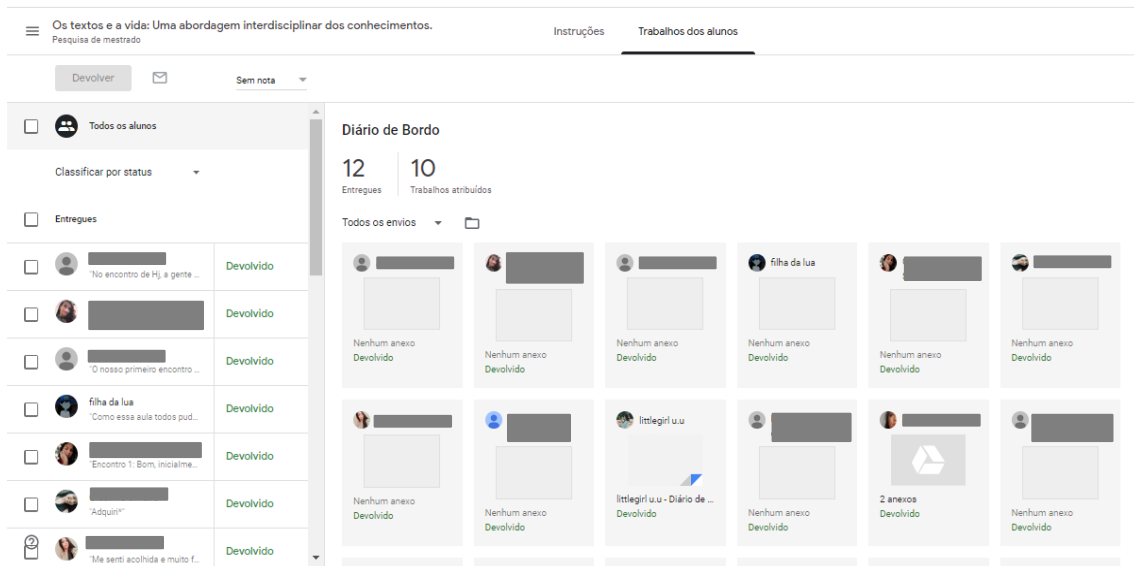
Nas imagens a seguir, temos uma visualização da plataforma disponibilizada para o registro das autonarrativas. Na primeira imagem, vemos um panorama da página central da sala virtual do *Google Classroom*, referente ao minicurso e, na segunda imagem, temos a visualização da parte interna da pasta, ou seja, o que aparece ao clicarmos em cada diário.

**Figura 5 – Página da sala de aula virtual do *Google Classroom***



Fonte: *print screen* da página do *Google Classroom*, realizado pela autora.

**Figura 6 – Página do Diário de bordo *on-line*, elaborado no *Google Classroom***



Fonte: *print screen* da página do *Google Classroom*, realizado pela autora.

### 3.4 Instrumentos

Os instrumentos utilizados para a geração dos indicadores no desenvolvimento dos procedimentos descritos anteriormente foram: a) duas atividades (Atividades de Familiarização

e Atividades Conclusivas) elaboradas a partir da perspectiva interativa da revista *Siaralendo*<sup>86</sup> e disponibilizadas pelo *Google* Formulários; b) o Diário de Bordo *on-line* elaborado e disponibilizado no *Google Classroom*; e c) as gravações das oficinas realizadas pelo aplicativo *Hangout Meet*. As atividades foram realizadas para que fosse possível averiguar conhecimentos anteriores às oficinas acerca do reconhecimento de *fake news* e suas possíveis recategorizações.

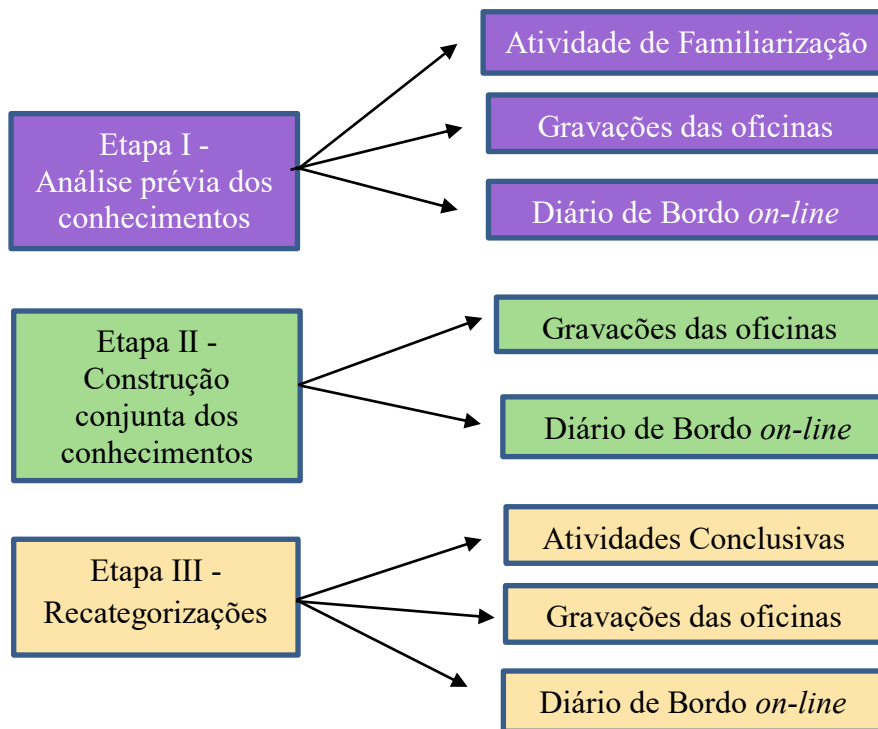
O diário foi muito relevante para registrarmos a interação dos participantes e seus *feedbacks*, por meio das autonarrativas, acerca dos encontros, levando em consideração que alguns estudantes podiam estar inibidos e não se manifestarem nas discussões durante as transmissões. Assim, ao final de cada aula, os participantes foram orientados a escrever nesse diário *on-line*, relatando suas experiências durante as oficinas, comentando sobre suas expectativas, frustrações, podendo dar sugestões, escrevendo, portanto, o que eles julgaram ser mais importante.

Já as gravações foram importantes no sentido de captar as interações durante os encontros *on-line*, uma vez que um dos focos da pesquisa é a construção sociocognitiva de sentidos entre os participantes. Para que esse registro não se perca pela memória, nos valeremos desse recurso.

---

<sup>86</sup> Projeto formado por três módulos, que resultou no livro *Preparação: rumo ao ensino médio*, em formato de revista, que tem por título *Siaralendo*. A equipe do grupo de pesquisa GENTEE, responsável pela elaboração, optou por essa formatação com o objetivo de promover o diálogo com o aluno e de fazê-lo vivenciar os gêneros. Esse material traz uma abordagem voltada para a interação e apresenta uma proposta de trabalho coerente com a perspectiva sociocognitiva e dialógica de linguagem. A publicação é direcionada aos alunos do 9º ano das escolas públicas estaduais do Ceará.

### Organograma 1 – Instrumentos usados para a captação dos indicadores de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora.

### 3.5 Critérios de análise

Apresentamos a seguir nossas modalidades de interação (categorias de análise), elaboradas por questões organizacionais. Registramos a dificuldade em se estabelecer segmentações e enquadres pelo imbricamento dos fenômenos referenciais no “evento comunicativo sempre emergente” (MARCUSCHI, 2008, p. 248). Desse modo, a divisão de modalidades de interação aqui proposta e que norteia a nossa análise destaca o que nos parece mais saliente em cada etapa da pesquisa, sendo, portanto, compatível com o enfoque sociocognitivista interacional e a complexidade dos fenômenos emergentes.

**a) A compreensão inicial (antes das discussões) dos estudantes em relação aos textos, a partir da análise dos processos de textualização, como foco na referenciação, em *fake news*;**

Em todas as atividades ao longo das oficinas, buscamos instigar reflexões acerca das pistas (con)textuais que foram emergindo ao longo das discussões. No entanto, observamos,

de forma mais específica, esses aspectos no primeiro encontro e na atividade de Familiarização. Na primeira etapa da pesquisa, essa análise foi possível através das discussões na oficina I, das respostas dos estudantes na Atividade de Familiarização e no Diário de bordo referente ao primeiro e segundo dia de encontro. Desde a elaboração da atividade, seguimos um caminho complexo de discussões, a fim de conduzir a uma possível construção de pensamento acerca da situação em que nos encontrávamos, de pandemia e isolamento, até chegarmos às 4 publicações referentes ao nosso fenômeno investigado, o do falseamento de informações. Assim, objetivamos propiciar um momento em que os estudantes pudessem expressar suas percepções acerca da veracidade de cada uma, discutir até que ponto lhes pareciam verdadeiras ou falsas e expor os motivos de suas opções.

**b) A aprendizagem situada e seus efeitos na construção de sentidos por meio das inferências realizadas durante os processos sociocognitivos na leitura conjunta**

Verificamos, nessa etapa, como a aprendizagem situada através das atividades de leitura conjunta favorece a imersão no evento textual com seus processos de textualização. Esse critério de análise perpassa por todos os outros, uma vez que as atividades referenciais, inferenciais e de (re)categorização estão imbricados e ocorrem ao mesmo tempo ao longo do processo de textualização. Essa categoria de análise emergiu a partir da observação de como o ensino situado e as metodologias sociocognitivamente construídas ao longo de cada encontro das oficinas afetam as discussões acerca do evento textual, tendo em vista a complexidade dos fenômenos. Para analisarmos essa categoria, utilizamos os registros de gravações das oficinas, os comentários do diário de bordo emergentes do terceiro ao nono encontro e os fenômenos que se conectam ecologicamente, permeando a dinâmica das interações.

**c) As ressignificações/recategorizações provenientes das perturbações do ambiente, incidindo no modo como os estudantes passaram a reconhecer as *fake news* e suas possíveis intencionalidades**

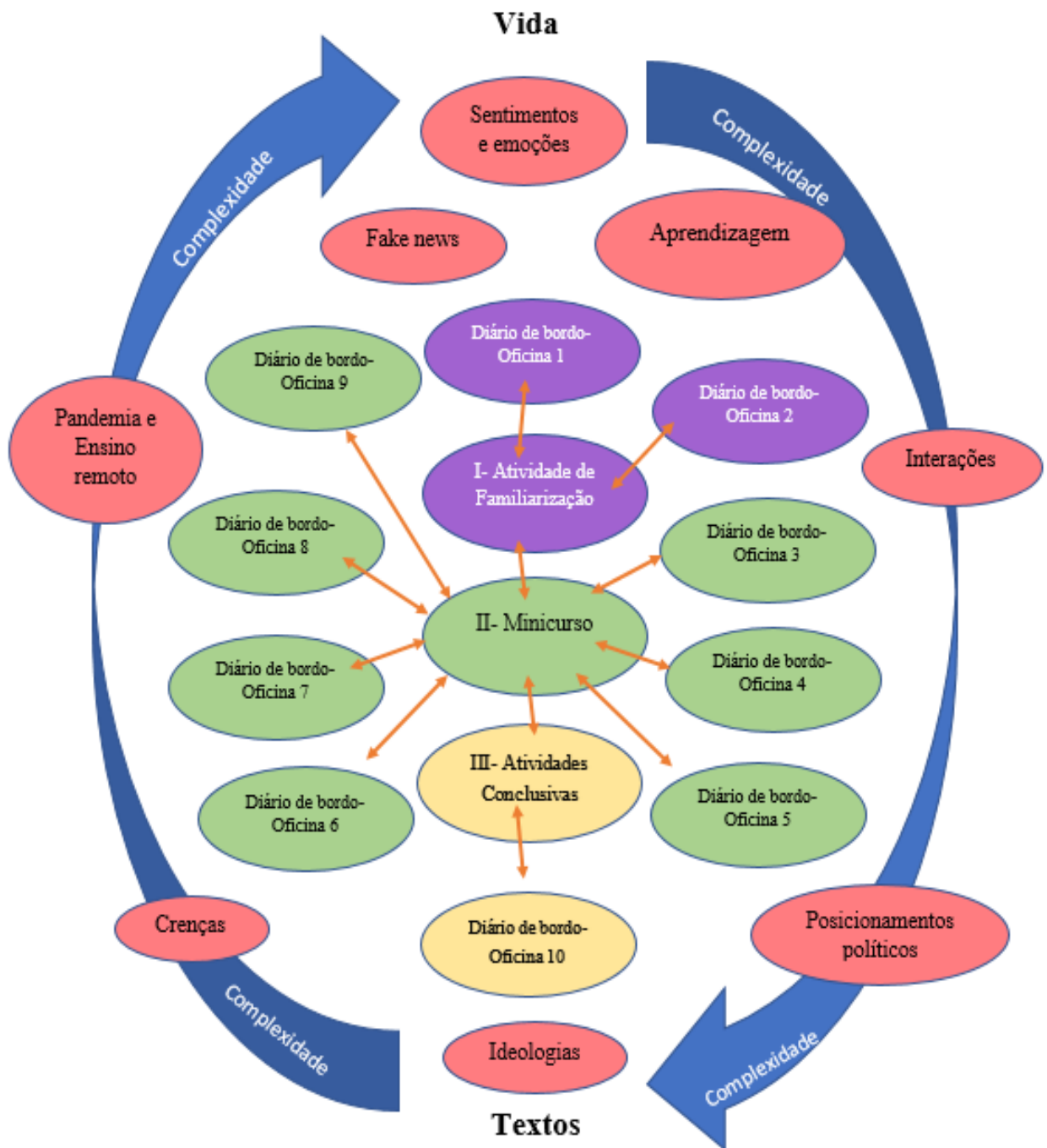
Investigamos essa categoria por meio das respostas dos participantes à Atividade Conclusiva realizada no último dia de encontro, bem como suas interações construídas logo após o momento de entrega da atividade à pesquisadora. Averiguamos também as recategorizações emergentes ao longo de todas as oficinas, para que pudéssemos visualizar melhor como as perturbações e o conhecimento construído sociocognitivamente podiam levar

a imersão no evento textual, sobretudo em torno do fenômeno das *fake news*, que acabou sendo uma consequência das discussões que estabelecemos acerca da abordagem de texto proposta nesta pesquisa. Os processos autopoieticos da Biologia do Conhecer (MATURANA; VARELA, 1995) e a Epistemologia da Complexidade (CAPRA, 1996; PELLANDA, 2005; MORIN, 2015), bem como os conceitos e interligações ecológicas de aprendizagem guiarão nossa caminhada de (re)construções de sentidos dentro do evento comunicativo.

### **3.6 Organização geral da análise**

Para organizar melhor nossas análises, elaboramos um fluxograma de trabalho a seguir. Com ele, visualizamos melhor nossos trajetos. As cores lilás, verde e amarelo marcam, respectivamente, as etapas I, II e III do desenvolvimento da pesquisa e suas interconexões complexas com os textos e a vida. Na cor vermelha, temos alguns fatores que fazem parte da complexidade da vida, dos eventos textuais e que em nossa pesquisa convergem diretamente, influenciando os processos de construção de sentidos, como os sentimentos, as emoções, o contexto da pandemia e o ensino remoto, as *fake news*, interações, crenças, ideologias, posicionamentos políticos e o modo como esses elementos afetam a aprendizagem.

Organograma 2 – Estruturação da análise



Fonte: Elaborado pela autora.

## 4 ANÁLISE DOS INDICADORES

Esta análise está dividida em três etapas: Etapa I, Etapa II e Etapa III. Por questões organizacionais, ela segue a sequência cronológica das oficinas realizadas em campo, apesar de termos ciência de que investigamos indicadores não lineares e fugidios tendo em vista que estamos na complexidade. Temos, como foco de investigação, três processos indissociáveis na construção de sentidos, apontados por Marcuschi (2007), são eles: as atividades de referenciação, inferenciação e (re)categorização.

Na primeira etapa, tentamos lançar um olhar para os conhecimentos que os participantes tinham no período anterior às discussões acerca do evento textual e do olhar lançado às postagens falseadas. Na segunda etapa, investigamos e imergimos nas interações e construções conjuntas de conhecimentos, guiados pelos estudos em aprendizagem situada (COSTA, 2010), na tentativa de instigar perturbações acerca dos sentidos dos textos que desencadeassem processos autopoieticos (MATURANA; VARELA, 1995), os quais viabilizariam o reconhecimento de *fake news*, bem como os processos sociocognitivos emergentes da complexidade dos fenômenos (SALOMÃO, 1999). Por último, vimos se/como houve ressignificações e que caminhos cognitivos (possíveis de captar nos instrumentos de análise) os participantes seguiram para elaborar suas perspectivas a partir do que foi construído ao longo das oficinas.

Como estamos inseridos em uma perspectiva epistemológica complexa, as emergências, como sentimentos e emoções – em especial em um momento de pandemia e ensino remoto – crenças, posicionamentos políticos, ideologias e demais questões emergentes das interações são importantes na análise dos nossos indicadores, pois tudo está ecologicamente ligado. Além disso, observamos as inferências realizadas pelos participantes e realizamos as nossas quando nos voltamos para o ponto de vista desses sujeitos, uma vez que, ao textualizarmos suas falas, também estamos dando continuidade ao evento textual e ainda proporcionando ao nosso leitor a oportunidade de também realizar inferências. Reconhecemos assim a amplitude do evento textual, que se desdobra em infinitas possibilidades de textualizações.



#### 4.1 Minicurso – Os Textos e a Vida: uma abordagem interdisciplinar do conhecimento

Esta pesquisa se deu organizacionalmente a partir do planejamento, execução e reflexão acerca do minicurso. Conforme o que foi dito em termos gerais na introdução deste texto, os encontros foram realizados em um momento bastante delicado do processo educacional em nosso país, especificamente no estado do Ceará. As instituições estavam se reorganizando com atividades remotas e focando na superação de dificuldades emergenciais em virtude da pandemia. Na escola pesquisada, os professores estavam tentando manter o funcionamento da nova rotina pedagógica, por meio do envio de vídeos e atividades na plataforma *Google Classroom*. Na ocasião, as aulas remotas ainda não estavam acontecendo pela plataforma *Hangout Meet*.

Como o próprio título já diz (Os Textos e a Vida: uma abordagem interdisciplinar do conhecimento), com o minicurso, procuramos despertar para as relações inseparáveis entre os textos e a vida, propiciando um acolhimento aos estudantes em meio às dificuldades enfrentadas ao longo do ano letivo, bem como criando oportunidades para que eles se conscientizassem das problemáticas da manipulação textual. Além disso, tentamos promover uma interação agradável entre pesquisadora e participantes, mesmo em um ambiente remoto, em que a distância física dificulta a aproximação afetiva.

Para melhor organizarmos nossas análises, descrevemos nesta subseção as três etapas da investigação, vistas a partir das seguintes modalidades de interação: **a) A compreensão inicial (antes das discussões) dos estudantes em relação aos textos, a partir da análise dos processos de textualização, como foco na referenciação, em *fake news*; b) A aprendizagem situada e seus efeitos na construção de sentidos por meio das inferências realizadas durante os processos sociocognitivos na leitura conjunta; e c) As ressignificações/ recategorizações provenientes das perturbações do ambiente, incidindo no modo como os estudantes passaram a reconhecer as *fake news* e suas possíveis intencionalidades.** Por reconhecermos que é impraticável, em virtude do espaço discursivo limitado de que dispomos, analisar todo o conteúdo de nosso *corpus* nesta dissertação, lançamos, a partir desse momento, nossa atenção para os indicadores mais relevantes - de acordo com os nossos objetivos de pesquisa<sup>87</sup> - provenientes da Atividade de Familiarização, das gravações das oficinas, dos diários de bordo (autonarrativas) e das Atividades Conclusivas.

---

<sup>87</sup> Selecionamos essas categorias, considerando que elas se relacionavam mais efetivamente com o nosso objetivo de investigar o processo de (re)construção de sentidos na leitura de textos, realizada sociocognitivamente com

#### 4.1.1 Etapa I

Na primeira etapa da pesquisa, ocorrida nas oficinas I e II, incluindo as Atividades de familiarização, tivemos como objetivo verificar como os alunos constroem sentidos a partir da identificação/descobertas das pistas (con)textuais que evidenciam características comuns em *fake news*.

##### 4.1.1.1 Etapa I – Oficina 1

Em nosso primeiro dia de oficina, tivemos a apresentação do minicurso, momento em que falamos dos objetivos, do modo como conduziríamos a dinâmica dos encontros e das discussões sobre as estratégias de interpretação textual. Explicamos que o minicurso era fruto de uma pesquisa de mestrado que tinha por finalidade investigar como se dão os processos de construção de sentidos em textos. Detalhamos que pretendíamos, a partir das discussões nos encontros, promover uma construção mútua de conhecimentos para o desenvolvimento do senso crítico por meio da leitura, bem como uma melhor capacidade de argumentação.

Após essas informações gerais, falamos da importância do preenchimento dos instrumentos da pesquisa, como os Termos de Consentimento e Livre esclarecimento (TCLE), e da assinatura dos pais nesses documentos (para os menores de idade). Explicamos também sobre o diário de bordo, a construção das autonarrativas e a relevância do engajamento nas atividades que seriam propostas.

Familiarizamos os estudantes com o ambiente, chamamos cada um para que pudesse se apresentar, dizer em que ano do ensino médio estavam, que mudanças a pandemia causara na vida de cada um, como se sentiam longe do ambiente escolar, o que esperavam do minicurso e que motivo os levava a se inscreverem no minicurso. Durante todas as oficinas, os estudantes estavam livres para ligar ou desligar suas câmeras e microfones; os que não se sentiram à vontade para falar, puderam interagir pelo *chat* do aplicativo *Hangout Meet* e tiveram suas mensagens lidas na íntegra. Esse primeiro momento foi crucial para aproximar os participantes, por meio de diálogos acolhedores entre o grupo e a pesquisadora.

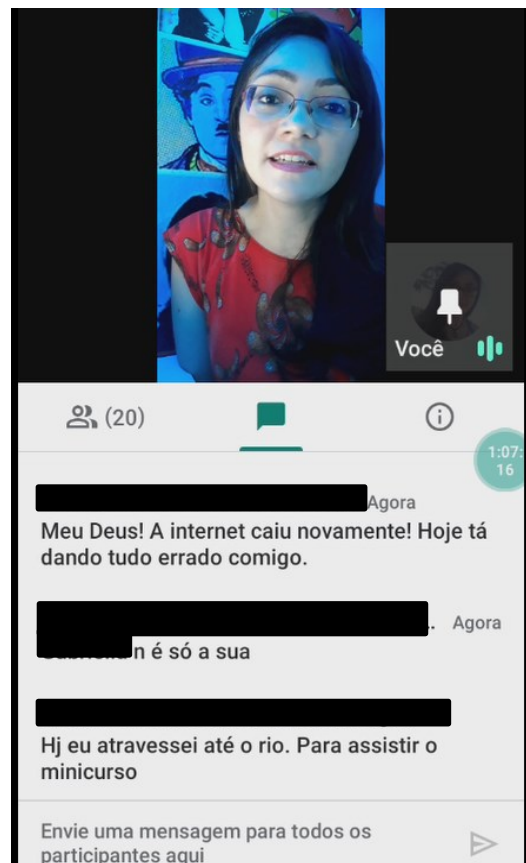
Alguns deles ligaram as câmeras e falaram pelo microfone, outros digitaram no *chat*, mas todos se apresentaram e falaram sobre seus sentimentos e expectativas. Uma das

---

estudantes de ensino médio, lançando um olhar para as pistas (con)textuais percebidas/descobertas em *fake news* no emergir das discussões.

alunas concluintes do ensino médio relatou que sentia saudades e lamentava o fato de o último ano do ensino médio, o marcante terceiro ano, possivelmente ter que terminar remotamente e de maneira tão inesperada. Apenas um dos participantes (do terceiro ano) confidenciou que estava gostando dessa sistemática de aulas, pois não precisava sair de casa, lugar em que ele gostava de ficar. Durante as discussões, uma das estudantes relatou as dificuldades em participar do minicurso por causa do sinal da Internet e da distância que ela percorria para assistir às aulas, tendo inclusive que atravessar um rio, como podemos ver na Figura 7, que mostra o *chat* da oficina I, printado na tela, no momento em que a participante faz o relato. Foi comovente ver o esforço desses estudantes para participar das oficinas.

**Figura 7 – Plataforma de Reuniões e *chat* do aplicativo *Hangout Meet***

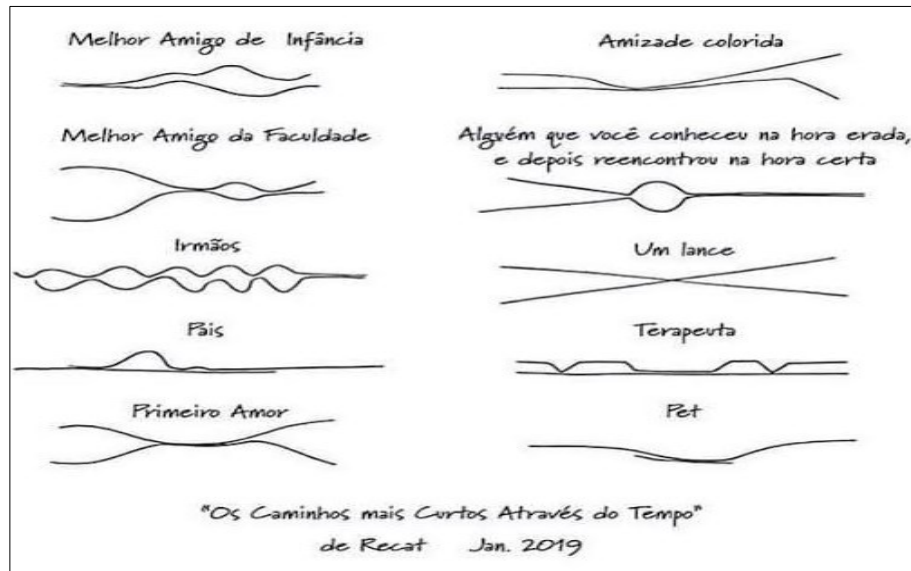


Fonte: Gravações das oficinas.

Após essas considerações, esperávamos, através das ações, desencadear possíveis acoplamentos (fenômenos cognitivos internos que propiciam a aprendizagem) – não garantidos - nos participantes, por meio do lançamento de estímulos (perturbações) que propiciassem momentos de interação no grupo. Para isso, naquele momento, apresentamos um texto (Figura 8) que mescla elementos verbais e imagéticos, para que os estudantes relatassem que impressões

despertaram em cada um. Além do texto representado na Figura 8, outro texto foi rapidamente discutido, mas só fizemos um recorte, nesta análise, do que mais podia satisfazer nossos objetivos de investigação para a oficina I.

**Figura 8 – Texto discutido na oficina I**



Fonte: Página do site Reddit.<sup>88</sup>

A escolha do texto “Os caminhos mais curtos através do tempo” se deu pelo fato de sua composição levar a possibilidades de instigar perturbações e propiciar a emergência de inferências voltadas para lembranças afetivas, o que, no primeiro momento, seria interessante para a discussão, pois poderia aproximar os participantes, no ambiente virtual, e estimular suas falas. O texto traz referentes verbais (melhor amigo de infância, melhor amigo de faculdade, irmãos, pais, primeiro amor, amizade colorida...) e não verbais (as linhas) associados a pistas, em sua materialidade, que podem indicar relações estabelecidas por esses recursos, a exemplo dos formatos, posições, tamanhos, intersecções e distanciamentos das linhas, além da disposição desses elementos.

Cada aluno relatou, à sua maneira, sem instruções da pesquisadora ou qualquer tipo de direcionamento prévio, o que enxergava, que sentimentos, relações familiares e episódios de sua vida, o texto lhe fazia lembrar. Estávamos imersos na complexidade dos fenômenos, em que um grupo de pessoas, em várias telas, diferentes realidades e circunstâncias analisavam o

<sup>88</sup> Disponível em:

[https://www.reddit.com/r/brasil/comments/h8m56p/os\\_caminhos\\_mais\\_curtos\\_atrav%C3%A9s\\_do\\_tempo\\_n%C3%A3o\\_fui/](https://www.reddit.com/r/brasil/comments/h8m56p/os_caminhos_mais_curtos_atrav%C3%A9s_do_tempo_n%C3%A3o_fui/) Acesso em: 10 abr. 2020.

mesmo texto e lançavam sociocognitivamente inferências diversas em um ambiente virtual, acerca das inúmeras possibilidades de atribuir sentidos ao texto. Como não conseguimos captar os áudios por problemas técnicos relatados anteriormente na subseção 3.3, descrevemos aqui as manifestações dos estudantes quando perguntamos o que eles entendiam sobre o texto. Vemos, a seguir, os registros das respostas pelo *chat* do aplicativo *Hangout Meet*:

**R. L:** “a imagem é tipo a trajetória das relações que a pessoa tem com o passar do tempo”

**G.S:** “Os laços amorosos?”

**C.G:** “Linhas amorosas?”

**M.L:** “Acredito que as linhas próximas são os laços amorosos mais próximos e o tamanho das linhas simbolizaria o tamanho é aproximação de cada uma.”

**E.M:** “Acredito que as linhas representam um ponto de partida de como tudo começou, passando pela transição até o ‘fim’ ”.

**A.J:** “Achei bem interessante esse ‘lance’, pq é bem rápido, como se as linhas se cruzassem bem rápido e fossem embora depois”.

**C.G:** “Eu lembro de alguém nos ‘pais’ ”.

**M.B:** “Cada linha é o tempo de vida e a proximidade é o nível de interação”.

Como vimos, os participantes, por meio de seus escritos e falas, iam compondo, aos poucos e sociocognitivamente, o sentido do texto. À medida que cada um ia escrevendo, os demais acrescentavam informações a respeito de seus entendimentos. Percebemos que as linhas chamam a atenção e acabam tornando-se um referente, cujas pistas causaram inquietações sobre os seus sentidos, como nas palavras dos participantes: **G.S:** “Os laços amorosos?”; **C.G:** “Linhas amorosas?”; **E.M:** “Acredito que as linhas representam um ponto de partida; **M.B:** “Cada linha é o tempo de vida e a proximidade é o nível de interação”. Laços, ponto de partida, tempo de vida, são algumas das formas que os estudantes selecionaram de seu léxico para descrever o que viam a partir do texto. Os participantes mencionavam suas visões, que iam sendo amplificadas pela visão dos outros.

Já **C.G**, ao dizer que “Eu lembro de alguém nos ‘pais’”, resgata uma vivência afetiva ao ler o texto e move inferências a partir de seu olhar particular, o que mostra o evento comunicativo acontecendo, pois cada um do grupo remonta a uma visão, seja familiar, afetiva ou não, de maneira diferente da participante ao lembrar dos “pais”. Em nossas análises, também podemos inferir que uma das alunas vê as linhas como pessoas, ao escrever nos comentários: **A.J:** “Achei bem interessante esse ‘lance’, pq é bem rápido, como se as linhas se cruzassem bem rápido e fossem embora depois”, já que linhas não “vão embora” e pessoas, sim. Essas inúmeras possibilidades, compartilhadas já no primeiro dia de encontro, possibilitaram-nos introduzir a visão do texto como sendo multissemiótico, vivo, dinâmico e complexo.

Ressaltamos que, antes de iniciar as oficinas, algumas inseguranças estavam presentes, como a possibilidade de não conseguirmos propiciar um ambiente de diálogo e, em decorrência disso, o encontro acabar por falta de falas dos participantes e os temores de que, se as interações não ocorressem, acabássemos por não captar minimamente as emoções e olhares acerca dos textos. No entanto, todas as inseguranças foram esquecidas ao longo do encontro, que durou mais do que as duas horas previstas inicialmente. Como os discentes não estavam tendo aulas virtuais no horário após o minicurso (alegando inclusive serem pouco frequentes naquele período), não nos preocupamos com o tempo e deixamos fluir os comentários sem limitá-los.

Após o encontro, os participantes escreveram no diário de bordo, relatando suas primeiras impressões. Nos escritos, emergiram fatores ecologicamente presentes no evento textual.

**S.F:** “A aula foi maravilhosa, fui muito bem acolhida. Aprendi que texto não são apenas letras, podemos ver um texto através de linhas, imagens e etc.”

**M.B:** “No começo tava ansiosa e nervosa, mas foi passando, as emoções são muito fortes. [...]Aprendi que nesse mundo inteiro estamos interligados, que estamos no mesmo barco.”

**G.S:** “A primeira impressão que tive foi ótima! Superou minhas expectativas! 🙌🙌Eu me senti muito bem, e muito acolhida por você. Nesse primeiro encontro, aprendi a interpretar textos que jamais poderia imaginar de que conseguiria. Eu agradeço imensamente pela oportunidade de abranger meus conhecimentos e de conhecer pessoas novas!”

**M.P:** “Eu gostei muito, pois, sei que preciso melhorar em interpretação de texto, mas também porque pode ser uma oportunidade de desenvolver meu senso crítico e de aprender mais sobre ter empatia por aqueles que não tem a mesma oportunidade que nós.”

**P. I:** “Senti-me confortável, nessa primeira aula foi passado um texto de conceito diferente, onde tinham poucas palavras e a maior parte da interpretação vinha da interação de todos os alunos. [...] para interpretar ou facilitar uma interpretação, a vivência e a emoção influencia no que você irá pensar sobre aquilo.”

**R.L:** “Foi uma experiência muito interessante, bem diferente das aulas comuns que sempre tive na escola. A interação foi bastante produtiva, aprendi muito com os comentários e os textos ligados as imagens, assim como as histórias que foram contadas pela professora.”

Como a nossa análise, nessa primeira etapa, está voltada para a **compreensão inicial (antes das discussões) dos estudantes em relação aos textos, a partir da análise dos processos de textualização, como foco na referenciação, em *fake news***; vimos no primeiro dia que, a partir do que foi discutido, já era possível entender como eles descreviam os textos e a nova visão que começava a se construir acerca dos processos de textualização. Observamos, nas falas, a emergência de percepções como as construções sociocognitivas e a visão sistêmica e ecológica da realidade, relatos de suas emoções e expectativas, bem como a visão acerca da

diferença entre as dinâmicas do nosso minicurso e as que ocorrem comumente na escola, mesmo que essas questões não fossem o nosso foco.

Podemos perceber, nas falas, a visão em construção sobre os textos – **S.F.**: “*Aprendi que texto não são apenas letras, podemos ver um texto através de linhas, imagens e etc*”; a percepção das construções sociocognitivas – **P. I.**: “*a maior parte da interpretação vinha da interação de todos os alunos*”, **R.L.**: “*A interação foi bastante produtiva, aprendi muito com os comentários e os textos ligados as imagens, assim como as histórias que foram contadas pela professora*”.

A visão sistêmica e ecológica da realidade também aparecem nos relatos – **S.F.**: “*Aprendi que nesse mundo inteiro estamos interligados*”, **M.P.**: “*Eu gostei muito, [...] pode ser uma oportunidade de desenvolver meu senso crítico e de aprender mais sobre ter empatia por aqueles que não tem a mesma oportunidade que nós.*”, **P.I.**: “*a vivência e a emoção influencia no que você irá pensar sobre aquilo.*”; além dos relatos de suas emoções e expectativas influenciando no processo cognitivo, como nos concebe as leituras de Maturana e Varela (1995) – **S.F.**: “*No começo tava ansiosa e nervosa, mas foi passando, as emoções são muito fortes*”, **C.G.**: “*Eu me senti muito bem, e muito acolhida por você*”, **P.I.**: “*Senti-me confortável*”. Vimos também um comentário relacionado a diferença entre as dinâmicas do curso e as que ocorrem na escola – **R.L.**: “*Foi uma experiência muito interessante, bem diferente das aulas comuns que sempre tive na escola*”.

No encontro seguinte, demos prosseguimento à discussão, a partir de uma atividade, em que os estudantes relataram suas impressões acerca do evento textual e, em especial, suas percepções em torno das *fake news*.

#### **4.1.1.2 Etapa I – Oficina 2**

No segundo dia de encontro, realizamos uma Atividade de Familiarização (que pode ser consultada na íntegra no Apêndice E deste trabalho), composta por 10 questões, para instigar os estudantes a desenvolverem discussões e visões mais aprofundadas na esfera textual, além de permitir uma análise dos conhecimentos prévios desses participantes acerca dos temas e textos propostos. Elaboramos a atividade no *Google* Formulários, com *link* disponibilizado para os estudantes no *WhatsApp* da turma. A partir da atividade, foi possível visualizarmos mais detalhadamente a forma como os estudantes constroem sentido e identificam pistas (con)textuais que evidenciam características comuns em *fake news*.

Após pouco mais de 1h de resolução, discutimos rapidamente e pedimos para que os participantes registrassem as principais impressões que eles tiveram do exercício, suas dificuldades e o que acharam de mais interessante no Diário de bordo. Pretendíamos, a partir das respostas dos estudantes, aperfeiçoar o planejamento (que se (re)configurara no fluir da complexidade) e assim traçar novos rumos a partir das respostas e das impressões de cada um.

#### ***4.1.1.3 Etapa I – Oficina 2 - Atividade de Familiarização***

A seguir, analisamos 3 questões da atividade: a questão 1, que nos permite visualizar as opiniões dos participantes sobre quais são os desafios quando o assunto é interpretar textos; e as questões 8 e 9, que trazem publicações devidamente checadas nas agências de *fact-checking*, com a intenção de instigar os estudantes a optarem por respostas (categorizando-as como fato ou *fake news*) acerca da veracidade das publicações e justificarem suas visões. Tentamos elaborar um exercício que tivesse uma linguagem instigante e levasse a respostas mais espontâneas possíveis, sem pressões avaliativas ou obrigações de gerar notas. Nosso ponto de partida foi uma música de Raul Seixas, “O dia em que a terra parou” (com vídeo legendado anexo ao formulário), que conduzia argumentativamente a uma discussão sobre o isolamento social ocasionado pela pandemia e as publicações falsas que estiveram em evidência nesse período.

A seguir, trazemos os enunciados das questões 1 e 2, para que seja possível visualizar melhor os caminhos argumentativos que realizamos para buscar um maior envolvimento dos participantes na atividade.



1. Olá cara(o) participante, seja muito bem-vinda(o) ao nosso minicurso. Como você vai? Neste formulário você terá a oportunidade de falar um pouco sobre você, quais dificuldades você apresenta quando o assunto é interpretação de texto e as impressões que teve sobre a atividade. Há uma leitora que está ansiosa para saber mais sobre vocês, por isso, sintam-se à vontade para escrever.
2. O ano de 2020 trouxe consigo muitas surpresas, por isso trazemos, por meio de uma música, quase que profética do cantor e compositor Raul Seixas, algumas reflexões sobre a semelhança da canção com o momento atual. Você conhece esse artista? Já ouviu essa música? Vamos curtir a canção prestando atenção na sua curiosa letra?



Agora que você escutou a música e acompanhou a letra O DIA EM QUE A TERRA PAROU, canção do álbum do cantor e compositor brasileiro de Raul Seixas, lançada em 16 de Março de 1977, gostaríamos de saber, de maneira geral, em que pontos a música se assemelha e/ou difere dos dias de hoje, em que passamos por uma Pandemia e um período de isolamento social? Você conseguiria imaginar que pudesse acontecer uma situação que se assemelhasse com a canção?

Fonte: Elaborado pela autora.

Em seguida, fizemos um apanhado das respostas dos participantes, referentes à questão 1:

**C. G:** “Eu vou bem! Eu tenho dificuldades em saber ao certo o que o texto que nos repassar.”

**A.N:** “olá, obrigada eu pela oportunidade. Bom, quando se trata de texto grande me perco toda, espero que eu consiga”

**A.J:** “eu sou afobada kkk, eu leio o texto bem rápido e já vou marcando a alternativa que eu acho que é, por medo de não dar tempo responder todas as questões, por isso, eu sempre erro questões de interpretação”

**R.L:** “interpretar os textos, já é algo muito complicado para mim, pois podem existir milhares de interpretações e quando uma determinada questão foca em apenas uma, é complicado entender.”

**M.P:** “Eu estou bem. Eu tenho muita dificuldade em interpretação de texto. Não consigo captar a essência do que está sendo dito e as vezes demoro muito para realmente entender o que o autor deseja transmitir. E tenho dificuldade, principalmente, na resolução de questões de interpretação é muito complicado para mim acertar qual alternativa está correta e qual incorreta.”

**F.E:** “Minha maior dificuldade é a concentração, sou ansiosa, começo ler e já quero saber o final, daí pulo partes e isso dificulta muito a interpretação.”

**M.B:** “Olá, estou indo bem!! É... Uma das minhas dificuldades é quando eu misturo interpretação com compreensão. Eu tento separar, mas não consigo. Pois eu acho que a interpretação é a opinião do leitor. Mas quando damos as nossas opiniões muitos dizem que tá errado, fico com dúvida como que falo. O meu problema também, é ler, eu leio e releio o texto e compreendo, mas na hora de interpretar não saio muito bem.”

Vimos que todos os estudantes relataram dificuldades em interpretar textos. Eles alegaram que alguns fatores influenciam diretamente no modo como atribuem sentido aos textos.

Detectamos em seus relatos: fatores emocionais, como ansiedade e dificuldades de concentração – **A.J:** “*eu sou afobada kkk, eu leio o texto bem rápido e já vou marcando a alternativa que eu acho que é*”, **F.E:** “*Minha maior dificuldade e a concentração, sou ansiosa, começo ler e já quero saber o final*”; além das dificuldades em sistematizar o tempo para responder às questões de interpretação – **A.J:** “*eu leio o texto bem rápido e já vou marcando a alternativa que eu acho que é, por medo de não dar tempo responder todas as questões*”.

As didatizações, que consideram suas respostas erros, também são problematizadas – **R.L:** “*interpretar os textos, já é algo muito complicado para mim, pois podem existir milhares de interpretações e quando uma determinada questão foca em apenas uma, é complicado entender*”, **M.P:** “*demoro muito para realmente entender o que o autor deseja transmitir. [...] é muito complicado para mim acertar qual alternativa está correta e qual incorreta*”, **M.B:** “*É... Uma das minhas dificuldades é quando eu misturo interpretação com compreensão. Eu tento separar, mas não consigo. Pois eu acho que a interpretação é a opinião do leitor. Mas quando damos as nossas opiniões muitos dizem que tá errado, fico com dúvida como que falo*”.

Os aspectos que fluíram nas falas dos alunos podem estar denunciando uma concepção de linguagem, texto e leitura que, por vezes, a escola adota, vendo-a como um processo mecânico, com o objetivo de responder questões “corretas”, dissociando os textos de sua contextualização e das diversas possibilidades de inferência com suas construções conjuntas. Esse modo de ver a leitura distancia-se da abordagem complexa e dos processos vivos e flexíveis de textualização abordados nesta pesquisa. Pelos depoimentos, vemos que tratar os textos de maneira mecânica e individualizada desperta sentimentos como ansiedade, dificuldades de concentração e limitações em relação ao tempo, o que afasta os estudantes de uma leitura fluida, proveitosa e frutífera. Os elementos de cunho emocional mencionados, também tecem essa perspectiva ecológica, que está diretamente ligada à construção de sentidos no evento textual.

Nesse primeiro momento, percebemos que muitos estudantes têm consciência de suas limitações e isso se faz importante para que a construção de conhecimentos ocorra de maneira mais gradual e para que também haja o fortalecimento dos laços de confiança entre

professor pesquisador e participantes da pesquisa/minicurso. Sobre essa “tomada de consciência”, Demo (2002) tece a seguinte reflexão:

Saber pensar começa, primeiro, com a habilidade de **autocrítica**: saber quão pouco se sabe, reconhecer os limites do conhecimento, avaliar os desmandos históricos do conhecimento, formular o sentido de responsabilidade ética das intervenções feitas pelo conhecimento. (DEMO, 2002, p. 124).

Na próxima questão (questão 8), inserimos uma imagem do site oficial do Governo do Estado do Ceará, publicada em 20 de março de 2020, noticiando o decreto Nº33.519, de 19 de março de 2020<sup>89</sup>, em virtude da situação de emergência em saúde no âmbito estadual, e dispendo sobre uma série de medidas para enfrentamento e contenção da infecção humana provocada pelo novo coronavírus, porém não referenciamos tal imagem com fonte, nem data. É importante lembrarmos que depois dessa publicação, as medidas de isolamento foram prorrogadas por mais 7 dias no Ceará (no dia 29 de março), depois por mais 15 dias (no dia 5 de abril), seguidos de mais 15 dias em (19 de abril)<sup>90</sup> e por mais 15 dias (no dia 5 de maio)<sup>91</sup>. Em 21 de maio de 2020, quando a atividade foi discutida na oficina, os decretos municipais e estaduais foram renovados<sup>92</sup> (até 31 de maio na capital cearense e no interior), em virtude do avanço e da gravidade da doença, tornando mais uma vez a informação da publicação válida, mesmo que o informe já fosse uma publicação antiga.

Essa questão foi pensada para verificar se os estudantes estão atentos a detalhes primordiais das publicações, como fonte e data, tendo em vista que esses elementos são decisivos na validação informativa de uma publicação. As inferências realizadas para a elaboração das respostas podem nos indicar algumas estratégias usadas por eles para categorizar uma publicação como verdadeira, falsa ou com dados insuficientes para formularem seus posicionamentos, podendo até mesmo levá-los a pesquisar em outros meios a veracidade da informação.

---

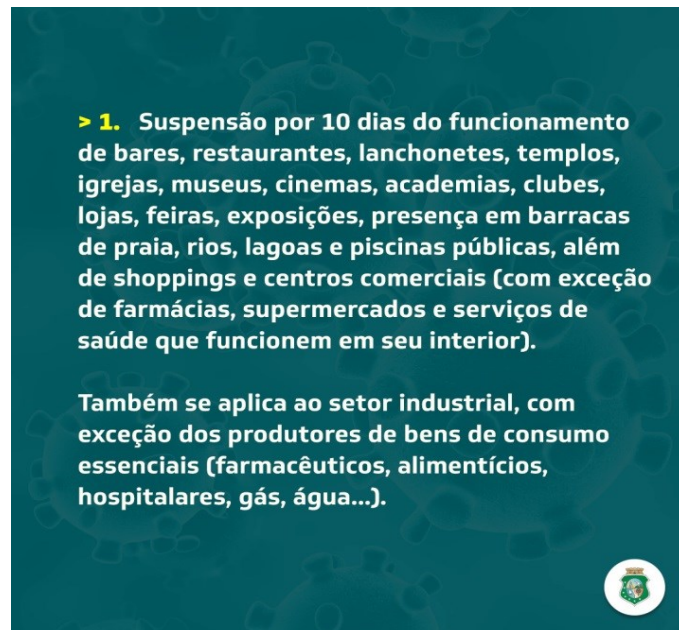
<sup>89</sup>Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/2020/03/20/governo-do-ceara-determina-novas-medidas-de-enfrentamento-ao-coronavirus/>. Acesso em: mai. 2020.

<sup>90</sup>Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2020/04/19/governador-prorroga-decreto-de-isolamento-social-no-ceara-ate-5-de-maio/>. Acesso em: ago. 2020.

<sup>91</sup> Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/tag/decreto/>. Acesso em: ago. 2020.

<sup>92</sup>Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/2020/05/20/isolamento-social-rigido-prorrogado-na-capital-interior-tera-novas-recomendacoes/>. Acesso em: ago. 2020.

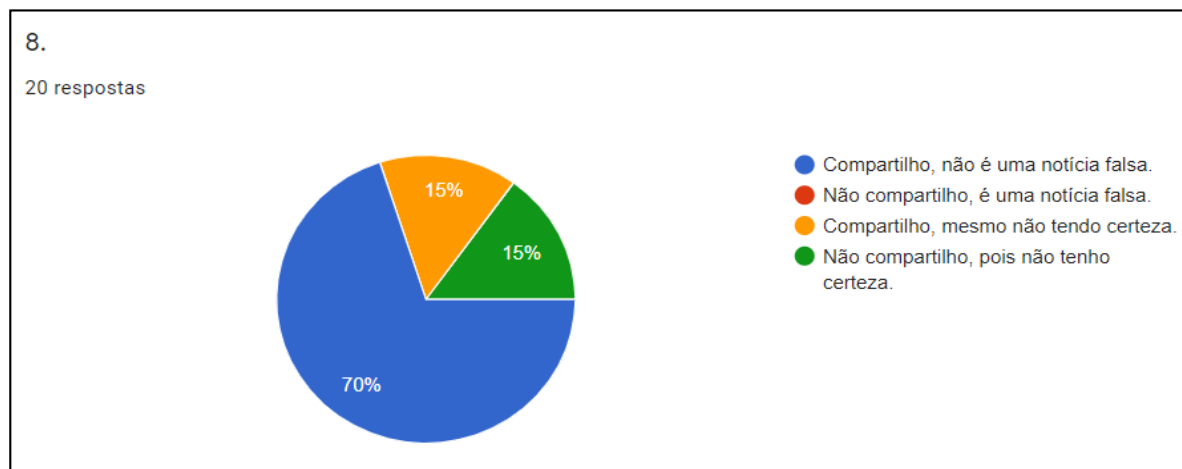
8. Leia agora as seguintes publicações e responda as alternativas que seguem, lembrando de explicar na opção 'OUTRO' o motivo da sua resposta.



- a. Compartilho, não é uma fake news.
- b. Não compartilho, é uma fake news.
- c. Compartilho, mesmo não tendo certeza.
- d. Não compartilho, pois não tenho certeza
- e. OUTRO.

Fonte: Elaborado pela autora.

**Gráfico 1 – Percentual de possíveis compartilhamentos da publicação da questão 8.**



Fonte: Atividade elaborada pela autora no *Google* Formulários.

Eu respondi essa alternativa na questão 8, porque...

**G.S:** “Porque geralmente todas as pessoas que eu conheço me enviou. Por isso eu passaria adiante e acreditaria que seria verdade.”

**E.M:** “Assisti no jornal, a informação é verdadeira”.

**A. J:** “Compartilho pelo fato da presença da logo do governo, porém, ainda fico questionando se a notícia em questão é verdadeira ou falsa. ”

**M.L:** “Mesmo dados que incluem símbolos do governo e determinações podem ser manipulados ou inventados. ”

**I.C:** “Poderia compartilhar, pois a imagem informa precisamente o que irá acontecer e também apresenta o selo estadual. ”

**P.I:** “Sigo a página da secretaria de saúde do Ceará e aparentemente o design está congruente com o que é postado lá. Entretanto, no meu caso, o que tira a dúvida se é ou não real, é verificar a fonte, por isso não marco que tenho certeza, já que não vi se foi realmente uma publicação da página. ”

**A.N:** “Eu acho que não é uma notícia falsa pq tem um brasão no cantinho da imagem. O que da a entender que seja verdade”.

Alguns estudantes categorizariam as informações como verdadeiras, ao responderem que compartilhariam a publicação, pelo fato de ter a logomarca do Governo do Estado, como **A.J**, **I.C** e **A.N** ou simplesmente pelo fato de a publicação estar sendo compartilhada por pessoas de seu círculo social, como **G.S**, por exemplo. Já **E.M.** compartilharia porque viu no jornal, mesmo sem especificar qual a emissora ou quando assistiu, revelando que o participante inferiu que a informação dada pelo jornal seria a mesma da publicação, mesmo sem verificar a data e demais informações de maneira mais detalhada. Assim como **E.M**, **P.I** relata recorrer a outros meios para se informar, pois segue a página do Governo do Estado do Ceará. O participante **P.I** desconfiou da veracidade da informação pelo fato de não ter fonte, e **M.L** tem consciência de que a publicação é passível de manipulação, mesmo com a logomarca do governo.

Os relatos dos estudantes apontam para diferentes graus de envolvimento com o texto, ainda que reajam da mesma maneira, seja alegando compartilhar ou não a publicação. Cada motivação descrita, como compartilhar por confiar na opinião de terceiros, dita por **G.L**; na presença da logomarca do estado do Ceará, que não foi unanimidade em credibilidade, como divergem **A.J** e **A.N** em relação à **M.L**, acabam conduzindo às mesmas ações, reforçando o fato da complexidade do evento textual envolver questões emocionais, vivências, intencionalidades, diferentes olhares para a mesma materialidade e o desencadeamento de posturas que podem ser prejudiciais, mesmo permeadas de intenções positivas. Cada participante reage ou é motivado de maneira diferente a agir diante da leitura de um texto. Muitos fatores estão envolvidos no processo de textualização.

Na questão seguinte, levamos a seguinte publicação:

9. Dados obtidos em 20ABR 20(08:30) <https://www.worldometers.info/coronavirus/>

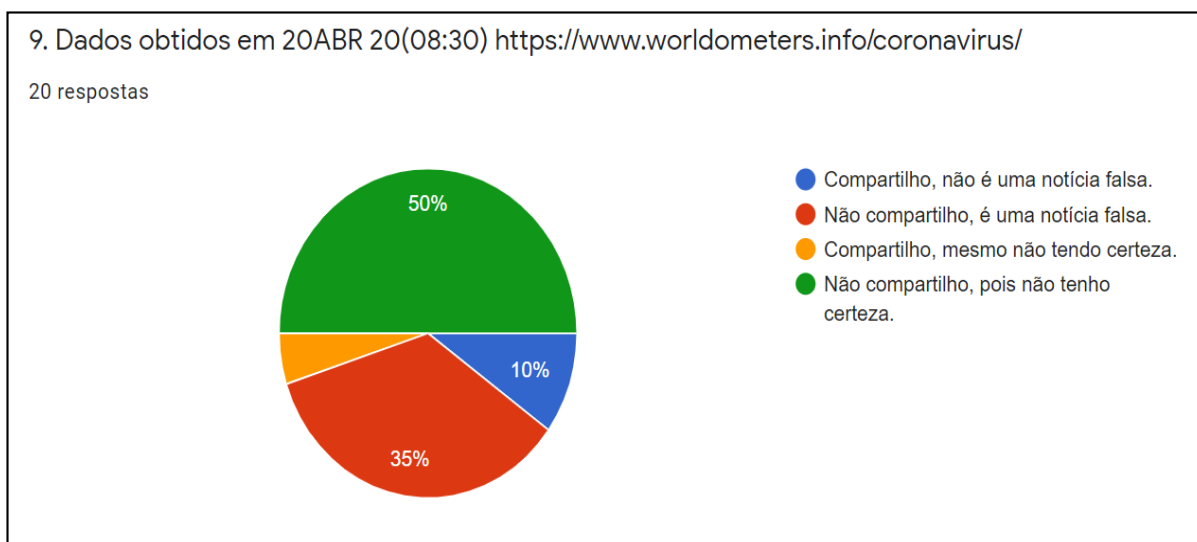
TAXA DE RECUPERADOS (Números de Recuperados / Números de Casos)			
PAÍS	CASOS	RECUPERADOS	TAXA
<b>BRASIL</b> 🇧🇷	<b>39.144</b>	<b>22.130</b>	<b>56,53%</b>
ESPAÑA	200.210	80.587	40,25%
CANADA	35.056	11.843	33,78%
ITÁLIA	178.972	47.055	26,29%
JAPÃO	10.797	1.159	10,73%
ESTADOS UNIDOS	764.265	71.012	9,29%
RUSSIA	47.121	3.446	7,31%
SUÉCIA	14.385	550	3,82%
PORTUGAL	20.206	610	3,02%

Dados obtidos em 20 ABR 20 (08:30) <https://www.worldometers.info/coronavirus/>

Brasil é o primeiro  
no ranking mundial  
em recuperados do  
vírus chinês! 🇧🇷 🙏  
Me ajuda a  
compartilhar essa  
notícia boa.

- Compartilho, não é uma fake news.
- Não compartilho, é uma fake news.
- Compartilho, mesmo não tendo certeza.
- Não compartilho, pois não tenho certeza
- OUTRO.

### Gráfico 2 – Percentual de possíveis compartilhamentos da publicação da questão 9.



Fonte: Atividade elaborada pela autora no *Google* Formulários.

A questão de número nove trazia uma publicação falsa e devidamente checada pela agência de *fact-check* Aosfatos.<sup>93</sup> A informação tinha fonte, data e até horário e mostrava números referentes aos indivíduos recuperados da Covid-19. Em seguida, um texto sobreposto anunciava o país com a maior taxa de pessoas recuperadas do vírus chinês (referente utilizado de maneira desrespeitosa pelo(s) autore(s) da *fake news* para nomear o coronavírus). Algumas pistas da materialidade textual podem ser observadas, como um desvio de colocação pronominal (início de frase com pronome oblíquo) e também o apelo por compartilhamento (me ajuda a compartilhar).

Segundo a agência de checagem Aosfatos, os números expressos e obtidos naquela data eram reais, porém, informações (con)textuais mostram a impossibilidade de comparar países com oferta e critérios de testagens para a Covid-19 diferentes. Essas informações comparativas desproporcionais e intencionalmente montadas podem levar à manipulação. Como as fontes traziam dados reais, a escolha por essa publicação, em especial, poderia chamar a atenção e levar para a discussão, casos de postagens com comparações incoerentes, além da presença de comentários que defendam uma opinião imparcial, como a que aparece logo abaixo do quadro (com emojis). Esse debate foi realizado com os estudantes, em um momento

<sup>93</sup> Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-o-brasil-seja-o-pais-com-maior-taxa-de-pessoas-recuperadas-da-covid-19/>. Acesso em: maio de 2020.

posterior, na oficina 5, o que oportunizou o desenvolvimento de um olhar mais atento direcionado à postagens que tenham essas características.

A seguir vemos como os estudantes se posicionaram acerca da publicação:

**E.M:** Compartilho, não é uma notícia falsa. Porque ela acompanha a fonte de sua informação, bastando apenas uma conferida na responsabilidade do site.

**A.L:** Compartilho, mesmo não tendo certeza. Compartilho pq talvez seja uma notícia boa e estamos precisando de bias notícias

**S.F:** Não compartilho, pois não tenho certeza. Porque acho que é mentira.

**R.L:** Não compartilho, é uma fake news. Claramente, não parece ter sido divulgada em um site oficial e apela para o compartilhamento na primeira pessoa do singular (Detetive demais kk).

**P.I:** Não compartilho, é uma fake news. No Brasil há uma sub-notificação de casos, então o cálculo fica impreciso.

**H.S:** Eu não compartilharia nem se soubesse que é verdade, pois o fato de haver muitos curados apesar de ser uma ótima notícia não é algo a se comemorar pois o número de óbitos é bem maior. Além disso, esse tipo de mensagem pode fazer a população rejeitar os principais noticiários por não terem divulgado uma notícia positiva e por isso não seguir as diversas informações importantes que eles repassam.

**F.E:** Não tendo certeza não compartilho pq uma notícia dessas pode relaxar as pessoas e elas podem acabar não levando tão a sério o isolamento social.

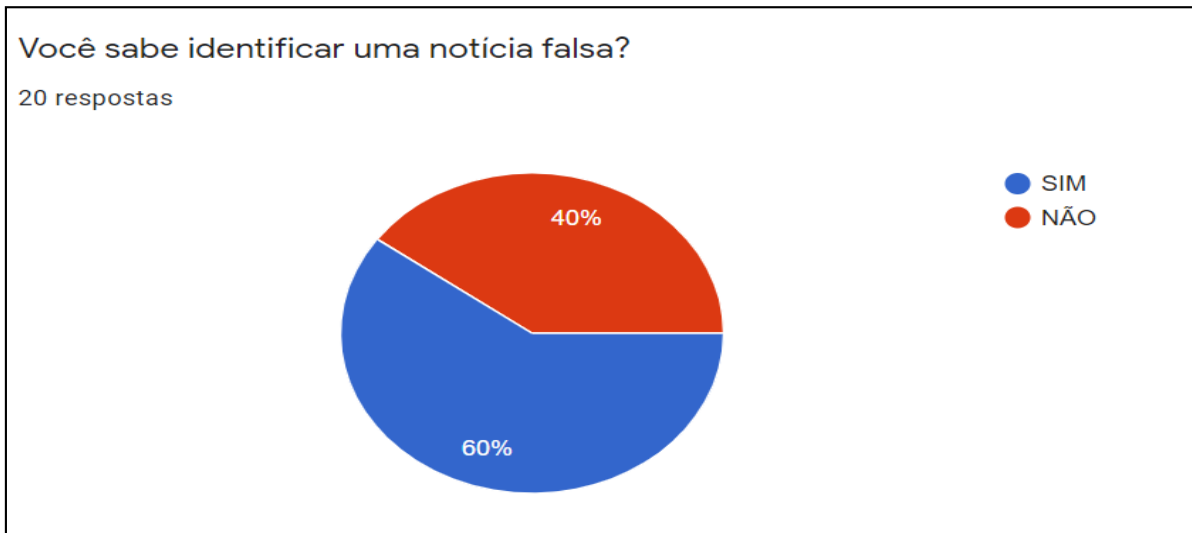
Ao ler as inferenciações e os motivos das categorizações em notícia ou *fake news*, chama-nos a atenção o fato de que detalhes importantes, como a presença da fonte, também podem levar pessoas a compartilharem a publicação falsa, por entenderem que pode ser confiável, como podemos observar na enunciação do participante **E.M** ao alegar que compartilharia “*bastando apenas uma conferida na responsabilidade do site*”. Nesse caso, o termo “apenas” pode ser problemático, uma vez que é de suma importância verificar a credibilidade das fontes. Outro participante, **A.L**, alegou compartilhar, mesmo não tendo certeza, por estarmos “*precisando de boas notícias*”, o que, muitas vezes, pode ser um ato perigoso, como relatam os estudantes **H.S** e **F.E**, que, mesmo em uma eventual comprovação, não compartilhariam, pois entendem os perigos que informações como essas podem causar nos hábitos dos brasileiros, sobretudo em um período de pandemia, que demanda cuidados. **S.F** não compartilharia, pois ainda apresenta dúvidas e **R.L** alega ser *fake news* e aponta pistas que permitem suas inferências, como o fato de a informação não parecer “*ter sido divulgada em um site oficial e apela para o compartilhamento na primeira pessoa do singular*”.

Mais uma vez, temos participantes com as respostas mais variadas, mesmo estando diante do mesmo texto e recorrendo a informações e noções (con)textuais para responderem e justificarem suas possíveis ações diante das publicações.



Tendo em vista os posicionamentos dos participantes diante das notícias lidas até então, decidimos perguntar-lhes se sabiam identificar uma *fake news* e se já haviam compartilhado alguma

**Gráfico 3 – Percentual de participantes que alegam saber ou não identificar *fake news***



Fonte: Resposta dos participantes à atividade elaborada pela autora no *Google* Formulários.

**Gráfico 4 - Percentual de participantes que alegam ter compartilhado *fake news***



Fonte: Resposta dos participantes à atividade elaborada pela autora no *Google* Formulários.

O Gráfico 3 permite-nos inferir as inseguranças dos participantes em relação à identificação das publicações falsas, uma vez que 40% alegou não saber distinguir, enquanto que no Gráfico 4, 65% afirmou ter compartilhado conteúdo de veracidade duvidosa. Após

analisarmos os resultados dessa etapa, vimos a importância de dar continuidade às oficinas, promover os processos de textualização e viver com o grupo o evento textual a partir e além da sua materialidade (BEAUGRANDE, 1997; MARCUSCHI, 2007; 2008); compreender a complexidade dos fenômenos (CAPRA, 1996; PELLANDA, 2005; MORIN, 2015), contruir sentidos sociocognitivamente (SALOMÃO, 1999), através da aprendizagem situada (COSTA, 2010), e promover perturbações para estimular os processos autopoiéticos de aprendizagem (MATURANA; VARELA, 1995). Desse modo, teremos chances de agir diante desse quadro que observamos a partir das falas, respostas e depoimentos dos estudantes.

Após o encontro, os estudantes registraram suas impressões sobre a discussão, sobre a atividade e o que lhes chamou mais atenção:

**P.I:** “Assim como no primeiro encontro, foi uma boa experiência. Dessa vez, aprendi juntamente com os meus colegas a interpretar de uma maneira mais aprofundada a música "o dia em que a Terra parou". Falamos sobre Karl Marx, guerra do proletário, mito da caverna de Platão, e até fizemos uma síntese com o que estamos vivendo atualmente. Foi bem interessante e esclarecedor.”

**A.S:** “Achei a atividade ótima, embora eu tenha uma pequena dificuldade de responder atividades. Com a aula eu consegui enxergar o texto de várias formas diferentes e perceber detalhes que não havia percebido durante a atividade.”

**I.C:** ‘Gostei da atividade. A ideia de trazer a música foi ótima, pois a letra me deixou surpresa e despertou minha curiosidade. Mas o melhor mesmo foram os debates, gostei de ver sobre a percepção de cada colega, cada ponto de vista era um mais interessante que o outro. Senti que estava aprendendo, não só com a professora, mas com toda a turma.’

**R. L:** “Achei uma aula super interessante e gostei muito da atividade, me estimulou a pensar de maneira diferente cada vez que lia a letra daquela música. Conheci interpretações diferentes de cada pessoa e criei as minhas próprias. Foi muito divertido e didático, acredito que vou levar esse tipo de conhecimento pra vida.”

**M.B:** “Mas um dia de muitos. Esse encontro foi bem curioso, ao escutar a música " O DIA EM QUE A TERRA PAROU", no começo interpretei de um jeito que não imaginava como era, ao assistir a aula foi surgindo outros pensamentos, que de fato a música é um mistério. Lembrei de coisas gramáticas que já tinha esquecido, ou seja, essa aula foi um verdadeiro misto de conhecimento. Obrigada por mais uma aula 😊”

**E.M:** “Na aula de hoje foi realizado no início um questionário de fácil compreensão e com uma carga de conhecimento muito grande. Logo após a resolução dessas questões foi aberto o debate sobre a música "O dia em que a Terra parou" do cantor e compositor Raul Seixas. A música possui um leque de conhecimentos que só foi possível absorver por conta da interação de todos com seu posicionamento a respeito do assunto, sempre muito dinâmico.”

Vemos nessas falas que as construções sociocognitivas são desencadeadas por perturbações constantemente realizadas durante as discussões e viabilizadas por uma visão de cognição e aprendizagem situada. A complexidade dos fenômenos do evento comunicativo perpassa todos os comentários registrados no diário de bordo, pois foge a qualquer previsão de raciocínio linear e padronizado. Muitos outros relatos foram relevantes para a pesquisa, porém, tivemos que selecionar e fazer recortes para melhor direcionar nossas

análises. A aprendizagem foi se construindo à medida que os comentários iam surgindo, por isso, as discussões foram se tornando interdisciplinares e resgatando assuntos de vários campos do saber. Vimos o evento comunicativo em movimento ao longo dos diálogos entre os participantes e a pesquisadora. Mesmo na modalidade remota, os debates fluíram de maneira muito proveitosa para os envolvidos.

Contudo, após a leitura das respostas da atividade, vimos que mais camadas do texto poderiam ser exploradas por eles. Nessa primeira etapa da pesquisa, percebemos o quanto os estudantes necessitam discutir e vivenciar a amplitude e a complexidade do evento textual, para que possam desenvolver a capacidade de reconhecer estratégias de manipulação. Essas habilidades são desenvolvidas a partir da construção conjunta de referentes e a realização de inferências que os conduzam à (re)categorização dessas publicações. A partir desses percursos, demos continuidade à construção de conhecimentos, nas oficinas de leitura, em que muitos dos pontos aqui observados são discutidos mais detalhadamente.

#### 4.1.2 Etapa II

Nessa segunda etapa, vivemos o processo de **aprendizagem situada e seus efeitos na construção de sentidos por meio das inferências durante os processos sociocognitivos na leitura conjunta**. Tivemos como objetivo investigar como o ensino situado produz efeitos e potencializa a consideração das pistas (con)textuais em *fake news*. Mostramos a seguir a descrição de cada encontro (terceiro ao nono) e as análises das modalidades de interação elencadas em nosso referencial teórico e em nossa metodologia.

Iniciamos esta etapa apresentando a perspectiva de texto como evento comunicativo, que envolve ações linguísticas, cognitivas e sociais (BEAUGRANDE, 1997) e relações entre sistemas de diversas naturezas, entre os quais os próprios participantes do discurso, tendo como características principais a instabilidade, a incompletude e a provisoriade, (COSTA; MONTEIRO; ALVES, 2016, a partir das ideias de BEAUGRANDE 1997), estando ligado a diferentes práticas sociais. Para estabelecermos um vínculo mais interativo com nosso público-alvo, adaptamos os contextos teóricos acadêmicos para uma linguagem acessível aos estudantes, com exemplos mais comuns ao cotidiano escolar.

### 4.1.2.1 Etapa II – Oficina 3

Na oficina III, discutimos os conceitos de texto com os participantes e conversamos sobre exemplos reais desse evento e seus inúmeros elementos e processos envolvidos em constante reconstrução pelos leitores. Tratamos também sobre a leitura como processo dinâmico, dialógico e complexo, que se (re)configura sociocognitivamente, no grupo, uma vez que precisávamos estimular a reflexão de que cada um carrega consigo, ao ler, sentimentos, sensações, emoções, conhecimentos de várias esferas, como sociais e culturais.

Na figura a seguir, inspirada na ilustração de Franco (2011) – discutida na subseção 2.3 desta dissertação – sobre a leitura complexa, elaboramos um dos slides mostrados na oficina tratando sobre a amplitude do evento textual, o qual vai além de sua materialidade e inclui os sujeitos em seus processos de textualização. Lançar essa abordagem na terceira oficina foi muito importante para trilhar um caminho que poderia despertar *insights* quanto às possibilidades de interligações complexas que levam grandes grupos de pessoas a darem credibilidade ou compartilharem falsas publicações.

**Figura 9 – Slide da oficina 3**



Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 9, discorreremos sobre alguns dos inúmeros elementos e fenômenos emergentes a partir da participação dos leitores no evento textual e mostramos o quanto a linguagem, os seres humanos e suas relações sociais são complexas. Discutimos, a partir da imagem, que a materialidade textual, quando chega até o leitor, ou leitores, estará a todo momento passando por processos de textualização. Cada leitor, contrói sentidos de maneira diferente, realizando inferências a partir de suas crenças, culturas, experiências, religiões, da forma como os sistemas cerebrais trabalham para decodificar e realizar as interconexões, além de influências relacionadas ao (re)conhecimento ou pertencimento a um contexto político e/ou social. Todos esses processos estão interligados ao longo da leitura e permitem o leitor criar categorias (que não são fixas), para construir suas visões de mundo e atribuírem sentido ao que leem.

Partindo dessas reflexões, apresentamos o texto a seguir, lugar de interação (KOCH, 2002) onde foi possível tecer sentidos a partir da pontuação, elemento importante para distinguir situações. Esse fator gramatical foi o nosso ponto de partida no encontro III:

#### **A Herança (autor desconhecido)**

Um homem rico estava muito mal, agonizando. Pediu papel e caneta. Escreveu assim: 'Deixo meus bens a minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres.' Morreu antes de fazer a pontuação. A quem deixava a fortuna? Eram quatro concorrentes

1) O sobrinho fez a seguinte pontuação:

Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

2) A irmã chegou em seguida. Pontuou assim o escrito: Deixo meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

3) O padeiro pediu cópia do original. Puxou a brasa pra sardinha dele: Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.

4) Aí, chegaram os descamisados da cidade. Um deles, sabido, fez esta interpretação: Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro? Nada! Dou aos pobres.

Fonte: Site Recanto das Letras<sup>94</sup>.

Discutimos no texto *A Herança*, questões relacionadas à pontuação e às mudanças de sentido do texto, de acordo com a posição da vírgula. Quando perguntados quem ficaria com

<sup>94</sup> Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/gramatica/3300458>. Acesso em: abr. 2020.

a herança, os participantes (falando pelo microfone ou escrevendo no *chat*) expressaram grande diversidade de visões acerca das possibilidades de sentidos que o texto poderia trazer ao leitor.

**I.C:** “Ele coloca uma negação depois de cada pessoa, menos dos pobres. Então talvez fosse para os pobres.

**A.N:** “Concordo que ele dá aos pobres, só se ele tirar a conta do padeiro [...] tem que pagar ao padeiro, não dar nada a ninguém ainda, né?”.

**M.B:** “Está um mistério esse texto”.

**E.M:** “Esse texto deu ideia para uma esquete de teatro.”

Vemos nos comentários que os participantes sociocognitivamente realizaram inferências a partir de suas visões de mundo, como **A.N**, por exemplo, ao alegar que o homem não podia fazer doação estando em débito com o padeiro. Por outro lado, elementos da materialidade textual que se sobressaíram, como afirma **I.C** ao mencionar termos negativos (Não; Jamais; Nada) após cada personagem referido, menos no referente “pobres”, infere que a herança iria para esses últimos. Foi possível também conduzirmos a discussão de modo a produzir perturbações, tendo em vista que **E.M** extrapolou a significação da materialidade quando levantou a possibilidade de realização de uma esquete teatral, com possíveis retextualizações, e **M.B** teve sua criatividade aguçada ao mencionar que o texto é um mistério, dando vazão ao fato de que não há uma resposta pronta e correta para a pergunta realizada pela pesquisadora e sim várias possibilidades de sentidos.

Reforçamos a fala de Franco (2011), quando ele afirma que na leitura: “novas interações emergem com a troca de informações dentro do sistema e com o ambiente externo”. (FRANCO, 2011, p. 41). O evento comunicativo, que é incompleto, abre infinitas possibilidades dentro de suas relações complexas. Podemos ver essas relações presentes em cada comentário e de maneiras indissociáveis, sobretudo ao vermos a imprevisibilidade e as incertezas no modo como o texto é textualizado pelos participantes, os quais são instigados pelos questionamentos da pesquisadora, que também textualiza ao escrever estas análises.

Em seguida, continuamos o assunto falando sobre ortografia, sobre políticas linguísticas e novo acordo ortográfico. Resgatamos a colonização portuguesa e a possibilidade dessa tentativa de mudança ortográfica ser um neocolonialismo linguístico. Por meio das instigações e dos constantes estímulos a “desconfiarem do que lerem”, por parte da pesquisadora, os estudantes começaram a ficar mais atentos quanto aos sentidos aparentemente lógicos dos textos. Desse modo, a partir dos comentários da pesquisadora e dos participantes, foi possível “mergulharmos” em discussões, como as intenções da autoria, os contextos históricos, até enveredarmos por outras inúmeras possibilidades que o texto podia mover.

Assim, continuamos o debate, agora fazendo uma conexão com manchetes de jornais e observando a forma como a mídia descreveu o caso criminal de negligência ocorrida, em 2015, em Mariana-MG e, em 2019, em Brumadinho-MG.

**Figura 10 – Manchete 1**



Fonte: Site G1, 05/11/2015.<sup>95</sup>

**Figura 11 – Manchete 2**



Fonte: Site G1, 11/02/2019.<sup>96</sup>

Perguntamos aos participantes o que eles entendiam quando liam as duas manchetes do G1. O participante E.M escreve no *chat*: “Como a barragem vai se romper sozinha? rrsr”. Nesse momento, a aluna A.N também publica no *chat*: “Não foi acidente, eles sabiam”, em seguida, os colegas começaram a confirmar a opinião de A.N. Na sequência, M.P diz: “Dá a entender que ninguém teve culpa, o modo como a reportagem diz.”

A partir desses comentários, chamamos a atenção para elementos léxico-gramaticais dentro das publicações, como o referente que exerce a função de sujeito agente “Barragem” na frase “Barragem se rompe” (não personificado), o pronome reflexivo “se”, bem

<sup>95</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/noticia/2015/11/barragem-de-rejeitos-se-rompe-em-distrito-de-mariana.html>. Acesso em: abr. 2020.

<sup>96</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/ao-vivo/barragem-da-vale-se-rompe-em-brumadinho-na-grande-bh.ghtml>. Acesso em: abr. 2020.

como o sujeito “Tragédia”, na segunda manchete. Após os comentários iniciais dos estudantes, discutimos o fato de toda essa construção léxico-gramatical ser formada com o intuito de isentar os reais sujeitos dos estragos ambientais causados, conduzindo o leitor a possibilidades de inferir que seria de fato uma tragédia (natural), sem pensar em culpados e agir em busca de justiça.

Ainda nessa perspectiva e dando sequência ao raciocínio das manchetes anteriores, mostramos a capa da revista Istoé, em que o mesmo contexto de violação ambiental é denunciado nitidamente, em letras grandes, revelando que não se tratava de um desastre, e sim um crime.

**Figura 12 – Capa da Revista Istoé**



Fonte: Revista Istoé, edição nº 2562 de 01/02/2019.<sup>97</sup>

A publicação reforça as inferências realizadas pelos alunos em relação aos casos das manchetes anteriores em que a manipulação textual estava expressamente presente, mesmo que se tratasse de um portal de notícias credibilizado por grande parte dos brasileiros e autodeclarado imparcial. Após debatermos sobre as negligências cometidas pelas empresas Vale e Samarco e lembrarmos os episódios de crimes ambientais ocorridos no estado de Minas Gerais, os participantes revelaram ressignificar suas visões e reconstruir suas opiniões acerca do que leem, conforme vemos em seus relatos no Diário de bordo.

---

<sup>97</sup> Disponível em: <https://istoe.com.br/edicao/2562/> Acesso em: abr. 2020.



A partir da leitura dos dois textos, debatemos que essas nuances deixam transparecer, por meio das sutis escolhas lexicais, intencionalidades maiores, que possivelmente essas informações “servem” a alguém ou algum grupo específico. Mostramos que essa postura de elaboração textual em que propositalmente se preservam faces, como nesse caso, é muito perigosa, pois conduzem a um silenciamento da população em relação aos culpados por toda essa situação.

A discussão sobre as manchetes levou os estudantes a perceberem o quanto muitos discursos, sobretudo graves e urgentes, passam despercebidos e se naturalizam como normais, isentando responsabilidades do poder público, de pessoas de alto poder aquisitivo, como empresários ou indivíduos que exercem poder sobre os órgãos midiáticos. Desse modo, alertamos para o fato de a linguagem poder recriar realidades ou categorias (que não são fixas) a partir das escolhas lexicais e das circunstâncias complexas. Percebemos o quanto nossa discussão atingiu os participantes a partir dos comentários no Diário de bordo:

**M.B:** “Essa aula maravilhosa, me ajudou a abrir os olhos para a vida, não só essa, mas todas. Estou amando de coração verdadeiro. De fato, todos nós somos um texto. Temos que construí-los pois estão por toda parte. O texto "A HERANÇA" resume a sociedade, é de acordo com sua pontuação que virá a interpretação. É muito importante saber a pontuação. Como toda aula, saio com um repertório cultural ótimo. Fiquei chocada quando soube que tinha outros países que usa o português.”

**P.I:** “De início, foi mostrado um texto que mostrava o quanto importante a pontuação é e como ela pode manipular uma série de fatos. Além disso, algo extramente destacado nessa aula foi a questão do "por quê?", questionar aquilo que a gente vê e imaginar o porquê daquilo ser repassado pra gente.

**H.R:** “A aula foi muito rica, pois abordou muitos assuntos de várias áreas do conhecimento. Além disso, com a aula foi possível abrir os olhos dos alunos presentes para começarem a questionar a veracidade das informações ao qual são impostos.”

**I.C:** “O encontro foi ótimo! Gostei dos textos e dos temas abordados. Acho incrível como conseguimos estudar muitas disciplinas em uma só. Estou aprendendo a olhar os textos por uma perspectiva diferente”

Fazendo uma conexão entre os comentários e o referencial teórico, vemos que os processos cognitivos investigados à luz da Biologia do Conhecer e da Epistemologia da Complexidade em suas esferas sistêmicas e circulares, que se auto-organizam em meio à incerteza e ao caos, conduzem a ações que se distanciam do instrucionismo. Quando lançamos os mínimos estímulos, por meio de questionamentos e inquietações, e deixamos o processo fluir por meio dessas perturbações, temos uma aproximação maior e de maneira interativa com a construção conjunta de sentido. Isso não ocorre de maneira simplista e previsível, mas considera os elementos sistêmicos que povoam a realidade em que os participantes e o pesquisador estão inseridos.

Ao discutir o texto como evento comunicativo, lançando mão das práticas pedagógicas orientadas teoricamente pelo ensino situado, a Biologia do Conhecer, a visão sociocognitiva, dentro da Epistemologia da Complexidade, percebemos que as ressignificações (ou o que Maturana chama de acoplamentos) acontecem a todo momento. Os estímulos, a curiosidade, o envolvimento, a empolgação dos participantes envolvem-nos em discussões que permitem viver o texto de maneira ecológica, quando não há separações entre essas esferas e todas elas convergem para o entendimento do texto.

#### **4.1.2.2 Etapa II- Oficina 4**

Ao longo das oficinas foram promovidos quatro debates contemplando abordagens diferentes em torno da manipulação discursiva que conduz à descredibilização nas ciências históricas e ambientais, nos tratamentos médicos, nas descobertas laboratoriais e na esfera jornalística, sobretudo em um contexto de pandemia. Por isso, convidamos quatro profissionais, das áreas citadas anteriormente, para dialogar com o grupo e discutir textos, com o intuito de desconstruir o pensamento negacionista e preconceituoso que entendemos estar por trás das *fake news* lançadas nas redes sociais.

No encontro IV, convidamos o professor e historiador Assis Severo para tratar sobre questões relacionadas às manipulações discursivas, focando nos atos de intencionalidade movidos pelo poder e pelas ideologias historicamente pregadas como normativas, para compreender a realidade atual. Essas relações de poder, que separaram durante muito tempo opressores de oprimidos e escravizaram, silenciaram e ainda silenciam grande parte do povo brasileiro, foram retratadas por meio de inquietações lançadas aos estudantes em uma discussão muito proveitosa entre convidado, pesquisadora e o grupo de estudantes.

**Figura 13 – Cartaz de divulgação, oficina 4**

**Os Textos e a Vida: Uma abordagem interdisciplinar do conhecimento.**  
Apresenta:

**A histórica manipulação discursiva.**  
Dia 09/06, às 15h, em nossa sala virtual.

Prof. Francisco de Assis Severo Lima é Mestre em História pela UFPB, Especialista em História pela Faculdade de Juazeiro do Norte, em Ensino de Filosofia e em Gestão Escolar pela UFC. É Graduado em História pela UFCG. Atualmente é professor de História da Educação Básica do Estado do Ceará em exercício na EEMTI Tabelaão José Pinto Quezado e na EEEP Leopoldina Gonçalves Quezado em Aurora-CE.

Org. Prof. Débora Leite.

Fonte: Elaborado pela autora.

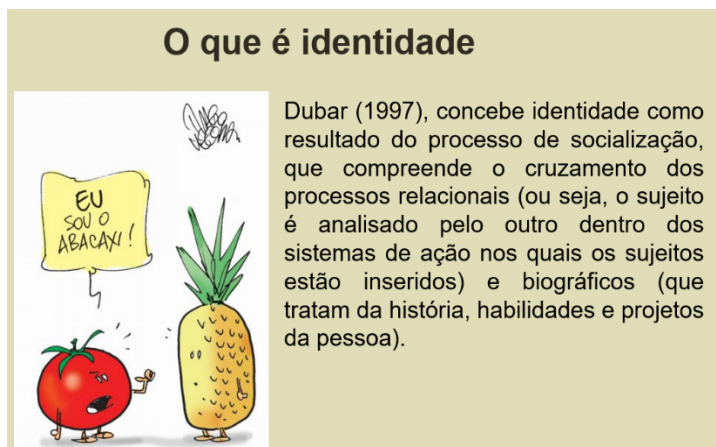
O convidado lançou perguntas instigadoras (provocando perturbações) como: “por que eu me visto desta forma?”, “por que falo português?”, “por que gosto desse estilo de música?”, “que profissão eu pretendo seguir?”, “que crença religiosa sigo?”, “será que escolhemos tudo isso sozinhos, ou será que existe uma influência da sociedade nas respostas a essas perguntas?”. Em seguida, discutimos o que é identidade de uma forma geral, abordando desde questões de gênero e cor até identificações relacionadas à classe social.

O professor Assis Severo discutiu sobre o que seria ideologia, qual a relação entre a ideologia, os sujeitos e as disputas ideológicas. Cada slide trazia uma pauta importante que nos conduzia às raízes e aos perigos do pensamento binarista, das explicações simplistas, da existência de opostos e dualidades que reforçam os preconceitos e as desigualdades em nossa sociedade.

O objetivo dessa discussão foi o de alertar os participantes para as tramas sociais provenientes da linguagem na formação de categorias antagônicas (certo e errado, por exemplo) criadas ou sustentadas pelos que detêm o poder, na tentativa de manutenção de um *status quo* por meio do encaixe da sociedade nesses agrupamentos. Esses blocos, por sua vez, carregam consigo modos de pensar e de agir, logo, mostram-se fortes motivações para o compartilhamento de publicações que reforcem o que eles acreditam, independentemente da veracidade da informação.

A todo momento, deixávamos o espaço aberto para comentários e perguntas (digitados no *chat* ou falados). Logo após a apresentação inicial do professor, quando perguntados o que entendiam sobre os textos nos slides, alguns comentários chamaram nossa atenção e foram importantes para dar prosseguimento à construção sociocognitiva de sentidos:

**Figura 14 – Texto dos slides discutidos na oficina**



Fonte: Elaborado pelo professor convidado.

Ao elaborar o slide, o convidado procurou trazer a pauta da questão identitária, sobretudo relacionada ao sentimento de pertencimento ou consciência de classe social, cor, gênero ou outro grupo que emergisse na discussão. Por meio dos personagens – representados na imagem a seguir, pelo tomate e pelo abacaxi – é possível ilustrar como essa visão ainda é distorcida por muitos, que se autocategorizam com base em visões manipuladas. Essas impressões também foram compartilhadas pelos estudantes por meio de suas inferências com os demais:

**G.S:** “Acho que o tomate foi crescendo pensando que ele era um abacaxi, só q ele nn é kkk. Entendi isso.”

**R.L:** “Eu acho que ele se sente como um abacaxi”. Na segunda imagem,”.

Na segunda imagem, o professor trouxe anúncios publicitários atuais e corriqueiros de se encontrar em grandes centros urbanos, trazendo referentes que reforçam visões patriarcalistas e heteronormativas (como na imagem, em que um homem envolve toda a sua família); que estimulam o consumo (homens, em uma propaganda de venda de automóvel); e que reforçam supremacias raciais (todos são brancos). Todas essas imagens, foram historicamente reforçadas e naturalizadas pela mídia por muito tempo:

Figura 15 – Textos dos slides discutidos na oficina



Fonte: Elaborado pelo professor convidado.

Vemos a seguir, os comentários dos presentes diante das imagens:

**A.N:** “Eu me incomodo muito com a família perfeita” (escreve no chat)

**Pesquisadora:** “Se você quiser falar mais a respeito A.N, olhe, você sabe que eu adoro te ouvir, né?”

**A.N:** “[...] Eu me incomodo muito com a questão da família perfeita, não sei se é porque eu vivo isso, aqui em casa não é a família perfeita, já vim de outra geração que não foi perfeita. Mas quando tem um casal, pai e mãe e dois filhos eu me incomodo. [...] porque é aqui é tudo separado. Meus meninos vivem com o padrasto, são de pais diferentes e eu acho que eu não cabia nesse condomínio”.

**Pesquisadora:** “Muitos brasileiros não cabem..”

**Professor Assis Severo:** “Exatamente, o que incomoda a gente é que a sociedade tenta construir justamente esses modelos perfeitos, que você deve se adequar a eles, é como se existisse um modelo ideal e quem tivesse fora desse modelo ideal fosse menor. É justamente o que a gente tá falando aqui, a desconstrução desses modelos ideais, a desnaturalização dessas identidades perfeitas”.

**C.G:** Na maioria das propagandas [...] são pessoas brancas.

**I.C:** A segunda imagem mostra os brinquedos que são impostos aos meninos. Desde criança eles são influenciados a brincar com carrinhos e tals. E essa imagem tem relação com a terceira, na terceira associa-se carros ao universo masculino. A mulher só foi retratada na primeira imagem como mãe e esposa.

Diante dos referentes apresentados nas imagens, os participantes reagiram e sentiram-se incomodados com a realidade naturalizada durante muito tempo. Essa postura de desconstrução de valores hegemônicos pode contribuir para um entendimento mais nítido acerca das intencionalidades voltadas para as publicações falsas, uma vez que muitas delas impõem visões tradicionalmente reforçadas ao longo da história e utilizam argumentos incoerentes com a realidade atual.

**M.P:** “Achei muito interessante a questão que ele tratou em relação os poderes dominantes na sociedade que isso muda com o tempo, mas quando observamos a sociedade ainda presenciamos essas dominações. Porém, o que eu achei muito interessante foi ele dizer que isso não é necessário que permaneça podemos questionar sobre essas imposições. Aprendi bastante!”

A fala do professor tratou sobre a ideia de que as ações humanas podem se desenvolver a partir das ideologias, sobre o que somos ensinados a ser. Nesse sentido, temos resultados de construções ideológicas que surgem em determinados momentos da história, o que evidencia que as identidades sociais são produzidas pelas relações de poder em um determinado período histórico.

Analisando nosso diário de bordo, vimos o quanto os estudantes ressignificaram seus pontos de vista em relação ao que foi discutido:

**M.B:** “realmente somos construtores da história. As situações que são vividas no dia a dia, na sociedade, dos grupos "excluídos" que geralmente são minorias étnicas, culturais e religiosas, como os negros, homossexuais, índios, etc. E a questão da minoria que são os mais representativos. Entendi sobre ESQUERDA e DIREITA. A ideologia, identidade naturalizada; de forma são coisas que construímos na sociedade.”

**P.I:** O mais interessante é que aparentemente as aulas têm um sentido cronológico, na aula anterior, foi muito frisado a questão do "por quê", já nessa, além do questionamento, muitas explicações vieram juntas, como por exemplo: por que a nossa sociedade é assim? por que ensinaram isso? E todas essas perguntas podem ser respondidas com base na questão de grupo dominador e dominado, onde aqueles que estão no topo passam a sua visão e e convencem que aquela ideologia é o melhor para todos. Aprendi muito nessa aula, principalmente a como enxergar toda a construção da sociedade.”

**I.C:** “É muito importante se questionar sobre a desigualdade e o preconceito existente na sociedade, e o encontro 4 nos levou a refletir sobre isso. Afinal, muitas vezes, traços do preconceito em propagandas, mídias, discursos podem passar despercebidos. Por muito tempo da minha vida, eu não me perguntava o porquê de eu só poder agir de determinadas formas ou brincar com determinados brinquedos, mas hoje entendo que foi por conta de uma questão social. A cada encontro, eu me surpreendo com o conteúdo interdisciplinar que nos é apresentado, pois nos leva a enxergar as coisas por ângulos diferentes, fortalecendo o senso crítico.”

**R.L:** “Esse encontro foi ótimo! Além de aprender muita coisa, essa conversação me deu um estímulo pra pensar em coisas que muitas vezes não penso: Vou dar um exemplo meu: Eu e minha mãe falamos muito sobre assuntos diversos, e vários deles apresentam opiniões diferentes para ambas. Quando a gente discute determinado tema, eu percebo que minha visão de mundo é totalmente diferente da dela, justamente pq eu vivo em um tempo marcado por desconstrução dos padrões antigos, então nem sempre posso concordar com os pensamentos dela. Porém é errado apontar o dedo para todas as crenças dela, visto que deve ser um pouco assustador ver todas as suas ideologias sumirem com um tempo feito pó. Por isso digo que o ser humano é produto do meio, motivado pela história e levado a acreditar em ideologias diversas. Enfim, aprendi MUITO com essa aula ♡”.

Vemos nos comentários que a discussão contribuiu para despertar questionamentos nos participantes, o texto gerou perturbações que foram emergindo e incorporando-se a outras vozes. Logo, vemos os movimentos complexos acontecendo, como podemos descrever teoricamente em Demétrio, Alves e Costa (2016):

não se pode prever todas as interações possíveis no processo de leitura, tanto em razão de existirem múltiplos agentes, como leitor, autor, texto, contexto social, contexto histórico, contexto linguístico etc., quanto em virtude de ser o leitor, ele mesmo, um sistema complexo, abastecido de frustrações, expectativas, crenças, conhecimento de mundo etc., alteráveis durante o ato de leitura. Além disso, conforme ele explica, na interação com o leitor, cada um dos outros elementos, os demais agentes, também se convertem em sistemas complexos. (DEMÉTRIO; ALVES; COSTA, 2016, p.52):

Baseando-nos ainda em Hanks (2008), observamos que são “descontextualizados” conceitos ao longo do tempo e “recontextualizados” (BENTES; REZENDE, 2008) a novas ideias, ao desencadearmos perturbações que levaram os participantes a refletirem sobre as convenções sociais e de onde elas surgem, quem escreveu nossa história, que grupos criaram as leis, a quem servem e quais são suas pretensões. O encontro foi permeado de participações e comentários dos participantes, que teciam suas visões acerca dos assuntos debatidos.

#### **4.1.2.3 Etapa II – Oficina 5**

A oficina V teve o seguinte tema: Manipulação Textual: como não cair nessa? Fizemos um percurso histórico falando sobre as fake news, seus impactos na democracia, os perigos dos jogos aparentemente inocentes nas redes sociais, que levam à exposição de dados sigilosos, e as consequências da não reflexão no uso desses recursos. Após essa introdução, apresentamos os dados estatísticos que mostram pesquisas publicadas referentes à manipulação, trazidas em nosso referencial teórico; discutimos e desconstruímos as principais fake news que marcaram as eleições de 2018 (como a distribuição de um kit gay nas escolas) e colocaram/colocam em risco a saúde da população (post alegando que vacina causa autismo), bem como justificamos o que torna essas publicações falsas recorrendo ao contexto.

O encontro foi permeado de debates sobre os tópicos mencionados, e outros que foram emergindo nas interações. Mesmo com pouco aprofundamento na materialidade dos textos, em virtude do tempo e do curso das interações, o momento foi bastante proveitoso e contribuiu com a construção do nosso caminhar. A seguir trazemos relatos recortados das autonarrativas, que resumem o percurso que seguimos em nosso encontro, a partir da visão dos estudantes:

**G.S:** “Hoje eu estou me sentindo muito bem. Menina, eu aprendi muito!!! Tô besta. Nunca pensei que eu começaria a pensar desse jeito. Nosso tema de hoje foi "Fake News" onde construímos e eu aprendi tais assuntos: - Eleições dos Estados Unidos 2016 - Cambridge Analytica - SnouDEM (Edward SnouDEM) -Brexit (Saída do Reino Unido Da União Europeia) - Eleições do Brasil 2018 e as fake news - Denegrir (desqualificar) - Leitura Crítica - Analfabetismo Funcional -Isaac Newton (Leis de Newton) - Albert Einstein (Teoria da relatividade) -Interestelar - Stephen Hawking - CPMI das fake news - Agências de fact-checking - Identificar uma Fake News - Poema de Bertold Brecht.”

**P.I:** “Aprendi que testes que aparentemente são inocentes podem adquirir dados pessoais e impactar muita coisa no mundo, como por exemplo, uma eleição de um país. Eu não sabia que esses testes faziam esse tipo de uso dos dados, então foi um aprendizado importante.”

Esses relatos, realizados após as oficinas no diário de bordo, permitem-nos entender que os estudantes ressignificam suas visões acerca dos temas que abordamos ao relatarmos suas experiências num jogo de emergência e incorporação (termos usados por Hanks), ou seja, o que sabiam ao que passaram a saber. Vemos uma escrita livre, sem limitações e regras, em que os estudantes relatam suas (re)construções de sentidos e ampliação dos conhecimentos ao longo do percurso dos debates.

A todo o momento, os participantes eram convidados a comentar, dizer o que achavam, o quanto o assunto era novo para eles, como se sentiam e qual a opinião deles em relação aos textos que eram apresentados. Em seguida, discutimos a partir de um dos slides, na figura a seguir, a importância de questionar e se posicionar criticamente diante dos textos e o papel da escola nesse sentido.



Figura 16 – Slides da oficina



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da leitura do texto, realizamos uma discussão, que, por mais que tivesse sido breve e sem aprofundamentos nos elementos pormenorizados da materialidade textual, trouxe-nos comentários importantes, que foram peças de uma discussão que foi sendo tecida a cada oficina:

**Pesquisadora:** “O que vocês acham desse texto e o que está faltando na escola hoje que faz as pessoas darem credibilidade a *fake news*?”

**G.S:** “Eu acho que é aprender a questionar, não somos ensinados a isso, por isso não aprendemos a questionar.”

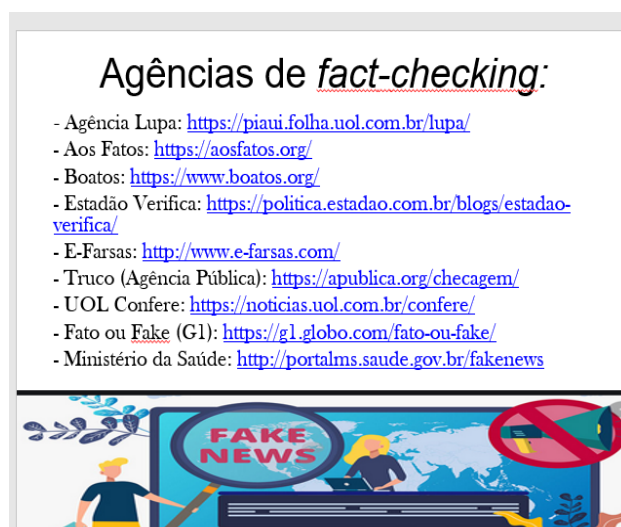
**A.N:** “Os alunos não contesta”

**I.C:** “Acho que muitas vezes o aluno pensa que as opiniões deles são ‘erradas’. Ele acredita somente no ponto de vista do professor.”

**R.L:** “Agora eu acho qo meio social tbm colabora pra isso. Por exemplo, em casa, algumas pessoas podem ser influenciadas a não questionar mt coisas, seja por causa de religião e etc. Então nas escolas, essas pessoas não aprendem a questionar.”

Após ouvir os participantes, suas falas foram nos direcionando para a discussão sobre características comuns em *fake news* e as agências de *fact-checking*. Na figura a seguir, printada dos *slides* preparados para o quinto encontro, focamos em recursos que contribuem com a verificação de publicações falsas a partir de suas características mais comuns e ressaltamos a importância de os participantes terem o cuidado de observar essas pistas ou consultar os sites sugeridos antes de compartilhar qualquer informação em alguma rede social.

Figura 17 – Slides da oficina



Fonte: Elaborado pela autora.

Os participantes relataram ter aprendido e expressaram a necessidade de um “agir socialmente” diante desses importantes pontos levantados na oficina V e das temáticas propostas até então, como podemos ver no comentário da participante:

**M.B:** “A vivência do dia a dia nos meios digitais, é rodeado de fake News e para nos prevenir seguimos as seguintes instruções, na verdade dicas muito importantes que aprendi durante esse encontro, que são : observar se tem data, fonte, se pedir para compartilhar, e uma grande pista é, quando começa com "A VERDADE". A ciência é provisória e a verdade é incansável. Contudo precisamos ter uma leitura crítica e agir socialmente.”

Tratamos também sobre a CPMI<sup>98</sup> das *fake news*, cuja finalidade é investigar ataques cibernéticos que atentam contra a democracia, como a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições de 2018, dentre outros crimes virtuais realizados nesse sentido. Na ocasião do minicurso, a Comissão Parlamentar tramitava no Congresso Nacional.

<sup>98</sup> Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?0&codcol=2292>. Acesso em: ago. de 2020.

A partir de então, pudemos explicar o quanto essas atitudes falseadoras são perigosas, movem um mercado ideológico que visa benefícios políticos e lucros de grupos influentes e prejudicam a vida de muitas pessoas. Alguns comentários sinalizaram o entendimento dos estudantes acerca dessa discussão:

**A.S:** “A sociedade acaba se tornando marionete dos seus líderes através de notícias falsas, favorecendo para que eles alcancem seus interesses políticos. Embora muitas pessoas não percebam, o sistema trabalha em conjunto para que tudo favoreça aos seus objetivos.”

**M.P:** “Os assuntos discutidos hoje, foram muito relevantes para mim. Pois, até esse momento eu não havia refletido sobre o quão sério é a questão das fake News e o quanto podem trazer problemas para a vida das pessoas. Alguns dos meus parentes bem próximos compartilham informações sem antes saberem se realmente são verdadeiras, eu apesar de não achar isso certo nunca dei a real importância para esse assunto. Porém, depois da discussão de hoje percebi que é necessário também alerta-los sobre esse fato.”

Na última parte da aula, apresentamos os dados referentes à atividade proposta no segundo dia, os percentuais de compartilhamentos e não compartilhamentos, junto às justificativas, para que os estudantes pudessem lembrar as suas respostas (preservando suas identidades) quando foram perguntados sobre publicações falsas na Atividade de Familiarização. Discutimos as 4 questões da atividade envolvendo publicações (notícias e *fake news*). Muitos reconheceram o fato de terem acreditado nas *fake news* das questões, mas que agora estariam mais atentos e mais reflexivos em relação ao que está por trás desses textos, como veremos a seguir nos comentários do diário de bordo.

A essa altura, pressupomos que os participantes, cada um a sua maneira e no seu tempo, já teria construído conhecimentos necessários para olhar para as questões respondidas no segundo dia e (re)categorizarem os sentidos nessas publicações. Por isso, como tarefa para o próximo encontro, pedimos que os participantes, organizados em duplas ou trios, pesquisassem e trouxessem dois textos, podendo ser uma notícia e a outra *fake news*, duas notícias ou duas *fake news*, para que os colegas pudessem verificar a veracidade das informações a partir do que foi discutido no encontro do dia. Deixamos o grupo de *WhatsApp* disponível para dúvidas sobre a atividade e discussões que surgissem ao longo da pesquisa do que ia ser apresentado.

Após a oficina, os participantes fizeram as seguintes observações:

**E.M:** “É válido destacar que com as nossas aulas estamos conseguindo cada vez mais estabelecer relações no que a gente aprende e discute para a nossa vida social.”

**I.C:** “Nesse encontro, soube que podemos ser manipulados através de coisas que parecem inofensivas. É preciso cautela, tanto com as informações que obtemos como com as que divulgamos. Acredito que esse tema deve ser tratado também em outros ambientes.”

**M.L:** “No último encontro foi falado sobre as Fake News (como identificar, a importância de não compartilhar) e como elas ocorrem em diferentes setores da sociedade (desde a notícia que afirma que algum alimento é milagroso até uma capaz de interferir em resultados de uma eleição), a aula foi excelente, seria muito bom se todas as pessoas pudessem ter uma experiência como essa (seria transformador para a sociedade atual).”

O relato de **E.M.** deixa muito claro os movimentos de emergência e incorporação atribuídos ao contexto por Hanks (2008), desencadeados por perturbações e gerando acoplamentos, principalmente quando o participante diz que através das aulas está sendo possível estabelecer relações entre o que aprendem e discutem para a vida social. É possível ver esses movimentos acontecendo também nas falas de **I.C**, quando reconhece que podem ser manipulados facilmente e **M.L**, ao perceber o quanto a manipulação pode alcançar patamares cada vez mais importantes, chegando a definir rumos de democracias. Vimos nos escritos que as discussões trouxeram novos aprendizados, reflexões e a necessidade de ações que alertem a população, em outros segmentos sociais, indo além da escola.

#### 4.1.2.4 Etapa II – Oficina 6

A Oficina VI, ocorrida no dia 4 de junho de 2020, foi elaborada pelo grupo de participantes. Cada dupla foi orientada, no encontro anterior, a trazer para o debate duas publicações, para que os colegas pudessem analisar, em conjunto, e dizer os motivos das publicações serem verdadeiras ou não, a partir das pistas (con)textuais que foram discutidas ao longo do minicurso, além de outras que pudessem emergir no decorrer da discussão. Trazemos aqui duas análises detalhadas, das quais mais emergiram características referentes ao nosso objetivo, que é encorajar os participantes a desvendarem/descobrirem as pistas (con)textuais em publicações ao discutirem com os colegas na atividade que chamamos de *Jogo do Fato ou Fake*.

No início da aula, apresentamos a Lei nº 17.207<sup>99</sup>, sancionada pelo governador do Estado do Ceará, Camilo Santana, no dia 30 de abril de 2020, estabelecendo uma multa para quem divulgar, por meio eletrônico, publicações falsas relacionadas a epidemias, endemias e

---

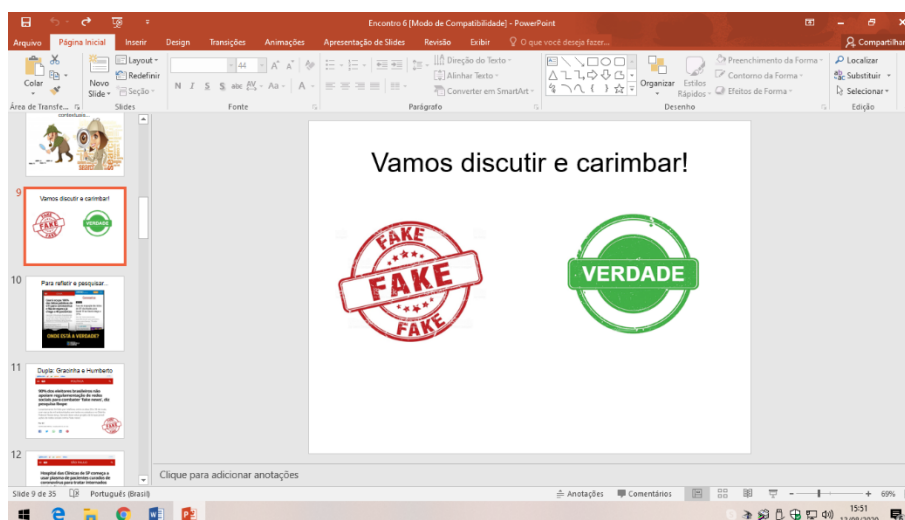
<sup>99</sup> Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/ce/lei-ordinaria-n-17207-2020-ceara-estabelece-multa-para-quem-divulgar-por-meio-eletronico-ou-similar-noticias-falsas-fake-news-sobre-epidemias-endemias-e-pandemias-no-estado-do-ceara>. Acesso em: 20 out. 2020.

pandemias, no Ceará. Tendo em vista a gravidade da situação, a escola não pode se omitir, mesmo em momentos em que o ensino remoto demanda uma série de atribuições aos professores. Nesse momento, medidas constitucionais como essas associadas a ações que estimulem a criticidade dos estudantes e da comunidade em geral mostram-se urgentes para evitar a disseminação da desinformação. O decreto, publicado no Diário Oficial do Estado, foi apresentado aos participantes.

Demos prosseguimento à discussão convidando os participantes a desvendarem as pistas contextuais e começarem um minucioso trabalho investigativo em relação às publicações. Por questões relacionadas à conexão com a Internet, tínhamos 2 participantes a menos na sala virtual, contabilizando um total de 20 presenças. Nomeamos dois representantes, escolhidos pelos colegas, para anotarem, após a exposição de cada publicação, quantos respondiam se a postagem era verdadeira e quantos respondiam se era falsa, por meio do *chat*.

Após a projeção das publicações em tela, pedimos ao grupo para explicar os motivos de suas respostas, para vermos como as inferências e os acoplamentos foram acontecendo. Em seguida, passamos a palavra para a dupla que escolheu as publicações, a fim de explicarem os detalhes das postagens, como: o motivo da escolha, o determinante que as tornavam falsas ou verdadeiras, a fonte da publicação, o resultado da consulta às agências de checagem, o público-alvo, se seria possível dizer a quem a publicação servia em termos ideológicos, o local onde fora postada, o motivo que a tornava ilógica, em termos (con)textuais, e a característica que os fez detectar sua veracidade. Por questões formais, delimitamos, nesta análise, as publicações, apenas às que mais atenderam aos propósitos elaborados para esta oficina (conforme o Quadro 2, com o cronograma do minicurso). Após as discussões, carimbávamos o selo Fato ou *Fake* no slide, conforme a figura a seguir:

**Figura 18 – Slide da oficina**



Fonte: Slides elaborados pela autora.

Iniciamos, como sugestão para a dinâmica, apresentando uma postagem e pedindo para que eles opinassem sobre a veracidade. A partir dessa atividade, vemos como as inferências são realizadas e as (re)categorizações ocorrem (fato ou *fake*).

**Figura 19 – Slide da oficina**



Fonte: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/04/25/interna\\_mundo,848146/trump-sugere-injecao-de-desinfetante-contra-o-coronavirus-medicos-cri.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/mundo/2020/04/25/interna_mundo,848146/trump-sugere-injecao-de-desinfetante-contra-o-coronavirus-medicos-cri.shtml). Acesso em: mai. 2020.

A manchete trazia uma polêmica fala do ex-presidente americano Donald Trump sugerindo injeção de desinfetante contra o coronavírus. Tal discurso surtiu efeitos drásticos para muitas pessoas, que chegaram de fato a ingerir tal produto químico, como mostra o portal de

notícias UOL<sup>100</sup>. Por mais absurda que parecesse, a notícia tinha fonte (Correio Braziliense), jornal nacionalmente conhecido, data de publicação e era confirmada por outros jornais como o El País<sup>101</sup>.

Quando perguntamos aos participantes sobre a veracidade ou não da notícia, as respostas foram quase unânimes, 17 participantes disseram ser verdadeira e apenas 3 que era falsa. Esse resultado possivelmente ocorreu em virtude do fato de que muitos participantes tinham acompanhado as notícias mais polêmicas da semana e viram que a fala do então presidente americano ocorreu de fato, que as manchetes não eram falsas, mesmo que se tratasse de um discurso com teor incoerente e alheio ao bom-senso. Tão incongruente que uma das participantes chegou a enunciar: **F.E** “Tão absurda que achei que não fosse verdade”.

A escolha da manchete teve a intenção de mostrar que, por mais absurdo que pareça – o líder do país mais poderoso do mundo indicar uma alternativa perigosa e não embasada cientificamente – as notícias podem ser reais, dado o preocupante momento em que vivemos, um momento de relativização da ciência. Essas informações, que não estão na materialidade textual, emergem das atividades inferenciais, sobretudo a partir de informações que levam o leitor a recorrer e discutir o contexto. Após a publicação, iniciamos a análise das publicações trazidas e elaboradas pelos participantes.

Foram discutidas onze publicações entre os estudantes, que as classificaram como fato ou *fake*. A seguir tecemos discussões acerca das publicações trazidas por duas duplas, em especial. A escolha se deu pelo fato de essas postagens terem dividido opiniões e instigado mais tempo de discussões. A primeira dupla apresentou o seguinte slide:

---

<sup>100</sup>Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/04/25/ny-tem-30-chamados-por-ingestao-de-desinfetante-melhor-prevencao-e-higiene.htm>. Acesso em: mai. 2020.

<sup>101</sup>Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-04-24/trump-sugere-tratar-o-coronavirus-com-uma-injecao-de-desinfetante-ou-com-luz-solar.html>. Acesso em: mai. 2020.

Figura 20 – Slide 11



The image shows a screenshot of a news article from G1.com. The article title is "90% dos eleitores brasileiros não apoiam regulamentação de redes sociais para combater 'fake news', diz pesquisa Ibope". The text below the title states: "Levantamento foi feito por telefone, entre os dias 28 e 30 de maio, com cerca de mil entrevistados em todos os estados e no Distrito Federal. Nesta terça, Senado deve votar projeto de lei que prevê ações de redes sociais contra 'fake news'." Below the text, it says "Por G1" and "02/06/2020 00h02 · Atualizado há um dia". There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, LinkedIn, and Pinterest. A large red stamp with the word "FAKE" in the center and "FAKE" around the perimeter is overlaid on the right side of the article.

Fonte: Elaborado pelo grupo.

O slide 11 estava minuciosamente alterado, editado com muito cuidado pelo participante, que tinha habilidades de edição. A postagem deixou a turma muito confusa; assim, 14 participantes disseram ser verdadeira, 3 que seria falsa e 3 ficaram em dúvida. Muitos alegaram que, mesmo parecendo absurda a informação, a data e a fonte, todos os elementos do texto (em sua materialidade) conduziam à veracidade da informação, que, no entanto, era falsa, pelo acréscimo da palavra “não”.

Percebemos, que, mesmo com todos os elementos presentes na publicação (fonte, *layout* de um dos portais de notícia mais conhecidos nacionalmente), data e demais elementos que comentamos que seria importante verificar, a publicação precisa ser discutida na sua esfera (con)textual, lançada em uma agência de checagem ou conferir em outros sites, por exemplo. É preocupante a facilidade que temos hoje de manipular um conteúdo, uma vez que não é necessário ter habilidade profissional para fazê-lo. Basta ter disponíveis alguns aplicativos de fotos ou propriamente ferramentas de criação de *fake news* que permitem essa alteração.

A publicação, que causou risos e elogios (por ter enganado a maioria da turma), rendeu os seguintes diálogos:

**Pesquisadora:** Queria ouvir alguém que disse que é fato e alguém que disse que é fake e depois ouvir um dos representantes da dupla:

**P.I:** “Eu acredito que é fato, porque é um print do G1, sei lá, acho que não iam manipular uma imagem”.



**M.L.:** “ Eu coloquei fake porque eu achei absurda a notícia, tipo, as fake news causam um problema gigante para nós e 90% da população não quer que tenha alguma regulamentação.

**H.S.:** Então, eu só coloquei um “não” aí, a pesquisa diz que 90% dos internautas apoiam a regulamentação. Quando eu vi a notícia, eu fiquei surpreso, porque essa pesquisa deve ter sido feita com gente da Internet e na Internet eles não gostam muito de controle, assim, gostam de liberdade, então eu achei que 90% ia apoiar, então eu disse assim, do jeito que ela pode ter me surpreendido sendo positiva, podia surpreender as pessoas sendo negativa da mesma forma. Então, só cliquei em inspecionar elemento e coloquei o ‘não’ e salvei o print”.

**P.I.:** “Mas também é diferente, imagem, link...[...] Se fosse no facebook, por exemplo, eles não teriam como mudar o link, entendeu?”

**Pesquisadora:** “Vocês estão vendo como é fácil manipular uma publicação? H.S só colocou um ‘não’ e 14 pessoas acreditaram.”

**R.L.:** Eu achei incrível como H.S. manipulou aquela notícia colocando só uma palavra no meio dela kk, juro que fiquei abismada.. Eu acredito, porém, que se houver uma preocupação maior com essa causa, a gente não veria esse tipo de coisa com tanta facilidade na internet. Eu gosto de falar que o ser humano é um problema, mas também é a solução. ♡♡”

Foi muito positivo o fato de essa postagem, mesmo de forma aleatória, ter sido apresentada primeiro, pois causou impacto para a turma, que começou a ter mais cautela com suas respostas. A última dupla a se apresentar, debateu sobre as seguintes publicações:

Figura 21 – Slide 32



Fonte: <https://www.tercalivre.com.br/coronavirushomem-do-grupo-de-risco-curado/>

Fonte: Elaborado pela dupla.

As estudantes colocaram em evidência uma publicação que dividiu opiniões. No slide 32, 4 participantes disseram ser fato, 7 disseram ser *fake news* e 9 não responderam, seja por dúvida, por oscilação na Internet ou por não quererem opinar. A postagem trazia no título a afirmação de que um homem do grupo de risco estaria curado do Coronavírus e, na imagem,

logo abaixo, uma caixa do medicamento sulfato de hidroxicloroquina. Dentre as várias possibilidades de construir sentidos, podemos destacar que a proximidade entre o título e a imagem permite ao leitor inferir que a cura veio em decorrência do medicamento. Na esfera (con)textual, algumas questões contribuem com as possibilidades de inferências a serem realizadas para que a manchete seja categorizada de maneira adequada (se verdadeira ou falsa).

Se o leitor estiver atento ou desperto para o fato de que o vírus e suas consequências ao organismo ainda não são conhecidos (por estarmos em processo de investigação e na busca por uma vacina, em junho de 2020), ele não conceberia ainda a possibilidade de se utilizar o referente “cura”. Nesse caso, além da possibilidade do paciente ter sido “curado” pelo medicamento, existia também a possibilidade de que esse paciente do grupo de risco tivesse se recuperado da doença sem necessariamente fazer uso do medicamento apontado. No entanto, a dificuldade de interpretação torna-se evidente quando observamos que as informações são insuficientes para o leitor, uma vez que só temos a manchete e não o texto na íntegra.

Outro fato importante é que o medicamento em questão não fora objeto de estudos que comprovassem cientificamente sua eficácia na prevenção ou combate ao Covid-19, até o momento, o que poderia levar o leitor a categorizar a publicação como *fake news*. Além disso, um elemento contextual contribui com a crença na veracidade da publicação: o fato de o presidente da República, Jair Bolsonaro, e seus seguidores defenderem constantemente, em suas redes de influência e em discursos públicos, a eficácia do medicamento, o que pode levar muitas pessoas a não investigarem mais profundamente a informação, sobretudo em meios científicos – estigmatizados pelos negacionistas. Todas essas questões mencionadas, que não estão na materialidade textual, levam-nos a camadas ainda mais aprofundadas do texto, para que, assim, possamos investigar sua veracidade.

Na sequência, como resposta, a dupla trouxe outra publicação, do dia 3 de junho de 2020, dia anterior à apresentação, com resultados de estudos recentes realizados sobre o assunto<sup>102</sup>. A notícia tinha fonte, data e detalhamentos que direcionavam o leitor a estudos

---

<sup>102</sup> Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde, em 23 de maio de 2020, o Grupo Executivo do Estudo Solidariedade - maior estudo de controle randomizado do mundo sobre terapias para COVID-19, coordenado pela OMS e envolvendo quase 13 mil pacientes em 500 hospitais de 30 países - decidiu pausar os estudos envolvendo a hidroxicloroquina, devido a preocupações levantadas sobre a segurança do medicamento. Em 3 de junho de 2020, com base nos dados de mortalidade disponíveis, os membros do comitê recomendaram a continuidade das pesquisas. Posteriormente, com base em novas descobertas, a OMS anunciou em 17 de junho de 2020 o estudo foi interrompido, baseados em evidências de que a hidroxicloroquina não resulta na redução da mortalidade de pacientes com COVID-19 hospitalizados, quando comparados com o padrão de atendimento. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em: 18 dez. 2020.

publicados na revista científica ‘*The New England Journal of Medicine*<sup>103</sup>, desconstruindo os argumentos de que a hidroxicloroquina poderia curar pacientes de Covid-19 (dos grupos de risco ou não) e contrariando as inferências que podem ser realizadas da manchete anterior, acerca da eficácia do medicamento.

**Figura 22 – Slide 33**

**G1** BEM ESTAR  
CORONAVÍRUS

**Estudo com 821 pacientes não encontra prova de eficácia da hidroxicloroquina na prevenção da Covid-19**

Pesquisa foi publicada na revista científica 'The New England Journal of Medicine'; investigação acompanhou voluntários que tiveram contato com infectados pelo coronavírus por duas semanas.

Por G1  
03/06/2020 16h32 · Atualizado há 13 minutos

Fonte:  
<https://g1.globo.com/google/amp/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/03/estudo-com-821-pacientes-nao-encontra-prova-de-eficacia-da-hidroxicloroquina-contra-a-covid-19>.

“A mensagem para levar para o público em geral é que, se você é exposto a alguém com Covid-19, a hidroxicloroquina não é uma terapia preventiva ou de pós-exposição eficaz”, disse David Boulware, um dos autores da pesquisa ao "New York Times".

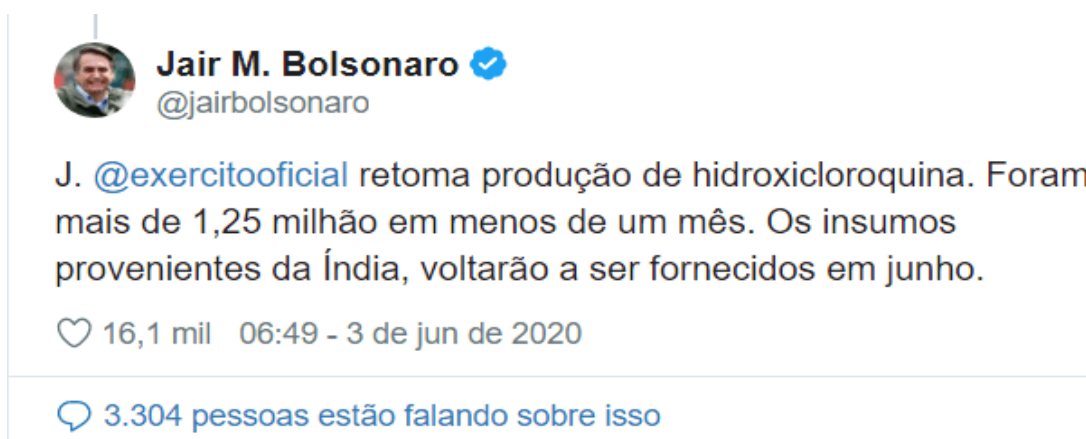
**VERDADE**

Fonte: Elaborado pela dupla.

Com o término da discussão, que não se prolongou mais pelo avanço no horário, as alunas mostraram as controvérsias em relação à eficácia do medicamento e mostraram uma publicação do presidente da República na rede social *Twitter*, feita também no dia anterior à apresentação, na qual ele ignora as pesquisas e declara que o exército retomaria a produção de hidroxicloroquina. As participantes, que prepararam a apresentação dias antes do estudo e do *tweet* do presidente serem publicados, sentiram-se confusas e tiveram que reelaborar a apresentação, em virtude de tantas informações novas em relação ao assunto. Ao final da discussão, elas apresentaram a postagem do presidente, que julgaram ser precipitada:

<sup>103</sup> Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa2016638>. Acesso em: 18 dez. 2020.

Figura 23 – Slide 34



Fonte: Elaborado pela dupla.

Uma das componentes da dupla relatou por áudio:

**G. A:** “Quem disse que essa primeira imagem é fake, acertou, porque a ciência não tem uma resposta fechada, então está sempre mudando e avançando. [...] aí, a gente sabe que mesmo sem ter uma confirmação de que o medicamento servia para a cura do vírus, a indústria farmacêutica foi autorizada a investir nesse remédio. Então, foi muita verba para a produção desse medicamento. Aí, eu pesquisando aqui, vi que a OMS alterou o protocolo de tratamento da Covid, incluindo cloroquina em casos mais leves, ou seja, pessoas que não possuíam problemas cardíacos, né? Já que ela causa problemas na saúde... aí, antes mesmo da liberação do protocolo, a associação médica do país se manifestou contra o uso do medicamento, pois o medicamento possuía mais malefícios do que benefícios. Então o que a gente pode tirar de hoje, é que não há um resultado exato.”

A dupla finalizou com a seguinte reflexão do filósofo Heráclito: “*nada é permanente, senão a própria mudança*”, referindo-se às verdades provisórias e às pesquisas científicas ainda em andamento. Além disso, a dupla reforçou os argumentos sobre os perigos de acreditar em publicações que dizem trazer “a verdade”, visto que a todo momento, novidades estavam sendo anunciadas no meio científico na busca de um tratamento e uma vacina para a Covid-19. Ao final, os “mesários” (intitulados por eles) apresentaram o relatório final das respostas dos colegas.

**Figura 24 – Registro dos estudantes sobre a opinião dos colegas**



Fonte: Elaborado pela dupla.

Percebemos, ao longo da atividade, uma participação ativa do grupo, com falas e comentários. A intenção era a de despertar a atenção da turma para os detalhes primordiais nas postagens, estimulando sempre o questionamento contínuo acerca do que leem. Nossa intenção com a atividade não foi fazer uma análise quantitativa dos resultados, mas promover um debate acerca das temáticas, ouvir as opiniões dos estudantes e proporcionar esse momento de construção de conhecimentos.

**F.E:** “Eu gostei muito da aula de hj, no começo eu estava preocupada pois o nosso trio não conseguia entrar em acordo, mas enfim deu tudo certo. Consegui absorver as informações de hj, importantes pra vida. Mas a grande lição que ficou e que devemos passar a diante é que, se não tivermos certeza do que estamos lendo, não devemos em hipótese alguma passar adiante.”

**G.S:** Antes da nossa reunião estava nervosa, mas depois eu me acalmei e deu tudo certo. Nós aprendemos a investigar bem direitinho as notícias que recebemos. Porque elas podem ser FAKE NEWS. A aula foi bastante proveitosa, divertida, e muito interativa. Esse minicurso está sendo muito importante pra mim. Além de receber conhecimento de muitas áreas diferentes, também estou conseguindo a perder a timidez. Estou bastante feliz!

**M.B:** “Amei os debates, foram bem explicados. Tivemos liberdade para falarmos o que entendemos. Na verdade, em todas as aulas, podendo dar as nossas opiniões sem sermos julgados. Como eu obtive um conhecimento maravilhoso nos encontros, as pesquisas foram rapidamente identificadas com sucesso, não tive muita dificuldade ao fazer o trabalho. Claro que sempre surgirá dúvidas. Mas lembre que há pessoas para ajudar. Siga as dicas para identificar as Fakes News, pois ajudará o planeta. Sendo um mundo sem artimanhas.”

**G.O:** “Foi uma aula bastante proveitosa, pois todo mundo teve a oportunidade de participar. Foi muito divertido também além de nos ensinar como identificar fake news nos meios de comunicação.”

**P.I:** “Essa aula foi extremamente prática e enriquecedora. Cada equipe trouxe a suas notícias e divertido. Aprendi como checar a veracidade de uma notícia e que, por mais que a fonte possa ser confiável, existe a possibilidade dela ter sido manipulada.”

**M.P:** “através do encontro de hoje pode compreender a necessidade de transmitir esses conhecimentos adquiridos para as outras pessoas a fim de evitar que essas notícias falsas acabem se espalhando ainda mais e prejudiquem as pessoas ao nosso redor.”

**I.C:** “Já cheguei a levar algumas fake news a sério, infelizmente. Mas posso afirmar: os últimos encontros me "acordaram". Estamos tão sujeitos à mentiras e manipulação na internet, debates sobre fake news devem ser mais abordados hoje em dia.”

**A.J:** “Aula incrível! Eu gostei MUITO da aula de hj, pelo fato de que todos participam, minha sugestão é ter mais aulas assim, onde todos coloquem a mão na massa”.

**R.L:** “encontro 6 - Esse encontro foi muito divertido!! Eu adorei a participação das pessoas e adorei participar também. Fazer esse tipo de trabalho investigativo deve ser um dos motivos que barra uma certa pessoa de buscar a fundo a veracidade das notícias.”

Com os comentários, vimos que nossos objetivos de conduzir os participantes a desvendarem/descobrirem as pistas (con)textuais ao elaborarem (em duplas) ou pesquisarem publicações para serem discutidas com os colegas no jogo do Fato ou Fake, foram alcançados. Foi possível perceber o quanto o protagonismo dos participantes foi fundamental para o desenvolvimento da aprendizagem e de um olhar atento em relação ao que é publicado nas redes sociais. Na sequência, trazemos os relatos de três debates, realizados nas oficinas 7, 8 e 9. Foram convidados profissionais em áreas científicas distintas, com o intuito de construir conhecimentos contextuais com os participantes e promover olhares que proporcionem vivências e estímulos a inferências que incidam na (re)categorização e reconhecimento das intencionalidades que sustentam as crenças em *fake news*.

#### **4.1.2.5 Etapa II – Oficina 7**

Na oficina 7, tivemos a participação do professor, físico e ambientalista Dr. Alexandre Araújo Costa, tratando sobre o Negacionismo Científico, as consequências sentidas ao longo da história para o pensamento social e suas influências nas ações humanas movidas pelo capitalismo e sua expansão.

Figura 25 – Cartaz de divulgação, oficina 7

**Os textos e a vida, uma abordagem interdisciplinar do conhecimento**

Apresenta:

**As Fake News e o negacionismo científico.**  
Dia 09/06, às 15h, em nossa sala virtual.

Prof. Dr. Alexandre Araújo Costa é Bacharel e Mestre em Física pela UFC, Doutor em Ciências Atmosféricas pela Colorado *State University* e Pós-Doutor pela Universidade de *Yale*. Atualmente é professor e pesquisador da Universidade Estadual do Ceará e colaborador do Painel brasileiro de mudanças climáticas.

Org. Prof. Débora Leite.

Fonte: Elaborado pela autora.

O professor, que começou alertando para os perigos do relativismo criado em relação à ciência, fez um percurso desde a Idade Média, lembrando a trajetória de grandes cientistas, que, assim como Galileu Galilei, foram ameaçados à fogueira da inquisição e obrigados a negar seus estudos, até as teorias conspiratórias alimentadas atualmente. Sua fala reforçou a todo momento o fato de a ciência enxergar a verdade sempre como incompleta, e o método científico estar a serviço da busca por uma aproximação dessa realidade que existe independentemente de nós.

Prof. Alexandre: “Existe uma realidade, independente da nossa consciência, e é do jeito que é, independente das nossas escolhas, preferências, opções e opiniões que possam ir no sentido oposto a ela. Não adianta eu querer achar que a terra é estática que isso é falso, não adianta eu achar que posso voar ou violar a lei da gravidade e experimentar essa opinião do topo de um prédio de 30 andares, porque isso não vai funcionar.”

O convidado discorreu sobre os discursos negacionistas em torno de crimes históricos contra a humanidade, como o holocausto e a ditadura, por exemplo, bem como a persistência desses pensamentos, agora direcionados à pandemia de COVID-19.

Uma importante questão levantada na palestra foi o fato de que grandes setores econômicos nacionais e internacionais encabeçaram campanhas interessadas em negar a ciência para não atrapalhar os seus negócios. Em virtude disso, acabaram recorrendo à manipulação, por meio da propaganda, para reforçar o pensamento consumista e negar a consequente

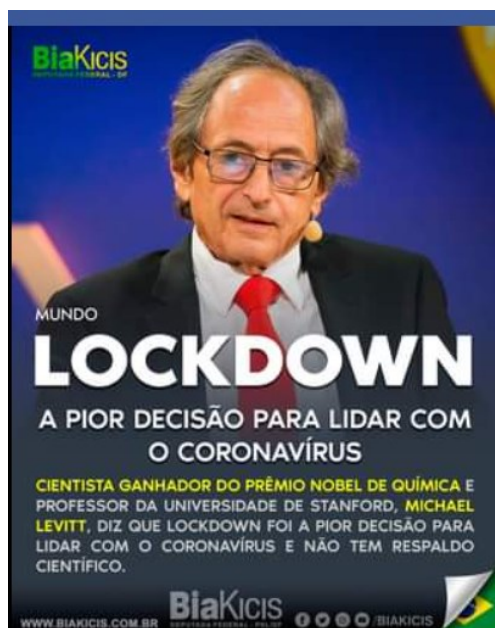
degradação ambiental e humana. Para exemplificar tal colocação, o professor citou a devastação de grandes extensões de florestas da Europa e dos EUA em consequência da chuva ácida. Os cientistas descobriram que o enxofre contido no carvão, queimado para a sustentação das termelétricas, produzia esse desequilíbrio ambiental, porém, essas informações foram negadas por muito tempo, com a finalidade de não interferir nos lucros dessas indústrias.

Outro exemplo elencado pelo professor foi a indústria do Tabaco (considerada, por ele, como a primeira máquina de negacionismo), que chegou a recrutar cientistas renomados, como Frederick Seitz (1911-2008), para apoiar e dar credibilidade as suas campanhas, contando inclusive com médicos que apoiavam e alegavam fumar, tentando convencer as pessoas de que esse hábito fazia bem para a saúde. O convidado citou, também, um comercial de TV, de 1944, que fez sucesso nos EUA com o slogan: “mais médicos fumam Camel do que qualquer outro cigarro”. Com a presença autorizada de profissionais, era mais fácil convencer. Todas essas tramas levaram uma indústria tão nociva a se manter e lucrar através do marketing (alegando a prática de filantropia e responsabilidade social). Ainda hoje, o apoio de cientistas que sustentam esses discursos é frequente, o que mostra a gravidade da situação, pois, embora saibam os prejuízos gerados pelo tabagismo, aderem a essas empresas visando também o lucro.

Exemplos de cientistas que se utilizam de suas reputações para apoiarem ideias favoráveis a ideologias contrárias à ciência são frequentes, como no caso da figura a seguir, mostrada pela pesquisadora para endossar o debate. Nessa imagem, publicada na rede social da Deputada Federal Bia Kicis- PSL (Partido Social Liberal, do Distrito Federal), o ganhador do Nobel de Química, Michael Levitt, diz que Lockdown (medida mais dura de isolamento social) seria a pior decisão para lidar com o coronavírus:



Figura 26 – Texto dos slides discutidos na oficina



Fonte: <https://m.facebook.com/biakicisoficial/photos/a.523546011145299/1618659134967309/?type=3&source=48>

Na imagem, vemos o cientista e a palavra “LOCKDOWN” em evidência. Na sequência, temos a descrição do histórico curricular do professor, que segundo a publicação, atua na Universidade de *Stanford* e foi ganhador do Nobel de Química (sem especificar em que estudos especificamente, nem o ano), títulos que o tornam renomado. Mesmo não sendo da área da epidemiologia ou virologia, nem apresentando estudos recentes sobre o Coronavírus, a publicação traz afirmações que teriam sido ditas pelo professor de que o “*lockdown* é a pior decisão para lidar com o Coronavírus e não tem respaldo científico”. O fato do renome do profissional em questão, pode gerar inferências que conduzam o público a crer em uma possível comprovação científica (mesmo não atuando em estudos epidemiológicos) que fundamente o argumento em questão da ineficácia da medida de isolamento. O que corrobora a discussão anterior.

Dando seguimento a sua discussão, o professor Alexandre tratou sobre a estratégia de manipulação de dados ou falsa amostragem, como mostra a figura a seguir, em que os dados de 2019 estão incompletos (de janeiro a agosto) e comparados aos anos anteriores completos. Além disso, ele observa que fatores mais complexos poderiam ser levados em consideração na análise desses dados, como, por exemplo, políticas mais incisivas de preservação ambiental no Brasil que começaram a ser discutidas no primeiro mandato do Governo Lula (2003 a 2007), no Ministério do Meio Ambiente, na época administrada por Marina Silva.

**Figura 27 – Texto dos slides discutidos na oficina**



Fonte: <https://twitter.com/isentoes2/status/1164146406325723136>. Acesso em: 24. ago. 2019.

A partir das inquietações lançadas pelo convidado emergiram os seguintes comentários:

**M.P:** “O encontro de hoje foi um divisor de águas, uma vez que passei a realmente entender o impacto que as Fack News e todas as mentiras criadas com intuito de fundamentar ações que geram lucro e movimentam a política, tem na vida das pessoas. Achei muito interessante a forma como o palestrante utilizou a história, mostrando exemplos das décadas passadas, para nos levar a entender que esses movimentos negacionistas ao enganarem muitas pessoas, prejudicam na maioria das vezes toda uma comunidade ou até mesmo o mundo. Diante disso, pude observar a seriedade desse assunto. Além disso, achei a palestra muito

enriquecedora tanto na questão de repertório cultural como a questão social levantada.”

**R.L:** Embora eu não tenho me manifestado muito nesse encontro, prestei bastante atenção na fala do convidado, que foi riquíssima! O tema que ele abordou é algo que me choca muito. Não é de hoje que eu vejo na internet ou até na televisão o posicionamento dos países e da população acerca dessa temática, é realmente algo surreal! É incrível como a corrida pelo dinheiro destrói muita coisa. Se os governantes pudessem enxergar a situação do planeta com os mesmos olhos dos ambientalistas, é óbvio que a realidade seria algo totalmente diferente. Achei muito interessante a abordagem do negacionismo, sempre percebi que existem pessoas "maquiando" a realidade que as rodeiam pq acreditam ser o certo. [...] Negar a realidade é igual a por uma venda nos olhos, ou viver acorrentado em uma caverna, igual na alegoria de Platão.

**A.S:** “Ótima aula! É incrível como ficamos perplexos com alguns filmes de ficção que mostram como as empresas escondem informações e manipulam seus consumidores. Não acreditamos que isso possa acontecer. Os filmes não mentem, apenas mostram uma realidade que as pessoas não enxergam. Adorei a aula!! 🙌”

Os participantes fizeram observações muito relevantes acerca de suas aprendizagens. O debate contribuiu com a construção de um caminho para a compreensão contextual na análise de texto, sobretudo no que se refere à intencionalidade dos que lançam fake news. Esses sujeitos geralmente partem de interesses que mantêm vivos discursos que não vão de encontro à ciência e suas constantes descobertas, dificultando assim a atuação de pesquisadores, de uma maneira geral, e prejudicando fortemente a população mundial em nome de poucos privilegiados.

A partir desse debate, foi possível entender melhor que o negacionismo científico torna-se uma alternativa eficaz para continuar sustentando os interesses das grandes empresas, que enxergam a natureza como uma fonte de recursos para a manutenção de seus lucros. A fala do professor Alexandre deixou o grupo incomodado com a situação de crise que vivemos em nosso planeta, seja ela ambiental, política ou social. Entendemos que o mundo consumista detém estratégias e mecanismos para a manutenção do seu *status quo*, de modo a preservar o curso de suas perspectivas de sustentação, bem como de seus monopólios nos mercados mundiais, independentemente das agressões ao planeta e sobretudo aos mais desfavorecidos.

#### **4.1.2.6 Etapa II - Oficina 8**

Na oficina VIII, tivemos a presença do enfermeiro, professor e acadêmico de medicina Romério Alves para falar sobre o tema *Fake News* e Saúde em Tempos de Pandemia. Tratamos sobre questões relacionadas ao momento pelo qual o mundo está passando em virtude da crise sanitária ocasionada pela pandemia do Coronavírus. O enfermeiro fez um caminho histórico falando sobre as pandemias que assolaram a humanidade, os primeiros casos de

COVID-19 no mundo até chegar ao nosso país. Discutimos sobre as informações mais recentes acerca da pandemia e das descobertas sobre o vírus, passando pela situação do sistema de saúde brasileiro, pelas medidas de prevenção e pela forma como a ciência está atuando em uma situação tão nova e cheia de incertezas.

**Figura 28 – Cartaz de divulgação, oficina 8**

**Os textos e a vida, uma abordagem interdisciplinar do conhecimento**  
Apresenta:

**Fake news e Saúde em tempos de Pandemia.**  
Dia 11/06, às 15h, em nossa sala virtual.

Romério Alves é Graduado em Enfermagem pela Unileão, Especialista em Gestão Clínica pelo Sírio Libanês, em Saúde da Família pela UVA e em Gestão e Sistemas e Serviços de Saúde do SUS pela Escola de Saúde Pública do Ceará. Foi Coordenador do Curso Técnico em Enfermagem da EEEP Leopoldina G. Quezado (2015-2016) e atualmente é Acadêmico de Medicina atuando no núcleo de Pesquisa em Saúde/UFPE.

Org. Prof. Débora Leite.

Fonte: Elaborado pela autora.

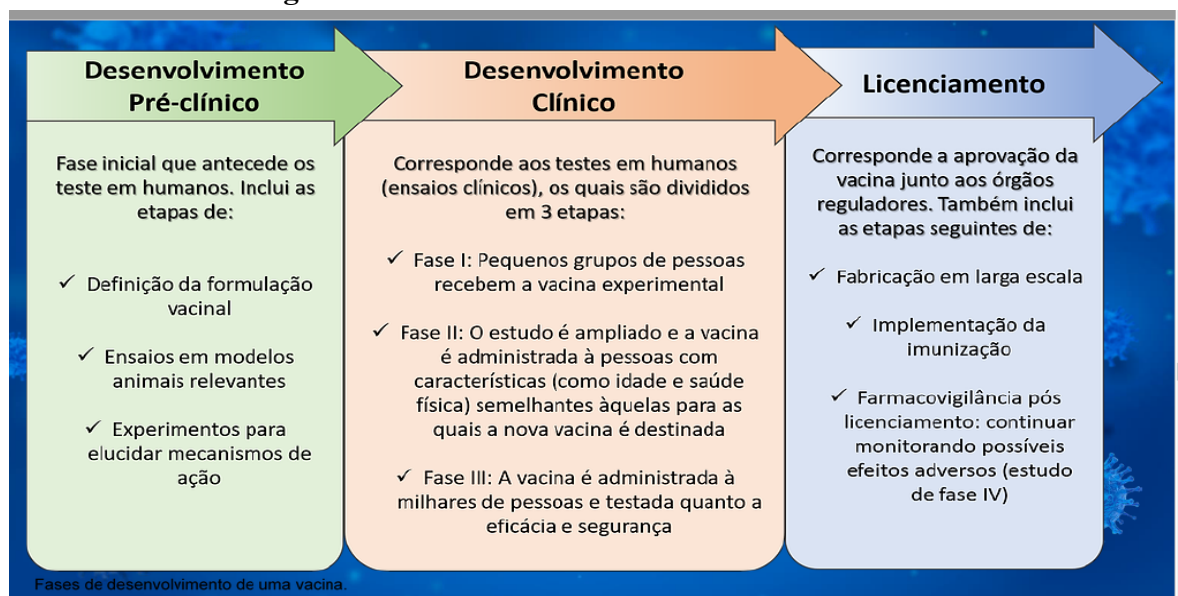
A fala do profissional mostrou-se essencial para nortear as pesquisas em fontes sérias e seguras, movimento ideal que minimizaria os riscos para a população. O convidado trouxe a discussão acerca do desenvolvimento de vacinas, das fases do processo para esse desenvolvimento, das formas de testagem, do tempo que essas testagens demandam, bem como do cuidado no trato com medicamentos em um momento tão delicado no qual não se sabe muito sobre o vírus. Os estudantes interagiram e esclareceram questões acerca das falsas publicações e das dúvidas que eles mais ouviam em relação ao que se sabia até o momento da sua fala.

Percebemos a importância de proporcionar discussões sobre os critérios científicos e suas fases rigorosamente planejadas e executadas para evitar possíveis falácias em relação à ciência. Nossa discussão instigou a compreensão sobre as fases de uma pesquisa científica: a minuciosa detecção dos problemas, o mapeamento detalhado das circunstâncias, o processo metodológico que permeia o trabalho do cientista, o tempo demandado para a apreciação e divulgação de possíveis resultados, as testagens (dentro das esferas bioéticas), a comparação de resultados e possíveis efeitos/consequências da pesquisa e demais variáveis. Entender essas

etapas proporciona um maior discernimento diante das informações falsas. Todas as informações foram cuidadosamente mostradas diretamente em suas fontes, muitas delas na língua original, e atualizadas no dia anterior ao encontro.

A seguir, o convidado mostrou como ocorre o processo de desenvolvimento de uma vacina (apresentado na Figura 29), reforçando que não se trata de uma substância curativa, mas preventiva, que estimula o corpo a produzir anticorpos. Ouvimos ainda o detalhamento de questões relacionadas a recursos financeiros, logísticos e demais fatores que retardam o trabalho do cientista nesse sentido. O enfermeiro também ressaltou que, como o mundo inteiro está interessado no imunizante, para reduzir as mortes, retomar trabalhos, escolas e demais atividades sociais, a vacina para o Coronavírus sairia com mais rapidez que as demais, visto que as dificuldades financeiras e logísticas não seriam tão sentidas como nas produções passadas.

**Figura 29 – Texto dos slides discutidos na oficina**



Fonte: Elaborado pelo convidado.

Na sequência, levamos uma *fake news*, que pode ser desconstruída pelas informações discutidas na oficina:

**Figura 30 – Texto dos slides discutidos na oficina**

Boas notícias! Vacina contra o vírus Carona pronta. Capaz de curar o paciente dentro de 3 horas após a injeção. Tiremos o chapéu para os cientistas dos EUA.No momento, Trump anunciou que a Roche Medical Company lançará a vacina no próximo domingo e milhões de doses estão prontas! Notícias indicam que o EUA descobriu a cura para o Covid-19. 40 pessoas aceitaram se cobaia, e as 40 melhoraram em 72 horas, o medicamento, vai ser distribuído para países aliados aos EUA, e o Brasil é um desses aliados graças ao Bolsonaro.



20/03/2020

Fonte: *WhatsApp*.

Observamos que é necessário muito mais do que ensinar nomenclaturas e conceitos científicos estáticos. Precisamos construir um entendimento de que a ciência evolui e a verdade é um processo inalcançável de busca em que essa procura move todo um complexo campo do saber. Por outro lado, as publicações falsas são permeadas de certezas e argumentos, que muitas vezes acabam ganhando mais visibilidade e credibilidade por sua visão simplista dos fenômenos e pelo desejo de algumas pessoas de que se tornem reais.

**L.V:** “Na reunião de hoje tivemos informações claras e esclarecedoras sobre a pandemia que nos cerca atualmente, o covid-19 (coronavírus), desde o surgimento do vírus em Wuhan (China), até a chegada no Brasil, além de informações adicionais biológicas, durações do vírus em diferentes superfícies, riscos, dados numéricos atualizados, características clínicas, sintomas, além de medidas para evitar o contágio, etc. Nos mostrando que com o conhecimento muitas fakenews podem sim ser desmascaradas.”

**M.B:** “O achismo não trabalha, a pesquisa SIM. As metodologias vão além. Somos cientistas natos.”

**M.P:** “Para mim foi um momento muito proveitoso, pois tirei muitas dúvidas que eu tinha e me rendeu informações ainda não conhecidas. Inclusive algumas fake news que eu já havia visto e não tinha argumentos para comprovar que eram falsas, foram desmentidas através das informações apresentadas. Tenho certeza que esses conhecimentos vão ser úteis não só para mim, mas também para as pessoas ao meu redor.”

**I.C:** “esse encontro, falamos principalmente sobre o cenário pandêmico atual, assunto de suma importância. Com essa pandemia, tanto a internet como a

sociedade transbordou de fake news e negacionismo. Afinal, diante das circunstâncias atuais, muitas pessoas preferem acreditar em notícias falsas e negar a existência da pandemia. Conheço pessoas que se encontram nessa situação. As informações trazidas nesse encontro, nos ajudarão não só durante a pandemia, mas também em outras possíveis situações enfrentadas coletiva ou individualmente.”

Vimos nos comentários, que na oficina 8 foi possível desenvolver melhor o pensamento de que a ciência procura buscar a aproximação mais segura em suas análises, dentro de suas limitações temporais, materiais, financeiras e humanas, de um mundo complexo e em constantes mudanças ou de um mundo microbiológico de mutações desconhecidas. Muitos participantes informaram-se e tiraram suas dúvidas sobre o grave problema que atingiu o Brasil em 2020. Por isso, contribuir com um comportamento ético e respeitoso diante de um trabalho tão cuidadoso como o dos pesquisadores é essencial na escola.

#### 4.1.2.7 Etapa II – Oficina 9

No encontro IX, tivemos a participação da jornalista Monike Feitosa para tratar da temática *Fake news* e imprensa: os desafios do cotidiano. A profissional explicou para os estudantes como era a metodologia de trabalho dos jornalistas, desde a checagem das informações iniciais, o cuidado em balancear as diferentes versões do fato em uma exposição imparcial dos vários ângulos das narrativas até a edição final da notícia. A jornalista reforçou que se é *fake*, não pode ser *news*, uma vez que o termo popularizado, carrega em sua gênese essa contradição.

**Figura 31 – Cartaz de divulgação, oficina 9**

**Os textos e a vida, uma abordagem interdisciplinar do conhecimento**  
Apresenta:

**Fake news e imprensa: Os desafios do cotidiano.**  
Dia 15/06, às 15h, em nossa sala virtual.

Monike Feitosa é Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela UFC, Especialista em Redação Jornalística pela Universidade Potiguar (UnP) e Bacharel em Comunicação Social pela UEPB. Trabalhou como produtora e repórter por 3 anos na TV Paraíba, foi produtora, editora e repórter na TV Verdes Mares, afiliada Globo no Ceará, por 9 anos. Foi professora da UFC e da Universidade Federal do Cariri (UFCA) no curso de Jornalismo e do curso de Marketing da Faculdade Paraíso (FAP). Atualmente trabalha com marketing e consultoria na sua empresa *ComMonike*.

Org. Prof. Débora Leite.

Fonte: Elaborado pela autora.

A convidada mostrou os vários boatos que surgiram nos últimos meses, sobretudo acerca da pandemia, reforçou o que discutimos acerca das agências de checagem mais importantes e atuantes no meio jornalístico e mostrou como funciona esse serviço de monitoramento da veracidade das informações dentro dessas agências, como vemos na Figura 33:

**Figura 32 – Texto dos slides discutidos na oficina**



Fonte: Ministério da Saúde.

Falamos também sobre termos que emergiram nos últimos anos, como “Grande mídia” e “Imprensa alternativa”, e as opiniões arbitrárias e relativizadoras *versus* o que é noticiado seguindo todos os critérios descritos anteriormente. Discutimos também sobre os posicionamentos da FENAJ - Federação Nacional de Jornalistas, acerca da problemática e as últimas notas divulgadas pela Federação em relação aos inúmeros ataques aos órgãos midiáticos. Vimos que o trabalho da imprensa é informar cuidadosamente, sem agregar juízo de valor ao que é noticiado e que é possível, porém, é possível que alguns órgãos estejam a serviço de emissoras que tendam a alterar os fatos em favor de alguma corrente de pensamento ou intenção. O encontro foi importante, pois ouvimos uma representante da classe jornalística, que sente fortemente os impactos das publicações falsas em seu cotidiano.

A seguir vemos alguns comentários do diário de bordo acerca do encontro:



**M.B:** “Penúltimo encontro, e eu já estou com saudades!! E essa aula foi magnífica. A convidada Monike Feitosa, falou como é ser um jornalista, que não é apenas ler no papel, mas sim muitas coisas afetivas, lutas, etc. Resumiu : Jornalista = enfrentar a situação. **Com a importância de nós identificarmos que todo mundo que te manda informação tem interesse e a diferença entre fake e a notícia.** A segunda "pandemia" que é a desinformação. Como já aprendemos com a nossa professora Débora, temos que buscar as notícias em fontes oficiais. Resumindo foi muito proveitoso. E eu me senti como sempre, livre e leve, sobre minhas opiniões e escolhas.”

**M.P:** “No encontro de hoje, **muitas das informações apresentadas para mim foram completamente novas.** Além disso, tive a possibilidade de ver um assunto tão atual e que inclusive discutidos muito ao longo das aulas, por uma perspectiva totalmente diferente. Observar o tema das notícias falsas por meio da visão de uma profissional comprometida com transmitir informações para a população, foi muito esclarecedor. **Nunca tinha parado para analisar e refletir sobre como o jornalismo, os veículos da imprensa e os profissionais da área atuam diante desse cenário que vivemos e como é fundamental o seu trabalho.** Achei muito interessante como a aula trouxe novamente a tona um assunto abordado no início dos encontros que é a questão da importância em questionar, e também como é necessário a utilização de fontes confiáveis para obter informações seguras e verídicas.”

**R.L:** “**O trabalho de repórter e jornalismo em si sempre foi algo de extrema importância para a sociedade,** já que a população necessita do conhecimento sobre a atualidade. Porém é fato que esse trabalho, nos dias atuais, é muito criticado e atacado negativamente, pois vivemos em um período de diversos conflitos políticos, sociais e religiosos, onde cada vez mais as pessoas se deixam levar por falsas notícias e preferem acreditar naquilo que as confortam. Já vi muitos casos de pessoas que acreditam mais em correntes de redes sociais, ou boatos do que em fatos concretos e realistas. Muitos tem medo de acreditar, outros preferem manipular muitos para tornar aquilo que acreditam na realidade.”

Os participantes demonstraram empatia pelo trabalho dos jornalistas e relataram assimilarem (acoplarem, segundo Maturana) informações novas (aos conhecimentos que foram sendo construídos acerca do tema). Após o encontro 9, preparávamos os participantes para a terceira e última etapa de nossa pesquisa, as Atividades Conclusivas, em que seria observado quais seus posicionamentos e que inferências realizariam depois de todas as construções conjuntas de conhecimentos. Esperávamos ter contribuído com as (re)categorizações das informações (em fato ou *fake news*) e que os participantes agissem de maneira mais consciente do que demonstraram agir na Atividade de Familiarização.

#### 4.1.3 Etapa III

Na terceira etapa, lançamos o nosso olhar mais específico para **as recategorizações provenientes das discussões (perturbações) que foram empreendidas ao longo do minicurso, incidindo no modo como os estudantes passaram a entender as *fake news* e suas possíveis intencionalidades.** Destacamos que as recategorizações/ressignificações ocorreram a todo momento durante os encontros, ao mesmo tempo em que os processos de

referenciação e inferenciação também ocorriam. Ao longo da pesquisa, estivemos a todo momento diante da imprevisibilidade dos fenômenos, uma vez que estamos em um trabalho de campo com pessoas e situações complexas.

#### **4.1.3.1 Etapa III – Oficina 10**

Para compreendermos como os participantes passaram a entender as *fake news*, quais as mudanças que ocorreram em relação ao olhar deles para os textos, qual a opinião deles sobre as oficinas e como foi a experiência no ambiente virtual remoto. No nosso último dia de encontro, realizamos uma atividade, que chamamos de *Atividades Conclusivas*. As atividades foram elaboradas no *Google Formulários*, com *link* disponibilizado para os estudantes no grupo de *WhatsApp* do minicurso. Após pouco mais de 1h de resolução, discutimos as principais impressões que eles tiveram do exercício.

#### **4.1.3.2 Etapa III – Atividades Conclusivas**

Essa última atividade foi uma oportunidade de nos despedir da turma, destacar o quanto a experiência foi valorosa e interagir a respeito dos aprendizados (re)construídos ao longo da caminhada. Nessa etapa, nosso objetivo foi averiguar como os estudantes ressignificam *fake news* a partir de uma experiência de leitura construída conjuntamente. Assim, elaboramos nossa atividade começando com o seguinte enunciado:

1. Olá meus queridos, como estão? passamos pouco mais de um mês juntos nessa experiência que para mim, foi fantástica! Aprendi muito durante esses encontros, conheci novas pessoas e tive a oportunidade de me reconectar com o ambiente escolar por meio da troca e construção de conhecimentos. Vou sentir saudades desses momentos. A pandemia nos fez estar fisicamente distantes, mas nos uniu e me senti muito próxima a vocês, ao mesmo tempo em que as oficinas mudaram e tornaram os meus dias de isolamento melhores, mesmo em meio a tanto caos social nesse período tão difícil para todos nós. Vocês me impactaram e me afetaram positivamente. É com esse sentimento de gratidão que venho por meio desses questionamentos, entender até que ponto nossa pesquisa também afetou a vida de vocês. Por isso, convido cada um a responder os seguintes quesitos para compreendermos o quanto avançamos juntos. Estarei muito ansiosa para ler, afinal são essas impressões e o sentimento que as discussões causaram em vocês, que realmente ficam e importam para nós.

Registramos as seguintes respostas:

**F.E:** A princípio fiquei muito apreensiva em participar desse curso, afinal hj não é tão fácil se engajar no mundo dos adolescentes, pensei que não tinha muito a oferecer em

termos de informações pq os jovens hj "sabem tudo", estão sempre antenados e conectados. Mas se surpreendi, foram encontros maravilhosos. Eu adorei!"

**G.S** Bom, eu aprendi uma diversidade de coisas novas, experiências magníficas que vão com certeza ficar guardadas em meu coração e na minha memória. Onde com esses ensinamentos irei exercer com muito gosto. E vou repassar esses conhecimentos para outras pessoas.

**H.R:** Aaaa, Débora! Que coisa mais linda esse texto, você é uma mulher incrível que admiro muito. Obrigada por esses momentos maravilhosos que proporcionaram trocas de conhecimento tão ricas. Só tenho gratidão para essa oficina. Sua paixão pela a educação e seu jeito de ver a vida é algo que motiva seus alunos a buscarem um futuro melhor e lutar por causas tão nobres. Obrigada, obrigada e obrigada!♥🌸

**M.P:** Me sinto muito grata pela a maravilhosa oportunidade de participar desses momentos que além de conhecimentos escolares me trouxeram uma nova visão de mundo e perspectiva de contribuir de alguma forma para melhorar ao menos um pouco esse mundo, começando em mim. E isso me faz refletir uma música que gosto muito e trata desse assunto, o nome é: A Começar em Mim do Grupo Vocal Livre.

Nesse primeiro momento da atividade, a partir das respostas, observamos o envolvimento dos participantes, as memórias que foram resgatadas e as surpresas que tiveram. Esses depoimentos reforçam que questões afetivas contribuem diretamente no modo como os estudantes veem as atividades e agem a partir delas.

4. Os discursos de ódio, a desinformação, os interesses provenientes do capitalismo e as *fake news*, são exemplos de elementos que nos desconectam da realidade, nos afastam das pessoas e da natureza e quebram a harmonia da vida trazendo energias ruins, não é mesmo? Como você acha que podemos agir para restabelecer progressivamente as relações de afeto com o outro, com o nosso meio e colaborar na busca do bem comum?

**S.F:** “É IMPORTANTE CONHECER UM AO OUTRO, SABER O QUE PENSAR. TER AMOR AO PRÓXIMO. COM A CONVIVÊNCIA SE DÁ A PROXIMIDADE E A EMPATIA. BUSCANDO COMPREENDER AS COMPLEXIDADES E OS SABERES UM DOS OUTROS.”

**A.J:** “Levando as respostas para todos por meio de projetos que incentivem a busca pelo bem comum, entendo como nossas ações perturbam o meio em que vivemos e que nem tudo na vida se resume em material e dinheiro.”

**H.S:** “ Compartilhando com o próximo não notícias falsas, mas sim como identificá-las, como denuncia-las e assim contribuir para que as muitas informações, que são compartilhadas nos mais diversos meios midiáticos, possam contribuir positivamente com a sociedade.”

**F.E:** “devemos primeiro corrigir a nós mesmos. Através de nossas boas ações e autocontrole, serviremos de exemplo para os outros. Enfim, a partir do momento em que nos auto melhoramos, ajudamos a todos.”

**A.N:** “Acredito que a chave para isso é a Educação, pois a ignorância é uma grande malefício para as discussões humanas.”

**L.V:** “É necessário, que voltemos o nosso olhar para outro, entender que o que faço pode prejudicar a vida de outra pessoa e isso importa pois somos iguais e todos devemos ter o direito de viver bem, sem a falsa necessidade de querer mais e mais. É fundamental que cada um de nós seres humanos venhamos a compreender os outros como iguais e isso impacta não só as outras pessoas, mas todo o planeta.”

**C.G:** “Não acreditar em tudo que você ver, ir atrás da verdade e saber se aquilo é comprovado.”

**H.R:** “Sim é verdade. Pensarmos no próximo, termos empatia, solidariedade, humildade..... sermos pessoas melhores. Em vez de pensar demais, agir mais. Tem tanta iniciativa legal de pessoas que pensam no próximo. Como dar alimento, roupas, remédios... assim essas pessoas mesmo não tendo o contato direto com outras, com certeza vão sentir a energia positiva.”

**M.P:** “Implantando em políticas públicas educacionais com o intuito de desenvolver as práticas sociemocionais no ensino público de todo o Brasil, afim de que possamos a cada dia fortalecer as relações de afeto.”

As respostas da questão 4 mostraram que os estudantes refletiram sobre posicionamentos sociais e ações que eram possíveis de realizar<sup>104</sup>. Além de realizarem naturalmente inferências acerca do que foi construído (também com os debates), ainda incorporaram as emergências e converteram em pensamentos que podiam se transformar em ações. Após esses importantes momentos de conscientização social e conexão com os participantes, direcionamos nossas atenções para as questões a seguir, em que lançamos publicações para serem lidas e comentadas (caso quisessem) pelos integrantes do grupo.

Lembramos que a atividade a ser analisada foi respondida na plataforma *Google* Formulários e só tivemos acesso a ela ao final da oficina, já que, no intervalo de 2h de encontro, foi reservado pouco mais de 1h para sua resolução e o restante do tempo para discussões finais sobre o minicurso. Selecionamos a seguir, pela necessidade de delimitação em torno de nosso objetivo analítico, duas publicações que elaboramos para a atividade e os comentários que emergiram em relação a elas. A partir dos escritos, vemos se/como os alunos (re)categorizaram e desenvolveram um olhar mais atento para os assuntos discutidos ao longo das nove oficinas anteriores.

A primeira imagem é uma publicação postada no *Twitter* da Deputada Federal Bia Kicis - PSL, no dia 25 de maio de 2020. A partir dela, elaboramos a seguinte questão:

---

<sup>104</sup> Após o término do minicurso, estudantes tiveram a iniciativa de realizar oficinas que contribuiriam com o reconhecimento de *fake news* com um grupo da comunidade. Isso mostra que mais que questões, foi possível despertar atitudes de resistência a essa problemática entre os participantes.

5. Observe essas duas postagens e diga-nos que declarações vocês podem fazer a respeito da confiabilidade de cada uma.

a)



Fonte: Página do Twitter da deputada Federal Bia Kicis (PSL-DF) de 20 de maio de 2020.<sup>105</sup>

A foto original é de 2012 e, segundo os veículos de imprensa, como o G1<sup>106</sup> e Época<sup>107</sup>, por exemplo, a presidenta Dilma Rousseff esteve em reunião, no Palácio do Planalto junto aos Ministros da Fazenda, Guido Mantega (à esquerda) e do Desenvolvimento, Fernando Pimentel (à direita) com um grupo composto, pelos 28 maiores empresários e banqueiros do país. Dentre os presentes estavam, segundo a lista informada pelo Palácio do Planalto e divulgada nas reportagens, empresários como Eike Batista, pela empresa EBX; Otávio Azevedo, pela Andrade Gutierrez; Luiza Trajano da Magazine Luiza e Marcelo Odebrecht pela empresa Odebrecht. Ainda segundo o jornal, essa reunião ocorreu com a finalidade de discutir investimentos para a indústria e para o setor produtivo do país.

<sup>105</sup> Disponível em: <https://twitter.com/biakicis/status/1265110184726233089>. Acesso em: jun. de 2020.

<sup>106</sup> Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/03/dilma-reune-no-planalto-28-dos-maiores-empresarios-do-pais.html>. Acesso em: jun. 2020.

<sup>107</sup> Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2012/03/dilma-se-reune-com-28-grandes-empresarios.html>. Acesso em: jun. 2020.

A foto está visivelmente manipulada com círculos, setas e nomes de alguns dos participantes. O referente no título “Reunião Ministerial” encontra-se em destaque. Originalmente, as reportagens relatam que não se tratava de uma reunião ministerial, o que seria possível inferir (caso os leitores conhecessem os ministros do governo Dilma, em 2012) pelo fato de os demais ministros não estarem presentes. Para se compreender a materialidade e captar a intencionalidade mostrada no texto, alguns aspectos (con)textuais precisam ser de conhecimento dos leitores que entram em contato com a publicação, para que ela faça sentido.

A postagem foi lançada no *twitter* da deputada Federal do PSL, Bia Kicis, em resposta às polêmicas em torno do vídeo<sup>108</sup> divulgado pela imprensa no mês de maio de 2020, que mostrava a postura inadequada e ofensiva do Presidente da República durante uma reunião ministerial. A reunião foi marcada por impropérios e palavrões a todo momento, por parte do atual representante do poder Executivo. Essa referência está presente na frase da publicação “Aqui não tem palavrão...”, uma vez que não se viam tais comportamentos em reuniões de presidentes anteriores, como no caso de Dilma Rousseff. Porém, acusações de corrupção envolvendo nomes de empresários, como Eike Batista, o grupo Andrade Gutierrez (tendo o empresário Otávio Azevedo apontado erroneamente na imagem como Andrade Gutierrez) e Marcelo Odebrecht, foram ligadas à reunião, e estes foram postos como convidados de Dilma Rousseff. A publicação, portanto, tenta ligar os acusados de corrupção (apontados com setas) ao governo e ao teor da reunião, alimentando o movimento inferencial no qual a presidenta estaria realizando acordos com empresários que cometeram crimes e deveriam estar presos. Tal inferência fica bem marcada quando observamos a carga semântica dos referentes expressos em “só uns 300 anos de prisão”.

Toda a publicação mostra um teor intencionalmente difamatório ao Governo Dilma, representando um pensamento simplista, imediatista e precipitado quando não se exploram as camadas do texto, sobretudo as (con)textuais. No caso dessa publicação, para que as inferências fossem realizadas a contento, seria necessário um aprofundamento maior na compreensão (con)textual, para que fossem realizadas inferências que os lavassem a categorizações mais coerentes com os fatos. Em outras palavras, se os estudantes tivessem se informado sobre os últimos acontecimentos, desenvolvido uma visão histórica mais ligada ao social, um conhecimento aprofundado acerca de cada representante presente na reunião, as intenções (políticas) da autora da

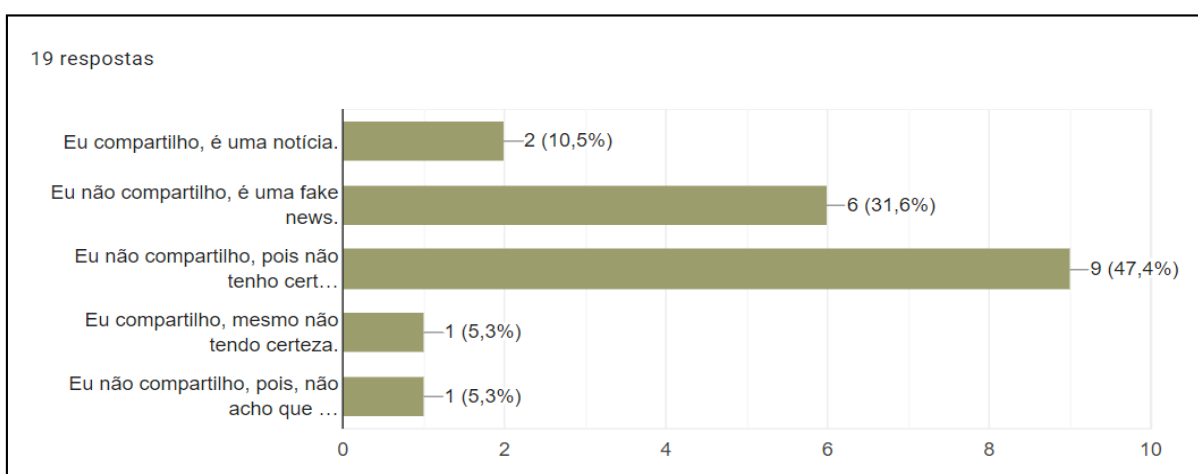
---

<sup>108</sup> Reunião Ministerial de 22 de abril de 2020, que foi apontada como prova do ex-ministro Sergio Moro contra Jair Bolsonaro em inquérito sobre a tentativa de intervenção do presidente na Polícia Federal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6cg5AAcijv4>. Acesso em: out.2020.

publicação, a origem da foto e as informações da notícia, seria possível fazer inferências que os levassem a categorizar essa informação como falsa.

Mesmo não tendo demonstrado, por meio dos escritos, os conhecimentos anteriormente citados, 18 estudantes não compartilhariam a publicação. A seguir, quando nos voltamos para as justificativas de suas respostas, podemos entender melhor que inferências os estudantes realizaram para categorizar a publicação como fato ou *fake*, a partir das experiências que compartilhamos e dos assuntos que discutimos ao longo do minicurso.

**Gráfico 5- Percentual de possíveis compartilhamentos da publicação da questão 5a**



Fonte: Resposta dos participantes à atividade elaborada pela autora no *Google* Formulários.

Eu respondi a essa alternativa, porque...

**M.B:** “ESTÁ NA CARA QUE NÃO É VERDADEIRO, POIS PODE SER COMPLETAMENTE, COISAS POLÍTICAS QUE ACONTECEM, UNS AOS OUTROS. OPINIÕES OFENSIVAS, CONTRA”

**R.L:** “Eu acredito que seja falsa, pois é mais uma sátira do que uma notícia séria.”

**M.L:** “Posts de redes sociais não são confiáveis, é necessário checar antes.”

**F.E:** “No atual momento político que estamos vivenciando, essa é uma forma de comparar governos e defender valores e pessoas que são indefensáveis.”

**A.N:** “Acredito que a foto possa existir e que a reunião foi verdadeira, porém, a especulação dos 300 anos é falsa e sem provas corretas. A publicação deixa o leitor confuso, pois, existe outras redes sociais bem como um blog de acesso, mas acho a publicação sem necessidade.”

**H.R:** “Não mostra um site confiável, prefiro não arriscar a espalhar uma FakeNews.”

**G. S:** “Isso é uma fake news. Por que uma notícia verdadeira não seria publicada nesse estilo: com setas e círculos.”

**E.M:** “A imagem é verídica e isso pode ser confirmada com um check-list em portais de notícias confiáveis.”

Os comentários mostraram-se coerentes com a falsidade da publicação, como coloca **G.S:** “uma notícia verdadeira não seria publicada nesse estilo: com setas e círculos”, ou

com a necessidade de checar a informação, conforme enuncia **M.L.**: “Posts de redes sociais não são confiáveis, é necessário checar antes”. Os participantes realizaram inferências voltadas tanto para a materialidade quanto para a esfera (con)textual, como **F.E.**, por exemplo: “No atual momento político que estamos vivenciando, essa é uma forma de comparar govenos e defender valores e pessoas que são idefensáveis”. Logo, diferentemente das atividades iniciais, vemos participantes mais responsáveis com relação ao compartilhamento de informações e mais atentos às pistas (con)textuais.

A segunda publicação foi feita inicialmente pelo Deputado Estadual André Fernandes (PSL-CE) e republicada no *Instagram* pelo presidente da República Jair Bolsonaro, no dia 12 de maio de 2020. A publicação do Deputado cearense foi marcada como conteúdo falso nas redes sociais após verificada pela Agência Lupa. Assim, um aviso foi colocado em todas as republicações feitas, inclusive na do presidente.

5. b)



Fonte: Página Fato ou *fake* do G1 em 12 de maio de 2020.<sup>109</sup>

<sup>109</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/05/12/e-fake-que-numero-de-mortes-por-doencas-respiratorias-no-ceara-em-2020-e-menor-que-em-2019.ghtml>. Acesso em: jun. 2020.



A publicação foi lançada na rede social *Instagram* em um momento bastante delicado da pandemia. O deputado utilizou-se de dados grosseiramente manipulados para simular uma realidade que era condizente com o pensamento de seu partido e reforçava o que na ocasião os seus apoiadores partidários defendiam, ou seja, a não obediência ao isolamento social e negação à real dimensão da doença. Além de desvios ortográficos como a palavra “inporta”, a publicação mostrava falsos dados coletados entre 16 de março e 10 de maio de 2020 e alegava ter havido menos mortes por doenças respiratórias no Ceará que no mesmo período do ano anterior, mesmo sem a pandemia de Covid-19. Seguido dos dados, encontra-se a pergunta “Por que em 2019 não teve o mesmo alarde?”. É possível inferir que o parlamentar utilizou o referente “alarde” para tratar sobre os cuidados, as precauções sanitárias e as políticas públicas de alguns estados, como o Ceará, por exemplo, voltadas para o combate a um vírus altamente letal e desconhecido que avançava pelo país, trazendo a possibilidade de causar colapso no sistema de saúde.

Quando checada a notícia pela Agência Lupa<sup>110</sup>, constatou-se que:

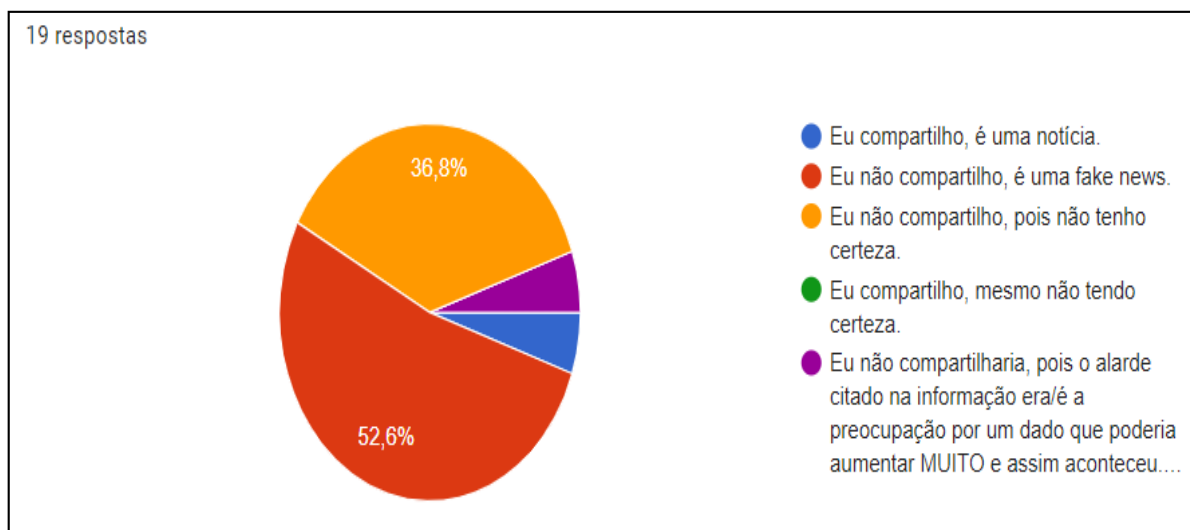
Além de estarem desatualizados, os números citados no post incluem erroneamente mortes por outras causas, que não têm nenhuma relação com problemas respiratórios. Após a atualização feita à 0h desta segunda-feira (11), os dados do Portal da Transparência do Registro Civil indicavam 2.808 óbitos por doenças respiratórias no Ceará no período citado em 2019 contra 3.217 em 2020 – ou seja, houve aumento de pelo menos 409 casos no estado, o que equivale a um acréscimo de 14,5% em relação ao registrado no ano passado (LUPA, 2020, on-line).

Essa imagem foi escolhida para a atividade pelo fato de ter gerado polêmica, inclusive, por ter sido repostada no *Instagram* do Presidente da República e horas depois banido pela rede social com a notificação de que seria uma *fake news*, e por ter ganhado as principais manchetes dos jornais brasileiros. Por serem figuras públicas, a postura intencional dessas publicações gera graves consequências, como o não respeito a medidas de isolamento – distanciamento social e uso de máscaras em locais públicos – o que ocasiona uma maior disseminação da doença, afetando os que tomam os devidos cuidados. Vale destacar que muitos seguidores e leitores de publicações como esta dão credibilidade ao que é postado, sem checar os dados, reforçando assim suas convicções a partir delas.

---

<sup>110</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/05/11/verificamos-ceara-mortes-doencas-respiratorias-2020/>. Acesso em: out. 2020.

**Gráfico 6- Percentual de possíveis compartilhamentos da publicação da questão 5b**



Fonte: Resposta dos participantes à atividade elaborada pela autora no *Google* Formulários.

Mostramos aqui a emergência de algumas inferências realizadas pelos alunos e escritas na questão 5 das atividades conclusivas, para que chegassem a categorizar as publicações como fato ou *fake*:

**S. F:** “VI NA FOLHA DE SÃO PAULO ESSA NOTÍCIA FALSA. E NÃO DIMINUIO NADA.”

**A.J:** “Tem erros ortográficos, o que compromete muito a informação. Além de que é necessário checar os dados apresentados.”

**H.S:** “Inporta? Kkk fake isso.”

**F.E:** “Vi no Jornal Hoje que os dados foram pegos de recortes de tempo diferentes e alterados pelo deputado que divulgou.”

**R.L:** “Acredito que não foi tão alarmante porque esse número foi em 12 meses. Não em apenas 4 meses.”

**A.L:** “Nesse caso, podemos observar fontes datas e algumas informações mais detalhadas, porém, eu só compartilharia após uma verificação minuciosa por se tratar de algo muito forte e preocupante.”

**L.V:** “O texto presente na imagem apresenta erros ortográficos o que tira a credibilidade da notícia.”

Vemos que nenhum dos estudantes compartilharia a publicação, pois demonstraram reconhecer pistas que a fazem ser categorizada como falsa, como desvio ortográfico, fonte, data, dados da publicação, por terem acompanhado em veículos de imprensa e por terem consciência da necessidade de investigar minuciosamente antes de compartilhar. Essa discussão sobre a publicação do Deputado Estadual constitui, então, mais um indicador de que os estudantes conseguiram (re)categorizar responsabilmente as publicações como falsas ou duvidosas.

Após o último encontro, perguntamos para eles o que mudou com as oficinas e dispomos a seguir um recorte de suas respostas. Cada comentário representa objetivos que tínhamos e emergências que foram surpreendentes para nós:

**M.B:** “Infelizmente foi o último encontro☺. Ti agradeço muito por dar essa oportunidade. E eu já estou com muita saudades, de tudo que a gente fazia, tinha dias que eu estava um pouco cansada, ou com dor de cabeça, mas o minicurso **fazia minha mente trabalhar**. O que falar desse minicurso, que nem é "mini" é "big" curso, rsrs. Amei muito participar, **eu me tornei uma pessoa totalmente diferente**, na base do conhecimento, **aprendi tantas coisas**, aiii foi maravilhoso. E a despedida foi tão deslumbrante de palavras, sério foi o melhor. Em apenas 10 encontros você conseguiu passar esse conhecimento com muitas raízes únicas, com um repertório cultural ótimo e tudo de bom. Palestras inesquecíveis. E vi que o texto é importante para a nossa vida e senti muito isso. Antes eu nem lia com sentimento, mas depois **você me mostrou o que é um texto de verdade**, a energia tanto positiva como negativa, que existe em palavras. Foram aulas de misto de conhecimentos que é uma **mistura de opiniões** que ajuda tanto, **temos que trabalhar em equipe para sair melhor ainda**. Amei aprender sobre as notícias que estão rodando por aí, e é uma coisa que todo mundo deveria, obrigatoriamente saber o que é. Pois **todo mundo que te manda informação tem interesse**. E para saber qual é o interesse, temos que pesquisar, adentrar na informação sem limite, saber todas os passos para identificar as Fake News (fake sem News). A importância que nós somos para o mundo. A ciência é provisória, a verdade é incansável. Somos privilegiados por ter você como professora e amiga. Foi muito legal. Conhecimento é poder. Saber é poder. Obrigada ♥”

Recorrendo ao nosso referencial teórico e imergindo como pesquisadora nesses eventos comunicativos, que foram sendo contruídos a cada encontro, junto aos participantes, foi possível propiciar vivências que contribuíram com novas formas de referenciar, inferenciar, categorizar e construir sentidos, o que não seria possível sem os envolvimentos, perturbações/inquietações estimuladas, troca de conhecimentos entre o grupo, além dos constantes alertas sociais que nos tiram do conformismo e abrem nossos olhos para o que o país sofre a partir dessa onda de desinformação. Logo, quando "sabemos", como expressou a participante, "podemos" agir e dar continuidade as nossas textualizações que começam na materialidade e se expandem infinitamente e de maneira complexa. Vamos ao segundo depoimento:

**I.C:** “Nesse último encontro, nosso debate foi o mais reflexivo, na minha opinião. Falamos sobre questões universais abordando teorias. Refleti sobre como estamos todos conectados. **Somos seres tão minúsculos numaimensidão infinita**, mas ao contrário de alguns, eu acredito que se estamos aqui por um propósito ( do contrário por que existiríamos?). Outra informação que me chamou muito a atenção, foi sobre a importância dos textos, como os textos ocultam emoções e energias a serem transmitidas a quem os lê. Realmente, os textos estão em todo lugar, seja em mensagens virtuais, cartas de amor, livros sagrados, notícias, etc. E se um dia os

textos desaparecessem? O que seria de nós? **Infelizmente, existem pessoas que se aproveitam dos textos para enganar e promover discórdia.** Esse é um dos motivos pelo qual devemos buscar informações verdadeiras, credibilizando quem as divulga. Além de tudo, ter senso crítico e mente aberta é primordial, pois **a alienação e a ignorância são fortes cegueiras sociais.** Enfim, os conhecimentos adquiridos por mim no curso, certamente contribuíram para minha evolução de pensamento.”

Com a fala da participante deixa transparecer, entendemos na prática que viver ecologicamente o texto é não separar as partes da materialidade do contexto social, filosófico, afetivo e todas as demais esferas de conhecimento que são inseparáveis, pois o texto é um processo, não um produto e se reconstrói a todo momento pelos seus interlocutores. Nessa perspectiva de linguagem, torna-se possível estimular pensamentos que conduzam a uma consciência autônoma em meio a realidades tão difíceis de combater, como a disseminação de informações falsas. O depoimento a seguir nos conduz a perceber os processos sociocognitivos acontecendo na prática, os múltiplos olhares, as multissemioses acontecendo a todo momento e possibilitando entendimentos que a primeira vista não foram possíveis construir sem os estímulos do grupo:

**M.P:** “O encontro de hoje para mim foi surpreendente. Para começar com o questionário achei muito interessante as perguntas, poemas, as notícias falsas que tivemos que analisar. E claro um vídeo que na minha opinião é incrível porque me levou a observar a terra por uma perspectiva diferente[...] trouxe-me um ensinamento sobre o quanto nossas ações impactam a terra e como estamos ligados a ela. Além disso, quando eu me deparei com alguns textos como o poema, que após a discussão sobre ele passei a achar muito interessante e percebi que tem uma forte relação com o vídeo, e a imagem dos personagens e a maçã **eu pensei: Meu Deus do céu! Eu não entendi nada. Mas depois que os questionamentos e as suposições começaram, eu pensei: Gente isso é incrível, como eu não tinha percebido isso.** E para mim esse momento foi responsável por uma concepção totalmente nova. Hoje fiquei **surpresa em perceber o quanto eu aprendi e o quanto isso é mínimo para o tanto que eu ainda tenho para aprender,** que aliás é um universo.”

Vimos o quanto esse momento de pandemia e isolamento afetaram o modo como os estudantes aprendiam, mas, ao mesmo tempo, presenciávamos momentos de superação. As ressignificações sobre o que é texto e o sentir e viver esse evento comunicativo levaram-nos a entender que independentemente do modo como esses momentos de interação acontecem – sejam eles virtuais ou presenciais – é possível atingir nossos objetivos de instigar momentos de aprendizagem.

**A.S:** “Apesar de ter adorado todos os encontros, infelizmente sinto que não evoluí tanto quanto gostaria. Aprendi muito durante esse tempo, **mas deixei que a insegurança e toda a situação atual que estamos vivendo afetasse no meu desempenho.** [...] **não consegui ser tão participativa** mesmo em assuntos que me chamavam atenção, e esse é um dos principais pontos em que desejo evoluir. Independentemente disso tudo, abri mais a minha mente para analisar o que acontece ao meu redor. **Textos vão muito além do que só palavras, imagens simples escondem significados grandiosos e simples linhas traçadas podem te fazer ter uma crise existencial sobre o tempo e a vida.** Em resumo, sou grata pelo tempo maravilhoso das aulas e tudo que aprendi! Amei te conhecer virtualmente e não vejo a hora de conhecer pessoalmente também!”

Aliada a visões de texto aqui discutidas e vivenciadas, fomos guiados, por meio da cognição e aprendizagem situada (COSTA, 2010), da Biologia do Conhecer (MATURANA; VARELA, 1995) e da aprendizagem complexa (DEMO, 2002; PELLANDA, 2005), por caminhos que nos levaram a refletir que, ao invés de “ministrarmos aula” de maneira instrucionista, podemos promover momentos de interação e construção conjunta de conhecimento que podem levar os estudantes a serem protagonistas e autônomos, logo, responsáveis por ações sociais que tragam mudanças. O minicurso, de maneira não linear, interdisciplinar e indisciplinar, afetou a todos que dele participaram e fez emergir também crescimentos interpessoais, não só nos participantes, mas na pesquisadora, que passou a ver a educação com um olhar mais ecológico, conseqüentemente, mais humano e mais transformador do meio social.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por questões acadêmicas, encerramos este estudo, que continua se desdobrando em cada participante que conseguiu enxergar o processo de manipulação textual, refletirá antes de passar *fake news* adiante ou vai compartilhar com alguém o que aprendeu. Assim, como as estruturas de um fractal, tudo que realizamos é complexo, ao mesmo tempo em que acontece naturalmente em nossas vidas, gerando impactos em diversas outros sistemas, que nem conseguimos imaginar.

Ao longo desta pesquisa, que nos surpreendeu a cada momento, tivemos a oportunidade de construir sociocognitivamente sentidos a partir da imersão no evento comunicativo que é o texto. Baseando-nos na epistemologia da complexidade, tivemos a oportunidade de construir com os estudantes uma visão científica que não traz respostas prontas, mas que formula perguntas e avança com a curiosidade desses questionamentos. Instigamos um olhar investigativo e uma forma de aprender que não fosse limitada pelo medo de errar.

Guiados também pelos teóricos da Biologia do Conhecer, fomos conduzidos a lidar com a problemática das publicações falsas, construindo diálogos que consideram sentimentos, vivências e pensamentos dos participantes, que emergiam a todo momento na realização de inferências e (re)categorizações das publicações e de suas visões de mundo. Impactamos e fomos impactados, desprendemo-nos de nossos “eus” em um natural processo autopoietico de (re)construção, acelerado pelas perturbações provenientes das discussões e inquietações favorecidas pelas oficinas.

Mesmo com pouco tempo em campo, vimos o estudo frutificar quando, em busca de ações mais concretas de minimização do problema em seus entornos sociais, os estudantes resolveram estender a pesquisa para que mais pessoas tivessem a oportunidade de ter acesso às informações e discutir o que foi debatido durante o minicurso. A imersão no evento textual despertou nos participantes a necessidade de assumir posicionamentos em relação à preocupante problemática das *fake news*, levando-os a realizar uma nova jornada de oficinas, tendo como público a comunidade, na busca por uma sociedade menos manipulada.

O novo projeto, desdobramento da nossa pesquisa, foi iniciativa de duas participantes do grupo dos 22 alunos inscritos no minicurso aqui analisado. O projeto foi intitulado “*Fact-check* Tabelaio: a escola a serviço da verdade”. As oficinas ocorreram em 4 encontros virtuais, de 2h cada, durante os meses de outubro e novembro de 2020 e contaram com 9 participantes. Após a realização do minicurso pelas estudantes e ministrantes, ainda movidas pela forte curiosidade de adentrar ao mundo da pesquisa, elas apresentaram-nos um

convite para orientação da elaboração de um relatório (Anexo B) que tinha como finalidade registrar a experiência vivida e inscrevê-las na 19ª edição da Feira Brasileira de Ciências e Engenharia – FEBRACE.

Com muita satisfação, realizamos uma parceria de escrita do relatório e organizamos a documentação necessária para a inscrição na feira, que reuniu arquivos como: autorização dos participantes maiores de idade e dos pais, em caso de menoridade, além de documentos assinados por profissionais qualificados (psicólogo, professor supervisor, orientador e diretor escolar), seguindo todos os procedimentos exigidos pelo edital da FEBRACE 2021<sup>111</sup>. Após a análise dos avaliadores (anexo C), nosso projeto foi aprovado como finalista do evento, e em março de 2021, participaremos de sua 19ª edição, em formato virtual (carta convite no anexo D). As estudantes passaram por uma experiência transformadora e relataram que, mesmo em um ano atípico, conseguiram aprender mais sobre diversos gêneros textuais, lidar melhor com recursos tecnológicos, crescer com as tentativas e erros e, principalmente, segundo elas, conseguiram se tornar pessoas melhores. Tudo isso a partir da vivência iniciada pelas nossas oficinas.

Ainda há muito a ser estudado em torno da inesgotável temática das publicações falsas e das veredas textuais. Também há muitos estudos em andamento no meio acadêmico que precisam chegar à esfera escolar e se alastrar para além de seus muros. Fortalecer e valorizar as Universidades e instituições de ensino públicos, seus profissionais, discernir de modo não partidário os fatos de opiniões nunca foi tão importante em nossa história. Cabe a nós, que tivemos o privilégio e a oportunidade de estarmos na academia, em uma Universidade Pública Estadual, tendo contato com leituras e profissionais que refinam nossa maneira de ver o mundo, darmos a nossa contribuição acadêmica socialmente revertida. Estar nesse espaço nos permite levar essas ideias adiante visando um país melhor e procurando contribuir com a formação de pessoas mais comprometidas e conscientes das consequências de suas atuações individuais na coletividade.

Além disso, torna-se necessário destacar a importância de despertarmos para a maneira ecológica de olhar para o mundo, para a vida, para os textos e para as nossas ações, além de assumirmos posturas que procurem forçar os sistemas sociais consumistas vigentes e nos interligue e reaproxime cada vez mais dos outros. Muitas vezes, essas ações ecológicas não ganham destaque em uma sociedade consumista, por não apresentarem métodos utilitaristas, com resultados imediatos, mas movimentam um valioso poder de transformação, repercutindo

---

<sup>111</sup> Disponível em: <https://febrace.org.br/biblioteca-de-documentos/#.YACPqehKjcc>. Acesso em: out 2020.

na vida de muitas pessoas. Nesse viés, foi possível contribuir também com reflexões mais conscientes acerca do trabalho de cientistas e professores de maneira ética e respeitosa, principalmente em tempos de desmerecimento dessas classes pelos altos poderes da hierarquia política brasileira.

Para finalizar a narrativa do trajeto deste trabalho, em janeiro de 2021, assistimos a acontecimentos históricos, como a invasão do Congresso dos EUA, o Capitólio, pelos apoiadores do governo Trump, que não aceitaram o resultado democrático das eleições americanas e apontaram, sem provas, a ilegitimidade do processo; o banimento de contas no *Twitter* que disseminam a desinformação, como a do ex-presidente Donald Trump; a marcação de alerta em publicação do Ministério da Saúde sobre “tratamento precoce” com medicamentos sem comprovação científica; a aprovação, pelo Conselho Nacional de Educação, da continuidade do ensino remoto até dezembro de 2021; o ENEM sendo realizado em meio a uma pandemia; e finalmente a esperança trazida pelo Instituto Butantan com a Vacina Coronavac, da farmacêutica chinesa Sinovac.

Essas manchetes têm relação direta com o nosso estudo, uma vez que tudo está interligado pela complexidade dos fenômenos e dialogam com as ideias aqui dissertadas em torno das informações falsas, que agora cercam a vacinação. Democracia ameaçada, desigualdades sociais sentidas e a esperança vinda da ciência. Reforçamos assim a necessidade de uma educação comprometida, uma ciência valorizada, de mais lutas por políticas públicas que visem a equidade de condições e processos eleitorais com menos manipulação dos fatos. É celebrando a ciência que encerramos o último parágrafo desta dissertação, ao assistir, com muita emoção, a primeira mulher sendo vacinada no estado de São Paulo e aos lotes da vacina chegando em território cearense, renovando nossas esperanças de que dias melhores certamente virão.



## REFERÊNCIAS

- ALÇÃO EDUCATIVA; INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Inaf Brasil 2018**: estudos preliminares. [S.l.]: Inaf, 2018.
- AGÊNCIA LUPA. **Como a Lupa faz suas checagens?** 2015a. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2015/10/15/como-fazemos-nossas-checagens/>. Acesso em: 28 out. 2020.
- ALVES, L. Educação Remota: entre a ilusão e a realidade. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 8, n.3, p. 348 – 365, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/9251/4047>. Acesso em 15 out. 2020.
- AGÊNCIA NACIONAL DE TELECOMUNICAÇÕES. **Painel de dados**. 2020. Disponível em: <https://www.anatel.gov.br/paineis/aceessos>. Acesso em: 20 out. 2020.
- ANTARES, G. A longa história das notícias falsas. **El País**, 18 jun. 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298\\_389944.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/08/cultura/1528467298_389944.html). Acesso em 6 out. 2020.
- ANTUNES, I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- AQUINO, Z. G. O. **A mudança de tópico no discurso oral dialogado**. 1991. 195f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637257/4979>. Acesso em: 13 set. 2019.
- BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. 2.ed. São Paulo: Pedro & João Editores, 2010.
- BARROS, L. M. M. **Notícias vs. notícias falsas**: a perspectiva da Linguística Cognitiva. 2018. 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018.
- BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse**. cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society. Norwood: Ablex, 1997.
- BEAUGRANDE, R. A.; DRESSLER, W. U. **Introduction to text linguistics**. London: Longman, 1981.
- BEHAR, P. A. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância**. Porto Alegre: UFRGS, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a--distancia/>. Acesso em: 12 out. 2020.

BENTES, A. C.; REZENDE, R. Texto: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORINI, Inês. (Org.). **[Re]discutindo texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.

BENTES, A. C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, A. C. **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2006, p. 245-287.

BLOCH, M. Réflexions d'un historien sur les nouvelles fausses de la guerre. *Revue de Synthèse Historique*, t. 33, 1921.

BRASIL. Ministério da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia**. Brasília: MEC, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia>. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. Senado Federal. Relatório Legislativo. **Projeto de Lei do Senado Nº 2630, de 2020**. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília, 29 de jun. 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Plenário conclui julgamento sobre validade do inquérito sobre fake news e ataques ao STF**. 18 de jun. 2020. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=445860&ori=1>. Acesso em 20 out. 2020.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. **Fake news e ataques ao STF: oito ministros votam pela legalidade da abertura do inquérito**. 17 de jun. 2020. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=445764&ori=1>. Acesso em 25 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 544, de 16 de junho de 2020**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872>. Acesso em 11 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 473, de 12 de maio de 2020**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=13/05/2020&jornal=515&pagina=55>. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 395, de 15 de abril de 2020**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-395-de-15-de-abril-de-2020-252725131>. Acesso em 11 out. 2020.

BRASIL. **Decreto Legislativo n. 6, de 20 de março de 2020**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/portaria/DLG6-2020.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/portaria/DLG6-2020.htm). Acesso em 11 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 345, de 19 de março de 2020**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=19/03/2020&jornal=603&pagina=1>. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria nº 343, de 17 de março de 2020**. Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 11 out. 2020.

BRASIL. Ministério da educação. **Resultados ENEM 2019**. Brasília, 2020. Disponível em [http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/downloads/2019/apresentacao\\_resultados\\_enem\\_2019.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/downloads/2019/apresentacao_resultados_enem_2019.pdf). Acesso em: 5 out. 2020.

BRASIL. Ministério Público Federal. Procuradoria-Geral da República. **VII Prêmio República de Valorização do MPF divulga vencedores da edição 2019**. Brasília, 2019. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/vii-premio-republica-de-valorizacao-do-mpf-divulga-vencedores-da-edicao-2019>. Acesso em: 25 out. 2020.

BRASIL. Senado Federal. **Comissão Parlamentar Mista de Inquérito das Fake News**. 2019. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?0&codcol=2292>. Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. PNAD Contínua TIC 2018. **Agência IBGE Notícias**, Brasília, 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27515-pnad-continua-tic-2018-internet-chega-a-79-1-dos-domicilios-do-pais>. Acesso em: 12 out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dezsite.pdf>. Acesso em: 14 jul.2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014**. Marco Civil da Internet. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm). Acesso em 20 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 9.504/97, de 30 de setembro de 1997**. Lei das Eleições. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19504.htm). Acesso em 20 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996**. LDB – Lei de Diretrizes e Bases. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. **Lei N. 7.170, de 14 de dezembro de 1983**. Define os crimes contra a segurança nacional, a ordem política e social, estabelece seu processo e julgamento e dá outras providências. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/17170.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17170.htm). Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. **Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965**. Código Eleitoral. Disponível em: [http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/1819/1983\\_munoz\\_codigo\\_eleitoral\\_justica\\_eleitoral.pdf?sequence=1](http://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/1819/1983_munoz_codigo_eleitoral_justica_eleitoral.pdf?sequence=1). Acesso em: 20 out. 2020.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, 31 dez. 1940. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo\\_penal\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529748/codigo_penal_1ed.pdf). Acesso em: 20 out. 2020.

CADWALLADR ,C.; HARRISON, E. G. **The Guardian**. Revealed: 50 million Facebook profiles harvested for Cambridge Analytica in major data breach. 17 Mar 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2018/mar/17/cambridge-analytica-facebook-influence-us-election>. Acesso em: 25 out. 2020.

CAMBRIDGE Analytica. *In: Wikipédia*: a enciclopédia livre. 2020. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge\\_Analytica](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cambridge_Analytica). Acesso em: 25 out. 2020.

CAMBRIDGE, English Dictionary. **Zero-rated**. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/zero-rated>. Acesso em: 20 out. 2020.

CAMBRIDGE, English Dictionary. **Deep web**. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/deep-web>. Acesso em 25 out. 2020

CAMBRIDGE, English Dictionary. **Fake news**. Cambridge: Cambridge University Press. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/fake-news>. Acesso em: 25 set. 2019.

CAPRA, F.; LUISI, P. **A visão sistêmica da vida uma**: concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix, 2014.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996. 255p.

CAVALCANTI, H. L. B.; FERREIRA, E. A.; ABRANTES, P. G.; CAVALCANTI, G.N. (2018). As muitas interpretações da entropia e a criação de um material didático para o ensino da interpretação probabilística da entropia. **Revista Química Nova na Escola**, v. 40, n. 3, p. 169- 177.

CAVALCANTI, L. Fake News: Memórias de Mercenários. **Correio Braziliense**, Brasília, n. 19964, jan. 2018. Disponível em: <http://especiais.correiobraziliense.net.br/fakenews/index2.html>. Acesso em: 25 out. 2020.

CEARÁ (Estado). Secretaria de Educação. **Lei n.º 17.207, de 30 de abril de 2020**. Disponível em: <https://bela.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/trabalho-administracao-e-servico-publico/item/6995-lei-n-17-207-de-30-04-20-d-o-20-05-20>. Acesso em: 20 out. 2020.

CEARÁ (Estado). Secretaria de Educação. **Spaace Resultados Desempenho e Participação 2019**. Disponível em <http://www.spaace.caedufjf.net/resultados/>. Acesso em: 12 out 2020.

CEARÁ (Estado). Secretaria de Educação. **Proposta de organização curricular em escolas de Tempo Integral**, 2016. Disponível em: [https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2018/09/proposta\\_organizacao\\_curricular.pdf](https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2018/09/proposta_organizacao_curricular.pdf). Acesso em: 23 mar. 2019.

CEARÁ (Estado). Secretaria de Educação. **Diretrizes operacionais para organização do trabalho escolar durante o segundo semestre e das atividades letivas no ano de 2020**. Fortaleza. 21 jun. 2020. Disponível em: [https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/08/diretrizes\\_continuidade\\_ensino\\_remoto.pdf](https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/08/diretrizes_continuidade_ensino_remoto.pdf). Acesso em: 28 out. 2020.

CEARÁ (Estado). Secretaria de Educação. **Guia de possibilidades de organização pedagógica no período remoto/híbrido**. 2020. Disponível em: [https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/09/guia\\_possibilidades.pdf](https://www.seduc.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/37/2020/09/guia_possibilidades.pdf). Acesso em: 28 out. 2020.

CEARÁ (Estado). Secretaria de Educação. **Plano de Retomada das Atividades presenciais**. 2020. Disponível em: [http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2020/07/20200078-Plano-de-Retomada-das-Atividades-Presenciais-SEDUC-CE\\_2020.pdf](http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2020/07/20200078-Plano-de-Retomada-das-Atividades-Presenciais-SEDUC-CE_2020.pdf). Acesso em: 28 out. 2020.

CELANI, M. A. A. Transdisciplinaridade na Lingüística Aplicada no Brasil. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. (Orgs) **Lingüística Aplicada e Transdisciplinaridade: Questões e Perspectivas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

CERVANTES SAAVEDRA, M. **Dom Quixote de la Mancha**. Tradução Visconde de Castilho e de Azevedo. São Paulo, Edições Cultura, 1943.

CHAROLLES, M. Introdução aos problemas da coerência dos textos. Trad. Paulo Otoni. In: GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni. P.; OTONI, P. (Orgs.). **O texto: escrita e leitura**. Campinas: Pontes, 1988.

CONFESSORE, N. **New York Times**. Cambridge Analytica and Facebook: The Scandal and the Fallout So Far. 2018. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/04/04/us/politics/cambridge-analytica-scandal-fallout.html>. Acesso em: 5 out. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes para protocolo de retorno às aulas presenciais**. Brasília, 2020. Disponível em: <http://consed.org.br/media/download/5eea22f13ead0.pdf>. Acesso em 28 out. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CP nº 5/2020, de 28 de abril de 2020**. Disponível em: <https://cee.go.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/Confira-o-Parecer-do-Conselho-Nacional-de-Educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Proposta de parecer sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da COVID-19**. 28 de abril de 2020. Brasília, DF, 2020.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CP nº 15/2020, 6 de outubro de 2020.** Brasília, DF, 2020. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/atos-normativos--sumulas-pareceres-e-resolucoes/33371-cne-conselho-nacional-de-educacao/85201-parecer-cp-2020>. Acesso em: 11 out. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CEE nº 205/2020, de 22 de julho de 2020.** Brasília, DF, 2020. Disponível em: <https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2020/03/Parecer-n%C2%BA-0205.2020-Sistema-de-Ensino-do-Estado-do-Cear%C3%A1-REVISADO-23.07.2020.pdf>. Acesso em: out. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer CNE/CP nº 11/2020, de 07 de julho de 2020.** Brasília, DF, 2020. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=148391-ppc011-20&category\\_slug=julho-2020-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=148391-ppc011-20&category_slug=julho-2020-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 11 out. 2020

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº 481, de 27 de março de 2020.** Dispõe sobre regime especial de atividades escolares não presenciais no Sistema de Ensino do Estado do Ceará, para fins de reorganização e cumprimento do calendário letivo do ano de 2020, como medida de prevenção e combate ao contágio do coronavírus (COVID-19). Fortaleza, CE, 2020.

COSTA, M. H. A.; QUEIROZ, A. A.; ALVES, L. E. P. (Orgs.). **Texto e Metatexto: aprendendo a viver (n)a complexidade dos eventos textuais.** São Paulo: Pontes, 2020.

COSTA, M. H. A.; MONTEIRO, B.; ALVES, L. Ensino de leitura na perspectiva do texto como evento: o desafio de fazer emergir o sentido. **Rev. Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 42-66, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/5360/3931>. Acesso em: 17 jun. 2019.

COSTA, M. H. A.. Linguagem como interlocução e aprendizagem como cognição situada. **Rev. Linguagem em Foco**, v. 2, p. 151-167, 2010.

COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão.** 2007. 176f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

DATASENADO. **Educação na pandemia.** Brasília: Senado, 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/08/12/datasenado-quase-20-milhoes-de-alunos-deixaram-de-ter-aulas-durante-pandemia>. Acesso em 18 out. 2020.

DAVIDSON, D. **Subjective, intersubjective, objective.** Oxford: Clarendon Press, 2001.

DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática.** São Paulo: Escuta, 2002.

DEMO, P. **Metodologia da Investigação em Educação.** Curitiba: Ibpex, 2005.

DEMO, P. **Complexidade e Aprendizagem: A dinâmica não linear do conhecimento.** São Paulo: Atlas, 2002.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

DEMÉTRIO, A. K. B.; ALVES, L.E. P.; COSTA, M. H. A. Compreensão (con)textual em mídias sociais digitais. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 72, p. 51-64, set./dez. 2016. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7247>. Acesso em: 15 nov. 2019.

DEPUTADO critica 'ideologia de gênero'. **Diário do Nordeste**, Fortaleza, 26 out. 2017. Política. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/politica/deputado-critica-ideologia-de-genero-1.1841253>. Acesso em: 12 dez. 2020.

DOYLE, A. C. Um estudo em vermelho: Estrela de prata. In: DOYLE, A. C. **Memórias de Sherlock Holmes**. Porto Alegre. L&PM Pocket, 2012.

DUKE REPORTERS LAB. **Fact Checking News**: Fact checking count tops 300 for the first time. Durham, 2020. Inclui mapas. Disponível em: <https://reporterslab.org/fact-checking/>. Acesso em: 27 out. 2020.

É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos. **G1**, 16 jun. 2018. Fato ou Fake. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2020.

'ESCOLA sem Partido': entenda a polêmica em torno do movimento e seus projetos de lei. **G1**, 03 ago. 2016. Educação. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/entenda-a-polemica-em-torno-do-escola-sem-partido.ghtml>. Acesso em 17 dez. 2020.

ESPARTA, L.M.; MENEZES, J. E. O. Cultura de participação e polarização política: as redes sociais digitais como espaço de protesto. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016. São Paulo, **Anais...** São Paulo: Intercom, 2016. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1616-1.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

FACEBOOK. **What 'The Social Dilemma' Gets Wrong**. 2020. Disponível em: <https://about.fb.com/wp-content/uploads/2020/10/What-The-Social-Dilemma-Gets-Wrong.pdf>. Acesso em: 10 out. 2020.

FEED. In **Ajuda do Adsense**. Disponível em: <https://support.google.com/adsense/answer/9189559?hl=pt-BR>. Acesso em 20. out. 2020.

FÉLIX, A. M. L. **O problema da leitura e a leitura dos problemas**: o processo de construção da leitura de enunciados de questões matemáticas. 2019. 143f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2019.

FERRARI, A. **Digital competence in practice**: An analysis of frameworks. Seville: JRC-IPTS, 2012. Disponível em: <https://ifap.ru/library/book522.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2020.

FLORÊNCIO, A. M. G.; MAGALHÃES, B. R.; CAVALCANTE, M. S. A. O.; SOBRINHO, H. F. **Análise do Discurso**: fundamentos & práticas. Maceió: EDUFAL, 2009.

FOGAÇA, J. R. V. **Evolução dos modelos atômicos**. Disponível em: <https://www.manualdaquimica.com/quimica-geral/evolucao-dos-modelos-atomicos.htm>. Acesso em: 11 out. 2020.

FRANCO, C. P. Por uma abordagem complexa da leitura. In: TAVARES, K; BECKER, S; FRANCO, C. P.(Orgs.). **Ensino de Leitura: fundamentos, práticas e reflexões para professores da era digital**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

FREIRE, P. **Política e educação: ensaios**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

G1 lança Fato ou Fake, novo serviço de checagem de conteúdos suspeitos. **G1**, 30 jul 2018. Notícias. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/07/30/g1-lanca-fato-ou-fake-novo-servico-de-checagem-de-conteudos-suspeitos.ghtml>. Acesso em: 27 out. 2020.

HANKS, W. F. O que é contexto? In: BENTES, A.C.; REZENDE, R.C.; MACHADO, M.A.R. (Orgs.). **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2008. p. 169-203.

HORTON, R. Offline: Covid-19: is not a pandemic. **The Lancet.**, v. 874, set. 2020.

IFCN Poynter. **Poynter Institute**. St. Petersburg, 2015. Complaints Policy. Disponível em: <https://www.ifcncodeofprinciples.poynter.org/complaints-policy>. Acesso em: 28 out. 2020.

INFODEMIA. In: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2020**. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/infodemia>. Acesso em 17 set. 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Relatório Nacional PISA 2018**. Brasília, DF: Inep, 2019. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/acoes\\_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio\\_PISA\\_2018\\_preliminar.pdf](http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/documentos/2019/relatorio_PISA_2018_preliminar.pdf). Acesso em: 15 out. 2020.

IPSOS. **Fake news, filter bubbles, post-truth and trust; A study across 27 countries**, 2018. Disponível em: <https://www.ipsos.com/pt-br/global-advisor-fake-news>. Acesso em: 25 set. 2019.

JAMIESON, K.; CAPPELLA, J. **Echo chamber: Rush Limbaugh and the conservative media establishment**. New York: Oxford University Press, 2009.

JAPIASSU, H. **Nem Tudo é Relativo: A Questão da Verdade**. São Paulo: Letras & Letras, 2000.

JOANILHO, A. Reflexões de um historiador sobre as notícias falsas da web. **Drops**, São Paulo, v. 14, 2014.

KOCH, I. G. V. **Introdução à Linguística Textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.



KOCH, I. G. V. A construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (orgs.) **Linguística e cognição**. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 95-107.

KOCH, I. G. V. **Texto e construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2005.

KOCH, I. Contribuições da Linguística Textual para o Ensino de Língua Portuguesa na Escola Média: A análise de textos. **Revista do GELNE: Grupo de Estudos Lingüísticos do Nordeste**, Fortaleza, ano 1, n. 1, p. 16-20, 1999.

KOCH, I. G. V. **Lingüística Textual: Retrospecto e Perspectivas**, 1997. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/4012/3682>. Acesso em: 20 maio 2019.

KOCH, I. G.V. ; TRAVAGLIA, L. **Texto e coerência**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

KOCH, I. **Como se constrói a coerência**. Campinas: UNICAMP, 1987.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 46p.

LARSEN-FREEMAN, D. Chaos/complexity science and second language acquisition. **Applied Linguistics**, v. 2, n. 18, p.141-165, 1997.

LAZER, D. M. J. et al. The science of fake news: addressing fake news requires a multidisciplinary effort. **Science**, Washington, v. 359, n. 6380, p. 1094-1096, mar. 2018. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1094>. Acesso em: 25 set. 2019.

LEFFA, V. J. Transdisciplinaridade no ensino de línguas: a perspectiva das teorias da complexidade. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 27-49, 2006.

MARCUSCHI, L. A. Compreensão textual como trabalho criativo. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. Prograd. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 11. p. 89-103. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40358/3/01d17t07.pdf>. Acesso em dez 2020.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística textual: o que é e como se faz**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Quando a referência é uma inferência. In: SEMINÁRIO DO GEL, 1., 2000. São Paulo, **Anais...** São Paulo: [s.n.], 2000. p.1-31.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, L. A. Quando a referência é uma inferência. In: SEMINÁRIO DO GEL, 1., 2000. São Paulo, **Anais...** São Paulo: [s.n.], 2000. p.1-31.

MARCUSCHI, L.A. **Linguística textual, o que é e como se faz**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1983.

MARTINS, A.C.; BRAGA, J.C.F. Caos, complexidade e linguística aplicada: diálogos transdisciplinares. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 7, n. 2, p. 215- 235, 2007.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MATURANA, H.; VARELA, F. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano**. Campinas: Psy II, 1995.

MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. **Autopoiesis and cognition: the realization of the living**. Dodrecht: Reidel, 1980

MANDELBROT, B. **Objetos fractais, Grádiva**. 1998. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/72558678/ciencia-aberta-benoit-mandelbrot-objetos-fractais-forma-acaso-e-dimensao-unico->. Acesso em: 5 jul. 2020.

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 13-43.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. A construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M., BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p.17-52.

MONTEIRO, B. C. B. **A perspectiva sociocognitiva da referência na abordagem didática do texto: implicações na percepção do leitor aprendiz**. 2014. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução de Eliane Lisboa. 5. ed. Porto Alegre : Sulina, 2015. 120 p.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NEWMAN, N.; FLETCHER, R.; SCHULZ, A.; ANDLI, S.; NIELSEN, R. **Reuters Institute Digital News Report 2020**. 2020. Disponível em: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR\\_2020\\_FINAL.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2020-06/DNR_2020_FINAL.pdf). Acesso em: 20 out. 2020.

NIETZSCHE, F. **Obras Incompletas**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

ORLOWSKI, J. **The Social Dilemma** [Film]. Netflix. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Impacto da COVID-19 na Educação**. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 18 out. 2020.

PAIVA, V. L. M. de O. Autonomia e complexidade. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, v. 9, n.1, 77-127, 2006.

PALACIOS, M. Fake News e a emergência das agências de checagem: terceirização da credibilidade jornalística?. **Revista Políticas da Língua, da Comunicação e da Cultura no Espaço Lusófono, Edições Humus**, v. 5, p.77-90, 2019. Disponível em: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/issue/view/259/showToc](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/259/showToc). Acesso em: 28 nov. 2020.

PARISER, E. **O filtro bolha**: o que a Internet está escondendo de você. Tradução de Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. 254p.

PELLANDA, N.; PICCININ, F. Autonarrativas como auto-conhecimento: uma experiência didática na perspectiva da complexidade. **Revista E-curriculum**, v. 18, p. 453-472, 2020.

PELLANDA, N.; BOETTCHER, D. O esgotamento do paradigma clássico e a emergência da complexidade. In: PELLANDA, N; BOETTCHER, D.; PINTO, M. (Org.) **Viver/conhecer na perspectiva da complexidade**: experiências de pesquisa. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2017, p. 27-75.

PELLANDA, N. Leitura como processo cognitivo complexo. In: OLMÍ, A; PERKOSKI, N. (Orgs.). **Leitura e cognição**: uma abordagem transdisciplinar. Santa Cruz do Sul: Edunisc, p. 51-69, 2005.

PEREIRA, H. L. **O processo de coconstrução da cadeia referencial em questões do Enem por alunos do ensino médio**. 2017. 145f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.

PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências de formação e na atuação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

PRAZERES, L.; MAIA, G.; GULLINO, D. Bolsonaro volta a minimizar pandemia e chama Covid-19 de 'gripezinha'. **O Globo**, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-volta-minimizar-pandemia-chama-covid-19-de-gripezinha-24318910>. Acesso em: 10 dez.2020.

PRIGOGINE, I. **Tan solo una ilusión?** Barcelona: Metatemas, 2004.

QUEIROZ, L. “Fake News”: Só mente a verdade, um relato de experiência na EJA SESC Santo Amaro. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO, 16., 2018, Olinda. **Anais....** Olinda: SENAC-PE, 2018.

RODRIGUES, C. C. M. **O Título e a Construção Referencial em Textos de Jornal Escolar**. 2015. 177 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2015.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Rev. Veredas**: revista de estudos linguísticos, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

SANTAELLA, L. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018. 98 p.

SANTOS, M. R. M. **O Estudo das Inferências na Compreensão do Texto Escrito**. 2018. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística Geral e Românica. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

SCHMIDT, S. J. **Linguística e teoria do texto**. São Paulo: Pioneira, 1978.

SILVA, V. C. da. O “princípio de incerteza” de Werner Heisenberg e suas interpretações ontológica, epistemológica, tecnológica e estatística. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS E DAS TÉCNICAS E EPISTEMOLOGIA; SCIENTIARUM HISTORIA VII - FILOSOFIA, CIÊNCIAS E ARTES: CONEXÕES INTERDISCIPLINARES, 7., 2014, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: URFJ, nov. 2014. Disponível em: <http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh7/SH/trabalhos%20orais%20completos/O-PRINCIPIO-DE-INCERTEZA-DE-WERNER-HEISENBERG.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

SIPPERT, L.; AMÉRICO, F. S; PIRES, J.; MEDEIROS, A. P; SEVERO, R. C. B. S; SANTOS, B. M;. A Referenciação na construção da coerência em textos produzidos em contexto acadêmico. In: SALÃO DO CONHECIMENTO UNIJUÍ, 5.; JORNADA DE PESQUISA, 20., 2016. [S.l.]. **Anais...** [S.l.:s.n.], 2016. (Ensaio teórico) Disponível em: <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br>. Acesso em: 10 out. 2019.

SOUZA. Viviane. Número de estudantes negros, pardos e indígenas sem atividade escolar durante a pandemia é quase o triplo que de brancos. **Globonews**, 10 set. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/09/10/numero-de-estudantes-negros-pardos-e-indigenas-sem-atividade-escolar-durante-a-pandemia-e-quase-3-vezes-maior-que-de-brancos.ghtml>. Acesso em: 28 out. 2020.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

TOFFLER, A. **A Terceira Onda**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TRIVINOS, A. W. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

UNIÃO NACIONAL DOS DIRIGENTES MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO. **Subsídios para a elaboração de protocolos de retorno às aulas na perspectiva das redes municipais de educação**. Brasília, 2020. Disponível em: [https://undime.org.br/uploads/documentos/php7us6wi\\_5ef60b2c141df.pdf](https://undime.org.br/uploads/documentos/php7us6wi_5ef60b2c141df.pdf). Acesso em 20 set. 2020.

UNITED NATIONS SECRETARY-GENERAL. Secretary-General. **Global call to Fight Infodemic**. June. 2020. Disponível em: Disponível em: <https://www.mfa.gov.lv/en/news/latest-news/66117-cross-regional-statement-on-infodemic-in-the-context-of-covid-19>. Acesso em: 27 out. 2020.

VALENTE. 1858: Nascia Max Planck, pai da física quântica. **DW Brasil**, Bonn, 23 abr. 2020. Calendário Histórico. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/1858-nascia-max-planck-pai-da-f%C3%ADsica-qu%C3%A2ntica/a-3284316>. Acesso em 11 out. 2020.

VELOSO, D. M. G. **Referenciação e ensino de leitura: o foco na recategorização para compreensão do ponto de vista**. 2018. 165f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Universidade Estadual do Ceara, Fortaleza, 2018.

VILELA, M.; KOCH, I. V. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedima, 2001.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S. The spread of true and false news online. **Science**, Washington, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, mar. 2018. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/359/6380/1146>. Acesso em: 27 set. 2019.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. [S.l.]: Council of Europe Report, 2017.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Rolling updates on coronavirus disease (COVID-19) 2020**. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/events-as-they-happen>. Acesso em: 10 dez. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Coronavirus disease (COVID-19) Dashboard**. 2020. Disponível em <https://covid19.who.int/table>. Acesso em: 10 dez. 2020.

## APÊNDICE A - TERMO DE ANUÊNCIA



### TERMO DE ANUÊNCIA

Eu, [REDACTED], diretor da Escola E [REDACTED], autorizo a realização da pesquisa “LEITURA DE *FAKE NEWS* EM SALA DE AULA: OLHANDO PARA AS PISTAS (CON)TEXTUAIS E DESVELANDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO” a ser realizada pela professora/pesquisadora Débora Leite de Oliveira, em uma turma do 1º ano do Ensino médio, com início previsto para o primeiro semestre de 2020, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UECE. A previsão para término desta pesquisa é dezembro de 2020.

Autorizo a pesquisadora a utilizar o espaço da E [REDACTED] para a realização de intervenção pedagógica, através de oficinas de leitura e compreensão textual, realização de entrevistas, questionários e/ou discussão de atividades. Afirmando que não haverá qualquer implicação negativa aos pais, alunos, usuários, profissionais que não queiram ou desistam de participar do referido estudo.

Aurora, 14 de fevereiro de 2020.

[REDACTED]

---

Direção Escolar  
 [REDACTED]  
 Matr. 4807213  
 D.O.E. 18/05/2018

## APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE PAIS)



Governo do Estado do Ceará  
 Secretaria da Ciência Tecnologia e Educação Superior  
 Universidade Estadual do Ceará - Centro de Humanidades  
 Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA  
 Av. Luciano Carneiro, 345 - Fátima - Fortaleza, Ceará - CEP: 60.410-690  
 Fone: (85) 3101203; site: <http://www.uece.br/posla>



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE PAIS)

Seu filho(a) está sendo convidado(a) a participar a participar de um estudo denominado “LEITURA DE *FAKE NEWS* EM SALA DE AULA: OLHANDO PARA AS PISTAS (CON)TEXTUAIS E DESVELANDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO”, cujos objetivos consistem em desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica em termos de leitura crítica em *fake news* na Escola E [REDACTED] o. Caso você autorize, seu filho irá participar de oficinas de leitura e compreensão textual durante 20h/aula, de forma remota, através da ferramenta *Google Meet*. Haverá a necessidade de gravação das aulas em áudio para análise posterior da participação e das interações durante a realização de atividades de interpretação textual. A participação dele(a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisadora/professora ou com a instituição em que ele/ela estuda. Os riscos da pesquisa são mínimos: o aluno poderá desinteressar-se, sentir-se constrangido ou acuado em participar. Se essas situações ocorrerem, o pesquisador/professora poderá interromper a participação e, se houver interesse do aluno, conversar sobre o assunto. Em contrapartida, a participação dele(a) terá como benefícios a possibilidade de contribuir para a melhoria da própria capacidade de leitura, uma vez que o preparará melhor para analisar criticamente textos de uma forma geral.

Não haverá custos nem remuneração pela participação. A participação dele(a) poderá contribuir efetivamente para ampliar a competência discursiva do(a) aluno(a), estimular a leitura e a compreensão textual, a fim de formar o/a leitor/a crítico. Os nomes dos/as aluno/as não serão divulgados (as) por nenhum meio, de forma a assegurar o sigilo e preservar a identidade dos/as participantes. Além disso, você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento.

Eu, \_\_\_\_\_

(nome do pai, da mãe ou do responsável) declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do meu filho(a)

---

(nome do/a filho/a) sendo que:

(  ) aceito que ele(a) participe    (  ) não aceito que ele(a) participe

Aurora, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura

Pesquisadora/Professora: Débora Leite de Oliveira (Contato: [debora.leite@aluno.uece.br](mailto:debora.leite@aluno.uece.br) ou [debora.aurora@hotmail.com](mailto:debora.aurora@hotmail.com) /Cel: (88) 999396019.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE funciona na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, email [cep@uece.br](mailto:cep@uece.br). Se necessário, você poderá entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

---

**Débora Leite de Oliveira-**  
**Professora da rede pública cearense e mestrando pela UECE – PosLA. Contato: (88) 999396019**



## APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO – ESTUDANTES (MENORES DE 18 ANOS)



Governo do Estado do Ceará  
 Secretaria da Ciência Tecnologia e Educação Superior  
 Universidade Estadual do Ceará - Centro de Humanidades  
 Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA  
 Av. Luciano Carneiro, 345 - Fátima - Fortaleza, Ceará - CEP: 60.410-690  
 Fone: (85) 3101203; site: <http://www.uece.br/posla>



### TERMO DE ASSENTIMENTO – ESTUDANTES (MENORES DE 18 ANOS)

Caro(a) aluno(a) você está sendo convidado(a) a participar de um estudo denominado “LEITURA DE *FAKE NEWS* EM SALA DE AULA: OLHANDO PARA AS PISTAS (CON)TEXTUAIS E DESVELANDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO”, cujos objetivos consistem em desenvolver uma proposta de intervenção pedagógica em termos de leitura crítica em *fake news* na Escola I [REDACTED]. A sua participação no referido estudo será no sentido de participar das atividades, oficinas e discussões durante 20h/aula de forma remota, através da ferramenta *Google Meet*. Haverá a necessidade de gravação das aulas em vídeo e áudio para análise posterior da participação e das interações durante a realização das atividades. Sua participação é voluntária e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Sua recusa ou desistência não trará prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que você estuda. O mais importante é que você se sinta bem e que participe espontaneamente das atividades. Tudo foi planejado para minimizar os riscos de sua participação, porém pode sentir algum desconforto, dificuldade, constrangimento ou desinteresse. Caso sinta desconforto pode interromper sua participação e, caso houver interesse, conversar com a pesquisadora sobre o assunto. A sua privacidade será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, identificá-lo, será mantido em sigilo. O material obtido nessa pesquisa como as atividades e gravações serão utilizadas para coleta de indicadores e não serão divulgados sob nenhuma hipótese. Comprometemo-nos a utilizar os indicadores apenas em função da referida pesquisa. Caso você concorde a participar dessa pesquisa, assine o final deste documento, que terá duas vias, uma da pesquisadora e outra sua. Você poderá ter acesso a maiores informações pelo contato da pesquisadora Débora Leite de Oliveira, no e-mail: [debora.leite@aluno.uece.br](mailto:debora.leite@aluno.uece.br) / Cel: (88) 999396019, ou pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE funciona na Av. Dr. Silas Munguba, 1700, Campus do Itaperi, Fortaleza-CE, telefone (85)3101-9890, email [cep@uece.br](mailto:cep@uece.br). Se necessário, você poderá entrar



## APENDICE D - DIÁRIO DE BORDO ON-LINE

### DIÁRIO DE BORDO - 1

Caro(a) aluno(a) participante,

Este documento tem por finalidade servir de diário de anotações sobre suas impressões acerca do que tem sido discutido por você, por seus colegas e pelo pesquisador no decorrer dos encontros. Este diário será um instrumento utilizado pelo pesquisador para auxiliá-lo na obtenção de indicadores para a sua pesquisa. Todo o conteúdo nele registrado terá o único objetivo de subsidiar a escrita do texto final da pesquisa, de modo que seu caráter é sigiloso, não sendo divulgado nada que nele esteja escrito de forma a que se identifique o autor das observações.

Aqui, espera-se que sejam colocadas observações suas acerca:

- da importância do que tem sido abordado nos encontros;
- da relação que você consegue estabelecer entre o que é visto nos encontros e as diversas situações vividas por você no dia a dia;
- de impressões que você tenha sobre algum conteúdo, assunto ou tema a abordado durante os encontros;
- do que você esperaria ver em encontros futuros, tais como sugestões de assuntos, temas.

Lembre-se que a sua colaboração é imprescindível para o sucesso do nosso curso. Agradecemos antecipadamente pela sua atenção no preenchimento deste documento.

---



---



---



---



---



---

Ass.: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## APÊNDICE E – ATIVIDADE DE FAMILIARIZAÇÃO

Atividade enviada pela plataforma Google Formulários para os alunos participantes da pesquisa no dia 21/05/2020.

### Atividade de Familiarização

Olá cara(o) participante, seja muito bem-vinda (o) ao nosso minicurso. Como você vai? Nesse formulário você terá a oportunidade de falar um pouco sobre você, quais dificuldades você apresenta quando o assunto é interpretação de texto e as impressões que teve sobre a atividade. Há uma leitora que está ansiosa para saber mais sobre vocês, por isso, sintam-se à vontade para escrever.

2. O ano de 2020 trouxe consigo muitas surpresas, não é mesmo? Por isso trazemos por meio de uma música profética do cantor e compositor Raul Seixas, algumas reflexões sobre a semelhança da canção com o momento atual. Você conhece esse artista? Já ouviu essa música? Vamos curtir a canção prestando atenção na sua curiosa letra?

#### RAUL SEIXAS O Dia Em Que A Terra Parou

Essa noite eu tive um sonho de sonhador  
Maluco que sou, eu sonhei  
Com o dia em que a Terra parou  
Com o dia em que a Terra parou

Foi assim  
No dia em que todas as pessoas  
Do planeta inteiro  
Resolveram que ninguém ia sair de casa  
Como que se fosse combinado em todo o  
planeta  
Naquele dia, ninguém saiu de casa, ninguém

O empregado não saiu pro seu trabalho  
Pois sabia que o patrão também não 'tava lá  
Dona de casa não saiu pra comprar pão  
Pois sabia que o padeiro também não 'tava lá  
E o guarda não saiu para prender  
Pois sabia que o ladrão, também não 'tava lá  
E o ladrão não saiu para roubar  
Pois sabia que não ia ter onde gastar

No dia em que a Terra parou, eh eh  
No dia em que a Terra parou, oh oh oh  
No dia em que a Terra parou, oh oh  
No dia em que a Terra parou

E nas Igrejas nem um sino a badalar  
Pois sabiam que os fiéis também não 'tavam lá  
E os fiéis não saíram pra rezar  
Pois sabiam que o padre também não 'tava lá  
E o aluno não saiu para estudar  
Pois sabia o professor também não 'tava lá  
E o professor não saiu pra lecionar  
Pois sabia que não tinha mais nada pra ensinar

No dia em que a Terra parou, oh oh oh oh  
No dia em que a Terra parou, oh oh oh  
No dia em que a Terra parou  
No dia em que a Terra parou

O comandante não saiu para o quartel  
Pois sabia que o soldado também não 'tava lá  
E o soldado não saiu pra ir pra guerra  
Pois sabia que o inimigo também não 'tava lá  
E o paciente não saiu pra se tratar  
Pois sabia que o doutor também não 'tava lá  
E o doutor não saiu pra medicar  
Pois sabia que não tinha mais doença pra curar  
No dia em que a Terra parou oh yeah  
No dia em que a Terra parou, foi tudo  
No dia em que a Terra parou, oh oh oh  
No dia em que a Terra parou  
Essa noite eu tive um sonho de sonhador  
Maluco que sou, acordei

No dia em que a Terra parou, oh yeah  
No dia em que a Terra parou, ohh  
No dia em que a Terra parou, eu acordei  
No dia em que a Terra parou, acordei  
No dia em que a Terra parou, justamente  
No dia em que a Terra parou (eu não sonhei  
acordado)  
No dia em que a Terra parou  
No dia em que a Terra parou  
No dia em que a Terra parou, oh yeah  
No dia em que a terra parou

Compositores: Claudio Roberto Andrade De Azeredo /  
Raul Seixas

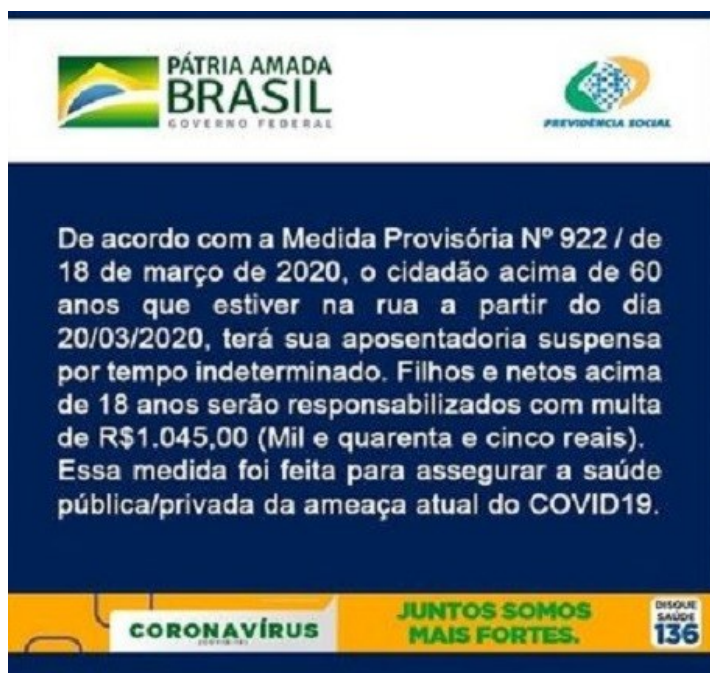
Agora que você escutou a música e acompanhou a letra O DIA EM QUE A TERRA PAROU, canção do álbum do cantor e compositor brasileiro de Raul Seixas, lançada em 16 de Março de 1977, gostaríamos de saber, de maneira geral, em que pontos a música se assemelha e/ou difere dos dias de hoje, em que passamos por uma Pandemia e um período de isolamento social? Você conseguiria imaginar que pudesse acontecer uma situação que se assemelhasse com a canção?

3. Percebemos na canção e na sociedade uma relação de interdependência dos fenômenos sociais, ou seja, a música muito se parece com situações que estamos vendo ao nosso redor, Tudo e todos nós estamos ligados, inclusive todas as ações que fazemos deixam um impacto no mundo, afinal somos um todo e não apenas partes. Que tal escolher uma das situações retratadas no texto e tentar relacionar com as mudanças que estão acontecendo em nossa vida? O que mais se parece com o que estamos passando?

4. Por que você acha que Raul Seixas se autodenomina sonhador e maluco na letra dessa canção?

5. Que intenção você imagina que o autor da música teve ao compor O DIA EM QUE A TERRA PAROU? Do que ele podia estar falando?

6. A terra não parou, mas estamos passando por um momento de redução das atividades sociais humanas, por conta do Corona Vírus. O isolamento social tem sido caracterizado pela Organização Mundial da Saúde- OMS, como a maneira mais eficaz para a prevenção da doença, uma vez que a ciência ainda procura vacinas e medicamentos para seu tratamento. Sabendo disso, se você recebesse as seguintes mensagens no seu *what's app* de um parente próximo, pensando no bem-estar de sua família, qual seria a sua reação? Agradeceria? Compartilharia? Avisaria para seus parentes? Depois de marcar a alternativa que mais representaria sua atitude, gostaríamos de saber o motivo da sua opção (no espaço logo abaixo da questão) e de que maneira você estaria contribuindo com a sociedade através da sua ação.

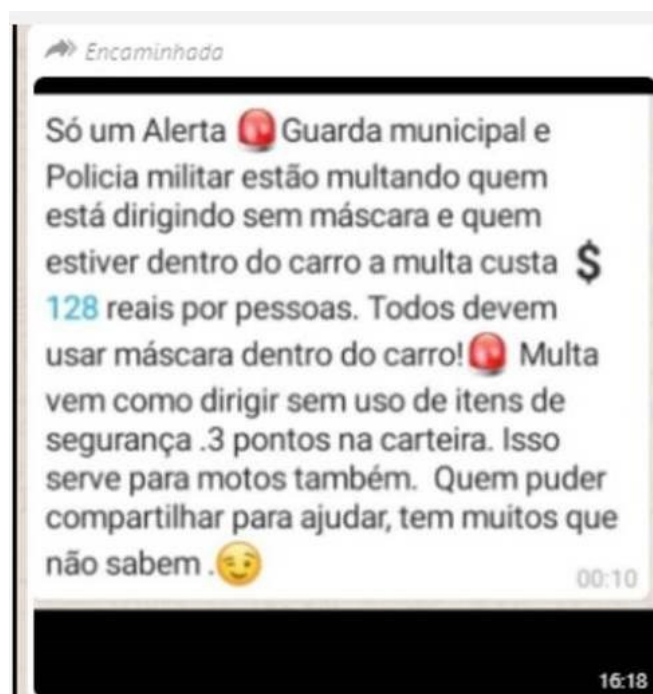


Fonte: página Fato ou fake do G1, 20 de mar. 2020.<sup>112</sup>

<sup>112</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2020/03/20/e-fake-que-medida-provisoria-determina-suspensao-da-aposentadoria-dos-idosos-que-sairem-as-ruas-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus.ghtml>. Acesso em mai.de 2020.

- a) Agradeceria e compartilharia no grupo da família.
  - b) Não compartilharia.
  - c) Compartilharia só com os meus parentes idosos ou seus filhos.
- Eu respondi essa alternativa na questão 6, porque...

7. Convido vocês agora a ler as seguintes publicações e nos dizer o que você faria. Queremos saber também o motivo da sua resposta, para isso você terá um espaço para nos contar.

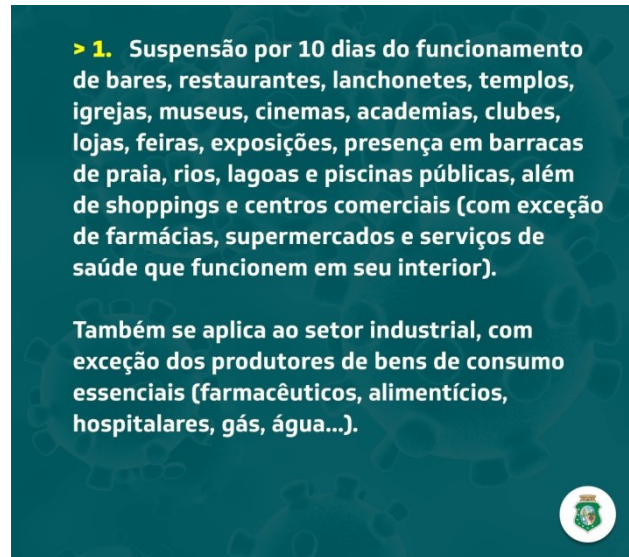


Fonte: página Fato ou fake do G1 em 29 de abr de 2020.<sup>113</sup>

- a. Compartilho, não é uma notícia falsa.
  - b. Não compartilho, é uma notícia falsa.
  - c. Compartilho, mesmo não tendo certeza.
  - d. Não compartilho, pois não tenho certeza
- Eu respondi essa alternativa na questão 7, porque...

<sup>113</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/04/29/e-fake-que-motorista-que-dirigir-sem-mascara-de-protecao-contra-o-coronavirus-pode-perder-pontos-na-carteira.ghtml>. Acesso em mai. de 2020

8.



Fonte: site oficial do Governo do Estado do Ceará, 20 de mar.2020<sup>114</sup>

- a. Compartilho, não é uma notícia falsa.
  - b. Não compartilho, é uma notícia falsa.
  - c. Compartilho, mesmo não tendo certeza.
  - d. Não compartilho, pois não tenho certeza
- Eu respondi essa alternativa na questão 8, porque...

---

<sup>114</sup> Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/2020/03/20/governo-do-ceara-determina-novas-medidas-de-enfrentamento-ao-coronavirus/>. Acesso em mai. 2020.

TAXA DE RECUPERADOS (Números de Recuperados / Números de Casos)			
PAÍS	CASOS	RECUPERADOS	TAXA
BRASIL 	39.144	22.130	56,53%
ESPAÑA	200.210	80.587	40,25%
CANADA	35.056	11.843	33,78%
ITÁLIA	178.972	47.055	26,29%
JAPÃO	10.797	1.159	10,73%
ESTADOS UNIDOS	764.265	71.012	9,29%
RUSSIA	47.121	3.446	7,31%
SUÉCIA	14.385	550	3,82%
PORTUGAL	20.206	610	3,02%

Dados obtidos em 20 ABR 20 (08:30) <https://www.worldometers.info/coronavirus/>

Brasil é o primeiro  
no ranking mundial  
em recuperados do  
vírus chinês!  

Me ajuda a  
compartilhar essa  
notícia boa.

9.

Fonte: página Fato ou fake do G1 em 07 de maio de 2020.<sup>115</sup>

- a. Compartilho, não é uma notícia falsa.
  - b. Não compartilho, é uma notícia falsa.
  - c. Compartilho, mesmo não tendo certeza.
  - d. Não compartilho, pois não tenho certeza
- Eu respondi essa alternativa na questão 9, porque...

<sup>115</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/05/07/e-fake-tabela-que-mostra-brasil-com-a-maior-taxa-de-recuperados-da-covid-19-no-mundo.ghtml>. Acesso em mai. de 2020.



10. Vimos na canção de Raul Seixas, que ele se autodenominava um sonhador, maluco, que artisticamente idealizou uma realidade até então impensada. Assim como o cantor, algumas realidades são recriadas a partir de publicações que não condizem com os fatos, Sabemos que hoje estamos cercados de postagens de caráter duvidoso, lançadas para atender interesses pessoais, de partidos políticos, instituições ou mídia de uma maneira geral. No meio virtual, muitas pessoas acabam compartilhando informações sem consultar se o conteúdo é verdadeiro. A circulação de informações falsas sempre existiu, mas o ambiente digital possibilitou a rapidez do compartilhamento das populares *fake news*. Para o Dicionário de Cambridge, o conceito *fake news* indica histórias falsas que parecem ser notícias, disseminadas na internet ou usando outras mídias, geralmente criadas para influenciar opiniões políticas ou como piadas. A partir dessas informações gostaríamos de saber: Afinal, você sabe o que são *fake news*?

Você sabe identificar uma notícia falsa?

- a) SIM      b) NÃO

Caso tenha respondido SIM à pergunta anterior, diga-nos como você a reconhece?

Você já compartilhou algum conteúdo de veracidade duvidosa?

- a) SIM      b) NÃO

Ficamos felizes em saber sua opinião e será muito bom discutir assuntos tão importantes, após o envio dessa atividade. Suas respostas contribuem para a evolução em nossa caminhada pela leitura de textos e assim, estabelecer uma relação direta com a nossa vida. Obrigada!

## APÊNDICE F – ATIVIDADES CONCLUSIVAS

Atividade enviada pela plataforma Google Formulários para os alunos participantes da pesquisa no dia 18/06/2020.

### ATIVIDADES CONCLUSIVAS

Olá meus queridos, como estão? Passamos pouco mais de um mês juntos nessa experiência que para mim, foi fantástica! Aprendi muito durante esses encontros, conheci novas pessoas e tive a oportunidade de me reconectar com o ambiente escolar por meio da troca e construção de conhecimentos. Vou sentir saudades desses momentos. A pandemia nos fez estar fisicamente distantes, mas nos uniu e me senti muito próxima a vocês, ao mesmo tempo em que as oficinas mudaram e tornaram os meus dias de isolamento melhores, mesmo em meio a tanto caos social nesse período tão difícil para todos nós. Vocês me impactaram e me afetaram positivamente. É com esse sentimento de gratidão que venho por meio desses questionamentos, entender até que ponto nossa pesquisa também afetou a vida de vocês. Por isso, convido cada um a responder os seguintes quesitos para compreendermos o quanto avançamos juntos. Estarei muito ansiosa para ler, afinal são essas impressões e o sentimento que as discussões causaram em vocês, que realmente ficam e importam para nós.

2. Para começar, vamos assistir a um vídeo inspirador sobre as relações do homem com o planeta? Estou desde já curiosa para ver o que acharam!

<https://www.youtube.com/watch?v=qGadUCPCo5o>

3. Belo e enigmático poema, não é? O que você entende com a leitura dele? Que conexões podemos fazer com as informações discutidas ao longo do curso?

#### *Ondas Quânticas*

*André Carneiro*

O universo só existe  
quando observo.  
Lento vôo da asa,  
teu andar de praia,  
a nuvem gordá de água  
desaparecem se eu falho.

Penso, alto atravessa  
e molda um fato.  
O espelho me inventa,  
a ruga não sou eu quem traço.

Comprimo o corpo de átomos  
entro nos túneis de mundo  
e passo.

Você sorri,  
não acredita no inseto dourado  
quando eu pouso na face.

Energias quânticas modelam seios e  
braços.  
Retrato não reconheço,  
linhas do rosto,  
corpo e vontade desmancho,  
teço de novo, sou co-autor  
sem nenhum quadro.

Explico o momento,  
a nave tomba,  
gotas translúcidas  
giram prótons e nêutrons  
neste céu de maio.

4. Os discursos de ódio, a desinformação, os interesses provenientes do capitalismo e as fake news, são exemplos de elementos que nos desconectam da realidade, nos afastam das pessoas e da natureza e quebram a harmonia da vida trazendo energias ruins, não é mesmo? Como você acha que podemos agir para restabelecer progressivamente as relações de afeto com o outro, com o nosso meio e colaborar na busca do bem comum?

5. Observe essas duas postagens e diga-nos que declarações vocês podem fazer a respeito da confiabilidade de cada uma.



Página do Twitter da deputada Federal Bia Kicis (PSL-DF) de 20 de maio de 2020.<sup>116</sup>

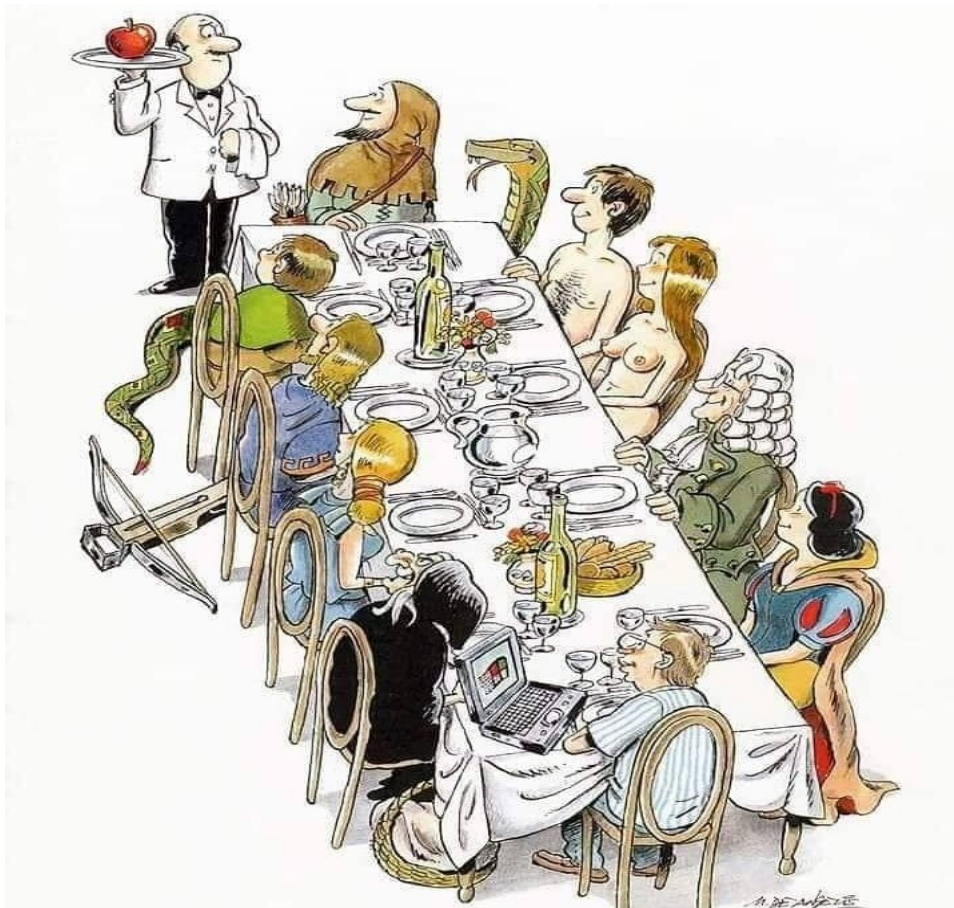
<sup>116</sup> Disponível em: <https://twitter.com/biakicis/status/1265110184726233089>. Acesso em jun. de 2020.



Fonte: página Fato ou fake do G1 em 12 de maio de 2020.<sup>117</sup>

6. A imagem do cartunista *Marco de Angelis*, leva-nos a refletir por meio de um texto multimodal simbologias (religiosa, literária, artística e moderna e contextos que precisam ser entendidos para proporcionar uma melhor construção de sentidos provenientes dos elementos textuais. O que esse texto traz de familiar para você? Que reflexões sociais discutidas podem fazer paralelo com as discutidas em nosso curso?

<sup>117</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/coronavirus/noticia/2020/05/12/e-fake-que-numero-de-mortes-por-doencas-respiratorias-no-ceara-em-2020-e-menor-que-em-2019.ghtml>. Acesso em jun. de 2020.



Fonte: Funpage do Facebook A Vida Breve. (<https://www.facebook.com/avidabrefefans/>) em 09 de jun. de 2020.<sup>118</sup>

7. “**A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original**”. Essa frase atribuída a *Albert Einstein*, nos leva a crer que estamos evoluindo a cada dia por meio do que aprendemos, as experiências que trocamos com as pessoas e nossas vivências e percepções diárias. A partir desse pensamento, que conhecimentos você reconstruiu, que visões você aperfeiçoou ou o que você aprendeu ao longo de nossos encontros? Você poderia dizer que mudou como pessoa e cidadã(ão)?

8. Suas expectativas foram alcançadas? O que você viu no curso de diferente que gostaria de ter em sua sala de aula no ambiente escolar?

9. O que você achou dessa experiência em um ambiente virtual? Quais foram suas dificuldades? O que você leva dessa vivência? Vai sentir saudades?

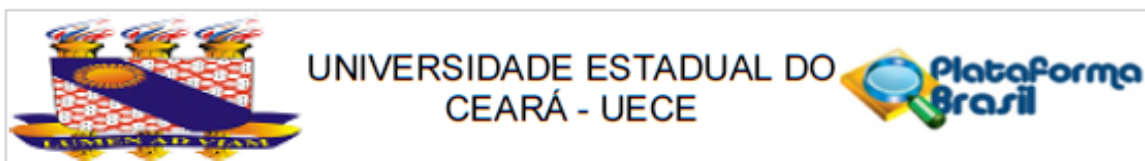
---

<sup>118</sup> Disponível em:

<https://www.facebook.com/avidabrefefans/photos/a.1679887238963087/2696347087317092/?type=3&eid=ARAn2KMeD3UuXttMMGILDBoZuXi3QDwmiXhPiAVfrj2ZHhyK0fOR6ShYX4FUWzY8uuJJNmh7wzMFj0Y>  
Acesso em jun de 2020.

10. Todo o conhecimento necessita de uma replicação na sociedade, ou seja, precisamos passar para as pessoas tudo que aprendemos visando uma sociedade melhor e mais bem informada. Você tem alguma ideia de como esse conhecimento pode ser passado adiante por vocês alunos? Como podemos fazer isso? Deixe sua ideia aqui e vamos começar a mudar o mundo a partir de nossas ações!

## ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** LEITURA DE FAKE NEWS EM SALA DE AULA: OLHANDO PARA AS PISTAS (CON)TEXTUAIS E DESVELANDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

**Pesquisador:** DEBORA LEITE DE OLIVEIRA

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 29238320.4.0000.5534

**Instituição Proponente:** Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 3.904.785

**Apresentação do Projeto:**

O presente estudo propõe uma investigação que procura lançar um olhar para os processos de leitura na construção de sentidos, em um contexto de manipulação da verdade por vias textuais, trabalhados como proposta ao professor em sala de aula no desenvolvimento da leitura crítica com os educandos. Desta forma, será investigada, por meio de pesquisa-ação, de que maneira os alunos constroem sentido a partir da identificação das pistas (con)textuais que evidenciam características comuns em fake news, como o ensino situado produz efeitos na construção de sentidos e posteriormente constatar como os estudantes ressignificam fake news a partir de uma experiência de leitura em sua abordagem complexa construída conjuntamente.

**Objetivo da Pesquisa:**

Analisar o processo de construção de sentido por alunos de ensino médio de uma escola pública de Aurora-CE a partir de pistas (con)textuais em fake news, considerando a concepção de leitura complexa e o processo de aprendizagem situada.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

**Riscos:**

Por se tratar de uma pesquisa de caráter pedagógico, aplicada em ambiente escolar ao qual os alunos já são familiarizados e em um grupo relativamente pequeno de participantes, acreditamos

**Endereço:** Av. Silas Munguba, 1700

**Bairro:** Itaperi

**CEP:** 60.714-903

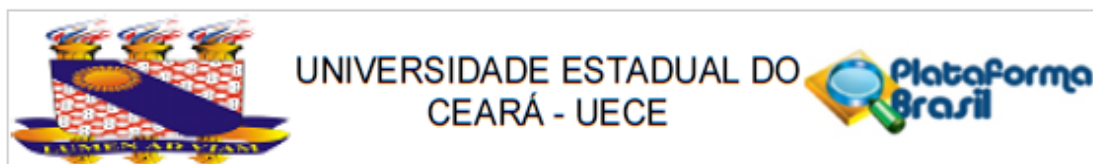
**UF:** CE

**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3101-9890

**Fax:** (85)3101-9906

**E-mail:** cep@uece.br



Continuação do Parecer: 3.904.785

ser baixo o risco apresentado aos participantes envolvidos. No entanto, por ser esta uma atividade educacional a ser somada, mesmo que por um curto espaço de tempo, àquelas já vivenciadas pelos participantes ao longo da semana, acreditamos que um dos riscos aos quais os participantes estejam expostos é o de cansaço físico e/ou mental em decorrência de sua participação nos encontros. Como forma de amenizar tais riscos, os encontros serão elaborados da forma mais dinâmica possível, com vídeos, dinâmicas e

conversas acerca do tema.

**Benefícios:**

A presente pesquisa busca, prioritariamente, procura investigar o processo de construção de sentidos em textos que analisam fake news, pelos alunos do ensino médio durante a leitura, mas não se detém nisso. Por se tratar de uma pesquisa-ação, a ação do pesquisador deve ser entendida como movida por uma inquietação oriunda do seu campo de trabalho, campo este para onde as constatações advindas da análise dos dados devem

voltar em forma, possivelmente, de orientação pedagógica. Esta resposta às comunidades científica e escolar é um dos principais benefícios apontados por esta pesquisa. Para além da devolutiva à escola e aos participantes das constatações encontradas neste estudo, soma-se enquanto benefício de caráter pedagógico aos alunos a sua própria participação nos encontros com o pesquisador, uma vez que, por serem alunos egressos no ensino médio, possibilitarão uma leitura mais consciente e responsável de textos, tornando possível viabilizar o esclarecimento e o desenvolvimento da maturidade leitora, sendo o trabalho de grande valia para esses estudantes.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

A pesquisa é interessante por debater um tema atual, que muitas vezes prejudica indivíduos e comunidades.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos estão de acordo com a resolução 466 da CONEP.

**Recomendações:**

Enviar relatório ao final da pesquisa.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Endereço:** Av. Silas Munguba, 1700

**Bairro:** Itaperi

**CEP:** 60.714-903

**UF:** CE

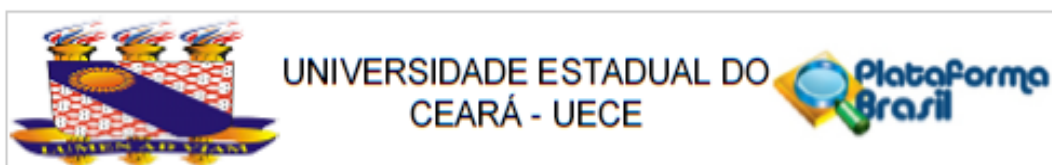
**Município:** FORTALEZA

**Telefone:** (85)3101-9890

**Fax:** (85)3101-9906

**E-mail:** cep@uece.br





Continuação do Parecer: 3.904.785

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1507020.pdf	14/02/2020 14:42:37		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	14/02/2020 14:40:46	DEBORA LEITE DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tlealunos.docx	14/02/2020 14:30:52	DEBORA LEITE DE OLIVEIRA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tle.docx	14/02/2020 14:30:43	DEBORA LEITE DE OLIVEIRA	Aceito
Orçamento	orcamento.docx	14/02/2020 14:30:32	DEBORA LEITE DE OLIVEIRA	Aceito
Cronograma	cronograma.docx	14/02/2020 14:25:12	DEBORA LEITE DE OLIVEIRA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termodiretor.pdf	14/02/2020 13:24:51	DEBORA LEITE DE OLIVEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	14/02/2020 12:37:42	DEBORA LEITE DE OLIVEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 09 de Março de 2020

Assinado por:  
ISAAC NETO GOES DA SILVA  
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Sias Munguba, 1700  
Bairro: Itaperi CEP: 60.714-903  
UF: CE Município: FORTALEZA  
Telefone: (85)3101-9890 Fax: (85)3101-9906 E-mail: oep@uece.br

**ANEXO B – PROJETO SUBMETIDO À FEBRACE****Relatório Sintético de Pesquisa**

**Título do projeto:** FACT-CHECK TABELIÃO: A ESCOLA A SERVIÇO DA VERDADE

**Área:** Ciências Humanas

**Instituição:** EEMTI [REDACTED], Aurora-CE

**Endereço completo da instituição:** \ [REDACTED]

Gonçalves, **CEP:** 63.360-000

**Estudantes realizadoras do projeto:** Maria Beatriz Magalhães Leal e  
Gabriella dos Santos Luna

**Orientadora:** Débora Leite de Oliveira

**Período de desenvolvimento do projeto:** 01/06/2020 a 01/11/2020.

## FACT-CHECK TABELIÃO: A ESCOLA A SERVIÇO DA VERDADE

### RESUMO

Este trabalho tem por finalidade apresentar e socializar resultados de um projeto de pesquisa realizado por alunas do primeiro ano do ensino médio da E. [REDACTED], na cidade de Aurora-CE, a partir da análise textual interdisciplinar com foco nas *fake news*. O projeto configura um desdobramento de uma pesquisa de mestrado, realizada na mesma escola entre os meses de maio e junho de 2020. A partir da participação nas oficinas, ministradas pela professora orientadora, as alunas tiveram a iniciativa de estender a ideia para a comunidade, oportunizando o debate acerca da temática das notícias falsas. A pesquisa teve como objetivo principal analisar conjuntamente as características das publicações falsas e discutir sobre possíveis motivações que levam as pessoas a acreditarem e compartilharem *fake news*. Nossa questão de pesquisa gira em torno da análise de como é possível estimular a discussão sobre a problemática das *fake news* afim de descobrir/entender suas características e construir conhecimentos para reconhecer a veracidade dessas publicações? Nossa metodologia é qualitativa e pode ser considerada uma pesquisa-ação, pois ao mesmo tempo em que a pesquisa é realizada, há a participação ativa do pesquisador no estudo. Para alcançar os objetivos, foi ministrado um minicurso, de maneira remota, por conta da pandemia de COVID-19, através da plataforma *Hangout Meet*. O referencial teórico foi baseado na perspectiva de texto como um evento comunicativo, (BEAUGRANDE, 1997; MARCUSCHI, 2008); leitura e complexidade (MORIN, 2015) e na sociocognição (SALOMÃO, 1999). Com a pesquisa e as discussões interdisciplinares foi possível compreender melhor, por meio dos relatos do grupo, como os participantes aprenderam a identificar uma notícia falsa, alertá-los para os perigos dessa problemática e despertar neles a importância de discutir com outras pessoas o que aprenderam.

**Palavras-chave:** Interdisciplinaridade. *Fake news*. Ensino remoto.

## I. Introdução

Com o advento da internet e das redes sociais, podemos ter acesso a imagens, vídeos e pesquisas a nível mundial em apenas um clique. Enquanto isso, é visível que as fontes de leitura reflexivas estão sendo progressivamente substituídas por informações fragmentadas em rede. Essa substituição expõe os jovens em idade escolar, inseridos em uma geração movida pela tecnologia e cada vez mais imediatista, em sua maioria, a leituras rápidas e fragmentadas de resumos, postagens e outros gêneros de propósitos midiáticos. É frequente nesse meio, muitas pessoas tomarem como verdade a opinião de segundos, sem que as fontes sejam verificadas, as situações sociais sejam analisadas e outros ângulos da situação sejam vistos.

Pensando nessa problemática é que esta pesquisa configura um desdobramento do minicurso *Os Textos e a vida, uma abordagem interdisciplinar dos conhecimentos*, ministrado pela professora orientadora Débora Leite de Oliveira, nos meses de maio e junho de 2020, como parte de sua pesquisa de mestrado intitulada LEITURA DE *FAKE NEWS* EM SALA DE AULA: OLHANDO PARA AS PISTAS (CON)TEXTUAIS E DESVELANDO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO (ainda em processo de escrita), sob orientação da professora Dra. Maria Helenice Araújo Costa do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA/UECE). Após a participação nas oficinas, tomamos a iniciativa de estender o projeto à comunidade, para que mais pessoas tivessem a oportunidade de aprender o que aprendemos como estudantes.

Com o estudo foi possível passar pela experiência de ministrarmos oficinas de leitura (divididas em quatro encontros), mesmo nunca tendo promovido experiência semelhante anteriormente. Os encontros foram realizados no ambiente remoto, tendo como público alvo alunos da rede pública estadual de ensino e pessoas da comunidade. A cada dia de encontro virtual, debatíamos diversas questões, de maneira interdisciplinar, detalhadas posteriormente, sobre os temas relacionados às *fake news*, dando continuidade e passando adiante o que aprendemos e discutimos na pesquisa realizada pela professora orientadora. Aprendemos no minicurso ministrado pela professora, baseado em suas leituras compartilhadas conosco, que a complexidade (MORIN, 2015), em que emerge a leitura, conduz a caminhos não-lineares, inesperados e interconectados.

Vemos o texto como um evento comunicativo, para o qual “convergem elementos de natureza linguística, cognitiva e social” (BEAUGRANDE, 1997 *apud* MARCUSCHI, 2008, p.72), essa forma de viver o evento textual nos permite entender o quanto seus elementos estão

interligados, o quanto discutir todas as disciplinas juntas, ouvir as opiniões dos participantes e suas impressões ao ler e escutar o outro torna-se proveitoso. Por isso, durante as oficinas buscamos essa junção e interligação dentro de nossos encontros, convergindo para a temática das *fake news*.

Mesmo não sendo nosso foco, por meio da nossa pesquisa, fomos expostas a diversas experiências novas, como trabalhar em ambiente virtual, com as oscilações de conexão com a Internet, o planejamento dos conteúdos, do tempo, da forma como conduzíamos os encontros, bem como a elaboração dos instrumentais de pesquisa. Nesse tempo, pudemos compreender as dificuldades e obstáculos enfrentados por nossos professores ao trabalharem virtualmente no período de pandemia.

Tínhamos em vista a hipótese de que com a realização de oficinas, (que acabaram sendo adaptadas para o ambiente virtual), mesmo ministradas por alunas de ensino médio, seria possível estimular a discussão sobre a problemática das *fake news*, descobrir/entender suas características e construir conhecimentos para reconhecer a veracidade dessas publicações. Essa hipótese seria possível pela forma interdisciplinar como conduziríamos as discussões, considerando as opiniões dos participantes, seus sentimentos, compartilhamento de vivências e de assuntos que iam surgindo em meio a leitura conjunta.

Além de analisar conjuntamente as características das publicações falsas e discutir sobre o que motiva as pessoas a acreditarem e compartilharem *fake news*, o nosso objetivo ao pensar na realização das oficinas foi também o de investigar sobre as inquietações que ainda tínhamos em relação ao compartilhamento de publicações falsas e que respostas teríamos a partir da continuidade da pesquisa, desta vez, envolvendo outro público.

Percebemos, por meio dessa experiência vivenciada na escola, que há possibilidades até mesmo no ambiente remoto, de promover metodologias que reúnam conhecimentos de maneira interdisciplinar proporcionando que o texto seja discutido nas construções com os outros, incidindo em reflexões sociais e mudanças de posturas. Além disso, é importante enxergarmos as redes sociais não só como recreativas e pessoais, mas analisar os seus altos riscos de manipulação. Nesse sentido, é importante que os olhos dos profissionais envolvidos no processo educacional sejam abertos para essas questões e que, dentro dessa forma de ver o texto, sejam estimuladas práticas de reflexão e transformação social.

Ao longo deste relatório trazemos nossos objetivos, questão de pesquisa, hipótese, materiais e métodos utilizados ao longo do estudo, a síntese de cada encontro e os resultados e discussões, tópico em que realizamos nossas análises, seguidas das considerações finais.

## 2. Objetivos e Relevância do trabalho

Esta investigação tem como objetivo principal analisar conjuntamente as características das publicações falsas e discutir com o grupo de participantes sobre o que motiva as pessoas a acreditarem e compartilharem *fake news* afim de incentivar a construção de conhecimentos acerca desse tema. Nossa questão problema gira em torno de como é possível, através da realização de oficinas, adaptadas para o ambiente virtual e ministradas por alunas de ensino médio, estimular a discussão sobre a problemática das *fake news* afim de descobrir/entender suas características e construir conhecimentos para reconhecer a veracidade dessas publicações?

Diante de um contexto em que as *fake news* alteram resultados de eleições, prejudicam a saúde de pessoas e colocam a risco a vida de outras, levando inclusive à morte, por enganos fatais, vemos a necessidade de discutir essa temática com o maior número de pessoas e pesquisar de maneira mais aprofundada acerca desse tema.

Levar essa temática e outros problemas sociais associados a ela para serem debatidos na escola, sem que os conhecimentos sejam fragmentados, é essencial nos dias de hoje. Possibilitar que os estudantes possam ler um texto e discutir de maneira mais aprofundada, afim de construir conhecimentos da forma mais ampla possível, pode mudar os rumos de uma sociedade, tornando-a mais consciente. Desse modo, teremos cidadãos mais questionadores e atentos a buscar mais conhecimentos sobre o que está implícito e explícito, fatos e opiniões nos textos, dentre outras competências. Pistas como fontes, datas, erros ortográficos podem ser apontados para indicar se o conteúdo postado nas redes sociais não passa de informações manipuladas (a serviço do poder ou de uma ideologia), porém, como não há grandes reflexões, na maioria das vezes, acerca desses elementos, muitos acabam consumindo esses conteúdos falsos e levando adiante.

### 2.1 Fundamentação Teórica

Para tratar dessa problemática, essa pesquisa delineou alguns caminhos teóricos a partir da visão de ciência ligada à Epistemologia da Complexidade (MORIN, 2015), a perspectiva sociocognitivista da linguagem (SALOMÃO, 1999) e o texto como evento comunicativo (BEAUGRANDE, 1997; MARCUSCHI, 2008). Para observação da emergência dos dados, adotaremos como metodologia participante, a pesquisa-ação crítico colaborativa (PIMENTA,

2005) que nos possibilitará uma investigação mais situada, por meio da inserção das pesquisadoras na pesquisa.

A visão de ciência complexa, ajuda-nos a entender que vários sistemas estão interligados ao lermos informações a todo o momento, não há como fragmentar o mundo, da sociedade, das crenças, da religião e das relações com o outro, por exemplo, na hora de ler, todos esses sistemas se interligam a um todo complexo. Da mesma forma, estudar as disciplinas fragmentadas na escola, podem levar também à uma desconexão com a realidade social.

Por isso, ao estudarmos variáveis como a não-linearidade, a imprevisibilidade, a emergência dos fenômenos que ocorrem na linguagem, conseguimos ter uma noção do sistema social e as inúmeras influências que convergem para a problemática que aqui discutimos. Morin (2001), detalha ajuda-nos a entender melhor esses processos:

Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (...). (MORIN, 2001, p. 38-39).

Trazer a complexidade para a pesquisa faz-se relevante, uma vez que para ler uma publicação falsa e atribuir sentidos e credibilidades a ela, muitos fatores estão envolvidos, indo além da materialidade textual. Por isso que o evento comunicativo, na visão de Beaugrande (1997) e Marcuschi (2008) e estudada por nós, também é complexa e envolve todos os fatores que aqui elencamos. Quando estamos em grupo e em discussão acerca dos textos, vemos o processo sociocognitivo, conforme relata Salomão (1999), acontecer, uma vez que cada um dos membros do grupo, traz em si suas vivências, os seus aprendizados sociais, sua cultura e assim constroem sentidos a partir dessas múltiplas visões, enriquecendo os processos de textualização e construção de sentidos.

Mesmo tendo ciência de que o problema do compartilhamento de informações falsas vai além da esfera escolar, vemos que a educação tem um papel fundamental para minimizar os efeitos da problemática das publicações falsas, principalmente quando se veem cidadãos sendo formados sem um grau de criticidade, que lhes permitam discernir notícias que conduzam a uma liberdade de pensamento e emancipação. No meio virtual, em que muitas pessoas reservam cada vez menos tempo para uma leitura atenta, crer em manchetes de descrições curtas com elementos atrativos ou em publicações que se mostram surpreendentes pode levar o usuário a formar uma opinião baseada em inverdades. Por isso, compartilhar conhecimentos para que mais pessoas também saibam discernir essas falsas informações é muito importante.

### 3. Desenvolvimento do Projeto

Apresentaremos nossa proposta metodológica que a nosso ver, viabilizará uma melhor análise dos dados para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados de maneira mais proveitosa. Para isso, contaremos com o aporte teórico de autores como Paiva (2019), Thiollent (1994) e Pimenta (2005). Para guiar o nosso trajeto investigativo, elaboramos a metodologia para a geração dos dados e, posteriormente, análise dos resultados. Nesta seção, trataremos sobre o passo a passo da nossa pesquisa e demais informações relevantes que descrevem nossa atuação em campo.

#### 3.1 Materiais e Métodos

No Manual de Pesquisas em Estudos Linguísticos, Paiva (2019) classifica a pesquisa de acordo com a natureza, gênero, as fontes de informação, abordagem, objetivos, métodos e instrumentos de coleta de dados. Baseado nessas leituras, esta pesquisa pode ser caracterizada quanto a sua natureza como aplicada, uma vez que “tem por meta [...] inovar ou desenvolver novos processos e tecnologias” (PAIVA, 2019, p.11). Quanto ao gênero, podemos caracterizá-la como prática, pois propõe uma intervenção no contexto pesquisado a partir de teorias científicas aliando-as ao cotidiano escolar.

Trata-se de uma abordagem qualitativa, interpretativa ou naturalística, em que estão incluídas questões interpretativas e interacionistas relacionadas ao comportamento humano e a análise das variáveis do processo e tem como propósito “explicar fenômenos sociais a partir de seu interior de diferentes formas” (FLICK, 2007, p.ix, apud PAIVA, 2019, p.13). O método qualitativo possui outras atribuições, dependendo do campo estudado:

A pesquisa qualitativa é conhecida também como "estudo de campo", "estudo qualitativo", "interacionismo simbólico", "perspectiva interna", "interpretativa", "etnometodologia", "ecológica", "descritiva", "observação participante", "entrevista qualitativa", "abordagem de estudo de caso", "pesquisa participante", "pesquisa fenomenológica", "pesquisa-ação", "pesquisa naturalista", "entrevista em profundidade", "pesquisa qualitativa e fenomenológica", e outras [...]. (TRIVIÑOS, 1987, p. 124).

Quanto aos objetivos, o estudo também se classifica como exploratório ou “pesquisa de base” e se enquadra na visão crítico-colaborativa orientada epistemologicamente como pesquisa-ação, Pimenta (2005), pois a investigação acontecia, ao mesmo tempo em que participávamos do trabalho. Para nortear nosso planejamento, elaboramos a seguinte hipótese:

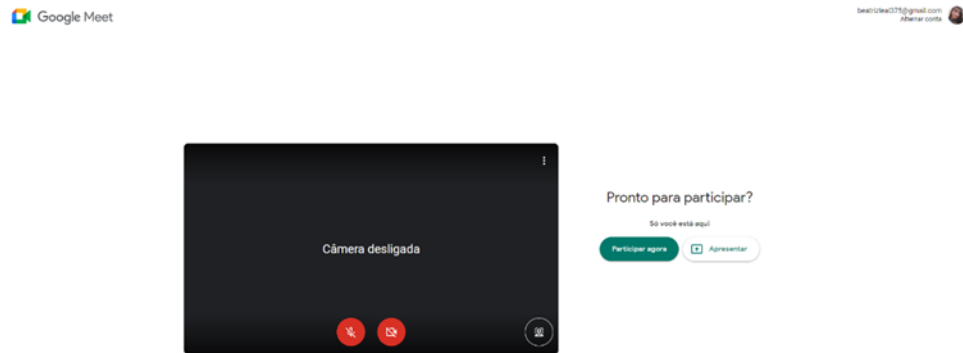


Com a realização de oficinas, adaptadas para o ambiente virtual e ministradas por alunas de ensino médio, seria possível estimular a discussão sobre a problemática das *fake news*, descobrir/entender suas características e construir conhecimentos para reconhecer a veracidade dessas publicações?

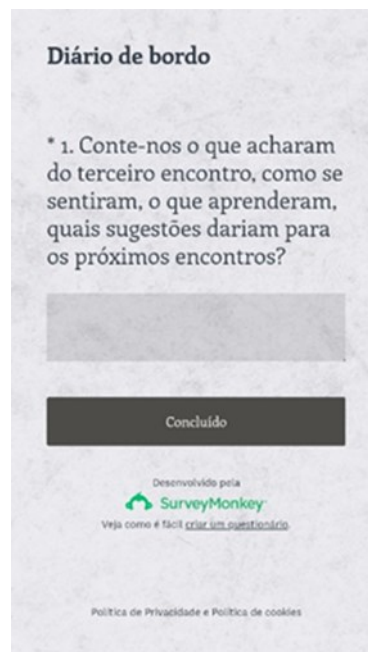
Tivemos como participantes nove pessoas, dentre eles alunos do Ensino Médio da Escola [REDACTED] - instituição em que estamos matriculadas - e pessoas próximas a esses alunos (familiares, parentes e amigos). Cabe ressaltar que os critérios de escolha ocorreram por parte dos participantes, infelizmente, muitos dos que demonstraram interesse em participar, ou tinham limitações nos seus aparelhos celulares para baixar o aplicativo de reuniões ou na rede de Internet. O curso aconteceu em quatro oficinas com duas horas de duração cada.

Perguntas relacionadas à descrição de pessoas por idade, sexo e composição étnica, não foram necessárias para a análise de nosso objeto de estudo. Não serão revelados nomes de participantes ou qualquer outra identificação. O estudo não representa riscos. Assinaturas dos inscritos e autorizações de pais foram coletadas para que a pesquisa respeitasse os princípios éticos e acontecesse da melhor forma possível, tendo em vista que o objetivo da nossa pesquisa seria a construção de sentidos a partir da leitura dos textos realizada conjuntamente.

Utilizamos como ferramenta de coleta de dados a plataforma *Hangout Meet* como pode ser visto na figura 1, para a transmissão e gravação das oficinas; o *Survey Monkey*, utilizado como nosso Diário de Bordo (apresentado virtualmente para ser preenchido após cada oficina), conforme pode ser visto na figura 2; e o nosso grupo de *What's app* (figura 3), para informações, avisos e discussões gerais. Os encontros eram gravados para posterior análise, logo após a autorização virtual dos presentes. Ao final de cada oficina O Diário de bordo era respondido de maneira anônima, perguntávamos aos participantes o que acharam das discussões, como se sentiram, o que aprenderam e quais sugestões dariam para os próximos encontros.

**Figura 1:** Aplicativo de Reuniões.

Fonte: Print do aplicativo *Hangout Meet*.

**Figura 2:** Aplicativo utilizado como Diário de Bordo.

Fonte: Print do aplicativo *Survey Monkey*.

**Figura 3:** Grupo *Fact-Check* Tabelaão no aplicativo *WhatsApp*.



Fonte: Print do grupo de *WhatsApp* da turma.

Aprendemos com esse projeto, o quanto organizar um planejamento científico é importante. Após o levantamento dos dados pertinentes à discussão, nas plataformas selecionadas pelas pesquisadoras, observamos se eles, de fato, são comprobatórios e confirmam as hipóteses elaboradas no início de nossa pesquisa. Após a análise cuidadosa, procura-se aliar as teorias estudadas à problemática para que se possam planejar as próximas etapas. Descreveremos a seguir, o passo a passo de nossas oficinas.

### 3.2 Descrição detalhada dos procedimentos

A pesquisa foi dividida em três etapas, organizadas da seguinte maneira: 1) planejamento, 2) minicurso, 3) análises. Na etapa do planejamento realizamos a construção da logomarca, a elaboração do convite para a divulgação do minicurso, organizamos um cronograma de como seriam as oficinas, bem como o estudo das plataformas de geração de dados junto à orientadora. Na segunda etapa realizamos o minicurso intitulado *Fact-check Tabelaão, a escola a serviço da verdade*, seguindo o planejamento prévio. As oficinas serão detalhadas no próximo tópico deste relatório. Já na terceira etapa fizemos nossas análises de

dados das etapas anteriores, momento em que pudemos ver se nossos objetivos foram alcançados e se nossas hipóteses foram minimamente válidas.

Apresentaremos a seguir o percurso do nosso planejamento, bem como a síntese de cada encontro. Primeiramente, mostramos a seguir a construção da logomarca, que foi discutida até se chegar a versão final. Como podemos ver na figura 4. Após a elaboração de cada projeto de logomarca, discutíamos cada elemento com a orientadora, até chegarmos à mensagem que pretendíamos levar por meio das imagens ao público que as visse.

**Figura 4:** Processo de criação da logomarca do projeto



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Na figura 5 podemos ver a versão final, após toda a evolução de sua construção. A logomarca teve por objetivo passar para o público uma mensagem de que as *fake news* se tornaram um problema mundial, em que somos manipulados facilmente por não compreendermos os processos textuais e por, muitas vezes, não termos conhecimentos interdisciplinares suficientes para desmenti-las. Inserimos também a imagem de mãos robóticas, pois segundo nossas investigações e leituras, essas programações de computadores estão presentes ativamente no processo de manipulação e compartilhamento em larga escala de *fake news*.

**Figura 5:** Logomarca oficial do projeto.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Logo após esse primeiro momento, com a autorização do diretor da escola, divulgamos nosso projeto nas redes sociais e pelos grupos de *WhatsApp* das turmas da escola. Fizemos um pôster explicativo bem extrovertido para chamar a atenção do público, como pode ser visto na figura 6. Recebemos em um total de nove pessoas inscritas, 5 alunos da [REDACTED], e os demais participantes são de outras escolas e da comunidade (pessoas próximas aos estudantes), que souberam a partir das nossas publicações nas redes sociais. O cartaz foi elaborado da mesma forma da logomarca, com muita discussão e construção conjunta de cada detalhe. Elencamos algumas perguntas para instigar a curiosidade de quem lesse, bem como as vantagens de participar das oficinas.

**Figura 6:** Cartaz de divulgação do minicurso.



Fonte: Elaborado pelas autoras.

As oficinas, foram pensadas minuciosamente, cada detalhe teve um propósito de estar ali. Em todas os encontros sempre iniciamos de uma forma lúdica trazendo vinhetas, músicas e vídeos divertidos sobre o tema (que foram postados em nosso canal no youtube<sup>119</sup>), conforme pode ser visto na figura 7.

<sup>119</sup> Disponível em: Link: <https://youtu.be/gAM-WNJ5tSA>. Acesso em dez. de 2020.

**Figura 7:** Canal do projeto no *Youtube*

Fonte: Print do canal do projeto no *Youtube*.

Na primeira oficina pretendíamos conhecer os membros do grupo e ouvi-los. Pedimos para que cada um, de maneira voluntária, dissesse seu nome, a escola em que estudava ou como ficaram sabendo do minicurso, suas motivações ao participarem e demais perguntas mostradas a seguir, no roteiro do slide, como pode ser visto na figura 8.

**Figura 8:** Gravação do primeiro encontro.



Fonte: Print da gravação no aplicativo *Hangout Meet*.

As apresentações foram realizadas de forma dinâmica, familiarizando os participantes dentro das oficinas, para que cada um respondesse e compartilhasse suas vivências com os demais. Nesse momento alguns comentários chamaram nossa atenção, uma vez que os alunos falaram sobre suas motivações ao se inscrever no minicurso:

*P1: "Quis participar pelo conhecimento e para apoiar esse projeto maravilhoso".*

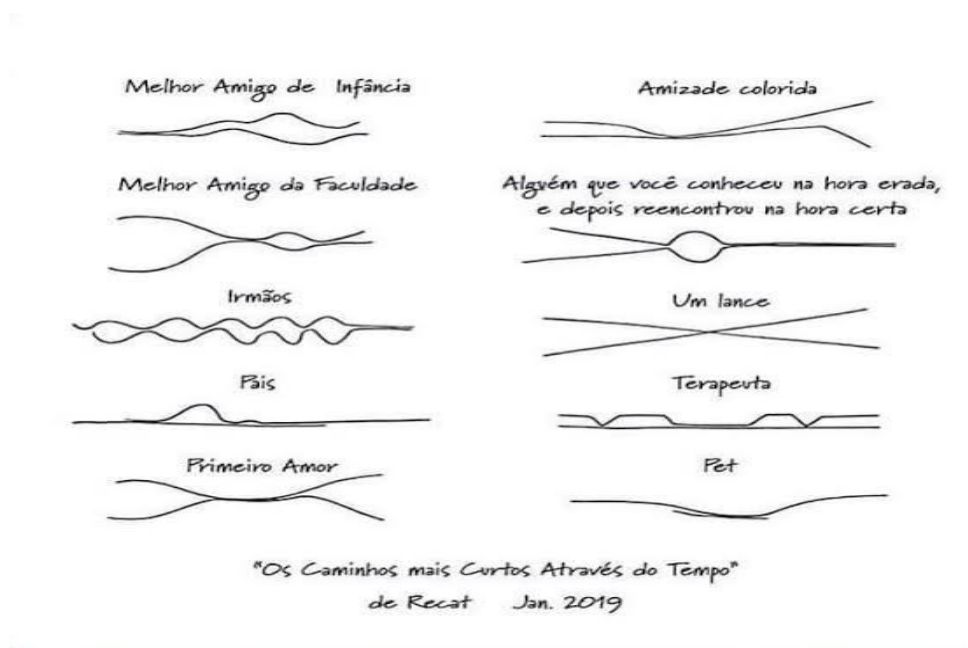
*P2: "Faço o sétimo ano, e quis entrar no curso para ver o projeto, que é um ótimo trabalho, e também minha família e amigos podem cair em fake News e quero participar para que ninguém não tenha problema com isso".*

A partir dessas falas, transcritas das gravações do primeiro dia de oficina, preocupamo-nos em atender às expectativas dos envolvidos e poder contribuir proporcionando discussões e aprendizados sobre a temática. Em seguida, explicamos o porquê do nosso projeto e da logomarca e depois fizemos uma dinâmica elaborada a partir de uma seleção de perguntas criativas e engraçadas para ajudar na familiarização. Os participantes escolhiam dois números e assim fazíamos as perguntas, em seguida, eles respondiam de acordo com a sequência. Com essa atividade, foi possível incentivar a fala de todos. Com isso, pudemos conhecer melhor os participantes e entrar no assunto da manipulação discursiva e *fake news*.

Discutimos um texto chamado "Os caminhos mais curtos através do tempo", como pode ser visto na figura 9. A imagem foi projetada na tela e cada aluno teve a oportunidade de dizer o que aqueles escritos significavam para eles, o que mais chamou atenção, dentre outras questões que emergiram nos comentários. Tomamos conhecimento do texto a partir das oficinas com a orientadora e resolvemos ver como o novo grupo de participantes reagiria.



**Figura 9:** Texto “Os caminhos mais curtos através do tempo” discutido na Oficina I



Fonte: Página do site Reddit.<sup>120</sup>

Todos tiveram opiniões diferentes e ao mesmo tempo complementares, e cada vez que os estudantes falavam iam surgindo mais interpretações. Assim, íamos construindo o sentido dos textos, dentro da complexidade e de maneira sociocognitiva, em que “os sujeitos se conhecem e se dão a conhecer, ajustam a situação em que se encontram a conhecimentos previamente acumulados, e criam novos conhecimentos”. (SALOMÃO, 1999, p. 74,). A seguir veremos algumas observações e reações, demonstradas pelos participantes, acerca do texto lido, a partir de suas perspectivas:

P1: “São linhas do tempo, onde você pode modifica-las se você voltar no passado, porque não tem como modifica-las no presente”.

P2: “São linhas em que... É aqui ao meu ver mostra... Como eu posso falar aqui?! A minha vida, tipo não que de agora. Mas a minha vida com um todo! Como ela vai se comportando, como ela vai se tornando! Tá entendendo?! É tipo, como se você começasse a... A desenhar, tipo sua própria vida história e depois.... Ai vai seguindo. Até chegar ao fim da sua vida. Ai pode aparecer essas linhas ai”.

P3: “Eu amei esse texto! Porque eu vejo dessa forma, é... O melhor amigo da infância é quando vocês trabalham juntos, convivem juntos. Mas no decorrer da sua vida, vocês se separam. Por exemplo, você consegue ver, que são duas linhas, no final”.

P4: “Os pais tem aquelas desavenças, mas são aquelas pessoas que sempre estarão com você”.

<sup>120</sup>Disponível em

[https://www.reddit.com/r/brasil/comments/h8m56p/os\\_caminhos\\_mais\\_curtos\\_atrav%C3%AAs\\_do\\_tempo\\_n%C3%A3o\\_fui/](https://www.reddit.com/r/brasil/comments/h8m56p/os_caminhos_mais_curtos_atrav%C3%AAs_do_tempo_n%C3%A3o_fui/) Acesso em: out. 2020.

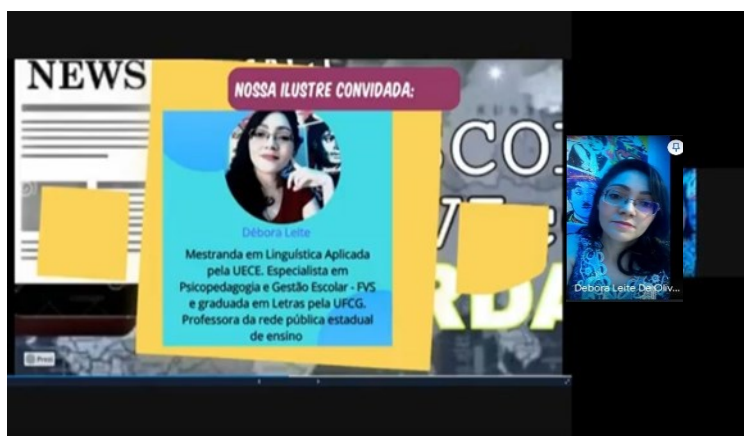
Os comentários mostram que os sentimentos estão presentes em cada interpretação, não há como separar, as crenças, opiniões e vivências influenciam no modo como cada um vê o texto, o que acontece claramente com as reações voltadas a notícias falsas. Mostramos que da mesma forma como cada um viu o texto a partir de seus olhares e vivências, o mesmo acontece com *fake news*, quando crenças e sentimentos também levam aos seus compartilhamentos. Ao final da oficina, lemos os seguintes comentários no Diário de bordo, realizados pelos alunos:

*P1: “Gostei demais foi de extrema importância esse momento para mim. Onde pude compreender outras visões, outras maneiras de pensar, o minicurso está excelente. Estou amando”.*

*P2: “O primeiro encontro foi maravilhoso e divertido. Descobrimos um pouco sobre cada pessoa que estava no encontro, e também tivemos a chance de falar sobre assuntos legais”.*

Na segunda oficina tivemos a participação da nossa orientadora, a professora Débora Leite, como pode ser visto na figura 10:

**Figura 10:** Gravação do segundo encontro.

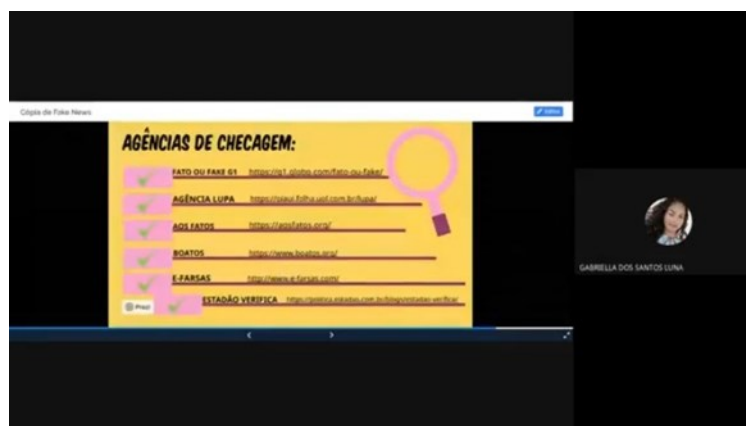


Fonte: Print da gravação no aplicativo *Hangout Meet*.

Falamos sobre a história, o surgimento e a popularização do termo *fake news*; como nascem, funcionam e os perigos delas. A convidada falou sobre as leis, investigações e decretos que estavam tramitando no Congresso para combater notícias falsas; os comportamentos de cunho psicológico vistos nas redes sociais, como o viés da confirmação, bolhas e câmaras de eco e demais contextos em torno da problemática. Em meio a fala da professora, discutimos de que modo podemos nos proteger das *fake news*, o que exige conhecimentos acerca dos mecanismos de pesquisa, origem dos fatos, diferenciação entre fato e opinião, como buscar

informações confiáveis e verificar publicações. Discutimos também sobre a importância das agências de checagem no combate às *fake news*, como pode ser visto na figura 11.

**Figura 11:** Gravação do segundo encontro.



Fonte: Print da gravação no aplicativo *Hangout Meet*.

Afim de estimular o protagonismo desses participantes e tornar possível compreender melhor como eles analisariam notícias e publicações falsas, pedimos ao final da segunda oficina para que formassem trios e cada equipe trouxesse 3 publicações, contabilizando nove no total. Eles se mostraram muito empolgados para a atividade, tiraram dúvidas e se organizaram para a apresentação por meio das plataformas digitais, como o WhatsApp.

Ao final, lemos os seguintes comentários do Diário de bordo:

*P1: “Foi muito bom, deu para saber a história das fake News, de onde começou, como diferenciar e algumas fake News que rolaram pelo mundo”.*

*P2: “Me senti super hipnotizado, aprendi e vi como as fake News pode estar em vários lugares, também aprendi como as fake News funcionavam nos tempos antigos”.*

Logo no terceiro dia, no primeiro momento, mostramos exemplos de postagens para debatermos o porquê de serem falsas ou não. Em seguida, no segundo momento, a oficina foi apresentada pelas equipes. Foi possível ver o que eles aprenderam durante os encontros anteriores através dos debates sobre o que era *fake* ou fato e os motivos comentados. Ao projetarmos em tela, cada publicação, pedíamos para que o grupo votasse se era fato, *fake* ou se estavam com dúvidas. Nessa oficina também tivemos como convidado o professor de informática da nossa escola, Sérgio Lavor, que acrescentou conhecimentos ao explicar sobre os mecanismos da informática e os perigos da internet.

No encontro 4, trabalhamos os seguintes textos: as três peneiras de Sócrates, como podemos ver na figura 12 e a famosa e intrigante charge *A Importância da Maça*, do autor

Marco de Angelis, como podemos ver na figura 13. Iniciamos as falas alertando sobre a necessidade de repensar sobre certas ações, nunca mentir, passar para outras pessoas o conhecimento adquirido. Foi possível interpretar imagens e buscar novos significados e novos aprendizados em conjunto.

Figura 12: Texto “As três peneiras”.

**As três peneiras**

Um homem procurou ao sábio Sócrates e disse-lhe:

- Preciso contar-lhe algo sobre alguém! Você não imagina o que me contaram a respeito de... - Nem chegou a terminar a frase, quando Sócrates ergueu os olhos do livro que lia e perguntou:
- Espere um pouco. O que vai me contar já passou pelo crivo das três peneiras?
- Peneiras?
- Que peneiras?
- A primeira é a da **verdade**. Você tem certeza de que o que vai me contar é verdade?
- Não. Como posso saber? O que sei foi o que me contaram!
- Então suas palavras já vazaram a primeira peneira. Vamos então para a segunda peneira: a **bondade**. O que vai me contar, gostaria que os outros também dissessem a seu respeito?
- Não! Absolutamente, não!
- Então suas palavras vazaram, também, a segunda peneira. Vamos agora para a terceira peneira: a **necessidade**. Você acha mesmo necessário contar-me esse fato, ou mesmo passá-lo adiante? Resolve alguma coisa? Ajuda alguém? Melhora alguma coisa?
- Não... Passando pelas três peneiras, compreendi que nada me resta do que iria contar.

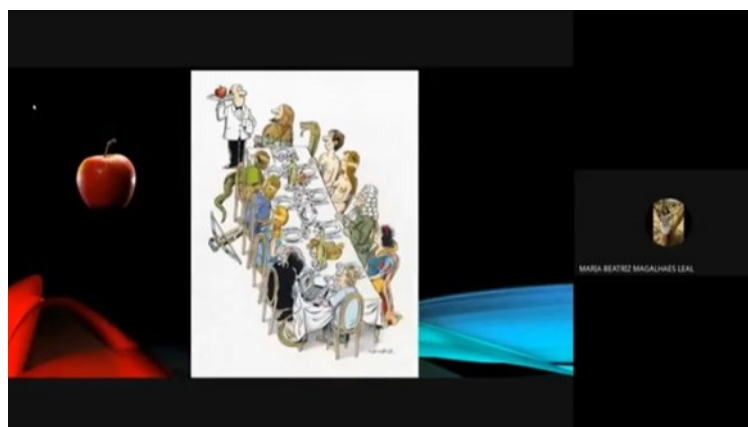
E o sábio sorrindo concluiu:

- Se passar pelas três peneiras, conte! Tanto eu, quanto você e os outros iremos nos beneficiar. Caso contrário, esqueça e entere tudo. Será uma fofoca a menos para envenenar o ambiente e criar a discórdia entre irmãos. Da próxima vez que ouvir algo, antes de ceder ao impulso de passá-lo adiante, passe pelas três peneiras.

© Ensinarhoje.com

Fonte: Pagina do site Pinterest <sup>121</sup>

Figura 13: Texto “A Importância da Maça”, do autor Marco de Angelis.



Fonte: Funpage do Facebook A Vida Breve. (<https://www.facebook.com/avidabrefefans/>) em 09 de out. de 2020.

<sup>121</sup> Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/778208010595705906/> Acesso em: out. 2020.

Algumas reações sobre os dois textos que apresentamos:

*P1: “Temos sempre que nos perguntar, as perguntas que Sócrates perguntou para o menino, se colocar no lugar do outro, saber se tudo aquilo que está passando vai servir para o bem”.*

*P2: “A maçã significa formulações de coisas, por exemplo... o Robin Hood usou a maçã na cabeça para acertar uma flecha... Adão e Eva comeu a maçã e deu origem ao pecado, e assim sucessivamente”.*

Nesse encontro, ressaltamos, através de imagens verbais/não verbais a necessidade da minuciosa investigação e vivência textual, de maneira conjunta, para desvendar os rastros das publicações falsas. Por meio de comentários percebemos que os participantes reconstruíram os seus saberes do início ao fim. Tivemos grandes evoluções tanto identificando e diferenciando as publicações que são postadas, como aperfeiçoando os conhecimentos de todos, suas interpretações e sentimentos que andam atrelados a tudo que vemos.

O projeto não teve custos financeiros. Para resumir nossas atividades ao longo da pesquisa, mostramos a seguir o nosso cronograma, tabela 1.

### 3.3 Cronograma

DATAS	AÇÃO DAS OFICINAS
22/10/2020	Familiarização com os participantes e apresentação do projeto.
27/10/2020	Discussão interdisciplinar sobre os eixos temáticos em que se situam as <i>fake news</i> e o processo de manipulação.
29/10/2020	Discussão a partir de exemplos de <i>fake news</i> e textos manipulados e jogo do FATO OU FAKE (elaborado pelos participantes).
05/11/2020	Considerações finais sobre os temas discutidos, reflexões sociais sobre o tema e despedida.

**Tabela 1-** Fonte: Elaborado pelas autoras.

Mostraremos a seguir nossas análises, de maneira mais detalhada, por meio do recorte de 3 publicações, que julgamos ser mais importantes pelo grau de discussão que elas fomentaram. As postagens foram escolhidas pelo grau de engajamento dos participantes no

debate. Veremos se nossos objetivos foram alcançados e se nossas hipóteses foram minimamente válidas.

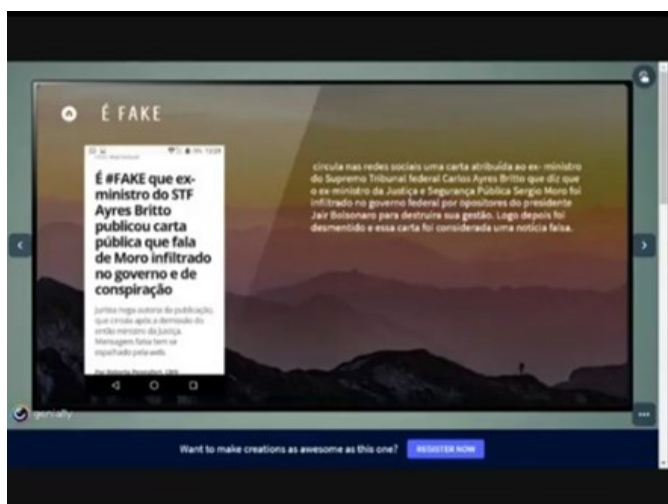
#### 4. Resultados do projeto

Com a pandemia, tivemos um grande desafio para realizarmos as oficinas no ambiente remoto. Porém, com a adaptação a diversos meios digitais e as contribuições de nossa orientadora, foi possível disponibilizar nas plataformas, meios de captar os registros dos depoimentos dos participantes e assim compreendermos melhor como eles identificavam as notícias, o que comentavam nos debates e os resultados das discussões realizadas em equipe.

Iremos analisar a terceira oficina que foi quando percebemos um maior engajamento diante o tema. O terceiro encontro ganha destaque, pois foi uma oportunidade dos participantes nos mostrarem o que aprenderam e construírem conhecimentos com os demais em suas apresentações em grupo. A seguir mostraremos imagens e comentários relacionados às apresentações que as ministrantes e os participantes trouxeram para o debate, elaborado por eles. Nesse encontro foi possível compartilhar e ampliar os conhecimentos acerca do que aprenderam ao longo dos debates anteriores.

A primeira publicação, trazida pelos alunos, trata de uma postagem política, como podemos ver na figura 14:

**Figura 14:** Texto selecionado pela equipe 1.



Fonte: Fonte: Pagina do site do GI <sup>122</sup>

<sup>122</sup> Disponível em

Muitos participantes tiveram dificuldades em discutir sobre ela, pois desconheciam os agentes políticos e suas funções no governo. Dos nove presentes na reunião, 1 disse que era fato, 5 disseram que era *fake* e 3 ficaram em dúvida. Após os esclarecimentos, dados pelo próprio grupo, um dos participantes, verificou em uma agência de checagem e fez o seguinte comentário:

*P1: “É fake... a carta foi desmentida”.*

*P2: “Tô com dúvida, mas como ele falou a carta tá bem esquisita, não conheço todos assim, pra dizer”.*

A partir desse comentário e a concordância dos colegas para com ele, vimos que eles foram capazes de articular o que aprenderam nos encontros anteriores ao conteúdo exposto. Essa manchete relacionada ao “Corte Nacional”, lida na íntegra posteriormente, exige um conhecimento maior dos participantes, o que os instiga a buscarem saber mais sobre essas temáticas. A pesquisa nas agências de checagem, que são bastante importantes para a identificação desse tipo de notícia, mostrou que nossa discussão se transformou em ação.

Na figura 15, a publicação fora alterada por um dos participantes da oficina que participamos, ministrada pela orientadora, trouxemos a mesma publicação para ver como os participantes da oficina, ministrada por nós, alunas, reagiriam.

**Figura 15:** Texto selecionado pelas alunas ministrantes.



Figura 15 Fonte: elaborado pelos alunos.

<https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/fato-ou-fake/noticia/2020/05/04/e-fake-que-ex-ministro-do-stf-ayres-britto-publicou-carta-publica-que-fala-de-moro-infiltrado-no-governo-e-de-conspiracao.ghtml> Acesso em: out. 2020.

A publicação original era do G1 e mostrava que “90% dos eleitores brasileiros apoiavam a regulamentação das redes sociais...”, com o acréscimo do “não”, alterado por meio de recursos tecnológicos, achávamos que havia a possibilidade de enganar facilmente o público, uma vez que todas as pistas da matéria, como fonte, data e todo o formato da notícia se mantêm. Dos que estavam no grupo, nenhum disse que era fato, 6 disseram que era *fake* e 3 ficaram em dúvida. Mesmo assim, diante do teor da publicação os participantes desconfiaram e tivemos o seguinte comentário:

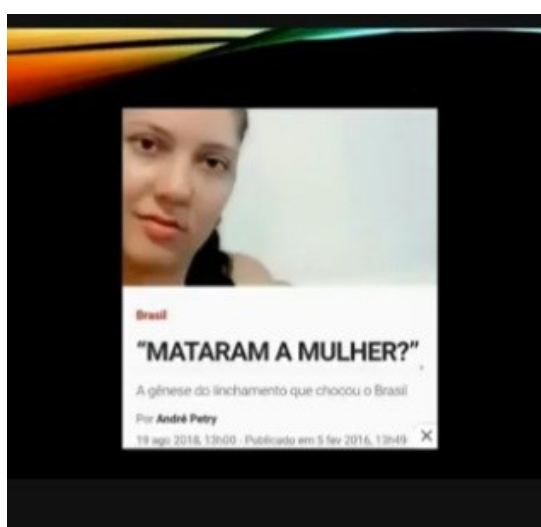
*P3: “Eu acho que é fake, porque tá dizendo que tem 90%, sendo que entrevistaram mil pessoas, é meio impossível que 90% seja mil, que só teve mil pessoas no Brasil, eleitores...então é fake”.*

*P4: “Acredito que seja fake, tá bem manipulada, mas lendo o assunto inteiro por inteiro dá pra ver que é fake”.*

Vimos pelo comentário e pela concordância dos colegas que o nosso objetivo estava sendo alcançado, uma vez que os estudantes conseguiram construir uma visão investigativa e desconfiar da veracidade da publicação, despertando para os aspectos manipuladores nas *fake news*.

Na figura 16, vemos um caso muito grave envolvendo *fake news*, todos os participantes manifestaram seus sentimentos de repúdio ao que aconteceu e relataram sua compreensão acerca do quanto o compartilhamento de falsas informações é grave, podendo inclusive levar à morte de inocentes, como mostraremos no caso a seguir:

**Figura 16-** Texto selecionado pela equipe 3.



Fonte: Fonte: Pagina do site Veja <sup>123</sup>

<sup>123</sup> Disponível em



O grupo trouxe essa publicação, que serviu para ressaltar a importância de que as *fake news* causam danos irreversíveis, como a morte. Como vemos na imagem do enunciado “Mataram a mulher? ”, a manchete retrata a morte de Fabiane Maria de Jesus, que foi espancada até a morte por moradores de Guarujá, onde morava. Ela foi acusada de praticar “rituais satânicos” com crianças após uma notícia falsa espalhada pelas redes sociais. O boato gerado em uma página no Facebook e um retrato falado da dona de casa rapidamente se espalhou pelas redes, juntamente com histórias falsas e relatos mentirosos de quem afirmava ter testemunhado os sequestros. Quando foi morta, testemunhas chegaram a dizer que ela carregava um livro desses rituais nas mãos, quando na verdade a vítima carregava uma Bíblia, que costumava levar quando ia à igreja. Dos nove participantes que estavam no grupo, 6 disseram que era fato, nenhum disse que era *fake* e 3 ficaram em dúvida. Quando o grupo mostrou, todos ficaram indignados e tristes por esse fato ter acontecido, e comentaram:

*P5: “Essa notícia é tipo como se fosse no século XIX, só que nesse século a gente não tinha agência de checagem”.*

*P6: “Pra ver como as fake news podem trazer mortes, transtornos, para todos. E principalmente pra família que perdeu a mulher”.*

No comentário podemos ver que foi feita uma comparação, recorrendo ao repertório cultural do grupo, que remeteram aos atos de “Caça às bruxas” na Idade Média, assim podemos analisar a criticidade que foi construída diante de cada publicação que é feita.

Após essa exposição de informações, alguns participantes também compartilharam suas vivências sobre alguns boatos que circularam em suas comunidades sobre o coronavírus e um surto de piolhos, como podemos ver nos seguintes comentários:

*P1: “Se achasse um fio de cabelo na bíblia estaria livre do coronavírus, era só pegar e fazer um chá, e muita pessoas acreditaram, teve uma grande repercussão, e isso é um absurdo”.*

*P2: “Também teve uma do piolho, que ia vim uma grande nuvem de piolho e todo mundo ia pegar, muita gente acreditou”.*

Muitos relataram que acreditaram nesse boato que se espalhou pelo WhatsApp, em meados do mês de abril e maio de 2020. Alguns riram e se impressionaram com o fato de terem caído nessa armadilha. A seguir vemos por meio dos comentários que alguns alunos tinham uma visão limitada acerca do tema, que foi sendo modificada progressivamente em relação ao

que ia sendo abordado. Diante de várias publicações verdadeiras e falsas, percebemos a grande evolução que todos tiveram ao longo dos debates. Isso indica que conseguimos despertar a atenção para o foco da nossa pesquisa por meio da troca de conhecimento sobre o tema.

Esses foram alguns dos dados que obtivemos durante todas as oficinas que foram gravados e transcritos e publicados anonimamente através do Diário de Bordo que mencionamos na metodologia. Deixamos a mensagem de que o achismo não ajuda, prejudica muita gente, mas a pesquisa revoluciona. Ao final do encontro, lemos os seguintes comentários no Diário:

*P1: “Eu amei, de verdade. Achei uma das aulas mais interessantes que tivemos. Interagindo muito”.*

*P3: “Gostei bastante... me senti super a vontade como da primeira vez, estou amando o projeto”.*

*P4: “O encontro de hoje foi sensacional, maravilhoso, estupendo. Aprendi a identificar uma fake em sites, nunca acreditar em notícias muito alarmantes”.*

*P1: “Foi um ótimo encontro. Aprendi sobre as fake News, como identificar e me senti mais experiente para quando essa situação acontecer comigo”.*

*P2: “Encontro maravilhoso, aprendi bastante sobre como diferenciar as fake News, e o quão é importante sabermos sobre”.*

Os participantes construíram novas possibilidades de significados a cada leitura e a cada encontro, o que para nós foi bastante satisfatório vermos que conseguimos instigar interações entre os estudantes, a construção de conhecimentos, mesmo dentro de uma sala virtual e ministrada por alunas de ensino médio, o que é compatível com a teoria sociocognitiva (Salomão, 1999), em que o conhecimento e a linguagem se dão por meio desses processos internos e externos.

O olhar que cada um construiu e mostrou nos debates, o engajamento que eles tiveram a cada imagem projetada, a vontade de compartilhar suas vivências, a dedicação, responsabilidade e clareza como apresentaram, disse muito. Ao lançar o olhar para o texto como um evento comunicativo (Beaugrande, 1997), considerando os seus leitores como parte integrante do evento textual é possível enxergar o que muitas vezes não enxergávamos em uma leitura individual ou feita pelo professor apenas.

Julgamos importante considerar também nesse tópico, as reações dos alunos após o último dia de oficina em que tivemos a nossa despedida. Mesmo sendo virtual foi um momento bastante emotivo, essa experiência foi muito importante em nossas vidas. A seguir vemos os relatos de participantes direcionados à turma:

*P1: “O último encontro foi cheio de muitas emoções e mais conhecimentos. Sem dúvida nenhuma vou sentir falta dessas aulas maravilhosas. Amei, abriu uma nova porta para mim”.*

*P2: “Nós não gostamos, nós adoramos, ficou maravilhoso, excepcional, sem palavras, as expectativas que vocês criaram extrapolaram os limites, como se não houvesse mais um termômetro, quando não mede mais a febre, explodiu...ótimo, show!!!”.*

Como pesquisadoras, passamos por momentos gratificantes e passamos a acreditar mais em nós mesmas. Os participantes nos mostram que o nosso esforço e dedicação foram essenciais para construir com clareza um assunto tão importante. Amamos trocar conhecimentos com o grupo. Após as oficinas, os alunos foram certificados pelo diretor escolar e pela professora orientadora. Entregamos a versão virtual do certificado no e-mail de cada participante.

## **5. Conclusões**

“Não importa o que aconteça, continue a nadar” (WALTERS, GRAHAM; PROCURANDO NEMO, 2003). O ano de 2020 reflete bem as palavras dos autores na citação, por termos passado por muitas dificuldades e obstáculos, em virtude das consequências da pandemia e não termos desanimado, seguimos a “nadar” em busca dos nossos objetivos. Desfrutamos das oficinas e das nossas atividades escolares apenas pelo “mundo” virtual. Para nós, estudantes, foi muito difícil, mas foi gratificante por ser a nossa primeira experiência com projetos de pesquisa. Assim como muitos jovens pelo Brasil, somos curiosas e gostamos do novo.

Expressamos nossa solidariedade pelos colegas que não puderam ter acesso aos conteúdos virtuais e lamentamos pelos demais que por algum motivo, passaram por dificuldades, perdas e adoecimentos na família e até mesmo aqueles que não conseguiram focar suas atenções para as atividades escolares. Felizmente, nesse período, conseguimos buscar conhecimentos e compartilhar com mais pessoas.

Essa vivência foi essencial para o nosso amadurecimento como pessoas e cidadãs, pois de fato, fomos muito além do que imaginávamos. Pudemos ter contato com realidades, crenças e ideologias diferentes das nossas, e além disso observar o quanto a trocar conhecimentos de diversas maneiras, nos faz ser mais livres e menos manipulados.

Esses momentos foram muito gratificantes, pois pudemos ver que em apenas 4 dias conseguimos plantar sementes de conhecimentos na mente e no coração de cada um, esperamos

que a pesquisa dê frutos, proporcionado mais reflexões sociais. Ao final do minicurso, recebemos muitas mensagens de carinho, no nosso *WhatsApp* pessoal, falando sobre o nosso desempenho e o modo como conduzimos os encontros, infelizmente não tivemos como salvar por problemas técnicos.

Ressaltamos que nós, pesquisadoras e os participantes saímos com outras visões, resultado da construção conjunta de conhecimentos, para interpretação do mundo e de suas armadilhas de manipulação, sobretudo em *fake news*. Além de tudo isso fizemos novas amizades, que sempre são bem-vindas, para construirmos aprendizado. Sem dúvidas, esse projeto só nos trouxe aprendizados, pois diversificou nosso vocabulário, proporcionou-nos um maior senso de responsabilidade, companheirismo, e até nos ajudou pensar o que realmente somos e queremos para o futuro. Foi fundamental para o nosso crescimento acadêmico e pessoal.

### **Referências Bibliográficas**

BEAUGRANDE, Robert de. *New foundations for a science of text and discourse*. cognition, communication, and the freedom of access to knowledge and society. Norwood: Ablex, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo, Cortez, 2001.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de Pesquisas em estudos Linguísticos** .-1. ed. - São Paulo: Parábola, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pesquisa-ação crítico colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências de formação e na atuação docente**. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas: revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1994.

## ANEXO C - PARECER DOS PRÉ-AVALIADORES DA FEBRACE

Sistema de Finalistas - FEBRACE 2021			
Página Inicial	Sair	Contato	

### Comentários ou Sugestões do Comitê de Pré-avaliação e do Comitê de Seleção

Parabéns pelo projeto! É um tema vital nessa sociedade atual, recomendo que vocês continuem a pesquisa e, quem sabe, possam ampliar para outras escolas!

Projeto relevante para o momento que estamos vivendo.

Parabéns! O trabalho tem potencial para transformar a realidade da sua comunidade, tem relevância social e é interessante para sociedade.

Caras pesquisadoras, gostei muito do relatório apresentado e, sobretudo, do tema e metodologia adotados para a pesquisa. Muito interessante a ideia de ampliar a pesquisa a partir de um projeto de mestrado. Deste modo vocês trazem o quanto é potente o diálogo entre o que se produz no campo acadêmico e a escola. Ademais, gostei dos referenciais teóricos utilizados, interessante a perspectiva das influências culturais, sociais, etc sob o leitor quando em contato com uma notícia. Sugiro que explorem mais a questão da criação de um aplicativo que possa apoiar as pessoas na detecção de fake news. Parabéns.

É importante considerar o formato da escrita do problema de pesquisa. Uma pesquisa, em relação à sua introdução precisa ter presente: a problematização, o problema de pesquisa e o objeto de estudo. O problema de pesquisa precisa se adequar ao objetivo geral e ao objeto de estudo. O problema de pesquisa é expresso em forma de pergunta.

Parabéns pela escolha do tema que sempre foi assunto da área pedagógica, filosófica e que agora passou a ser tema político e policial.

O projeto foi muito bem desenvolvido, com leituras teóricas e uma boa metodologia de pesquisa. Parabéns.

## ANEXO D - CARTA CONVITE - PARTICIPAÇÃO NA FEBRACE 2021



São Paulo, 19 de janeiro de 2021

Prezados:

Maria Beatriz Magalhães Leal  
 Gabriella dos Santos Luna  
 DEBORA LEITE DE OLIVEIRA

**PARABÉNS!**

Temos grande satisfação em informar que vocês foram selecionados como finalistas e seu projeto **686 FACT-CHECK TABELIÃO: A ESCOLA A SERVIÇO DA VERDADE** está convidado para participar da 19ª Feira Brasileira de Ciências e Engenharia - FEBRACE 2021, que acontecerá totalmente online de forma virtual no período de 15 a 27 de Março de 2021.

Os participantes terão a oportunidade de apresentar seus projetos durante a Mostra de Finalistas da FEBRACE, junto aos melhores trabalhos submetidos por estudantes ou selecionados de 74 mostras científicas de várias regiões do Brasil, e concorrerão a diversos prêmios, além de poder, inclusive, representar o Brasil na International Science & Engineering Fair 2021 (Regeneron ISEF), que neste ano acontecerá também no formato virtual.

1. LEIAM o documento "Orientações para Finalistas – FEBRACE 2021", que se encontra disponível no endereço <https://febrace.org.br/arquivos/site/ conteudo/pdf/orientacao2021.pdf> e certifiquem-se de tomar todas as providências necessárias para garantir suas participações.

2. ACESSEM o Sistema de Projetos ([www.febrace.org.br/finalistas](http://www.febrace.org.br/finalistas)) para COMPLETAR as suas informações cadastrais, CONFERIR os próximos passos a serem realizados, CONFIRMAR a sua participação e CONSULTAR os comentários do Comitê de Seleção.

Ressaltamos que as atividades da FEBRACE contemplam todo o período de 15 a 27 de Março de 2021, incluindo a mostra virtual, as bancas de avaliação, palestras, painéis e cerimônias de abertura e premiação.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª Roseli de Deus Lopes  
 Coordenação Geral da FEBRACE  
[contato@febrace.org.br](mailto:contato@febrace.org.br)

ORGANIZAÇÃO/REALIZAÇÃO:

